

**SILVIA ONS**



**TUDO**

**O QUE VOCÊ PRECISA SABER**

**SOBRE**

**PSICANÁLISE**

**TUDO**

O QUE VOCÊ PRECISA SABER

**SOBRE**

**PSICANÁLISE**

SILVIA ONS

**TUDO**

O QUE VOCÊ PRECISA SABER

**SOBRE**

**PSICANÁLISE**

*Tradução*

Sandra Martha Dolinsky

 Planeta

Copyright © Silvia Ons, 2014

Copyright © Editorial Paidós SAICF, 2014

Publicado pelo selo © Paidós, 2014

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Título original: *Todo lo que necesitás saber sobre psicoanálisis*

Revisão: Patrícia Alves Santana, Rebeca Michelotti e Carla Fortino

Diagramação: Anna Yue e Francisco Lavorini

Capa: Rafael Brum

Imagens de capa: dogayusufdokdok / Gettyimages

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Ons, Silvia

Tudo que você precisa saber sobre psicanálise / Silvia Ons;  
tradução de Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo : Planeta do  
Brasil, 2018.

ISBN: 978-85-422-1574-8

Título original: *Todo lo que necesitás saber sobre la  
psicoanálisis*

1. Psicanálise 2. Psicanálise - História I. Título II. Dolinsky,  
Sandra Martha

17-1408

CDD 150.195

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo – SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

*A meus filhos, Analía e Pablo.  
E a minha neta, Luna Sofía.*

*Este livro não teria sido possível  
sem a generosa e valiosíssima  
colaboração de Marina Ons.*

# Sumário

## **PRÓLOGO**

### **CAPÍTULO 1. A criação da psicanálise**

1. Freud em sua época (1856-1939)
2. Jacques Lacan (1901-1981)
3. A psicanálise e a ciência
4. A ética da psicanálise
5. A sessão psicanalítica

### **CAPÍTULO 2. Conceitos fundamentais**

6. O inconsciente
7. A transferência
8. O sujeito suposto saber
9. A pulsão
10. A sublimação

### **CAPÍTULO 3. O retorno do reprimido**

11. O sonho, via régia de acesso ao inconsciente
12. Os sonhos e as formações do inconsciente
13. O sintoma

## **CAPÍTULO 4. A economia libidinal**

14. A libido
15. O prazer
16. O desejo
17. A felicidade
18. O trauma

## **CAPÍTULO 5. Identificações sexuais**

19. O complexo de Édipo
20. A leitura lacaniana do complexo de Édipo
21. O complexo de castração
22. O superego

## **CAPÍTULO 6. A vida erótica dos sexos**

23. Não existe relação sexual
24. A mulher
25. O homem
26. A criança
27. O amor no fim de uma análise

## **CAPÍTULO 7. Estruturas clínicas**

28. A histeria
29. A neurose obsessiva
30. A psicose
31. A paranoia

32. A melancolia

33. A mania

### **CAPÍTULO 8. Orientações sexuais**

34. A homossexualidade masculina

35. A homossexualidade feminina

36. O fetichismo

37. O travestir-se

38. A direção masoquista

### **CAPÍTULO 9. Sintomas de época**

39. A atualidade das perversões

40. Os “desbussolados” contemporâneos

41. Os vícios

42. A depressão

43. A anorexia

44. A bulimia

45. O pânico

### **CAPÍTULO 10. A época e a pulsão**

46. Os efeitos da Primeira Guerra Mundial na psicanálise

47. Mal-estar na cultura

48. A violência no século

49. O estatuto do semblante

**GLOSSÁRIO**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

# Prólogo

É IMPOSSÍVEL REUNIR EM UM LIVRO TUDO QUE PRECISAMOS SABER sobre a psicanálise; nem em um livro nem em centenas, nem ao longo de uma vida consagrada a seu estudo, visto que nunca haverá “tudo”. A clínica mostra o que não sabe, o que enriquece a teoria e faz com que esta não seja terreno enclausurado, depósito intocável, conjunto fechado. Talvez por isso Lacan diga que o analista deve reinventar a psicanálise a cada dia, nutrindo-a com a semente da experiência. No entanto, vale o esforço de situar alguns conceitos para esclarecer a temática ao leitor. Trata-se, para mim, de um empenho que obedece ao estado atual da divulgação dessa teoria e também ao estado atual do mal-estar em nossa civilização.

Comumente, a transmissão da psicanálise, além de ser feita na própria experiência analítica, realiza-se em lugares específicos, grupos ou instituições consagradas configuradas por psicanalistas ou aspirantes, ao passo que sua divulgação à comunidade fica – salvo poucas exceções – nas mãos de quem simplifica seus conceitos. Muitas vezes, a psicanálise

corre o risco de ficar confinada a um jargão, que perde relação com a clínica, e a uma propagação jornalística na qual se banaliza o essencial.

Há anos, meu desejo é chegar a círculos que transcendam os âmbitos do “círculo analítico”. Anseio que não se funda apenas em uma questão epistêmica, visto que acredito que a psicanálise é um aporte fundamental em nossa civilização. Suas marcas afetaram poderosamente o século passado; suas influências na cultura se expandiram de maneira ubíqua. O teatro, o cinema, a literatura, a filosofia, a arte e a vida das pessoas souberam de sua importância.

Seu peso equiparou-se ao das diversas resistências que sempre a acompanharam: a psicanálise é uma sobrevivente. Mas as incidências de um saber, mesmo em sua efetividade, não indicam necessariamente o que de mais profundo ele abriga, e é preciso voltar repetidamente para que não perca sua pujança. Talvez por isso Lacan não tenha se acomodado ao tentar chegar ao mais real da psicanálise, e Freud jamais tenha descansado, apesar de padecer de câncer.

Vejamos, por exemplo, uma das questões mais difundidas: a sexualidade. Há quem pregue que esse é o termo ao qual a psicanálise deu suprema importância, por ter nascido na época vitoriana, já caducada. Antes, era objeto de repressão; hoje, de liberação. Tal concepção ignora que o achado

freudiano não é a sexualidade, já antes considerada pela sexologia, e sim seu caráter alheio ao ego, sua essência rebelde, excessiva, inapropriada, não absorvível e impossível de satisfazer plenamente, independentemente da época. Se a sexualidade já nasce na infância e não se limita, então, ao relativo à genitália, ela surge quando o sujeito não a pode tramitar psiquicamente, quando não está preparado, e essa marca inicial é selada para sempre. Freud diz: “Acredito que, por mais estranho que pareça, seria necessário preocuparmos de que haja algo na natureza da própria pulsão sexual desfavorável à obtenção de uma satisfação plena”. Nesse sentido, não há liberação sexual, visto que nada libera a sexualidade desse destino. Assim como Freud fala de sua cultura em termos de repressão, hoje podemos caracterizar a nossa, ao modo de Lacan, como de forclusão ou rejeição, dado que o que se rejeita é esse princípio. Tudo parece possível em termos de sexualidade, e nada em termos de economia.

As ofertas de consumo nesse campo arrastam os sujeitos ao sem limite: é preciso experimentar novos prazeres, incursionar por âmbitos desconhecidos, viver intensamente, explorar, não se deter. A sujeição ao que “se deve fazer” põe em xeque a ilusão de liberdade que acompanha a ideia de que já não há restrições. Lacan adverte que a morte de Deus deixa o homem exposto à ordem de outro poder, revelado nos

imperativos que o sujeitam. Isso se explica tendo em conta que o superego da época atual não deixa de ordenar... usufruir, e essa ordem que se declama universal atenta contra os prazeres singulares não regidos por tais imposições. Quando as figuras que encarnam a autoridade entram em crise, o sujeito se vê bombardeado a todo momento por ofertas contínuas para que se pronuncie sobre o que quer. O peso da escolha parece estar em nós, mas é puro simulacro, visto que, no que julgamos ser livres, a dominação do Outro é mais completa. Tanto mais importante é a psicanálise como caminho para o encontro com nossa real singularidade.

Sem desmerecer as inúmeras contribuições com que diferentes autores já nutriram a psicanálise, as referências fundamentais presentes neste livro são Freud e Lacan, e isso não se deve somente à minha formação, mas também à marca deixada por eles nesse campo e na cultura. Jacques-Alain Miller e Éric Laurent são analistas contemporâneos e fundamentais na transmissão dos conceitos e em sua redefinição para situar os mal-estares de nosso tempo.

*Silvia Ons*

# **Capítulo 1**

## A criação da psicanálise

# 1. Freud em sua época (1856-1939)

Em 1916, Freud situa a psicanálise dentro das três grandes descobertas que ferem o amor-próprio da humanidade. Copérnico mostrou que a Terra não era o centro do universo e, assim, abalou a pretensão do homem de se sentir dono desse mundo. Darwin pôs fim à arrogância humana de criar um abismo entre sua espécie e o restante dos animais. No entanto, nem a afronta cosmológica nem a afronta biológica foram tão sentidas pelo narcisismo como a afronta psicológica. Porque a psicanálise ensina que o ego não só não é dono do mundo nem da espécie, como também não é senhor em sua própria casa.

Situemos os primórdios da psicanálise, visto que neles está o germe de sua particularidade. Freud tem uma formação racionalista; seu espírito é kantiano, ou seja, é um racionalista crítico. Tem a vocação iluminista de querer sair da menoridade sem outra tutela – tal como diz Kant – que não a da razão. Sua descoberta irá lhe mostrar o limite da razão: a

sexualidade. Desse modo, a psicanálise se apresenta como a filosofia das luzes interpelada, assediada, alterada pelo *factum* freudiano da pulsão. A psicanálise não é obscurantista; por isso, Lacan nos diz que Freud prossegue o debate das luzes. Mas também indica o ponto em que elas se apagam, e isso conduz a sua ética: as luzes devem ser moderadas.

As terapias não analíticas são facilmente aceitas, pois se empenham em erigir o ego como soberano, ensinam-lhe a se libertar melhor daquilo que irrompe, elevam sua fome de controle, evitam que se aproxime do solo incômodo de seu habitat. Mas isso, sem dúvida, conduzirá sempre ao pior, não só porque o campo do conhecimento será limitado, como também pelo destino infernal que sofrerá aquele que tenta se omitir.

A vida pulsional da sexualidade não pode ser plenamente domesticada: aquilo que não se integra se reprime, nossa morada é habitada por aspectos que não queremos reconhecer porque não entram em harmonia com nossos ideais. Mas o empenho em rejeitar fracassa, e o mais estranho de nós emerge desfigurado por meio dos sintomas. Não cabe espantar-se, afirma Freud, com o fato de que o ego não outorgue seu favor à psicanálise e se obstine em repudiar seu crédito, digamos, tanto ontem como hoje.

**Você sabia que...** a Argentina é um dos países onde a psicanálise mais se

desenvolveu?

Freud convida à aventura humana da cura psicanalítica, aventura desse explorador que, percorrendo os caminhos mais distantes de suas crenças, volta com recursos dos quais antes não dispunha. E essas energias gastas outrora em preservar seus domínios estarão livres para fins compatíveis ao desejo, que sempre excede os limites do ego.

Nos últimos tempos, o pensamento de Sigmund Freud tem sido objeto de crescentes críticas. Seria possível dizer, é verdade, que as contestações à psicanálise a acompanham desde suas origens. Mas o período das resistências iniciais foi sucedido por outro de ampla difusão e aceitação geral, conquistadas, muitas vezes – também é preciso dizer –, à custa do rigor. A impiedosa visão negativa e a sanha passional testemunham que a potência revulsiva do pensamento de Freud continua intacta, e suas ideias são indigestas para uma sociedade não menos hipócrita que a dele próprio. Mais sutilmente hipócrita, sem dúvida. Quando se trata de suprimir sintomas incômodos, deixar o mais rapidamente possível um sujeito em condições de retomar o automatismo cego da vida atual, reintegrá-lo ao mercado como produtor bem-sucedido e, em especial, como consumidor voraz e insaciável, reativando seus apetites, é plausível que o tratamento

psicanalítico não seja o caminho mais indicado. Melhor Prozac ou uma reeducação cognitivista.

Freud não quer ser médico; interessam-lhe a ciência, a biologia, a pesquisa. Devedora de diversas descobertas e proveniente de uma Viena liberal logo após a destruição do Império Austro-Húngaro, a psicanálise tem uma especificidade própria. O anseio freudiano por decifrar os enigmas do mundo é superior ao de curar. Freud acredita na ciência, e, em sua juventude, o laboratório de Ernst Wilhelm von Brücke lhe permite estabelecer-se na fisiologia histológica. É ele – seu admirado professor – que lhe adverte que, em vista de suas reduzidas possibilidades materiais, não poderá se dedicar à carreira puramente teórica pela qual sente devoção. É assim que Freud passa da histologia do sistema nervoso à neuropatologia, e, mais tarde, um enigma – o da neurose – motiva a sua criação: a psicanálise. Esse encontro com Brücke fará com que Freud desenvolva um interesse crescente pela clínica, base fundamental para uma teoria que jamais se separou dela. Freud sempre recorda uma frase que Jean-Martin Charcot disse sem lhe dar muita importância e a evoca ao longo de sua vida ao abalar o mundo com suas revelações: “A teoria é boa, mas não impede que os fatos existam”. Crente da ciência, ele gosta de se definir como explorador:

Não sou, em absoluto, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Por temperamento, não sou mais que um conquistador, um aventureiro, se quiser traduzir esta palavra, com toda a curiosidade, a ousadia e a tenacidade desse tipo de homem.

Em fins do século XIX, o conhecimento médico é hegemônico: o médico tem o saber, e o paciente escuta e obedece. Mas já nos primeiros casos freudianos se vê uma mudança fundamental: seu modo de trabalhar parte da suposição de que os pacientes tenham o saber, o que inverte sua posição.

Freud nasce em um século fortemente marcado pelo biológico, pelo positivismo, e é nesse contexto que descobre que o sintoma histérico não responde a essa lógica. Nada mais distante do psicologismo, que pretende vincular tudo que acontece no corpo a um correlato psíquico, o que faz de tais campos um todo indivisível. Para Lacan, o passo freudiano não teria sido possível sem o cartesiano. Exemplifiquemos: Freud não quer ser médico, porque lhe interessa fundamentalmente a pesquisa, embora, de qualquer maneira, seu saber como médico é concorde com o de sua época. Longe da medicina hipocrática, a medicina de seu tempo – assim como a de hoje – considera que o homem tem um corpo, algo que não era óbvio antes do passo cartesiano.

De fato, com o corte introduzido por Descartes, ficam para trás a unidade do ser humano e a alma como forma do corpo.

A divisão está feita. Diz Lacan que, daí em diante, o médico encarará o corpo com a atitude de um homem que desmonta uma máquina e que Freud partiu dessa posição seguindo seu ideal: a anatomia patológica, o sistema nervoso. Dado que o sintoma histórico se refere a um corpo que não é o biológico, é necessária a fundamentação da biologia para situá-lo em outro lugar.

A prática analítica é altamente efetiva quando se trata de empreender uma das poucas aventuras ainda acessíveis para o homem de nosso tempo, em um mundo que já foi totalmente explorado e onde inclusive as viagens foram expropriadas pela indústria do turismo. A psicanálise não é só uma cura – o que nunca foi o interesse prioritário de Freud, Colombo da vida anímica –, mas sim a possibilidade de construir um sujeito à altura da época, um sujeito que, ao ampliar e redefinir o campo da subjetividade, esteja preparado para se desenvolver digna e humanamente nos tempos da morte de Deus. Isto é, no transe da desvalorização dos valores mais altos que identificam o Ocidente, da derrocada da ordem tradicional, da perda de toda referência e, conseqüentemente, da errância planetária.

## **Cronologia**

---

### **1856**

Em 6 de maio, nasce Sigismund Freud (mudará de nome para Sigmund aos 21 anos), no seio de uma família judaica, em Freiberg, Morávia, um pequeno povoado sob o Império Austro-Húngaro (atualmente, Příbor, República Tcheca).

### **1860**

Dada a crise econômica que arruína os negócios de seu pai, a família Freud se muda para Viena.

### **1873**

Aos 17 anos, Freud ingressa na Universidade de Viena como estudante de medicina e se forma em 1881.

### **1885**

Freud ocupa (durante pouco tempo) um cargo em uma clínica privada, onde ocasionalmente emprega a hipnose. É nomeado *Privatdozent*. Mais tarde, obtém uma bolsa para realizar uma viagem de estudos e escolhe ir a Paris estudar com Charcot no hospital da Salpêtrière. Lá, observa as manifestações da histeria e os efeitos da hipnose e da sugestão. Charcot exerce grande influência sobre ele, e com Josef Breuer aprende que existe uma cura dos sintomas histéricos, inédita até o momento.

### **1886-1938**

Freud não para de escrever diversos trabalhos, que serão agrupados nos 24 volumes que compõem a edição de *Amorroritu* (Freud, 1976-1988) com que trabalhamos neste livro.

### **1899**

É lançada *A interpretação dos sonhos* (Freud, vol. IV-V), mas o editor define como data o ano de 1900.

### **1923**

Freud recebe o diagnóstico de câncer na mandíbula. Submete-se à primeira cirurgia.

### **1933**

Em maio, os nazistas queimam as obras de Freud em Berlim.

### **1938**

Em março, é estabelecido o *Anschluss*. Roosevelt e Mussolini intervêm em favor de Freud, que em junho parte para Londres, onde tratará pacientes até quase o fim de sua vida.

### **1939**

Em 23 de setembro, morre Freud.

Em poucas palavras:  
Há uma mudança no conceito de  
razão a partir de Freud, cujas  
influências no campo do  
conhecimento não têm  
precedentes.

## 2. Jacques Lacan (1901-1981)

Em 1938, a ascensão do nazismo obriga o doutor Freud, judeu austríaco residente em Viena, a se exilar em Londres, onde morrerá. Em 1932, o doutor Lacan, um jovem psiquiatra, publica em Paris sua tese de doutorado sobre um caso de paranoia. Chamado à frente de batalha, depois da Segunda Guerra Mundial, ele leva adiante uma intensa formação no campo da filosofia e das ciências. Membro da Sociedade Francesa de Psicanálise, inicia em 1955, em seu primeiro seminário público, uma leitura dos textos de Freud nunca antes vista. Seu grito de ordem “retornar a Freud” dá lugar a consequências que farão parte de seus ensinamentos até a morte – consequências que vão transformar a teoria da psicanálise e a prática dos analistas.

Em face do convite da Universidade Clark e em frente à célebre estátua que ilumina o universo, Freud diz a Jung: “Eles não sabem que estamos trazendo a peste”. Lacan adverte que Freud havia se enganado, visto que acreditava que

a psicanálise seria uma revolução para a América do Norte, quando, na realidade, foi esta última que devorou sua doutrina ao lhe retirar seu espírito de subversão.

O desejo de Lacan é reintroduzir essa praga no espírito de um freudismo adormecido, que, depois de ter sobrevivido ao fascismo, adaptou-se a ponto de se esquecer da virulência de suas origens. Pouco resta já da ideia de seu criador, que expressava na seguinte frase a inquietante conotação de sua descoberta: “Se os deuses não se deixarem subjugar, apelarei ao inferno”.

A obra de Lacan floresce na aurora; é no debate das luzes que interpela os analistas a demonstrarem as razões de sua prática. Muito pode se dizer das grandes influências que habitam sua obra: ele é um excelente psiquiatra, formado na melhor tradição francesa representada por Gaëtan Gatian de Clérambault; é um leitor detalhista da obra de Freud, a ponto de encontrar nela arestas insuspeitadas; relaciona-se com os surrealistas; aprecia a tradição dos moralistas humanistas; conhece muito bem a modernidade filosófica por meio de Alexandre Koyré, Alexandre Kojève e Georges Canguilhem. Leitor infatigável, homem ávido e curioso, Lacan faz desse apetite uma paixão. Interessa-se pelo Ocidente e ainda mais pelo Oriente, pela história e pelos saberes de sua época, a tal ponto que é possível reconhecer uma infinidade de marcas em

sua obra, caminho que considero infrutífero se omitirmos o voto que as convoca: que a psicanálise tenha uma influência na cultura que ultrapasse seu lugar como tratamento curativo das neuroses e se afirme como uma leitura da civilização que nela trace sua marca. Seus detratores o acusam de infidelidade em relação aos autores citados, de pouco rigor quanto ao conteúdo real; em suma, de traição. Mas não se leva em consideração que Lacan não quer ser professor nem circunscreve seu lugar como analista aos confins do consultório; por isso, sua leitura dos textos guarda proximidade com a de um relato clínico no qual encontra um trecho que ultrapassa o que se tenta dizer.

Lacan interpreta a cultura com base na psicanálise e, para poder fazer isso, tem sempre muito claro que não deve ser reabsorvido nela; ou seja, identifica-se com a essência da própria psicanálise. É expulso da Associação Psicanalítica Internacional (API) por questionar até que ponto os enquadramentos vigentes atentam contra os próprios princípios da psicanálise. Funda uma escola fiel a esses princípios e inventa um dispositivo chamado “passe”, com o objetivo de que aqueles que atravessam uma experiência analítica testemunhem seus efeitos. Ele deseja que esses relatos ensinem que essa experiência não se ergue no

incognoscível e que se pode demonstrar – em uma aproximação à ordem científica – que a cura não é alheia à lógica nem oposta ao rigor. Ao ver que sua escola se afasta desses princípios, ele a dissolve; ama a psicanálise acima de tudo e não renunciará a ela em nome da comodidade; essa comodidade que, segundo suas palavras, é a raiz de toda corrupção. Afirma: “Sou freudiano. A vocês cabe ser lacanianos”.

Lacan deve abalar o comodismo intelectual do silêncio das verdades não discutidas, que conduziu a prática analítica “ao mais tosco empirismo”. É urgente para ele, pois, liberar os conceitos fundamentais do imbróglio sombrio em que estão mergulhados.

**Você sabia que...** Lacan foi expulso da API, na qual era professor?

Lacan é acusado de ser enigmático, barroco; não se entende que sua ideia de que a psicanálise não seja amordaçada pelo saber livresco dá origem a um estilo que não é facilmente compreensível. É considerado obscuro quando seu propósito mais urgente é justamente resgatar a psicanálise do obscurantismo ao qual a relegaram os pós-freudianos, liberar os conceitos do imbróglio sombrio em que estão mergulhados, abalar o comodismo intelectual do silêncio das verdades não discutidas.

Miller encarna esse “vocês” e é, sem dúvida, seu melhor intérprete. Seus oponentes o acusam de simplificar o

ensinamento de seu mestre, de aclimatá-lo para torná-lo acessível. Em minha opinião, Miller combate esse leitor que só toma desse ensinamento um aforismo, a ponto de repeti-lo aos quatro ventos, e nos leva a ler Lacan com base em suas perguntas. Longe de simplificá-lo, mostra-nos um Lacan que replica a si mesmo, não ao profeta que clama suas certezas.

Longe de sua afinidade com uma façanha, com um imperativo ético, segundo o desejo de Freud, a psicanálise se põe a serviço de uma adaptação à ordem vigente muito duramente criticada por Freud. Lacan considera que esse fato não obedece só a uma vicissitude conjuntural; a psicanálise está ameaçada desde seu nascimento, e, de alguma maneira, todo o seu ensino parte de jamais ter esquecido esse princípio. Quanto maior a força de uma verdade, maior será a força que tentará sufocá-la e transformá-la em um saber digerível, compreensível, leve, fácil. Lacan não quer que seus escritos sejam um osso fácil de roer, como nosso inconsciente, como nossa singularidade, no ponto em que o mercado pretende nos tornar domesticáveis, subordináveis.

## Cronologia

---

**1856**

Nasce em Paris Jacques-Marie Émile Lacan, que estudará no colégio Stanislas.

**1932**

Lacan publica sua tese de doutorado em psiquiatria: “Da psicose paranoica em suas relações com a sexualidade”, trabalho que o aproxima de Freud.

**1953**

Resultado de um rompimento, Lacan participa da criação da Sociedade Francesa de

Psicanálise, que não será admitida na Associação Internacional Freudiana. Desse ano em diante, ele fará 27 seminários. Seus trabalhos escritos serão publicados como *Escritos I* (Lacan, 1972b), *Escritos II* (Lacan, 1975c) e *Outros escritos* (2003).

### **1964**

Afastado da API, Lacan funda a Escola Freudiana de Paris. “A excomunhão” abre *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1985b), no qual diferencia “o inconsciente freudiano e o nosso”.

### **1967**

A “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre os psicanalistas da Escola” (Lacan, 2003) é a Proposição do Passe, resposta da psicanálise a um “porvir de mercados comuns” e à “expansão de processos de segregação cada vez mais duros”.

### **1970**

A necessidade lógica do discurso orienta Lacan. O sujeito do significante que fala sente prazer com seu corpo pulsional; a psicanálise revela os modos de sentir prazer.

### **1978**

É ministrada a última aula de Lacan: “O momento de concluir”.

### **1980**

Inesperada decadência: Lacan dissolve sua escola. Nasce uma contraexperiência: a Escola da Causa Freudiana.

### **1981**

Em 9 de setembro, morre Lacan.

**Em poucas palavras:  
Sem Lacan, Freud não seria o que  
é hoje.**

### 3. A psicanálise e a ciência

A psicanálise costuma ser desvalorizada com o argumento de que não é científica; ao que parece, o padrão lógico positivista não encontra em nossa disciplina um solo firme. O saber transmissível da ciência, válido para todos, não é aquele ao que um paciente chega mediante a análise; porém, a lógica com que o paciente chega a ele se baseia nela. A associação livre segue um determinismo, e a interpretação não está aberta a todos os sentidos. Por isso, para que a psicanálise não esteja condenada a se extinguir, para que seu sucesso não seja aleatório e passageiro, Lacan situa seu porvir e sua credibilidade nessa “marca” de cientificidade que Freud lhe outorga desde seu nascimento.

Freud jamais se desprende dos ideais de cientificidade de sua época, que moldam sua formação, e, antes de ser analista, ele é neurologista. A psicanálise nasce em terra científica; seu criador estuda com Hermann von Helmholtz e Emil du Bois-

Reymond, verdadeiros positivistas, e compartilha crenças com os cientistas de seu tempo. No entanto, apesar de todas essas credenciais da psicanálise, a comunidade não está de acordo. Os cientistas e epistêmicos dizem que talvez faça muito tempo que Sigmund Freud tenha sido um deles, mas que não durou muito porque ele se tornou vidente, e que, hoje em dia, a psicanálise se aferra a um território entre as ciências que não lhe cabe.

Quando Lacan inventa o dispositivo do passe, aspira a que esse saber singular que o paciente obtém em uma análise e as mudanças que produz possam ser transmitidos à comunidade. Nada mais alheio aos terrenos infáveis ou às experiências indescritíveis e inenarráveis, nem mais próximo da aspiração científica. Talvez a psicanálise navegue entre a ciência e a arte, visto que, em semelhança com a tarefa do artista, com as marcas de sua história o analisado constrói algo diferente de sua neurose.

Freud acredita convictamente na ciência; basta recordar que, quando Breuer lhe confia informação sobre a famosa cura de Anna O., ele se interessa vivamente, embora antes deva verificar em Paris se Charcot outorga categoria científica e médica ao estudo da histeria. O olhar sobre esse quadro não é o de um xamã, mas, sim, o de um homem da ciência, que primeiro se certifica de que os sintomas não se explicam neurologicamente, mas que obedecem a leis ligadas à

linguagem.

**Você sabia que...** a psicanálise não teria sido possível sem o advento da ciência, no século XVII?

A psicanálise seria impossível sem a existência da ciência, sem aquilo que a ciência, a mente científica, destruiu em nosso mundo. Talvez a melhor maneira de entender isso seja por meio de Descartes, que afirma que a posição científica é obtida ao evacuar toda crença prévia e dar lugar só à demonstração e à verificação. Esse movimento cartesiano é o que destrói os mitos em nosso mundo, visto que entra em um duradouro conflito com a religião.

Nesse mundo científico, nasce a psicanálise. A associação livre lhe deve muito: pedir a um sujeito que fale o que lhe vier à cabeça, e supor que o que ele diz é regido por uma lei, não seria possível sem o espírito científico. A psicanálise é uma maneira de tomar a linguagem materialmente, ou seja, como fato. Supõe-se, além do mais, que a análise, tal como a ciência em outros aspectos, produza modificações no sujeito.

Apesar da crença de muitos psicólogos, nem tudo que ocorre no corpo é objeto de interpretação analítica, e sim só aquilo a que a ciência não responde e que clama por ser escutado. Por isso, Lacan afirma que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência; ou seja, que esse sujeito que a ciência rejeita por não ter lugar nela, nômade e errante, mas produzido por ela mesma, será alojado pela psicanálise. Verifica-se, então, que tal expulsão implica uma origem.

Lacan considera que o passo cartesiano é um marco fundamental para o advento da ciência moderna; em seu cogitar, o filósofo busca certezas e, ao não as encontrar em seus pensamentos, consegue encontrá-las em sua enunciação: penso e não posso duvidar desse ato no qual duvido; a subjetividade se ergue na hesitação em si. A ciência esquecerá a dúvida cogitativa de seu precursor, mas o ato tem suas consequências, visto que a dúvida destitui o saber anterior. Recordemos que Freud espera que a psicanálise chegue a fazer parte das ciências da natureza. Lacan muda as referências científicas da psicanálise, da biologia às ciências da linguagem, à linguística e à lógica, à matemática e à teoria dos nós. A Descartes não interessa saber, mas, sim, andar seguro na vida, e os saberes vigentes não lhe garantem isso; assim, só encontra a certeza em sua dúvida. O passo seguinte consiste em confiar em um Deus não enganador reduzido ao matemático e dar lugar a um universo sujeito a leis; assim, surge a geometrização do espaço.

A razão dessa redução do sujeito da psicanálise ao sujeito da ciência não é um fato meramente contingente, dado pelo contexto de seu nascimento, nem também oportunista, dado pelo prestígio e o poder da ciência, mas, sim, um fato fundamentalmente ético. A exigência de “cientificidade” de Freud é o que lhe permite conservar a orientação de sua

## descoberta e ignorar os desvios.

Freud espera que a psicanálise chegue a fazer parte das ciências da natureza. Lacan muda as referências científicas da psicanálise, da biologia às ciências da linguagem, à linguística e à lógica, à matemática e à teoria dos nós.

## Cronologia

---

### 1840

O jovem Freud rejeita o vitalismo, a filosofia romântica da época, e descarta a superstição e o misticismo natural para se aproximar da ciência.

### 1876

O positivismo médico de Brücke, com quem Freud trabalha no laboratório onde conhece Breuer, exerce notável influência sobre ele. A posição racionalista de Freud da qual nasce a psicanálise assemelha-se e segue o pensamento anticlerical do século XIX, cujas origens se encontram no Iluminismo do século XVIII. Ao longo de sua obra, Freud repetirá que a psicanálise não é uma cosmovisão.

### 1928

Freud põe a psicanálise sob a bandeira da ciência. Em “O futuro de uma ilusão” (vol. XXI) diz: “A psicanálise é, na realidade, um método de investigação, um instrumento parcial, como o cálculo infinitesimal”. Ser “objetivo” é, para ele, ser científico, estar isento de toda distorção ideológica e de ilusões religiosas.

### 1963

Em seu texto “A ciência e a verdade”, Lacan (1975c) indica as relações da psicanálise com a ciência e demonstra que a primeira não teria existido sem a segunda: o sujeito da psicanálise é o sujeito que a ciência rejeita.

Em poucas palavras:  
A psicanálise não é uma ciência,  
mas, sim, sua consequência.

## 4. A ética da psicanálise

Tanto Freud quanto Lacan são muito exigentes em relação aos princípios éticos da psicanálise. Freud afirma que a cura se baseia no amor à verdade, ao passo que Lacan a assenta no “bem-dizer”, um dizer que não corra por uma via diferente da real de cada um. Atualmente, seria, por acaso, a psicanálise o único discurso em que a palavra não está divorciada da economia libidinal dos sujeitos? É tal o valor que Lacan concede à ética que lhe dedica um seminário, orientado pela premissa de se a psicanálise é constitutiva de uma ética criada sob medida para nosso tempo.

A desvinculação entre ética e poder parece ser o signo de nosso tempo. Tanto a ética quanto o poder circulam por caminhos separados e independentes, como se não existisse uma relação entre eles. A desconfiança no poder se assenta nesse divórcio, e a ética parece vazia e impotente quando tenta regulá-lo. É que o poder perdeu legitimidade, e a ética se limita a apregoar valores imutáveis, como uma espécie de

tribunal da razão atemporal e independente da experiência: um anacronismo. Hoje, invoca-se a ética apelando a uma função reguladora das forças científicas, midiáticas, políticas. Isso faz referência à separação radical entre a ética e os domínios mencionados. Se o poder deve ser ponderado, é por seu desarraigamento da ética. De fato: a ética já não está em seu exercício. Daí o sinal de seu ocaso.

A separação entre a ética e o poder conduz à ineficácia da ética e à ilegitimação crescente do poder. Ou seja, é inevitável que uma ética pura, que não aceita se misturar com a condução, pereça na medida em que se divorcia do ato, e um poder sem ética é um poder sem autoridade. A amálgama entre o poder e a ética como práxis legitima o princípio de autoridade; do contrário, só há um poder sem autoridade. Não devemos esquecer que o vocábulo “autoridade” [*autoritas*] provém do verbo *augure*, que significa “aumentar”. Nessa primeira acepção, considera-se que quem tem autoridade faz cumprir, confirma ou sanciona uma linha de ação ou de pensamento que engrandece.

**Você sabia que...** não há clínica psicanalítica sem uma ética que a sustente?

Mas, se nos aproximarmos mais da constituição da subjetividade, a função principal da autoridade consiste em

determinar uma orientação ao querer do sujeito. Lacan diz: “O dito primeiro decreta, legisla, aforiza, é oráculo, confere ao Outro real sua obscura autoridade”. Claro que Lacan fala do “dito primeiro”, quando o sujeito não sabe o que quer. No momento em que as figuras que encarnam a autoridade entram em crise, o sujeito se vê bombardeado constantemente por ofertas para se pronunciar sobre o que quer. Não há autoridade que oriente; o peso da escolha está em nós. Tudo parece possível, mas, se não há escolha forçada que limite o campo da livre escolha, a própria liberdade de escolha desaparece. Slavoj Žižek afirma que, paradoxalmente, quando já não há ninguém que determine o que queremos, ocorre o contrário do que se esperaria; quando toda a carga da escolha repousa em nós, a dominação do Outro é mais completa e a capacidade de escolha se transforma em um simulacro puro.

Já faz mais de dez anos que Miller e Laurent (2005) chamam esta época de a era do “Outro que não existe”, marcada pela crise do real. Em sua primeira formulação, definiram essa inexistência como a de uma sociedade pautada pela irreabilidade de ser só um semblante. Assistimos a um processo de desmaterialização crescente do real, no qual os discursos, longe de estarem articulados com o corpo em si, separam-se dele para proliferar desabitados. Ao advertir que as palavras não têm conteúdo, referimo-nos a esse processo.

Freud estabelece uma relação entre a psicanálise e a política ao propô-las como tarefas impossíveis. Governar, educar e psicanalisar são labores que não podem se sujeitar integralmente às normas e às leis estabelecidas e que compartilham o fio que margeia essa impossibilidade estrutural no mundo das ideias. Ao afirmar tal comunidade, Freud se refere à política aristotélica, que assevera que os assuntos de que tratam a política e a ética não garantem de antemão resultado algum. O efeito político, como a interpretação, é medido segundo as consequências.

**A orientação da psicanálise fundamenta-se no desejo do analista de que o sujeito possa se identificar com aquilo que lhe é tão próprio e que rejeita e que seu semblante possa ser posto em consonância com esse real.**

Lacan expressa um voto para a psicanálise: quer que esse discurso não seja tão somente um semblante vazio. Sua ética não é a que vocifera onde está o bem geral, visto que enfoca o real de cada um.

A ética se extingue quando, longe de ser a prática de um poder, circunscreve-se a limitar seu exercício e assim o delata. Quando se denuncia um discurso, afirma Lacan, muitas vezes não se faz mais que aperfeiçoar sua existência. A ética não é um discurso instrutivo; é, por excelência, práxis, o que remete à raiz do vocábulo. A ética é fundamentalmente prática, ancora-se na vida; quando é muito evocada, é porque perdeu seu lugar vital. Lacan chama de “ética da psicanálise” a práxis de sua teoria e, assim, devolve ao termo seu sentido mais original.

## Cronologia

---

### **Século IV a.C.**

A *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, será um dos primeiros tratados sobre ética da filosofia ocidental.

### **1895-1939**

Ao longo de sua obra, Freud postula os princípios éticos que regem a cura. O analista deve se submeter à análise pessoal para evitar que sua subjetividade intervenha nos casos que se lhe apresentarem. Assim, a regra de abstinência e o amor à verdade constituem, entre outras coisas, deveres que não podem ser ignorados em sua formação.

### **1959-1960**

Em *O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan (1988) tenta cingir a especificidade da ética da psicanálise e sua relação e diferença com as éticas tradicionais.

### **1973**

Lacan afirma que não há ética senão a ética do dever do bem-dizer ou de se reconhecer no inconsciente, na estrutura. Não existe um bem geral, válido para todos.

### **1997**

Miller e Laurent dão um seminário dedicado a demonstrar que, na época do “Outro que não existe”, pululam os comitês de ética.

**Em poucas palavras:  
A ética do bem-dizer é o poder da  
psicanálise como matriz de sua  
política.**

## 5. A sessão psicanalítica

A sessão analítica é o lugar onde se produz o encontro entre o analisado e o analista. Assim, uma sessão configura cada um desses encontros que constituem uma série ao longo de uma análise. Essas unidades temporais se desenrolam em um tempo e um lugar determinados, segundo mínimas regras estabelecidas sem dogmatismo, visto que aquilo que se privilegia são os princípios da psicanálise, e o enquadramento depende deles. O tratamento começa com a introdução dos poderes da palavra a serviço da regra fundamental: o paciente deve dizer o que lhe vier à cabeça, sem coação. A psicanálise descobre que a associação livre é, na verdade, determinada pelo inconsciente, é livre de preconceitos conscientes e, assim, surge um saber não sabido.

Quando Lacan começa a implementar as sessões breves, Lemoine, então analisado seu, pergunta-lhe por que faz isso, e a resposta que recebe é: para “deixar a sessão mais sólida”. *Sólido* se aplica ao estado da matéria no qual as

moléculas não têm liberdade de movimento apreciável e às substâncias que têm esse estado, ou seja, que têm uma forma estável e oferecem resistência à deformação; aplica-se às coisas fabricadas que não se destroem nem desaparecem com facilidade; aplica-se às coisas que não se movem nem caem facilmente e, de forma correspondente, a seu fundamento ou apoio.

Michel Foucault critica a psicanálise porque considera que a sessão analítica é herdeira da confissão religiosa. No entanto, por um lado, Freud já havia assinalado antes suas diferenças: o “dizer tudo” ordenado pela regra fundamental implica dizer mais que o que se sabe, ao passo que o pecador diz só o que sabe. Por outro lado, a psicanálise não redime e é menos compassiva que o cristianismo, visto que conduz o analisado a se responsabilizar pelo prazer do qual a confissão pretenderia liberá-lo. Assim como o paciente se entrega à regra fundamental, a análise se desenrola na regra de abstinência por parte do analista, que não deixa seu ego intervir e se furta de satisfazer os pedidos do analisado. Tal privação move as forças pulsionais para a obtenção da cura, que a satisfação dos pedidos não faria mais que deter. Assim, o que se joga entre o analista e o analisado em uma sessão baseia-se em uma dupla hipótese: um saber não sabido, que é o inconsciente, e uma força em ação, a pulsão.

Já no início de seus ensinamentos, Lacan vê na técnica da API uma regulamentação heterogênea à experiência e, por

isso, parte dos escritos técnicos de Freud para captar o solo vivo em que se apoiavam. Em seu primeiro seminário, dedica-se a essa temática e observa que, entre os analistas, não há nenhum de acordo com seus contemporâneos em relação ao que se faz, ao objetivo e ao que está em jogo em uma análise. Só graças à linguagem freudiana se mantém um intercâmbio entre os praticantes com concepções muito diferentes de sua ação. O rigoroso padrão nas sessões é comum a todos e parece substituir os conceitos que estavam desaparecendo. Lacan é expulso da API, porque suas sessões breves não chegam a durar os clássicos cinquenta minutos que duram as de seus colegas. Essa brevidade se apoia em uma ética, não em uma mera questão técnica.

A psicanálise lacaniana resguarda o princípio de qualquer equiparação com uma técnica; e o retorno a Freud, impulsionado por Lacan, faz prevalecer os princípios enquanto aprofunda nos fundamentos da psicanálise. Mas a tarefa não se circunscreve a uma proclamação; antes de tudo, deveríamos nos questionar: o padrão não se dá só na API, dado que também afeta a comunidade lacaniana.

A sessão breve poderia ser padronizada sem problema e fazer parte de um hábito mecânico, que, longe de se articular com a surpresa, se associasse com o previsível. Se a técnica

esquece o princípio em que se baseia, cai necessariamente em um estereótipo vazio, em um clichê. Lacan é repudiado porque suas ideias alteram os padrões e, dessa maneira, alerta o analista de que “sua ação sobre o paciente irá lhe escapar, junto da ideia que ele faz dela, se não voltar a tomar seu ponto de partida naquilo pelo qual esta é possível, se não retiver o paradoxo no qual tem se desmembrado, para revisar no princípio a estrutura pela qual toda ação intervém na realidade”. Assim, elucida os princípios da cura para falar da origem de seu poder, para situar uma ética que beba nesses princípios, articulando no termo *princípio* suas duas acepções: pilar de uma teoria e fundamento ético.

O apelo feito por Lacan aos princípios, ao princípio, à origem, aos fundamentos, à fonte, corre em paralelo com seu ponto de partida no real da experiência analítica.

**Você sabia que...** o único meio próprio da sessão analítica é o da palavra?

Em uma oportunidade, fui convidada a participar de um debate na Associação Psicanalítica Argentina (APA) que versava sobre o trauma e as crises, enfocados sob as coordenadas da época. Uma analista dessa instituição reivindicava a sessão de cinquenta minutos em tempos – dizia – em que a pressa faz de nossa vida um *zapping*. O

comentário encerrava uma crítica explícita aos lacanianos, que, segundo ela, seguiam em uníssono com a época, sem oferecer, nesse sentido, nenhuma resistência. O *yuppie* moderno encontraria em nosso movimento um terreno fértil onde se assentar. Considero interessante tomar esse comentário – que também ouvi em outras oportunidades de membros da API – para revisar o princípio analítico ligado ao tema tempo. Essa colega confunde velocidade com brevidade. A aceleração define muito bem o homem de nosso tempo. Martin Heidegger assinala a incapacidade de nos determos na contemplação e o crescente afã por novidades como duas de nossas características.

Um maior tempo cronológico não introduz um corte nem dá lugar à pretendida demora ali onde tudo parece apontar ao vertiginoso. É a interpretação que quebra a incansável sucessão ao se inscrever como surpresa, ou seja, como momento não homogêneo, como acontecimento imprevisto, hiato fecundo.

Em *A erótica do tempo* (2000), Miller nos diz que o analista extrai a palavra do tempo que passa e, assim, transforma-a em um saber inscrito, em escritura. Não há nada mais distante dessa velocidade que anule os intervalos e impeça as ancoragens da escritura. É preciso conceber o tempo da sessão

como tempo suficiente antes que como técnica de sessão breve ou cronometrada de cinquenta minutos; tempo suficiente para que o dizer não fique esquecido no dito.

Nos escritos dedicados à técnica, Freud apresenta determinadas regras em termos de conselhos e adverte que não pretendem ser incondicionalmente obrigatórias. Enfatiza aquilo que fundamenta esses instrumentos, não eles próprios. Questionar coisas pela sessão analítica significa mergulhar nos princípios de uma prática, longe de aplicar uma receita. Não existem manuais de uso, porque cada sessão responde ao momento da cura na qual se inscreve e depende da lógica que a anima: transferência, interpretação, conclusão, começo e fim de análise. Assim, uma sessão analítica não é um ritual nem se define por seu cerimonial; cada caso se apresenta em seu caráter novo. Por isso a afirmação de Freud de atender a cada um como se não houvesse outros similares.

## **Cronologia**

---

### **1892**

Freud já reúne os rudimentos da técnica psicanalítica: a associação livre, a interpretação, a observação atenta e a elaboração.

### **1895**

Freud descreve o procedimento psicoterapêutico que desenvolveu com base nas descobertas de Breuer.

### **1911-1913**

Freud escreve uma série de artigos sobre técnica psicanalítica, nos quais expõe um conjunto de regras que configuram a sessão e adverte que não é aconselhável fixá-las de forma mecânica. A técnica tem valor quando assimilados seus fundamentos.

### **1953-1954**

Lacan dá seu primeiro seminário: *Os escritos técnicos de Freud* (Lacan, 1986).

### **1963**

Lacan é expulso da API com o argumento de que suas sessões são curtas. Na realidade, trata-se de um ensinamento que altera os padrões da época.

### **1964**

Lacan cria a Escola Freudiana de Paris e ministra um seminário sobre os fundamentos da psicanálise.

Em poucas palavras:  
O próprio corte da sessão é o  
que, por seu efeito posterior,  
redefine o que acontece nela.

# Capítulo 2

## Conceitos fundamentais

## 6. O inconsciente

Antes de mais nada, vale precisar o que se entende por inconsciente freudiano e é necessário fazê-lo, dado que essa palavra já existia antes do nascimento da psicanálise. Empregado pela primeira vez com o significado de “não consciente” pelo jurista escocês Home Kames, o termo iria se popularizar mais tarde na Alemanha, na época romântica, para designar um depósito de imagens mentais, fonte de paixões intangíveis. Mas o inconsciente que Freud descobre tem uma especificidade própria, uma vez que não é um lugar enterrado e remoto sobre o qual se especula, mas que retorna em suas formações: sonhos, lapsos, sintomas, chistes. Separado da consciência, habitando o lugar da “outra cena”, não está condenado ao silêncio, porque irrompe insistentemente. É mediante essas aparições que captamos sua lógica, aquela segundo a qual Lacan diz que o inconsciente está estruturado como uma linguagem.

Quando Lacan teoriza sobre os conceitos fundamentais da psicanálise, o primeiro da lista é o inconsciente, definido como frágil no plano ôntico, mas forte no plano ético. Graças a Freud e a sua sede de verdade, empreende-se o caminho rumo a sua descoberta; a ética desse criador é o que possibilita sua existência. O inconsciente é evasivo, mas se mostra; é preciso pegá-lo em flagrante, e isso só é possível se o paciente estiver em transferência. Seu *tópos* se assemelha ao limbo, no qual se alojam os não nascidos; a repressão deposita ali os dejetos enquistados como larvas vivas. Para falar da indestrutibilidade dos processos inconscientes, Freud se serve de uma imagem tomada de Homero e compara o inconsciente às aquelas sombras subterrâneas que ganhavam nova vida tão logo bebiam sangue. Impossível de sepultar, sua clausura é inviável; os desejos mais remotos, os que não puderam se realizar, estão ali prontos a se manifestar e causar surpresa. O inconsciente subleva-se à consciência; tem a particularidade de ser interno ao sujeito, mas, ao mesmo tempo, externo a toda forma de domínio pela razão consciente.

Se definirmos o inconsciente como sistema, esse será o ponto de vista tópico pelo qual se diferencia do pré-consciente e da consciência. Se o definirmos por sua pujança urgente, esse será o ponto de vista econômico. Os conteúdos

do pré-consciente chegam sem dificuldade à consciência, ao passo que aqueles que são próprios do inconsciente só se manifestam desfigurados nas diversas formações que retornam. Esses conteúdos são representantes das pulsões e regidos por mecanismos específicos do processo primário; chegam à consciência como produtos de um compromisso entre diversas instâncias. O inconsciente não é só uma instância psíquica, puramente mental; tem uma energia pulsional que insta, que lateja, que insiste. Assim, as representações inconscientes se encontram dispostas em forma de fantasias, cenários nos quais se fixa a pulsão e que podem ser concebidos como verdadeiras representações do desejo.

**Você sabia que...** o inconsciente freudiano é um conceito que se deduz de uma experiência de cura?

Podemos falar, seguindo Lacan, da razão depois de Freud como uma razão que não é pura e que é afetada pelo inconsciente. Por isso, a psicanálise tem um alcance na cultura que ultrapassa seu valor como tratamento curativo da neurose, visto que sua influência se faz sentir no campo da filosofia, da literatura, das artes em geral e em todos os movimentos intelectuais. Em uma de suas cartas a Wilhelm Fliess, Freud fala dessa razão subvertida e, ao falar do progresso de sua obra, escreve: “Meu trabalho me foi inteiramente ditado pelo inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o Cavaleiro do Domingo: ‘Itzig, para onde vais?; Não pergunte a mim. Pergunta ao cavalo’” (Freud,

“Fragmentos da correspondência com Fliess”, vol. I). No entanto, esse aspecto “animal” concedido a essa parte de nossa psique não a priva de uma lógica, embora diferente da do consciente; Freud também fala de uma “inteligência inconsciente”.

Mas o inconsciente não é um conjunto de pulsões irracionais, terreno escuro e inacessível. Essa noção pertence à filosofia de vida romântica e não tem a ver com Freud. Lacan mostra que, se o inconsciente freudiano causa tanto escândalo, é por ter sua própria lógica e sua própria gramática: o inconsciente fala e pensa. Não é um reservatório de pulsões selvagens, mas, sim, o lugar em que uma verdade traumática se revela.

Em Freud, o inconsciente não é uma “supraconsciência” ou um “subconsciente”, situado na consciência ou além dela; é uma instância à qual não se tem acesso, mas que se manifesta.

Se fosse necessário resumir em um conceito a descoberta freudiana, ele seria, sem dúvida, o do *inconsciente*. No entanto, seria possível avaliar um terapeuta do seguinte modo: “Dize o que entendes por *inconsciente* e te direi a que escola pertences”. É Lacan quem quer resgatar esse conceito da escuridão que fica nas mãos da maior parte dos pós-freudianos, que o veem só como reservatório pulsional, lugar de cegueira irracional.

Desde a Antiguidade, a ideia da existência de uma atividade

que não fosse da consciência dá lugar a diversas reflexões. Com Descartes (1596-1650), surge o dualismo corpo-mente, impensável até então: na *res cogitans*, coisa pensante, reina uma razão não corporal. Tal separação do corpo, situado em tamanha exterioridade em relação à alma, dá lugar a descobertas médicas sem precedentes, uma vez que se pode operar sobre ela tal qual máquina. O conceito de inconsciente em Freud ultrapassa tal divisão, dado que as representações que o configuram estão investidas de energia pulsional. A pulsão, situada por Freud como conceito-limite entre o psíquico e o somático, jamais pode vir a ser objeto da consciência e só está presente no inconsciente por meio de seus representantes.

## Cronologia

---

São várias menções que precedem o conceito de inconsciente como aquilo que não é consciente, ligado às profundezas da alma.

### 1809

Em *A essência da liberdade humana*, Friedrich Schelling já menciona o inconsciente como “uma parte inconsciente no próprio Deus, como parte escura de um Deus luminoso”.

### 1895-1896

Freud cita como “nosso inconsciente” o inconsciente psicanalítico: *nosso* abre, assim, um novo campo, um “novo” inconsciente, que se diferencia das noções anteriores em relação a outras disciplinas e ciências.

Em uma de suas cartas a Fliess, a de número 52, expressa: “Não sem intenção digo nosso inconsciente, pois aquilo que com esse nome designamos não coincide com o inconsciente dos filósofos, nem tampouco com o inconsciente de Lipps. Os filósofos o consideram unicamente a antítese do consciente, e a teoria de que, além dos processos conscientes, há também processos inconscientes é uma das que mais acirradas discussões tem provocado” (Freud, “Fragmentos da correspondência com Fliess”, vol. I).

### **1964**

Lacan reelabora o conceito de inconsciente freudiano ao situar a particularidade do inconsciente lacaniano.

Em poucas palavras:  
A descoberta do inconsciente é  
uma das marcas mais  
importantes do século xx.

## 7. A transferência

A transferência é um conceito fundamental para a psicanálise: propulsor da cura, princípio de seu poder, condição de sua eficácia. A entrada na análise implica sua instauração, e o fim diz respeito também a sua resolução e a seu destino. O poder do analista depende do poder concedido a ele pela transferência, e a direção da cura está sujeita ao uso que o analista faz desse poder. Por isso, é impossível falar da resolução da transferência em uma análise sem incluir o desejo do analista. Em psicanálise, o diagnóstico se diferencia do diagnóstico psiquiátrico porque, ao se basear na transferência, inclui o analista no campo que delimita.

Freud chega a atribuir a Breuer o título de criador da psicanálise. Breuer dista muito de tal apreciação, visto que rejeita seu princípio fundamental: a sexualidade. No entanto, podemos pensar que a conclusão de Freud se deve ao que ele aprende com o que Breuer lhe transmite acerca do famoso “caso” Anna O.

Com Breuer, Freud aprende sobre a histeria e a transferência muito mais que o primeiro julga saber, inclusive do que diz sem perceber. Freud escuta psicanaliticamente seus interlocutores, porque lê o texto em si, não tanto o sentido que o emissor pretende lhe outorgar. Por isso, afirma que a ideia vinculada à sexualidade, pela qual o tornamos responsável, não nasceu de seu patrimônio, mas, na realidade, foi transmitida por três pessoas: Breuer, Charcot e o ginecologista Rudolf Chrobak.

Breuer é um homem da ciência, como Freud. Seguidor da escola de Helmholtz, conhece o criador da psicanálise no Instituto de Fisiologia. É muito importante recordar a formação racionalista e científica desses homens, uma vez que é crucial para situar esse encontro entre a histeria e aquele discurso no qual ela não tinha lugar. Tanto que Breuer não quer divulgar o tratamento de Anna O., porque ele não obedece às regras dessa formação. Anna é uma paciente de 21 anos que padece de determinados sintomas: paralisia, contraturas, anestésias, complicadas perturbações na vista, incapacidade de se alimentar, tosse nervosa etc. Para grande assombro de Breuer, quando ela relata os detalhes do surgimento de certos sintomas, estes desaparecem. A própria Anna batiza tal procedimento com o nome de “cura de conversação”, ou “limpeza de chaminé”.

**Você sabia que...** não existe análise sem transferência e que, portanto, a

Ernest Jones conta que por meio de Freud conhece um relato mais extenso que aquele presente em suas obras acerca das circunstâncias em que termina o tratamento. Breuer experimenta um interesse progressivo por sua paciente; fala dela o tempo todo, e isso provoca ciúmes em sua mulher. Perturbado, sentindo-se culpado, ele decide pôr fim ao tratamento em um período em que Anna está melhor e muitos sintomas já desapareceram. Comunica isso a ela, e se despedem. A calma dura pouco. À tarde, ele recebe uma ligação e encontra a paciente em um estado de grande excitação, pior que nunca. Ele, que sempre a considerou um ser assexuado, não pode negar o quadro que se lhe apresenta: uma gravidez histérica que o implica. O encontro de Breuer com a sexualidade e com a transferência o faz abandonar o terreno do qual é precursor.

Mais tarde, quando Freud quer reanimar o interesse de Breuer pelos problemas da histeria e induzi-lo a mostrar ao mundo sua descoberta, encontra uma resistência cuja raiz se localiza na inquietante experiência com Anna. Freud lhe conta que com ele aconteceu a mesma coisa e diz que essas situações são parte dos fenômenos transferenciais. Esse comentário abala tanto Breuer que Freud, ao preparar a

redação de “Estudos sobre a histeria” (vol. II), considera que os fenômenos transferenciais são a coisa mais importante que os dois devem comunicar ao mundo.

A cura analítica abriga um querer; por isso, Freud nos diz que ela quer “pegar em flagrante” a libido para pô-la a serviço da realidade objetiva. Esse querer tem relação com um desejo, o do analista, como desejo ligado a um novo destino da libido.

Freud considera, a propósito da gravidez histórica de Anna, que Breuer tem a chave em suas mãos e que a deixa cair, por acreditar que estava dirigida a ele.

Em “A dinâmica da transferência” (1912) (vol. XII), Freud especifica o lugar da transferência na cura. Primeiro, parte da ideia de que é um mecanismo geral deslindado pela lógica da decifração; para ele, é um falso enlace: o analista substitui outra figura. A seguir, tenta determinar seu lugar no tratamento. Diz que o neurótico não pode amar nem dirigir sua libido aos objetos do mundo exterior porque ela está voltada a objetos da fantasia. A libido (em sua totalidade ou em parte) tomou o caminho da regressão e reanima as imagos infantis. Até aí, segue-se a cura analítica, que quer pegar em flagrante, torná-la de novo acessível à consciência e, por último, pô-la a serviço da realidade objetiva. Cada vez que a investigação analítica tropeça com a libido retirada em seus

esconderijos, não pode menos que deflagrar um combate; todas as forças que causaram a regressão da libido se levantam como “resistências” ao trabalho para conservar esse novo estado. Primeiramente, podemos dizer que Freud parte de uma frustração da satisfação. Em termos lacanianos, não há relação sexual, o prazer está malogrado, e o neurótico supre esse vazio com a fantasia.

O que impede que a neurótica ame é que só um setor das moções determinantes da vida amorosa reconheceu o pleno desenvolvimento psíquico. Outra parte das moções pulsionais só se expressa na fantasia. Esse setor, chamado por Freud de *fator afastado*, é o que produz o amor de transferência. A própria constituição da transferência implica, então, que esse setor afastado do restante do psiquismo seja direcionado ao analista.

No começo da análise do paciente, a transferência funciona como abertura do inconsciente, favorecendo o exercício associativo. Em seguida, aparece claramente delimitado o momento em que assume outro matiz, revelando-se, segundo as palavras de Freud, a arma mais poderosa da resistência. Esses dois aspectos da transferência foram classicamente considerados na teoria psicanalítica sob o nome de *transferência como motor e como obstáculo*.

---

Hoje em dia, a palavra *transferência* é de uso comum, está desgastada. Para compreender seu valor, é preciso partir do desejo de Freud: o fato de que o amor de uma paciente por seu médico seja considerado uma transferência é algo absolutamente inédito, que hoje em dia nos parece sem importância. O termo *transferência* significa ação ou operação de transferir, ação ou operação bancária pela qual se transfere uma quantia de uma conta corrente a outra. Notemos a referência a um capital, a uma soma, a um montante que é deslocado de um lugar a outro.

Por um lado, Breuer só capta um dos lugares em jogo e perde de vista a operação como tal. Freud, por outro lado, detecta-a como um sintoma. Mestre da suspeita, considera que o amor que o paciente lhe dirige expressa outra coisa. É impossível compreender esse ponto sem nos referirmos ao desejo de Freud na origem da psicanálise.

## Cronologia

---

### 1880

Freud conhece Joseph Breuer, com quem publicará em 1893 uma comunicação preliminar, “Sobre o mecanismo psíquico de fenômenos histéricos”, e mais tarde, em 1895, “Estudos sobre a histeria” (vol. II). Assim, sob o método catártico, o próprio Freud dirá: “Não se poderia inferir com facilidade o valor da sexualidade para a etiologia das neuroses”. Isso o levará a abandonar o método e se afastar de Breuer. Trata-se das origens da transferência.

### 1900-1909

Freud e Sándor Ferenczi introduzem progressivamente o termo *transferência* para designar um processo constitutivo da cura psicanalítica, em virtude do qual os desejos inconscientes do analisado concernentes a objetos externos se repetem, no âmbito da relação analítica, com a pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos.

### 1902

Freud distingue a transferência positiva, feita de ternura e amor, da transferência negativa, vetor de sentimentos hostis e agressivos. Somam-se as transferências mistas, como aquelas que reproduzem os sentimentos ambivalentes da criança em relação aos pais.

### **1960-1961**

Lacan introduz o conceito de desejo do analista para esclarecer a verdade do amor de transferência.

### **1964**

Lacan postula a transferência como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, ao lado do inconsciente, a repetição e a pulsão. Define-a como a manifestação, pela experiência analítica, da realidade do inconsciente. Essa perspectiva o leva a amarrar transferência com pulsão.

Em poucas palavras:  
Para Lacan, é impossível  
compreender o termo  
*transferência* sem considerar o  
desejo de Freud não humano, já  
que o humano é considerar-se o  
destinatário do amor.

## 8. O sujeito suposto saber

J.-A. Miller nos diz que o passo de Lacan consiste em definir a transferência freudiana, de uma maneira completamente inédita até ele, como uma relação com o saber. Isto é, como uma relação epistêmica. Mas não se trata, como em outros âmbitos, de um amor ao saber pelo saber em si. O paciente que pede análise encontrou algo que lhe diz respeito e ao que não pode dar uma resposta. Sua posição é a de quem não sabe, e seu amor por esse saber inconsciente que se manifesta no dispositivo parte desse ponto de ignorância em relação a seu sintoma.

O que o paciente diz em uma análise, suas associações e recordações obtêm uma significação nova, diferente da habitual, e o que possibilita o advento dessa significação é a transferência. Ilustraremos isso com o algoritmo do sujeito suposto saber escrito por Lacan. As falas do paciente como materialidade, além do significado comum, podem ser apresentadas graficamente como uma cadeia significante

representada por uma linha. Por efeito do sujeito suposto saber, essa cadeia se duplica, e isso pressupõe que esses significantes exprimam outra coisa. Isso significa que dizer uma coisa dentro da sessão analítica não é o mesmo que dizer fora dela.

Aquilo que permite tal efeito de ressonância é a eficácia do significante da transferência, denominado por Lacan *significante qualquer*. Reflitamos acerca da razão para chamar assim o significante da transferência. Não quer dizer que o paciente não escolha o analista por algum traço, que nesse sentido não o torna qualquer um, mas que quanto mais o analista se ofereça como figura identificatória, menos funcionará como causa da nova significação do exercício associativo. Em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (vol. XII), Freud nos diz que o analista não deve introduzir sua própria individualidade no tratamento e que deve renunciar à ambição educativa. Ou seja, como analista, ele não é sujeito nem senhor. Tal princípio, chamado em psicanálise de *princípio da neutralidade do analista*, é o que favorece o lugar do analista como causa da cadeia associativa.

**Você sabia que...** Lacan cria o conceito de sujeito suposto saber para esclarecer a transferência freudiana?

Assim, Lacan resolve o imbróglio freudiano. Recordemos que Freud se pergunta qual é a especificidade da transferência na cura analítica. É a alavanca poderosa do sucesso fora do tratamento. Afirma que sua particularidade no tratamento analítico é constituir a arma mais poderosa da resistência. Mas, para pensá-la, é preciso partir da noção de sujeito suposto saber, visto que a resistência se abre para esse campo de significação. Assim, ela indica que há um limite no saber, que há um limite na significação.

O desejo do analista se funda mais além do ideal amoroso narcisista, mais além do reconhecimento e da reciprocidade imaginária. Em “Observações sobre o amor transferencial” (vol. XII), Freud diz: “Consentir o apetite amoroso da paciente é tão funesto quanto sufocá-lo. O caminho do analista é diverso, para o qual a vida real não oferece modelos”. Nesse texto, estão em jogo:

- O amor de transferência como repetição, no modo de reedição de traços antigos.
- O caminho que o analista tomará, o qual, ao não ter precedentes na vida real, se liga ao ato como fundação do que não estava.

Lacan nos diz que a referência ao desejo do analista não é psicológica. Não se reduz, de maneira nenhuma, ao desejo de tal ou qual analista. É, antes, uma função que implica, como condição necessária, a análise do próprio analista. Este ocasionou uma modificação em sua economia libidinal. O desejo do analista se produz em uma análise. Sempre haverá discordância entre o desejo do analista e o desejo de tal ou qual analista. Este último, diz Lacan, pode ser lido na teoria da transferência, ou seja, a teoria da cura que cada analista sustenta. Por isso, infere que Karl Abraham quer ser uma mãe completa, e Ferenczi, um pai solteiro. Com isso, fica caracterizado o desejo de tal ou qual analista, que não é idêntico ao desejo do analista.

Esse caminho é o traço do desejo do analista como desejo inédito. Notemos até que ponto esse traço se diferencia das diversas alternativas que proporia a moral comum. Isso está maravilhosamente exposto no texto freudiano. Nele, o criador da psicanálise mostra as variadas opções que o bom senso pensaria sobre como resolver a questão amorosa entre o médico e a paciente.

O amor de transferência é pensado por Freud como uma repetição, mas, graças ao caminho que o analista tomará, esse amor terá um desenlace para o qual “a vida real não oferece modelos”. Lacan diferencia esse desejo da transferência. Recordemos que nos textos freudianos a transferência e o caminho que o analista toma não seguem a mesma direção. Lacan diz que a transferência é o que separa a pulsão da

demanda, e o desejo do analista é o que restabelece a relação suprimida. A transferência separa a demanda da pulsão, visto que a demanda amorosa se dirige ao ideal, desconhecendo as raízes pulsionais que a fundamentam. A paciente não quer saber do “setor afastado”, do resto, do sexual além do amor. Nesse ponto, o desejo do analista vai contra a transferência, porque reconduz a demanda à pulsão. O desejo do analista entra em consonância com a pulsão como realidade sexual do inconsciente.

O desejo do analista é definido por Lacan como operador; portanto, é o que resta mais além dos desejos particulares. Como operador é um  $X$ , uma incógnita. Isso não quer dizer que seja insondável, inefável.

O paradoxo da transferência é que, ao mesmo tempo que põe em ação a realidade sexual do inconsciente, repete o amor identificatório com que foi encoberto o ponto de encontro com o sexual. O desejo do analista não se deixa enganar pelo amor ou a agressão da resistência, que mantém a pulsão em uma forma de satisfação monótona, afastada, repetida. O desejo do analista libera a pulsão de seu destino espectral. Não se trata de que o sujeito se libere das pulsões, mas, sim, de que elas se liberem do trajeto fixado. Por isso, para Freud, o determinante da cura está no destino das pulsões. Só se pode pensar em um novo destino entendendo-se de que forma o

desejo do analista contraria o amor de transferência. A psicanálise não é uma cura por amor, porque o amor é uma resistência. O novo amor de que fala Lacan no fim do seminário não deve ser pensado como o amor na cura, mas como um efeito dela.

Lacan se deteve nos diversos aspectos da transferência determinados por Freud: em seu caráter de motor e de obstáculo. A instauração do sujeito suposto saber motoriza o exercício associativo, mas os problemas se apresentam quando há detenção, fechamento do inconsciente e transferência com o analista como obstáculo, seja ela amorosa, seja ela hostil. Por isso, Freud considera que o mais difícil para o analista não é a interpretação, mas o manejo da transferência.

## Cronologia

---

### **Antecedentes em Freud**

Pelos históricos, infere-se que os pacientes entram em transferência, ou se prestam à transferência, porquanto supõem que há um saber desconhecido, razão de seus sintomas.

### **9 de outubro de 1967**

Lacan conceitua a transferência com base no termo *sujeito suposto saber* e cria o algoritmo da transferência.

### **14 de dezembro de 1967**

Em seu texto “O engano do sujeito suposto saber”, Lacan (2003) desenvolve a maneira como o psicanalista encobre que algo pode ser dito sem que nenhum sujeito o saiba; ou seja, que o inconsciente é um saber sem sujeito.

### **De 1967 em diante**

Lacan situa na análise o destino do sujeito suposto saber e sua extinção no fim da análise. O amor de transferência se baseia no amor por quem parece abrigar o saber, assim, amo a quem atribuo esse saber (Lacan, 1985c).

### **1984**

Miller expõe e esclarece esse conceito ao mostrar o privilégio concedido por Lacan ao campo epistêmico em sua definição de transferência.

## Em poucas palavras:

O sujeito suposto saber indica que a análise pressupõe como condição que o paciente acredite que há um saber que ele ignora, que o implica e que será revelado no encontro com o analista.

## 9. A pulsão

“É mais forte do que eu, não consigo evitar!” é a forma como os sujeitos expressam o que se anuncia como pulsional. O termo *pulsão* aparece na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar a ação de empurrar, impulsionar. Empregado por Freud a partir de 1905, transforma-se em um conceito fundamental da teoria psicanalítica. A escolha da palavra *pulsão* para traduzir o alemão *Trieb* deve-se a querer evitar qualquer confusão com instinto, visto que este quer a vida e tem um objeto predeterminado e fixo, ao passo que a pulsão mostra uma satisfação paradoxal que pode atentar contra a vida, e seu objeto não é determinado de antemão. Conceito-limite entre o psíquico e o somático, a pulsão é indômita, grita que há um corpo que, excedendo o campo representacional, estimula, puja e, assim, dá ao sujeito a impressão de um real irreduzível.

A psicanálise tem relação com o século das luzes; Freud é um iluminista, ama a ciência e a razão, mas sua descoberta indica que nem tudo é “luz”, que há um

recinto que ele denomina “escuro” e que mostra como a razão é atravessada por forças pulsionais, como não é “pura”. Tais forças fazem com que os sujeitos não sejam plenamente educáveis e que o indômito sempre apareça de diferentes formas.

A pulsão sempre indica um modo de satisfação paradoxal e irreduzível à satisfação da necessidade. Nada mais exemplar que o bebê, que, quando tem sua fome saciada, gosta de chupar a chupeta ou o dedo. Passado um tempo, a mãe se inquieta com essa satisfação, visto que poderia fazer mal aos dentes e ao paladar do bebê. Isso revela que a satisfação pulsional se separa da autoconservação, faz-se independente do Outro, e sua natureza é autoerótica. Freud descreve seu modelo como o prazer da criança em beijar sua própria boca, que logo decorrerá em beijar a do parceiro sexual, quando esse prazer for transferido ao campo do Outro; mas sempre permanecerá um resto autoerótico. Cada pulsão encontra seu ponto de partida nas funções corporais de autoconservação, para logo se tornar independente: da necessidade de alimento sugando o peito materno à sucção em si, o uso da chupeta ou do dedo. Tudo ocorre como se o corpo se transformasse em fonte de uma satisfação autônoma, origem de todos os “vícios” e compulsões. A diversidade das fontes somáticas da excitação implica que a pulsão sexual não se encontra

unificada desde o início, mas, sim, fragmentada. O corpo parece conter ilhas independentes que se satisfazem localmente. No decorrer do desenvolvimento, produz-se maior integração com predomínio do genital; porém, será conservada, em parte, a parcialidade do prazer autoerótico.

A psicanálise mostra que as pulsões se encontram ligadas a uma série de fantasias e representações que chegam a emaranhar a vida de um homem e que se desmontam na cura analítica; assim, permitem que a pulsão tenha outros destinos.

Tanto no alemão como no francês, os termos *Trieb* e *pulsion*, respectivamente, remetem, por sua etimologia, à ideia de estímulo, independentemente da orientação e da meta. Essa noção já está presente nas concepções das doenças mentais desenvolvidas pelos médicos da psiquiatria alemã do século XIX, preocupados com a questão da sexualidade. Mas o passo mais importante – antes de Freud – é dado por Nietzsche, que concebe o espírito humano como um sistema de pulsões que podem entrar em colisão ou se fundir umas com as outras. A obra desse filósofo não seria possível sem antes ter situado a sexualidade no centro dos debates edificadas em torno da razão e da moral. Como se a operação efetuada por Freud na clínica fosse paralela e afim àquela realizada por Nietzsche na filosofia.

**Você sabia que...** Freud compara a pulsão à lava de um vulcão em erupção?

Nietzsche indaga as razões libidinais que estão em jogo no ascetismo, na moral, na ideia de bem etc. Então, não é a razão pura que combate os impulsos, mas é sempre um impulso que combate outro, e muito do que se considera racional é moral mascarada. Também não é um ego racional o que acomete a luta. As razões impulsoras são questões de prazer.

As pulsões têm diversos destinos: repressão, sublimação, transformação no contrário, volta contra si mesma. Tais desenlaces permitem pensar no processo analítico e na pergunta formulada por Lacan quando questiona como um sujeito viverá a pulsão no fim da análise, que transformações se produzem, que mudanças na economia do prazer. Um exemplo simples permite ilustrar isso. Trata-se de uma mulher que tem sobrepeso e ocupa um lugar de destaque, um cargo gerencial em uma empresa. Mudam as autoridades e ela é afastada de seu cargo, que passa a ser ocupado por outros membros. Ela se sente relegada; a figura de um Outro intrusivo que a despreza a faz afundar em uma grande depressão, que a impulsiona à análise. Esclarecidas as coordenadas fantasmáticas de “ter muito peso” ou de outro que o tem e a esmaga, isola-se seu prazer em ser “a voz

cantante” e começa a estudar canto, o que lhe proporciona grande satisfação e a afasta do sofrimento de não ser a grande voz da empresa. Ela pode cantar quando quiser, sem depender da trama empresarial, esta dependente das contingências. Vê-se às claras o predomínio da oralidade: o sobrepeso, a voz e o destino pulsional mais satisfatório e não alienado nas tessituras institucionais.

O conceito de pulsão é capital para entender o passo dado por Freud relativo à subjetividade moderna. Com Descartes consuma-se o âmbito fundamental para compreendê-la: seu *cogito* opera produzindo uma separação radical entre a mente e o corpo. A *res cogitans* e a *res extensa* são domínios separados que permitirão o desenvolvimento de avanços crescentes no campo médico e a operação sobre o *soma*, algo inédito, pois nos séculos anteriores era considerado sagrado. O laço entre o corpo e a mente inquieta Descartes, e a ideia de uma glândula pineal é sua resposta. O conceito de pulsão supera essa linha divisória, porque é uma noção-limite entre esses domínios que o filósofo francês considera divorciados.

## Cronologia

---

### 1625

O termo *pulsão* aparece na França, derivado do latim *pulsio*, para designar a ação de empurrar, impulsionar.

### 1844-1900

Friedrich Nietzsche concebe o espírito humano como um sistema de pulsões que podem entrar em colisão ou fundir-se umas com as outras.

## 1905

Empregado por Freud, o termo se transforma em um dos conceitos mais importantes da doutrina psicanalítica. A escolha da palavra *pulsão* para traduzir o alemão *Trieb* deve-se à preocupação de evitar qualquer confusão com *instinto*. A teoria de Freud não é pansexualista, visto que diferencia as pulsões sexuais das outras ligadas à satisfação de necessidades primárias. A partir desse ano e ao longo de sua obra, o dualismo pulsional tomará diversas formas.

## 1964

Jacques Lacan considera a pulsão um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Guiado por uma leitura exigente do texto freudiano de 1915, desprende a conceituação freudiana de seus alicerces biológicos ao inscrevê-la em uma gramática, matriz de seus destinos.

Em poucas palavras:  
As pulsões são aquilo que  
experimentamos como impulsos  
que nem sempre buscam o bem.

## 10. A sublimação

A sublimação é um destino da libido que resulta na produção de uma atividade criativa e satisfatória que extrai sua força da pulsão sexual, deslocada a um fim não sexual e valorizado socialmente. Freud adota o sentido mais nietzschiano do termo, proveniente do romantismo alemão, para definir um princípio de transmutação do prazer em algo estético que é possível nos homens e do qual estão plenamente dotados os artistas. No entanto, o conceito não aponta só ao elevado, visto que o processo de sublimação tem seu símil no que ocorre na química e designa a transformação do sólido em gasoso sem passar pelo líquido, metáfora desse destino da pulsão que não passa pela repressão.

A *Poética* de Aristóteles é a base das ideias subsequentes relativas à arte, cujos ecos encontramos em Freud. O artista produz uma criação não utilitária que desperta prazer no espectador, no ouvinte ou no leitor por sua mimese com a natureza. A verdadeira teoria da mimese aristotélica é

banalizada na modernidade ao se entender que o estagirita prega uma concepção realista como cópia de um modelo. Na realidade, Aristóteles afirma que arte dá um acabamento a tudo aquilo que falhou na natureza. É interessante a situação da arte como suplência de uma falta, porque isso nos aproxima do tema da sublimação.

Da sublimação se pode dizer que é um termo que articula a pulsão com a cultura e que permite franquear a oposição entre ambas, tão fortemente estabelecida por Freud. Para entender tal disjunção, basta remeter a “Moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna” (vol. IX), no qual assevera: “Nossa cultura se edifica sobre a sufocação das pulsões”. Essa concepção será mantida ao longo de sua obra; porém, o processo de sublimação não se baseia em sufocar pulsões ao modo da repressão, mas em transformá-las em produtos estimados socialmente. O fosso entre pulsão e cultura foi atravessado, talvez por isso seja necessário ter em mente que a palavra *sublimação* deriva de *limen*, “limite, umbral”, e implica a ideia de atravessá-lo.

**Você sabia que...** com o conceito de sublimação Freud explica as atividades artísticas e intelectuais orientadas por um desejo aparentemente não sexual?

Poucos conceitos freudianos gozaram de uma consistência tão grande como esse. Desde as primeiras obras até as últimas, a definição varia pouco e sempre se sustenta sobre dois pilares, um metapsicológico – a sublimação é um *destino* da pulsão – e outro valorativo, ligado ao reconhecimento

social.

Talvez seja conveniente esclarecer que a palavra alemã *Schicksal*, que foi traduzida como *destino*, significa também “sorte”, “fortuna”, “sina”, como quando se diz: “abandonar alguém à própria sorte”, “ter a mesma sorte” etc. Com bom critério, Luis López Ballesteros, na primeira edição de sua tradução das *Obras completas*, propõe “As pulsões e suas vicissitudes”, acepção que, apesar de não ser literal, expressa muito bem o que Freud quer indicar. As vicissitudes, ou os modos de processamento ulterior, os destinos da pulsão sexual infantil, são três, segundo o exposto em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (vol. VII): 1) a perversão, 2) a repressão e 3) a sublimação. Diz a respeito da sublimação que – e aqui temos a primeira das inúmeras definições que nos dá do conceito – “procuram-se drenagem e emprego em outros campos para as excitações hiperintensas que vêm das diversas fontes da sexualidade, de modo que o resultado [...] é um aumento nada desprezível da capacidade de rendimento psíquico”. E acrescenta: “Aqui há que discernir uma das fontes da atividade artística”. Em termos semelhantes, ele se expressa quando aborda o tema em “Moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna”, de 1908 (vol. IX), em que lemos:

A pulsão sexual [...] põe à disposição do trabalho cultural volumes de força enormemente grandes, e isso, sem dúvida nenhuma, deve-se à peculiaridade, que ela apresenta com particular destaque, de poder deslocar sua meta sem sofrer uma diminuição essencial quanto à intensidade. Essa faculdade de permutar a meta sexual originária por outra já não sexual, mas psiquicamente aparentada com ela, chama-se faculdade para a *sublimação*.

A sublimação explica o modo como o homem pode estetizar suas misérias, transformá-las em outra coisa, mas com os materiais que já estavam em sua origem. Por isso, embora Freud escolha um termo alemão, mas de origem latina, *Sublimierung*, carregado de ressonâncias idealistas, aquilo que é elevado parte também do inferno.

Algumas linhas mais adiante, ele precisa justamente que as pulsões parciais resultam “inutilizáveis para a função reprodutora” e são os elementos “chamados perversos da excitação sexual” que são suscetíveis de ser sublimados. Um primitivo prazer em tocar a matéria fecal pode derivar no gosto pelo trabalho com tinta a óleo em uma pintura; um impulso agressivo pode transmutar-se no prazer de esculpir a pedra; um interesse por olhar corpos nus pode virar o prazer pela fotografia; uma curiosidade sexual da qual surgiram teorias pode tornar-se satisfação pela investigação intelectual etc.

A pulsão sexual pré-genital pode: a) sofrer o destino da repressão, o que implica

uma impossibilidade de atingir diretamente a meta da satisfação, de modo que resta somente a possibilidade do retorno do reprimido, que permite uma satisfação indireta por meio do sintoma neurótico; b) eludir a barreira da repressão, dirigir-se livremente à meta e obter a satisfação direta por meio da descarga, caso que admite somente duas opções: a descarga direta, perversa, ou a dessexualizada, sublimada.

Discutiu-se o tema do suposto fim não sexual, mas isso pode ser entendido segundo o conceito de prazer de Lacan, que fala de uma satisfação que não necessariamente é sexual. Para Freud, a transformação de uma atividade sexual em uma atividade sublimada requer um tempo intermediário, que consiste na retirada da libido dos objetos e a volta sobre o ego. Esse processo pode ser entendido com base em um exemplo clínico. Trata-se de uma mulher com sobrepeso cujo olhar está dirigido à relação de seu pai com uma irmã mais bonita e sedutora, segundo ela, a preferida, a “rainha” dele. Transcorrido um tempo de análise, ela relata, com grande satisfação, o que lhe aconteceu em uma viagem, quando, no hotel em que se hospedava, houve um baile à fantasia cuja regra era utilizar os elementos que houvesse ali; não deviam comprar peças produzidas. A mulher fez uma coroa com o papel de um alfajor e, assim, ganhou o primeiro prêmio. O exemplo mostra um desprendimento do olhar posto na outra mulher como “rainha do pai”, que pode ser pensado como

retirado da libido e posto sobre o ego. O elemento pulsional ligado à oralidade – o alfajor – transforma-se em outra coisa: uma criação que será estimada socialmente. Tal valoração repousa na produção de uma coroa de papel com algo que iria para o lixo. A sublimação, para Lacan, consiste justamente nisso: elevar o objeto à dignidade da Coisa. Essa mulher ganha o prêmio porque seu diadema não foi produzido em uma indústria nem é de ouro ou prata; é feito com essa Coisa de seus deleites orais.

## **Cronologia**

---

### **Século IV a.C.**

A *Poética* de Aristóteles será a base das ideias posteriores relativas à arte como mimese da natureza.

### **Século XIX**

Com a palavra *sublimação* (*Sublimierung*), Nietzsche designa a ação da vontade de poder, que, em vez de negar o caos dos impulsos, os ordena em dispositivos e os submete à lei de sua autossuperação constante. Recuperar nosso mundo instintual significa, então, reorientar sua configuração e suas relações de força, desmontar o automatismo que agora os rege como resultado de uma longa ação de adestramento e repressão e saneá-los ao sublimá-los em um sentido mais construtivo.

### **1905**

Freud desenvolve o modo como a pulsão, com base na sublimação, liga-se com a cultura, quando, em geral, se opõe à cultura. Assim, o conceito de sublimação se opõe ao de repressão.

### **1908**

Em “Moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna” (vol. IX), Freud teoriza acerca do modo como a cultura se edifica sobre a sufocação das pulsões.

### **1915**

Freud conceitua o processo de sublimação como um destino da pulsão.

### **1959-1960**

Lacan reelabora o conceito ao afirmar que na sublimação se eleva o objeto comum à dignidade da Coisa como aquilo mais pulsional que tentamos manter distante.

### **1975**

O psicanalista francês Cornelius Castoriadis elabora uma teoria original da sublimação, na qual transpõe o conceito ao domínio dos feitos sociais.

Em poucas palavras:  
Chama-se *sublimação* certo tipo  
de modificação do fim e de  
mudança do objeto na qual entra  
em consideração nossa  
valoração social.

# Capítulo 3

## O retorno do reprimido

# 11. O sonho, via régia de acesso ao inconsciente

O sonho é, para Freud, a via régia de acesso ao inconsciente, a ponto de afirmar que quem não souber explicar a gênese das imagens oníricas irá se esforçar em vão para compreender as fobias, as histerias, as obsessões e os delírios. Tal é o valor teórico que lhe outorga que imagina que, ao decifrá-lo, estará entre aqueles que transcendem, com suas descobertas, seu destino como mortais. Sua grande obra *A interpretação dos sonhos* (vol. IV-V) é publicada em 1899. Naquele momento, não tem boa repercussão, mas ao longo do século XX sua influência ultrapassa o campo clínico e se transforma em fonte de inspiração para escritores, filósofos, cineastas e todo o movimento surrealista.

Para Aristóteles, o sonho, antes de um presságio de forças externas ao sujeito, é uma manifestação da alma daquele que sonha. Eis por que Freud destaca que, para o estagirita, o sonho é um objeto de investigação psicológica. Desde o advento da ciência, o sonho perde seu lugar como produto da atividade psíquica

e se transforma em mera expressão de processos somáticos. Somente os filósofos e os poetas lhe outorgam um lugar negado pelo cientificismo.

Há muito tempo, os sonhos se prestam a ser interpretados porque o homem considera que abrigam uma mensagem benévola ou hostil, proveniente de potências superiores, deuses e demônios. Já nas primeiras civilizações, a humanidade considera o sonho um enigma inquietante. Transforma-se, ao mesmo tempo, em suporte para uma convenção literária e em matéria para uma crença supersticiosa. No antigo Oriente, assim como na Antiguidade greco-romana, são considerados mensagens de um deus, que, por esse meio, avisa os mortais de suas intenções gerais ou do destino que lhes reserva. A história bíblica nos dá um exemplo desse procedimento na interpretação dada por José ao sonho do faraó: as sete vacas gordas sucedidas por outras sete vacas magras que devoram as primeiras constituem uma substituição simbólica da previsão de sete anos de fome que haverão de consumir a abundância produzida no Egito por outros anos de prósperas colheitas. Claro que essa interpretação simbólica é impossível nos sonhos confusos, desordenados, ilógicos.

**Você sabia que...** com a obra *A interpretação dos sonhos* (vol. IV-V), o ano de 1900

marca a origem da psicanálise, com seu método de interpretação?

Os filósofos e os poetas não minimizam o que o material onírico revela: Kant afirma que o sonho tem por função descobrir o que teríamos sido se não fosse pela educação; para Fichte, reflete o humor antes da vigília; Schubert o vê como uma emancipação do espírito do poder da natureza. Não é casual que Descartes, pai da filosofia moderna e marco fundamental para o desenvolvimento da ciência moderna, repudie o sonho por buscar uma certeza que só pode encontrar despreendendo-se do onírico, apreciado como enganoso. A ciência não se interessa por esse produto, que passará a ser estimado pelo romantismo alemão, que tem grande influência de Freud. Em oposição explícita a todos aqueles que julgaram o sonho como algo alheio à ética do sujeito, Schopenhauer (2015) diz que todos atuamos em sonhos conforme nosso caráter, e Fischer afirma que os sonhos revelam nossos mais íntimos sentimentos.

Com o declínio do romantismo e o desenvolvimento do pensamento positivista que inscreve o desatino na ordem da doença, o sonho fica relegado à categoria de um produto puro da atividade cerebral. Freud combate essa concepção, precedido pelos trabalhos de Alfred Maury, Albert Scherner e do marquês de Saint-Denys, que consideram o sonho uma

## expressão da vida anímica.

O lugar da interpretação não se separa tanto da ciência em seu método porque, longe de ser arbitrário, segue uma lógica que logo levará Lacan a conceituá-la como a do significante.

O primeiro passo que Freud dá diz respeito à natureza da interpretação do sonho, cujo método não se baseia em referências externas àquele que sonha, mas, sim, nas associações livres que emergem neste durante a análise. Seu sentido não depende do capricho de um intérprete alheio – como na Antiguidade –, mas se revela nelas mesmas; aquele que sonha estará, assim, em sua origem. Contudo, o sujeito não é um autor que precede o relato, nem o sentido do sonho está por trás do que se profere. A psicanálise mostra que a dimensão de profundidade está na própria superfície. É com base nos sonhos que Freud descobre uma “inteligência inconsciente” e que, para chegar a ela, não é necessário saber mergulhar, mas saber escutar.

Segundo um sucinto rastreamento pela época anterior a Freud, os sonhos se prestam a uma interpretação e são inclusive ponderados como manifestações do mais secreto da alma. Qual é, então, a grande descoberta de Freud que motivou Michel Foucault a dizer que *A interpretação dos sonhos* (vol. IV-V) é, junto de *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, e *O capital*, de Karl Marx, uma das três obras fundamentais do mundo moderno? Qual é o mérito que faz com que Freud afirme que se trata de seu trabalho mais acabado e que, quando tem dificuldades e hesitações com os problemas das

neuroses, recupera a lucidez recorrendo a suas páginas?

Freud não se guia pelo sentido aparente do sonho nem por sua falta de sentido, visto que o decompõe, e não toma seus elementos e associações emergentes de acordo com o senso comum, mas como hieróglifos, em sua qualidade de letras. A chave da interpretação não se encontra no campo do conteúdo manifesto, e sim no conteúdo latente, cuja captura aponta às coisas ditas e ao mesmo tempo silenciadas. “Eu falei sem saber que estava falando” é o que descobre aquele que sonha quando, por meio da transferência, revela-se que não houve “injeção de sentido”, mas que ele mesmo estava ali. Realizado esse trabalho de decifração, Freud conclui que o sonho é a realização de um desejo inconsciente. Tal aporte é tão subversivo quanto o método de interpretação baseado nas associações e na quebra da significação convencional. O desejo em Freud não é o anseio consciente nem segue as aspirações de nossos ideais; divide-nos porque indica outra dimensão, desconhecida. Com a descoberta posterior da pulsão de morte, haverá sonhos que constituem uma exceção a esse princípio, sonhos de castigo, outros que celebram uma situação traumática; mas o sonho como realização de desejo não perderá seu estatuto nodular.

# Cronologia

---

## **Séculos IV, V e VI a.C.**

No pensamento grego correm duas tendências: por um lado, considera-se que o sonho abriga uma mensagem divina e premonitória; por outro, a corrente mais culta estima que o sonho é um produto psicológico (Aristóteles).

## **Fim do século I–início do século II a.C.**

Artemidoro de Éfeso, cartógrafo e geógrafo grego, é o interpretador dos sonhos e o faz baseando-se no simbolismo desses.

## **Fim do século XVIII–século XIX**

Hegel rejeita o sonho por considerá-lo uma atividade que se subtrai à análise dialética racional. No entanto, o sonho está no núcleo das preocupações da maioria dos poetas e filósofos do romantismo alemão, desde Schelling até Nietzsche, passando por Schopenhauer.

## **1900**

Freud escreve sua grande obra *A interpretação dos sonhos* (vol. IV-V), na qual demonstra que os sonhos são a realização de um desejo reprimido, infantil e inconsciente.

## **Século XX**

Os surrealistas se inspiram nas ideias freudianas. O convívio de Lacan com tal movimento terá certa influência em sua aproximação a Freud.

Em poucas palavras:  
Com base nos sonhos, Freud  
descobre as leis dos processos  
inconscientes.

## 12. Os sonhos e as formações do inconsciente

O lugar que Freud outorga ao desvelamento do sonho mostra de que maneira sua descoberta transita entre a intuição antiga e o rigor lógico do pensamento científico. As teorias freudianas seriam parcamente científicas conforme um padrão de cientificidade ditado por uma epistemologia dominante, apegada demais a rotinas de conhecimento que encontram um distante precedente em alguns procederes da física clássica. No início do século XXI, vale perguntar uma vez mais, porém, em que consiste o caráter científico de um discurso. Bastará obedecer a paradigmas epistemológicos construídos ou se tratará, antes, de abrir ao conhecimento territórios inexplorados, modificando, assim, a própria natureza da racionalidade, que não pode permanecer incólume diante das novas descobertas?

Em *A interpretação dos sonhos* (vol. IV-V), Freud assinala que o

trabalho do sonho transforma uma ideia inconsciente em um hieróglifo que muda as palavras e encontra similaridades entre elas, além de seu sentido e por equivalência fonética. Dessa maneira procedem o poeta, o humorista e aquele que constrói trava-línguas. Assim se fazem também os lapsos, sem que tenhamos a intenção de produzi-los, visto que se criam sozinhos. Se o lapso nos mostra o outro discurso irrompendo na fala que julgávamos controlar, o esquecimento dos nomes próprios nos indica a contrapartida desse mecanismo, porque essa palavra que julgávamos controlar é arrastada na repressão pelo discurso inconsciente. Lapsos, chistes, esquecimento de nomes e atos falhos ilustram como outra cena irrompe no homem “normal” e o reprimido se infiltra. Tais substituições devem ser entendidas em duplo sentido: econômico, porquanto aportam uma satisfação que substitui o desejo inconsciente, e simbólico, quando o conteúdo inconsciente é substituído por outro seguindo certas linhas associativas.

O método da interpretação onírica é o mesmo utilizado na análise dos sintomas; o sonho joga luz sobre o patológico e tem, dentro das diversas formações do inconsciente, um lugar privilegiado. Para tal trabalho, parte-se de que aquele que sonha se abandone à associação livre, que não é tal, visto que obedece a um determinismo desconhecido. Não importa que o

sonho seja absurdo: não é preciso se remeter ao que parece querer dizer, mas, sim, limitar-se a evocar cada elemento, longe de considerar o sonho como um todo. Trata-se de revelar o trabalho do sonho isolando as forças que operam nele; a censura onírica participa de sua desfiguração do mesmo modo que opera na imprensa. Franqueada a resistência à interpretação do sonho, que opera tal como a censura, manifestam-se os pensamentos inconscientes que foram o motor do sonho e que, por sua lógica, farão Freud dizer que existe uma “inteligência inconsciente”.

O retorno do reprimido deve ser entendido como um processo em virtude do qual os elementos reprimidos, não sendo abolidos pela repressão, tendem a reaparecer e o fazem de modo deformado, em forma de transação.

O sonho é, para Freud, o guardião do repouso, aquilo que possibilita o ato de dormir, nosso colchão necessário. Em estados de grande angústia, não podemos descansar porque não podemos sonhar; a angústia impede que recorramos às ficções oníricas. Isso ocorre a tal ponto que, mesmo quando dormimos, os sonhos de angústia interrompem a atividade onírica e provocam o despertar. Ao analisar o trabalho do sonho, Freud descobre os processos inconscientes de deslocamento e condensação: pelo deslocamento, algo ínfimo toma o lugar do importante; pela condensação, um elemento

toma o valor de múltiplas representações. O conteúdo manifesto designa o sonho antes de ter sido analisado, tal como se apresenta àquele que sonha quando o sonho é narrado. O conteúdo latente surge quando se interpreta o sonho; uma vez decifrado, já não aparecerá como uma narração em imagens, mas como uma organização de pensamentos, de ideias que vetorizam desejos. Todas as tentativas de resolver os problemas do sonho anteriores a Freud partem do *conteúdo manifesto*. “Somos os únicos”, dirá, “que abordamos outra explicação das coisas; para nós, entre o conteúdo onírico e os resultados de nosso estudo inclui-se um novo material psíquico: o *conteúdo latente*, ou pensamentos do sonho, esclarecido por nosso procedimento. Com base nele, não no *conteúdo manifesto*, desenrolamos a solução do sonho”. Essa solução surge como consequência de uma tradução do material pictórico que o sonho oferece à linguagem das ideias inconscientes. “O conteúdo do sonho nos é dado, por assim dizer, em uma pictografia; cada um dos seus signos deve ser transferido à linguagem dos pensamentos do sonho. Erraríamos manifestamente o caminho se quiséssemos ler esses signos segundo seu valor figural, em vez de fazê-lo segundo sua referência significativa.”

**Você sabia que...** diferente da ciência, a verdade que a psicanálise descobre diz

respeito ao sujeito em sua singularidade?

Nos sonhos e na psicopatologia da vida cotidiana, Freud encontra também no homem “normal” a oposição consciente/inconsciente que se manifesta nas neuroses. Não poderíamos saber nada sobre a repressão se não fosse por seu fracasso, e este se manifesta pelo retorno do reprimido: sintomas, chistes, sonhos, atos falhos, lapsos. Essas formações também são chamadas de *compromisso*, pela forma que adota o reprimido para que seja admitido no consciente; assim, as representações reprimidas se encontram deformadas pela defesa. Desse modo, na mesma formação, como em uma transação, podem ser satisfeitos o desejo inconsciente e a exigência defensiva.

Embora o sonho tenha um sentido que é interpretável, há um limite para a interpretação. Freud chega a um lugar onde o sentido parece escapar e o denomina *umbigo do sonho*. A metáfora é maravilhosa, uma vez que o umbigo é como o do nosso corpo, lugar que encaminha ao desconhecido, mistério da vida, do desejo parental e da sexualidade que nos trouxe ao mundo. O inconsciente é como uma trama de elementos articulados, mas há espaços desprovidos dessa trama; o umbigo do sonho indica o limite da representação.

O valor concedido à linguagem em seu caráter de letra fará Lacan dizer precocemente que o sonho imagina o símbolo e que a interpretação simboliza a imagem. O caráter de charada do sonho leva o psicanalista francês a conectar a condensação e o deslocamento com a teoria da linguagem dos estruturalistas e, assim, introduz modificações fundamentais

com base na psicanálise. Mas não se pode reabrir todo o real mediante o simbólico; Freud encontra esse limite nos sonhos.

Por isso Freud diz que, mesmo nos sonhos mais bem interpretados, “é preciso deixar um lugar em sombras, porque na interpretação se observa que ali há uma madeixa de pensamentos oníricos que não se deixam desembaraçar”.

## **Cronologia**

---

### **1901**

Freud publica “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (vol. VI), no qual demonstra interesse por fenômenos de aparência anódina, como os esquecimentos, os lapsos e os outros atos falhos, para demonstrar sua relação com o inconsciente. Demonstra, assim, que o campo de ação da psicanálise não se limita ao domínio da patologia.

### **1909**

Em sua viagem aos Estados Unidos, nas cinco conferências sobre psicanálise feitas na Universidade Clark, Freud abala a sociedade norte-americana ao demonstrar o paralelismo entre os mecanismos que operam nos atos falhos e nos sintomas patológicos e, assim, indica que não existe nenhuma diferença fundamental entre o neurótico e o homem normal.

### **1957-1958**

Lacan denomina de *formações do inconsciente* esses retornos do conteúdo reprimido, que relacionará com as leis do significante.

### **2009**

Miller considera que esse interesse de Freud pelo que a razão dejeta deu base para a elaboração do surrealismo. Isso explica o interesse dos surrealistas pela psicanálise.

Em poucas palavras:  
As formações do inconsciente  
testemunham o fracasso da  
repressão em sua tentativa de  
deixar o inconsciente mudo.

## 13. O sintoma

De todas as formações do inconsciente, o sintoma se destaca por uma perdurabilidade no tempo que as outras não têm. Acompanha nosso viver, insiste em se fazer ouvir, irrompe intempestivamente com uma força que não cessa, perdura e não se esquece. Não tem o caráter evanescente de um sonho nem pode ser esquecido, como um lapso. Mas há sintomas e sintomas: alguns não sobrevivem e são levantados em uma análise, outros parecem operar como marcas indeléveis. É assim que o sintoma caracteriza nossa singularidade. Por isso, para fins de uma análise, Lacan propõe saber o que fazer com ele, uma vez que o sintoma tenha sido reduzido, transformado e seja funcional ao sujeito.

Os grandes avanços da psicanálise estão vinculados à pergunta pelo sentido dos sintomas, pela razão de sua insistência e pelo estatuto perene de alguns deles. A cura analítica desenhada por Freud alivia; seu voto é tornar a vida mais simples; mas sempre deixa um resto, o sintoma

“ineliminável” que o fará avançar em sua descoberta. No começo, Freud pensa que basta a interpretação e que o sintoma é equiparável a outras formações do inconsciente. Logo, descobre que não se trata só de uma formação substitutiva, mas que traz em si uma satisfação substitutiva e libidinal que o torna rebelde à mudança. Como formação substitutiva, é interpretável como uma metáfora: pensemos na histérica de outrora, que, logo após uma aproximação sexual não consumada, tem dificuldade em caminhar; seu medo de dar “um mau passo” explica o sintoma conversivo. Como satisfação substitutiva, não se levanta tão facilmente porque não expressa só uma mensagem, mas abriga um prazer que indica o caráter inercial da libido. Se para Freud os sintomas se articulam com a verdade, esta estará irremediavelmente ligada ao polo pulsional; o sintoma não é só uma formação substitutiva, mas uma satisfação substitutiva.

Assim, o sintoma freudiano quer a satisfação antes da comunicação. Em outras palavras, em Freud o sintoma não é só metáfora, visto que não é somente uma formação substitutiva, mas uma satisfação substitutiva, fato pelo qual é difícil separar, em sua obra, a verdade do sintoma da “carga” que traz em si. Não devemos esquecer que ele indica, sem ambiguidade: “Daqui se depreende que o destino da carga de

afeto do representante é muito mais importante que o da representação, que ali está o que decide nosso juízo sobre o valor do processo de repressão”.

**Você sabia que...** o sintoma é uma formação transacional entre a defesa e a pulsão, como uma operação na qual confluem as duas faces?

Nem a descoberta da existência da repressão sobre a sexualidade nem a do inconsciente conseguirão, por si só, derrubar os postulados metafísicos. É só o sintoma que derrui as antíteses; o que se quer condenar aparece disfarçado na mesma condenação. Já não se pode falar de dois polos separados por uma linha divisória; é necessária outra topologia. Para Freud, o homem virtuoso leva em seu caráter o traço das pulsões que trata de impugnar; o sintoma como satisfação substitutiva mostra o fracasso da defesa metafísica, que divide as áreas que não quer corrompidas. Dado que o sintoma não tem nem direito nem avesso, ele é uma formação transacional na qual seus compostos se situam em uma mesma face: é ao mesmo tempo exterior e interior.

A simples existência do sintoma não basta para desencadear o pedido de análise. De fato, esta pode ocasionar sofrimento, mal-estar e infelicidade; mas, se não houver pergunta sobre o sintoma, a porta para o dispositivo analítico

estará fechada.

No início da análise o sintoma ocasiona sofrimento, perguntas e mal-estar. A análise reduz esse pesar, desaparecem alguns sintomas e resta aquilo do qual o sujeito não pode se desembaraçar, o mais real: saber o que fazer com isso aproxima essa tarefa à de um artista.

Em *O seminário 10: a angústia*, Lacan (2005) diz que o sintoma basta a si mesmo e não precisa do Outro. O passo para a análise implica uma transformação, porque envolve a crença de que o sintoma quer dizer algo que se deverá decifrar. Dimensão, pois, que já inclui o Outro.

No começo de uma análise, a pergunta pelo significado do sintoma se produz porque a angústia está presente na sessão; o sintoma precisa dela como motor para aparecer. Por essa razão, Lacan recomenda não aceitar na análise aqueles que vão para “se conhecer melhor”. A análise não é uma mera descoberta epistêmica; causa um sofrimento, um imbróglio que põe em jogo o patético de uma existência.

Nesse mesmo seminário, Lacan assinala que, para que o sintoma saia do estado no qual ainda não está formulado, é necessário que o sujeito advirta que há uma causa. Muitas vezes, esse momento está vinculado ao encontro com uma mulher, a partir do qual o sintoma se atualiza, ou impõe-se uma interrogação inédita referente a ele. Acreditar que ela, a

mulher, pode dizer algo relativo a uma verdade concilia-se com a crença de que algo do próprio sujeito pode ser decifrado. A conexão entre o sintoma como enigma e uma mulher é evidente aqui. Mas Lacan é mais radical quando diz que a mulher é um sintoma. E é, na medida em que o homem ali acredita: “acredita que ela efetivamente diz algo”. A esse respeito, vale perguntar se um homem pode acreditar que seu sintoma pode dizer algo, se não acredita que ela poderia dizer algo. Lacan frisa um ponto que a língua francesa permite: não acreditar em uma mulher, mas, sim, acreditar “ali”, ou seja, acreditar que há um lugar êxtimo, acreditar inclusive nesse lugar. Sobre essa questão, Maddox (1994) diz: “Nora é importante porque pertenceu a Joyce e porque, de fato, nunca lhe pertenceu”. É que a mulher, assim como o sintoma, tem um caráter “hétero” com relação ao sujeito. Acaso Freud não chama o sintoma de *terra estrangeira interna*?

Ao passo que no sonho o desejo aponta para sua realização, no sintoma a pulsão aponta para a satisfação. Forço essa diferença para destacar que, embora sejam duas formações do inconsciente, quando Freud se refere ao sintoma, ele enfatiza seu caráter de “prática da vida sexual do doente”, e não tanto o caráter evanescente do desejo das outras formações substitutivas. Ao falar dos neuróticos, Freud diz que “os sintomas devem ser compreendidos como uma satisfação substitutiva do que se sentiu falta na vida”. Ideia que bem pode se articular com a de Lacan acerca do lugar do sintoma como aquilo que supre a ausência de relação sexual.

## Cronologia

---

O termo *sintoma* deriva do grego *symptoma*, “coincidência”. A partícula *syn* indica a união, a afluência, e vale como a preposição “com”. *Ptôma* significa “queda”. Assim, em medicina, indica, por um lado, a conjunção, a união, a harmonia do organismo e, por outro, a disrupção, a queda, a perda ou alteração dessa harmonia.

### **Século II**

Com Galeno, inscreve-se o uso de *sintoma* no discurso médico, e, até a atualidade, mostrará seu valor de sinal revelador de uma doença.

### **1908**

Freud afirma que todo sintoma é sustentado e fundamentado por uma fantasia inconsciente.

### **1925-1926**

Freud formula o sintoma como a satisfação substitutiva de uma pulsão reprimida; já não se trata do desejo reprimido, mas da pulsão em primeiro plano. Tal satisfação, inconsciente, permanece oculta sob o mal-estar do sintoma como algo displicente e incômodo para o paciente.

### **1976**

Lacan situa no fim da análise o “saber o que fazer com o sintoma”, ou seja, saber desenrolá-lo, manipulá-lo, uma vez que se toma distância dele.

Em poucas palavras:  
Em psicanálise, o sintoma não funciona como na medicina, porque não é objetivável, na

medida em que nos interroga e  
guarda uma verdade que nos diz  
respeito.

# Capítulo 4

## A economia libidinal

## 14. A libido

A palavra *libido* significa, em latim, “desejo”, “inveja”. Para Freud, faz referência à manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e ao substrato de todas as suas transformações. Traduzida como *vontade* ou *desejo*, seu uso está difundido e aparece na língua como marca indelével do freudismo. Mas a libido é muito mais que o que designam esses termos, visto que aponta para um aspecto energético que explica a densidade das fixações neuróticas, o apego a certas pessoas ou coisas, a determinados pensamentos, ao corpo em si, ao ego, e também explica a razão dos possíveis deslocamentos. Com a introdução desse vocábulo, Freud constrói sua teoria da sexualidade. No entanto, a psicanálise não é pansexualista, porque Freud sempre opõe a essa energia outra de caráter não sexual.

Não é que a psicanálise nos faz voltar a uma infância ligada a um passado, mas, sim, que essa infância está no presente, no caráter libidinal das zonas erógenas mais além do genital. A teoria dos estágios libidinais é fundamental na

elaboração freudiana, e basta observar uma criança para ver suas etapas: oral, anal, fálica. Também é suficiente determo-nos em um adulto para comprovar suas fixações.

A teoria da sexualidade freudiana é diferente da declarada pela sexologia e tem diversas etapas, nas quais o criador da psicanálise explica suas elaborações. No fim do século XIX, cientistas e médicos da alma se preocupam com a sexualidade, e o nascimento da sexologia deriva também de tal inquietude. O *eros* platônico grego perde lugar para a *libido sexualis*; os catálogos e as descrições de suas formas e desvios impregnam longos manuais, como o de Havelock Ellis. A importância concedida à sexualidade não espera a descoberta de Freud, visto que a revelação dessa descoberta é o caráter que essa sexualidade possui. Primeiramente, aparece como desarmônica, e a libido fala desse caráter: fixa-se em objetos “impróprios”, é reticente às mudanças, não se sujeita aos parâmetros da adequação. A libido não é a sexualidade dos sexólogos, não é uma atividade meramente somática; é “energia” como manifestação da pulsão. Claro que não é puramente uma energia, como acreditava Jung, e aqui vale recordar que esse discípulo suíço, que quis despojar a energia de sua marca sexual, foi aquele em cuja vida a sexualidade irrompeu manifestamente quando não devia. Sendo casado,

seu romance com Sabina Spielrein, que na época era sua paciente, é conhecido na literatura psicanalítica e foi levado ao cinema no filme *Um método perigoso*, de David Cronenberg. No que Freud analisa a transferência amorosa de seus pacientes, Jung a vive intempestivamente, mancha que, sem dúvida, quer limpar purificando de sexo a energia.

Jung rejeitava a ideia freudiana e considerava que a libido era uma “força voluntária”. Em 1911, a divergência ficou evidente; ele rejeitou o complexo de Édipo e a ideia do incesto e negou a origem sexual da neurose.

O peso dado à sexualidade não transforma a psicanálise em um monismo pansexualista, no qual tudo seria sexual. Freud trabalhou para lhe contrapor outras forças que entram em conflito com ela, que às vezes se misturam, se entrelaçam ou se separam. O dualismo pulsional atravessa a teoria freudiana e tem diferentes nomes: pulsões sexuais opostas às pulsões de autoconservação, pulsões sexuais opostas às pulsões do ego, pulsões de vida opostas às de morte.

Adverte-se o caminho percorrido por Freud: contra os sexólogos que não consideram o aspecto inconsciente ligado à sexualidade, ou que a reduzem à genitalidade; contra Jung que quer sufocá-la em uma instância assexual. A libido não só pode investir os objetos que exercem atração, como também o próprio sujeito, e, assim, dar uma explicação ao narcisismo. A

libido também pode ser deslocada, pode mudar de objeto e de fim, investindo objetos valorizados socialmente – processo chamado de *sublimação*. Freud gosta de pensá-la como uma ameba que lança pseudópodes, que saem e retornam ao próprio corpo. Sua viscosidade e também seus possíveis deslocamentos explicam o processo analítico e as mudanças que um sujeito pode experimentar ali, assim como aquilo em sua singularidade que se mantém imperturbável. Para falar dela, Freud recorre a um símil zoológico, e Lacan, ao chamado *mito da lâmina*, que contrapõe ao mito do andrógino. O mito do andrógino domina a civilização ocidental sob a forma da “meia laranja”. É o postulado de Aristófanes em *O banquete*, de Platão, ao se referir a uma origem na qual existe um ser composto por duas metades, que, por castigo dos deuses, se dividem; então, cada uma busca a outra no amor, para assim restabelecer a unidade perdida. Lacan se opõe a tal concepção porque ela afirma que existe a complementariedade e que só é preciso encontrá-la.

**Você sabia que...** o conceito de *libido* tem, na psicanálise, um sentido específico e diferente do da sexologia?

O mito da lâmina, porém, indica que em cada nascimento escapa algo como uma substância imaterial, pura vida que se

expande e se derrama, não se deixa capturar, não pode ser trancada nem guardada, e ocorre também que inadvertidamente pode nos apossar à noite, aparecer de modo sinistro e mortífero enquanto dormimos tranquilamente. Nem bem surge em cada nascimento, os sujeitos lutam contra essa substância, montam armadilhas, tentam dominá-la ou educá-la, sem conseguir jamais, porque a lâmina é indominável e imortal.

A superação do mito do andrógino é a inclusão da sexualidade como órgão do corpo que participa da pulsão e do significante. É nessa dupla pertinência da sexualidade que se revela seu caráter mortífero para o sujeito. Lacan chama a sua própria superação do mito clássico de *mito da lâmina*; a diferença principal em relação a Aristófanes e os autores pós-freudianos que teorizaram o conceito de libido é que ele não a propõe como um campo de forças (dinâmica da libido), mas como um órgão.

A libido como energia pulsional tem sua fonte nas diversas zonas erógenas, que se comportam, em sua totalidade, como ilhas em relação ao corpo; daí decorre seu caráter parcial e autoerótico. O ego armazena essa energia libidinal, da qual é o primeiro objeto, mas, a seguir, em relação aos objetos exteriores, o “reservatório” se comporta como uma fonte, posto que dele emanam todas as *catexias*. Para Freud, a saúde consiste em poder amar e trabalhar, ou seja, na possibilidade de voltar essa libido para aquilo externo ao ego e ao corpo, embora seu núcleo persista nesse reservatório. A doença é sempre retração da

libido no ego ou no corpo, e o mito de Narciso a representa: jovem, belo e arrogante, ao ver sua imagem na água, quer encontrá-la, se desespera e, nessa fascinação letal, chega à morte.

## Cronologia

---

### Século XIX

O termo *libido* é utilizado pelos fundadores da sexologia, Albert Moll e Richard von Krafft-Ebing, como denominação da energia do instinto sexual.

### 1894

Freud começa a mencionar a libido em suas cartas a Wilhelm Fliess.

### 1905

É publicada a primeira edição da grande obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (vol. VII), na qual Freud desenvolve as transformações da libido, como se concentra nos objetos, como se fixa neles ou os abandona e como substitui um objeto por outro. Os objetos representam o exterior ao ego, e sua investidura será chamada de *libido objetal*; daí decorre a clássica oposição entre as pulsões sexuais – a libido objetal – e as de autoconservação. Seguindo Schopenhauer, Freud dirá que as primeiras tendem à conservação da espécie, e as outras, à conservação do indivíduo.

### 1911

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (vol. XIV), Freud postula que as pulsões sexuais não só investem os objetos, como também o próprio “ego” no fenômeno do narcisismo, mas o dualismo não fica abandonado: as pulsões sexuais opõem-se às de autoconservação em ambos os casos.

Em poucas palavras:  
Não é possível entender a  
conceituação que Freud faz da  
sexualidade sem apelar ao  
conceito de libido.

## 15. O prazer

O prazer é concebido, primeiramente por Freud, como redução de uma tensão, diminuição de uma quantidade, liberação de uma carga. Desse modo, faz parte da tendência originária de evitar o desprazer, articulada nele com o princípio da inércia. Na origem de sua obra, o prazer é pensado em termos fundamentalmente negativos: cessação de uma dor, subtração de um estímulo, alívio de uma excitação. As grandes descobertas freudianas partem da formulação dos obstáculos no caminho da realização desse princípio e levam a reformulá-lo. No fim de sua obra, Freud se interroga não só pela quantidade, mas também pela qualidade do estímulo: pretende encontrar no ritmo da excitação, e não só em sua diminuição, um critério que o autorize a falar do prazer com uma gravitação já não centrada exclusivamente no negativo.

A formulação do princípio do prazer tem uma referência concreta em um modelo energético próprio da física. Definido

em termos de uma redução da excitação, articula-se com o princípio de constância, no qual se trata de manter aquela em um nível mínimo. Há em Freud marcas da cientificidade de sua época. A origem do princípio de constância se encontra em Fechner, fundador da psicofísica, de quem, junto de Helmholtz, são tomadas as alusões centrais em torno da energética. Mas a experiência de satisfação como lugar próprio da psicanálise implica uma ruptura com o prazer entendido como constância.

A criança faminta chorará ou esperneará inerte, mas a excitação irá se manter imutável. Só se pode produzir uma mudança quando, por auxílio do outro, se realiza a ação específica, que cancela o estímulo endógeno. Um componente essencial dessa vivência de satisfação é, para Freud, a associação entre a imagem mnemônica de ser amamentado e a excitação proveniente da necessidade. Da próxima vez que esta última sobrevenha, irá se suscitar uma moção psíquica que quererá investir novamente a marca daquela percepção e, assim, restabelecer a situação da satisfação primeira. Tal moção se chama *desejo*, mas a nostalgia por querer reiterar a experiência de satisfação originária não conduzirá ao prazer, porque o objeto está perdido, e só restam suas marcas representacionais.

Embora o desejo destrua o equilíbrio orgânico

vinculado à redução da quantidade e imponha uma nova forma de prazer, que não se iguala ao princípio do prazer, a verdadeira quebra do princípio do prazer é introduzida com o conceito de pulsão.

O fracasso da função do sonho ilustra de que modo o desejo não recobre a pulsão. Para Freud, o sonho cumpre sua missão quando consegue enlaçar o desejo de dormir com o cumprimento de um desejo inconsciente. Assim, o labor onírico realiza o trabalho de ligar a excitação às marcas mnemônicas desiderativas, ao modo da vivência de satisfação. Enquanto essa tarefa se realiza de forma eficaz, cabe pensar no sonho como guardião do repouso. A conjunção entre a pulsão e o desejo garante o dormir e tempera a perturbação. E o prazer, mesmo abrigando em si uma cota de desprazer, não se questiona; as ficções do anseio fornecem satisfações.

Epicuro sabia da irremediável abertura traçada pelo desejo. Por isso, considera que a felicidade consiste na ataraxia, que tem por condição a limitação das paixões – daí o desapego em relação à riqueza e às honras – e a confiança nos deuses.

O desejo introduz uma nova forma de satisfação – o cumprimento, a realização – que não coincide com o prazer entendido como redução da tensão, porque não implica a diminuição da excitação nem conduz à descarga. Ao se enquadrar em uma busca infrutífera, abre repetitivamente a brecha entre a marca e o objeto, radicalmente perdido. O desejo desestrutura o marco homeostático vinculado à redução da quantidade. Impõe-se, em todo caso, uma nova forma de prazer que

não se iguala ao princípio do prazer: o prazer de desejar, a tensão do anseio. O princípio do prazer é o prazer como pura queda, liberação clara, ao passo que Freud prefere nomear o desejo como aquilo que impulsiona o trabalho psíquico, como seu motor mais intrínseco.

Se o sonho em si já implica uma modificação do princípio do prazer à medida que o desejo impõe um novo prazer, que é o de desejar, a pulsão introduz um franqueamento maior e torna o mesmo desejo transpassado. Lacan afirma que o sujeito acorda para continuar sonhando, ou seja, para se repor da comoção apelando aos discursos da vigília, que também são sonhos. O despertar é uma lufada, que tal como o relâmpago de Heráclito, dá um lampejo iluminador advertindo que nem tudo é sonho: existe um real. A pulsão freudiana é um conceito que se articula, de modo privilegiado, com essa dimensão. Freud nunca a pensa como puramente psíquica (sim, de qualquer maneira, como conceito-limite entre o psíquico e o somático), sempre propõe exigências à tramitação representacional e, assim, derruba qualquer pretensão de equiparar a psicanálise com o idealismo.

**Você sabia que...** a psicanálise diferencia o conceito de prazer do conceito de gozo e que Lacan se apoia no “além do princípio do prazer” em suas primeiras elaborações relativas ao gozo?

Lacan afirma que o psiquismo está mais preparado para alucinar que para satisfazer a necessidade. O desejo organiza o prazer em torno de ficções representacionais que impossibilitam a descarga, visto que estas abrem o sulco da separação inevitável com o objeto. Para Freud, o desejo busca um objeto radicalmente perdido, e essa busca não leva à redução da excitação, ou seja, faz fracassar o princípio do prazer.

O real, então, quebra o princípio do prazer como redução da excitação e faz fracassar o prazer articulado com as ficções do desejo. A sexualidade é desarmônica, causa disrupção, é traumática e anti-homeostática.

## **Cronologia**

---

### **Fins do século XIX**

Nos meios científicos, estendem-se à psicologia e à psicofisiologia os princípios mais gerais da física. Assim, aplica-se à psicologia o princípio de conservação da energia, segundo o qual, em um sistema fechado, a soma das energias permanece constante.

### **1900**

Freud equipara o princípio de prazer ao de desprazer ao desenvolver a hipótese de um aparato psíquico primitivo cujo funcionamento é regulado pela tendência a evitar o acúmulo de excitação e, na medida do possível, a excitação. Tal princípio preside o funcionamento do inconsciente.

### **1915**

Freud começa a pensar o tema da qualidade que faz com que existam tensões prazerosas; o prazer já não se relaciona só a uma diminuição da excitação.

### **1920**

Fatos da clínica mostram que os sujeitos repetem situações que não se relacionam

com o prazer. Freud descobre o “além do princípio do prazer” e o articula com a repetição.

### Em poucas palavras:

Ao longo de sua obra, Freud descobre que não se pode limitar o prazer a uma redução do estímulo e que, sob diferentes ângulos, impera um “além do princípio do prazer”.

## 16. O desejo

Para Freud, o desejo é o motor da atividade psíquica e tende a se realizar ao restabelecer os sinais ligados às primeiras experiências de satisfação infantil. Assim, sua causa é aquilo que não se encontra, visto que o objeto está radicalmente perdido e só restam suas marcas. Mas o criador da psicanálise não considera só seu caráter regressista, mas também sua vertente progressista. Ao atrair para o passado, o desejo tem uma atualidade presente que se projeta para o porvir. Freud utiliza o vocábulo *Wunsch*, que em alemão é muito mais “voto” que “concupiscência” ou “apetite” (de qualquer maneira, termos mais afins de “pulsão”), e, assim, marca uma relação importante com a recordação, com o investimento das marcas, com as imagens mnemônicas da percepção.

A matriz do desejo é, para Freud, a experiência de satisfação. Pensemos no “filhote humano”: a criança faminta chorará ou esperneará inerte, mas a situação irá se manter imutável. Só

se pode produzir uma mudança quando, por auxílio do outro, se realiza a ação específica que cancela o estímulo endógeno. Um componente essencial dessa vivência de satisfação é, para Freud, a associação entre a imagem mnemônica da nutrição e a excitação proveniente da necessidade. Da próxima vez que esta última sobrevenha, irá se suscitar uma moção psíquica que quererá investir novamente a marca daquela percepção, que restabelecerá a situação da satisfação primeira. Tal moção é o que se chama *desejo*; a reparação da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para isso é o que leva da excitação produzida pela necessidade à investidura plena da percepção.

Na primeira parte de seus ensinamentos, Lacan se centra no desejo e torna a colocá-lo no primeiro plano da teoria analítica. Dentro dessa perspectiva, diferencia-o de termos como *necessidade* e *demanda*. A necessidade se dirige a um objeto concreto com o qual se satisfaz; a demanda se articula em palavras e é demanda de amor além do objeto; e o desejo é irreduzível à demanda e não se articula com palavras, tem um caráter incondicional e absoluto.

O desejo introduz uma nova forma de satisfação – o cumprimento, a realização –, que se situa nas antípodas do prazer entendido como redução da tensão, porque não traz em si a diminuição da excitação nem conduz ao equilíbrio

homeostático. Enquadrando-se na busca infrutífera da identidade de percepção, abre repetitivamente a brecha entre a marca e o objeto radicalmente perdido.

Em uma linha diferente da de Hegel, Schopenhauer considera que o homem é escravo de um desejo como apetite irrefreável, com o qual se consome em via de uma felicidade impossível, visto que tal cadeia conduz a um permanente desassossego.

O tempo revela a vacuidade e o nada de todos os objetos da vontade; sob a forma temporal, a vacuidade das coisas se manifesta nas coisas fugazes, que são:

A vida para cada indivíduo tem um ensinamento: que os objetos de seu querer são enganosos, desconhecidos e decrépitos e causam mais dores que alegrias, até o instante em que a vida desaba no mesmo terreno em que se erguiam esses desejos. E nesse momento vem a morte, como último argumento, para acabar de convencer o homem de que todas as suas aspirações e toda a sua volição não são mais que erro e loucura.

Uma análise delimita os desejos que sempre deixam o sujeito insatisfeito, privilegia a satisfação, abala as ilusões e os anseios inesgotáveis das quimeras irreais. Uma análise conduz ao encontro com os desejos mais reais e faz o sujeito mais feliz, já não mais perdido no impossível.

Na última parte dos ensinamentos de Lacan, ocorre uma virada em relação à teorização do desejo, na qual ressoam os

ecos do *mundo como vontade e representação*. Nessa virada, Lacan deixa o que poderia ser entendido como uma apologia do desejo para, remetendo-se ao orientalismo, situar seu caráter ilusório, vácuo, evanescente. O que mais importa é a satisfação e, por isso, se diferenciarão os desejos ligados a ela daqueles que só partem da falta e da proibição. Eis por que esta sugestiva apreciação de Miller a propósito dos alvares de sua aproximação a Lacan:

Se me surpreendeu a palavra *falta* foi, de fato, porque concentrava isso do qual eu tinha conhecimento da elaboração de Lacan e lhe dava a base de sua teoria do desejo, inclusive, salvo revisão, de toda a teoria do desejo. Acaso direi *sem exceção*? Sejam prudentes, talvez haja uma grande teoria do desejo que prescindia dela.

**Você sabia que...** a diferença entre a necessidade e o desejo é que a primeira encontra sua satisfação no objeto adequado, ao passo que o segundo margeia um impossível?

Há desejos fundamentados apenas na proibição ou nos ideais que se pretende atingir, e não é certeza que o sujeito queira pagar seu preço. Vale recordar aqui o antigo provérbio chinês: “Cuidado com o que desejas, porque pode se realizar”. A análise leva o sujeito a não desejar o impossível, a que seus desejos tenham relação com sua singularidade, em vez de querer emular a dos outros.

Na primeira teorização do desejo, Lacan se apoia muito mais em Hegel que em Freud. O desejo freudiano é nostálgico, ignorante da alteridade, evocativo, reminescente. Por outro lado, para se referir ao desejo, Hegel utiliza a palavra *Begierde*, em vez de *Wunsch*; a tradução desse primeiro termo para o francês que Hyppolite faz é “*désir*”, e, em espanhol, usa-se a versão de Roces, que traduz *Begierde* como “*apetite*”. No início de sua obra, Lacan conceitua o termo *desejo* com base nessa tradição filosófica e lhe dá um caráter de reconhecimento, cobiça, appetite, que está ausente em Freud. Podemos dizer que o psicanalista francês “antropologiza” o desejo humano ao defini-lo como desejo do Outro, porquanto se configura por tal mediação. Não só desejamos o que o outro deseja, como também é no campo do Outro que nosso desejo se organiza.

## Cronologia

---

### 1901

*A interpretação dos sonhos* é a primeira obra na qual Freud fala de “desejo inconsciente”, desejo que não tem tempo: sendo infantil, é presente e ao mesmo tempo se projeta no porvir. A psicanálise mostra, tomando como base o sonho, a maneira como o desejo aparece, nas outras transformações do inconsciente, em forma de uma transação com a defesa.

### 1958-1959

Lacan faz uma nova leitura do desejo de Hegel e situa como constitutivo do desejo o desejo do Outro. Assim, o desejo do sujeito surge no campo do Outro. Ao mesmo tempo, diferencia esse termo de outros como *necessidade* e *demanda*. A necessidade se dirige a um objeto específico, com o qual se satisfaz; a demanda é formulada em palavras e se dirige ao outro; o desejo é irredutível à necessidade, já que se afirma além de seu objeto, e é irredutível à demanda, ao se afirmar além das palavras.

### 1964

Lacan distingue os desejos que só se articulam com o proibido daqueles amarrados

ao mais real do sujeito, a suas pulsões desconhecidas. Ao mesmo tempo, diferencia o desejo do analista dos desejos neuróticos e dá ao primeiro um caráter fundamental na direção da cura.

Em poucas palavras:  
Lacan diz que, na análise, o  
sujeito é levado a saber se  
realmente quer aquilo que  
deseja.

## 17. A felicidade

A busca da felicidade governou e governa o anseio do homem em toda a história da humanidade. Basta notar a facilidade com que expressamos o desejo de felicidade: “feliz Ano-Novo”, “feliz aniversário”, “feliz dia dos pais”, “feliz Natal” etc. Certamente esse afã tenta ser um antídoto contra as desgraças da vida, seus dissabores, a dor de existir, enfim, tudo aquilo que antes contraria a felicidade. Talvez por isso tais augúrios se levantem geralmente diante do futuro, a incerteza do amanhã. No entanto, não há termo que se preste a tantos sentidos, a tantas interpretações, a tamanha pluralidade de concepções; por isso a eterna pergunta: o que é felicidade?

Qual é a resposta da psicanálise a essa eterna pergunta? O criador da psicanálise é contundente quando, nas cercanias do fim de sua obra, afirma sobre o prazer:

Este princípio governa a operação do aparato anímico desde o início; sobre seu caráter acorde a fins não resta dúvida; não

obstante, seu programa entra em querela com o mundo inteiro, com o macrocosmo tanto quanto com o microcosmo. É absolutamente irrealizável, as disposições do Todo – sem exceção – o contrariam; pode se dizer que o propósito de que o homem seja “feliz” não está contido no plano da “Criação”.

No entanto, na sequência dessas afirmações, Freud assevera que a felicidade é episódica e parcial, afeita a contrastes e diferenças, intempestiva e nunca contínua. E prossegue:

Aquilo que, em sentido estrito, se chama *felicidade* corresponde à satisfação repentina de necessidades retidas, com alto grau de êxtase, e por sua própria natureza só é possível como um fenômeno episódico. Se uma situação ansiada pelo princípio do prazer perdura, em nenhum caso se obtém mais que um sentimento de leve bem-estar; estamos organizados de tal modo que só podemos gozar com intensidade o contraste, e muito pouco o estado. Já nossa constituição limita nossas possibilidades de felicidade.

**Você sabia que...** tanto Freud quanto Lacan acreditam em uma felicidade possível e a sustentam, mas somente depois de ter identificado a felicidade que não é possível?

Ecoa a conhecida afirmação de Borges: “Em todo dia, há um momento celestial e outro infernal”.

É interessante observar como hoje em dia nos espreitam as exigências de felicidade, os imperativos de dita, o dever de ser

feliz o tempo todo. Mas a felicidade freudiana não é contrária a altos e baixos, visto que os supõe; essa felicidade emerge qual fênix, sempre entre cinzas. Ao tentar excluir a disparidade das tonalidades, não se eliminaria a felicidade em si? Paradoxalmente, o homem sempre eufórico seria o homem infeliz, dado que, quando a felicidade é regida pelo dever superegoico como exigência de perdurabilidade, deixaria de ser felicidade.

Sabe-se da influência de Schopenhauer tanto em Freud quanto em Borges, e não só neles, mas também em Nietzsche, em Karl Popper e em Emil Cioran, entre outros. Seguindo as doutrinas orientais, o filósofo alemão considera que o homem é escravo de seu desejo, de uma vontade cega que o conduz a um apetite irrefreável com que se consome em via de uma felicidade impossível, pelo desassossego resultante de tais cadeias. O pessimismo de Schopenhauer se fundamenta no fato de que as pretensões dos homens são ilimitadas, os anseios são inesgotáveis, os sonhos satisfeitos engendram repetidamente novas aspirações e nada satisfaz sua cobiça, nada põe termo a suas exigências, nada preenche “o abismo sem fundo do coração”.

No entanto, o pessimismo de Schopenhauer não é equivalente ao de Freud, uma vez que para este o caráter episódico da felicidade não a torna menos valiosa nem a faz, por isso, infeliz. O perecível não fica identificado com o fútil, como tão bem está expresso em um breve texto chamado “Sobre a transitoriedade” (vol. XIV), que, embora trate do

prazer estético, é importante considerar aqui, porque alude ao valor do episódico. Trata-se de uma homenagem simples e translúcida a Goethe, ao mesmo tempo que um canto à vida, em meio aos horrores da Primeira Guerra Mundial, então em seu segundo ano. Freud se limita a contar um caso. Passeando com dois amigos, um deles um jovem, embora já célebre, poeta, os caminhantes se sentem subitamente embargados pelo lindo entorno. Apesar de admirar a beleza da natureza circundante, o poeta não pode gozar em plenitude, pois lhe preocupa a ideia de que todo esse esplendor esteja condenado a perecer. Tudo, em suma, lhe parecia carente de valor pela transitoriedade a que está condenado e que, certamente pela impiedosa guerra, se faz ainda mais presente.

Uma análise limita necessariamente a proliferação dos anseios, estes que, além de tudo, são tão exacerbados pelo capitalismo. Pensemos de que maneira o mercado potencializa a gula do desejo e galvaniza a insatisfação que impulsiona ao consumo.

Freud reage diante da desestima do caráter perecível do belo ao indicar primeiramente que tal posição pode originar duas tendências psíquicas diversas: o amargurado fastio do mundo (caso do poeta) ou a rebelião contra a fatalidade, em outros termos, a negação da morte ou da aniquilação. No entanto, e sem negar a índole transitória do belo, afirma com implacável coerência que, ao contrário do que acredita o

poeta, essa brevidade, longe de implicar sua desvalorização, aumenta seu valor devido a sua raridade no tempo. E o expressa dizendo que o valor de tudo que é belo e perfeito reside em sua importância para nossa percepção; não é mister que a sobreviva e, em consequência, é independente de sua perduração no tempo. O jovem poeta desvaloriza o belo, priva-se de seu gozo, subtrai-se ao prazer da contemplação do estético para evitar o previsível penar por seu desaparecimento. A fim de não se expor à dor e ao sofrimento, evita a experiência do prazer; não pode, então, experimentar tal gozo porque aquilo que é apreciado não garante duração no tempo.

O que seria uma felicidade perdurável se jamais fosse experimentada? Logo nos damos conta de que não seria mais que uma felicidade suposta, sonhada, esperançada, que representa um obstáculo para vivenciar a felicidade possível. A desilusão sempre acompanha o desejo; mesmo quando alcançado o objeto perseguido, o desejo, longe de tender a um objeto como a seu fim próprio, constitui, a rigor, seu único e próprio fim. Infere-se que, então, para Schopenhauer, entre o desejo e a felicidade não há acordo, porque o desejo, como vontade sempre insatisfeita, leva à infelicidade.

Lacan diz que não é preciso levar a análise muito longe: “Quando um analisado pensa que está feliz por viver, é suficiente”. “Feliz por viver” seria uma felicidade não baseada na busca do ter nem no esperar, curada então dos desditosos desejos que a malogram. No fim de sua obra, o psicanalista francês dá muito mais lugar à satisfação que aos anseios que a dificultam, em uma orientação na qual se ressaltam os desejos mais reais.

Esse desacordo não escapa da compreensão de Lacan quando afirma que “A felicidade evita a quem não renuncie à via do desejo”. No começo de sua obra, concede um lugar privilegiado ao desejo, motor do aparato psíquico para Freud. No entanto, logo adverte que não se pode falar do desejo em geral, que nem todos têm o mesmo valor.

“Há também desejos vazios, desejos loucos, que não se tratam mais que de desejos, por exemplo, de algo que foi proibido.” O grande paradoxo que a psicanálise descobre é que não é exatamente o mesmo querer e desejar. Em outras palavras: podemos desejar algo que na realidade não queremos e que só ansiamos porque não se realiza; isso conduz, inevitavelmente, à insaciável busca de outra coisa, ou seja, ao afã de felicidade que encaminha à infelicidade. Em uma análise se deveria produzir um ajuste entre os dois termos; assim, Lacan afirma que “o sujeito está chamado a renascer para saber se quer o que deseja”, e esta é “a verdade

que com a invenção da psicanálise Freud trazia ao mundo”. Não se trata, então, do mero desejar, mas de querer aquilo que se deseja.

## **Cronologia**

---

### **Século VIII a.C.**

Na Antiguidade, o termo *felicidade* se refere à dupla fortuna; assim, por exemplo, é notável ver em obras artísticas a felicidade representada pelo deus Jano. Suas cabeças simbolizam a boa e a má fortuna.

### **Século IV a.C.**

Com Aristóteles, a felicidade é equiparada à virtude, virtude de eudaimonia. Assim, a felicidade é “uma atividade da alma que expressa a virtude”. A maneira como os prazeres podem estar ligados à ética interessa vivamente a Lacan.

### **1929-1930**

Freud assinala que a felicidade possível está em contraste com o impossível.

### **1958**

Lacan afirma que a análise leva o sujeito a saber se quer o que deseja.

### **1963**

Em “Kant com Sade”, Lacan (1975c) contrapõe a felicidade ao desejo, dado que o desejo conduz à falta de sossego.

### **1976**

Lacan propõe que a análise conclui quando o sujeito se sente feliz por viver.

Em poucas palavras:

A felicidade é episódica, parcial e transitória... como a vida em si.

## 18. O trauma

A palavra *trauma* provém do discurso médico e designa uma ferida ou lesão dos tecidos produzida por agentes mecânicos. A psicanálise tomará o termo e gerará um novo conceito, que subverte o primeiro em suas linhas principais. Freud descobre que a sexualidade tem um viés traumático, visto que, assim como os traumas produzidos por estímulos externos, produz um *quantum* de excitação que não pode ser tramitado pelas palavras que tentam lhe dar significação. A sexualidade é traumática porque não entra em harmonia com o ego nem com os ideais que buscam um sentido enclausurado; talvez seja por isso que no campo erótico o sujeito se confronte com o que não fecha, como também lhe ocorre diante do inesperado.

Em um sentido freudiano, o modelo do trauma é a situação real de desamparo; por isso, essa ocasião se reflete muito mais na criança e retorna em diferentes momentos da vida. No infante, desencadeia-se diante de tudo aquilo que lhe

parece estranho e que desfaz as referências simbólicas e imaginárias que lhe dão segurança.

As pacientes histéricas de Freud remetem seus sintomas a um cenário de sedução no qual se vivencia o ominoso da sexualidade e o conseqüente desvalimento. No começo, Freud acredita que ali repousa o trauma, para logo se dar conta de que é a própria sexualidade que tem tal caráter, sem que se trate necessariamente da existência de um adulto pervertido.

“Histeria traumática” é para Charcot uma espécie de quadro marginal, isolado e diferenciado dos de casuística constitucional. Freud escuta psicanaliticamente: o que surpreende, o que aparece como acidental, o que subleva um critério estabelecido articula uma verdade. A analogia patogênica da histeria comum com a traumática justifica a extensão do conceito de histeria traumática.

Para Charcot, a etiologia da histeria é hereditária; os demais fatores que contribuem para sua eclosão serão chamados de *agentes provocadores*. Mas a investigação também recai em um tipo de quadro denominado *histeria traumática*, que se afasta desse critério normativo. Nessa neurose, os sintomas aparecem após um período de latência consecutivo a um traumatismo físico – traumatismo incapaz de explicar, em nível neurológico, a paralisia emergente. Surpreso diante desse fenômeno, Charcot o reproduz artificialmente mediante

hipnose e descobre que os sintomas em questão não são ocasionados pelo choque físico, mas, sim, pelas representações ligadas a ele. Freud dirá que é nesse ponto que Charcot ultrapassa o nível de seu tratamento geral da histeria e, assim, dá o passo que lhe assegurará para sempre o renome do primeiro esclarecedor da doença.

O trauma afeta todos os seres humanos. Para alguns, foi um encontro único, brutal, surpreendente e inesquecível. Para outros, trata-se de uma experiência coletiva marcada para sempre pelo arbitrário, a vontade de destruição, a pulsão de morte.

Em “Esboços para a comunicação preliminar” (vol. i), de Freud e Breuer, a histeria traumática é o denominador comum que amarra os dois pensamentos. Mas há diferenças, junções impossíveis: os delineamentos de Freud não são os de Breuer, o trauma para Freud está ligado à sexualidade. O sintoma como reminiscência dá testemunho da impossibilidade de seu esquecimento.

Já em “Projeto para uma psicologia científica” (vol. i), Freud introduz a noção de “mentira” do sintoma: *Proton pseudos* é um dos títulos dos tópicos do artigo. O *proton pseudos* não será mais que “uma conclusão falsa na argumentação lógica”.

Para explicá-lo, Freud apresenta um exemplo clínico muito simples, de uma jovem histérica que não só não pode entrar

nas lojas, como também não consegue parar de pensar nisso. O exemplo nos permite ver por que Freud fala de *proton pseudos*, por que diz que o sintoma mente. De fato, quando há medo do encontro sexual com o homem, o sintoma assinala um medo de entrar nas lojas. Pois bem, Freud dirá que o sintoma mente, mas, ao mesmo tempo, torna presente a verdade do encontro de prazer que o sintoma memoriza. Isso serve a Freud para se dar conta de que, antes de se preocupar em curar o sintoma, é melhor se esmerar para revelar seu segredo.

**Você sabia que...** Freud descobre a histeria traumática com base em uma observação de Charcot que este não leva em consideração?

Um atentado de natureza sexual se revela como tal a partir de sua recordação, que desperta outro acontecimento ocorrido tempos depois. O momento traumático é impossível de capturar: anúncio de uma temporalidade que transtorna a pergunta pelas origens, ou seja, a pergunta sobre o trauma em sua raiz etiológica. Ela não consegue entrar sozinha em uma loja e explica isso evocando as risadas de dois vendedores. Eles riem das roupas dela; um dos sujeitos lhe havia agradado. A cena transcorre no florescimento puberal da jovem, mas em si é contingente; sua eficácia deriva de sua

conexão com outro acontecimento ocorrido na infância. A risada dos vendedores reativa a recordação da careta sardônica que acompanhou aquele confeito na tentativa de beliscá-la através de suas roupas. É a segunda cena que confere matiz traumático à primeira; por quê?

Freud dirá que a perturbação do processo psíquico normal depende de duas condições: que o desencadeamento sexual comece de uma recordação, em vez de uma vivência, e que tal ocorra de forma prematura. Essas ideias serão retomadas na obra de Freud. A prematuridade do despertar da sexualidade liga-se à prematuridade biológica do nascimento do homem; a urgência marca seu destino, e o destempo estigmatiza suas vicissitudes. A descoberta da sexualidade na infância é a do destempo e, em termos lacanianos, a da ausência de relação sexual. Surge em um momento no qual a criança não a pode tramitar psiquicamente pela imaturidade simbólica e se joga com objetos – o Édipo – que é preciso abandonar. Essa defasagem, essa discórdia, marcará a vida. Embora Freud abandone a teoria do cenário de sedução em seu valor etiológico, sempre pensará que o núcleo do inconsciente é o real do trauma. A sexualidade abriga um buraco; a quantidade, a soma de excitação confronta o sujeito com o limite na significação. Por isso a sexualidade se liga à morte como o impossível de significar.

Freud considera que a vida sexual se presta particularmente a formar o conteúdo de tais traumas devido ao profundo contraste com o restante da personalidade e à impossibilidade de abreviar seus conteúdos ideacionais. Aqui é importante a referência à impossibilidade de ab-reação e à ideia de contraste. Denomina-se *ab-reação* a descarga de emoções e afetos ligados a recordações, geralmente de experiências penosas ou dolorosas infantis que foram reprimidas. Freud usa às vezes o conceito em substituição a *catarse*, que em grego significa originalmente “purga” tanto quanto “purificação”. No entanto, o trauma é um limite e, assim, é a marca do homem imerso na linguagem que deixa um resto que não pode ser reabsorvido no simbólico.

## Cronologia

---

### **Desde a Antiguidade**

*Trauma* vem do grego *τραύμα*, que designa uma ferida com efração, traumatismo, com consequências sobre o conjunto do organismo.

### **De 1890 em diante**

A psicanálise recolhe as três significações do termo: choque violento, efração e consequência sobre o psiquismo.

### **1895-1897**

Afirma-se a tese segundo a qual o trauma é essencialmente sexual, e o enfoque econômico é crucial para entendê-lo.

### **1920**

O trauma fica articulado com o além do princípio do prazer. É aquilo que irrompe intempestivamente e, assim, quebra a relação que as representações têm entre si, perfura o sentido, conduz ao absurdo. A guerra serve de modelo a Freud para explicar os alcances devastadores do trauma no psiquismo, mas, independentemente da guerra, o trauma se aninha no inconsciente de todos os sujeitos.

**1964**

Lacan mostra como o trauma revela que a vida não é puro sonho e que a psicanálise não é um idealismo.

Em poucas palavras:  
O trauma fala da emergência de  
um real como o impossível de  
significar, diante do qual se  
impõe o desamparo.

# Capítulo 5

## Identificações sexuais

## 19. O complexo de Édipo

Freud extrai o mito da tragédia de Sófocles e, daí em diante, torna-o conhecido em todo lugar. Hoje em dia, a banalização do complexo contrasta diametralmente com o que Freud diz quando afirma que nenhuma descoberta havia provocado uma oposição tão firme. Logo, seria elevado à categoria de característica identificadora da comunidade analítica como traço definidor de sua pertinência. Freud afirma que, historicamente, o reconhecimento do Édipo se transformou na senha que distingue os partidários da psicanálise de seus adversários.

Freud fala do Édipo pela primeira vez em 15 de outubro de 1897. Trata-se de um momento muito particular, visto que, dias antes, ele diz a Fliess que já não acredita em sua neurótica. Assim, cai a teoria da sedução como o pilar que sustentava a etiologia da neurose. O Édipo estará no lugar desse alicerce derrubado: “Um só pensamento de validade universal me foi dado. Também em mim encontrei a paixão

pela mãe e o ciúme do pai e, agora, considero-o um acontecimento universal da primeira infância”.

No entanto, se analisarmos determinados textos, advertiremos que Freud considera que o complexo de Édipo tem uma função de desconhecimento. Na conferência XXI (vol. XVI), diz:

Na época em que a mãe se torna objeto de amor, já começou no menino o trabalho psíquico da repressão, que subtrai de seu saber o conhecimento de uma parte de suas metas sexuais. Pois bem, a essa escolha da mãe como objeto de amor se soma tudo que o esclarecimento psicanalítico das neuroses trouxe sob o nome de “complexo de Édipo”.

O amor edipiano supõe, então, um trabalho de subtração e de repressão das metas pulsionais. Por exemplo, para entender a maneira como opera essa elisão, vale recordar o que Freud diz em outro texto: “Acredito, por estranho que pareça, que deveríamos nos ocupar do fato de que haja algo na natureza da pulsão sexual em si desfavorável à obtenção de uma satisfação plena”. A proibição do prazer, centro do complexo, vela, assim, a impossibilidade de gozo pleno; em outras palavras, o prazer interdito conduz à suposição de que tal gozo seria possível se não fosse vetado.

**Você sabia que...** Lévi-Strauss descobre que a proibição do incesto tem um

caráter universal que se manifesta de maneiras diferentes nas diversas culturas e, assim, marca a passagem da natureza à cultura?

O complexo de Édipo é uma noção tão central na psicanálise quanto a universalidade da proibição do incesto à qual está ligado. Poderíamos pensar que Freud teria elevado uma descoberta feita sobre si mesmo em sua autoanálise à dimensão de um universal para o inconsciente, procedendo por um caminho indutivo: de seu caso particular conclui uma regra universal. Esse é o trajeto que ele desaconselha em relação a cada análise, visto que recomenda ao analista tomar cada caso como único e esquecer o geral e o aprendido em outros casos. Se o Édipo é a estrutura comum a todos, acaso essa estrutura não mascara o prazer mais íntimo, mais singular, mais secreto, dissimulado nos motivos edipianos que o sujeito compartilha com seus congêneres?

O alcance universal do complexo indica um universal montado no pai, aquele que interdita, morto, objeto finalmente de ódio e de amor. O complexo nuclear da neurose abriga, assim, profundas raízes religiosas que Freud não deixa escapar quando afirma que no Édipo se encontra a origem da religião, da ética e da moral. Já São Paulo, na passagem mais famosa de seus escritos, os versículos 8-10 do capítulo 7 da Epístola aos Romanos (Bíblia Sagrada, 2015), afirma que não há pecado anterior nem independente da Lei; a Lei, pois, cria o pecado, ou melhor, ela cria o pecado ao proibir o desejo: “Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência; porquanto sem a lei estava

morto o pecado. E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte”.

São Paulo ilustra de maneira exemplar nessa frase o circuito da morbidade mortificante da proibição e do desejo. A interdição cria o pecado ao constituir o prazer como ilícito e culpado. Paradoxalmente, transgredir a lei não quer dizer outra coisa que ser obediente a seus desígnios, ver-se compelido irremediavelmente a desejar o proibido, alienar-se inexoravelmente no desejo do Outro.

O horror à ideia do incesto conflui com a atração que gera, produto da mesma proibição. Vencer esse horror implicaria necessariamente transpassar o complexo de Édipo, afirmação de um prazer não baseado na transgressão.

Lacan situa no fim da análise um amor fora dos limites da lei, o qual podemos pensar como não amarrado a esse circuito: mais além, pois, do desejo transgressor gerado pela Lei; mais além, então, do complexo de Édipo. Quanto a Freud, podemos pensar em uma direção similar quando diz que o homem deve vencer o horror ao incesto com a mãe ou com a irmã. É interessante rastrear o contexto no qual ele chega a essa conclusão. A proibição edipiana produz em muitos sujeitos um desdobramento da vida amorosa, personificada na

arte pelo amor divino e o terreno: se amam uma mulher, não a desejam e, se a desejam, não podem amá-la. Assim, degradam o objeto sexual e supervalorizam o amado, próximo à mãe. A mulher amada é, por essa proximidade, um objeto proibido com quem não pode haver prazer sexual, confinado a se destinar sem escrúpulos à mulher degradada. Freud considera possível – com Lacan – um amor além da lei quando, diante do mencionado imbróglio, diz: “Embora pareça desagradável, e além de tudo paradoxal, é preciso afirmar que, para poder ser verdadeiramente livre e, com isso, verdadeiramente feliz na vida erótica, é preciso ter vencido o respeito à mulher e o horror à ideia do incesto com a mãe ou com a irmã”.

O complexo de Édipo é a representação inconsciente por meio da qual se expressa o desejo sexual ou amoroso da criança relativo ao progenitor do sexo oposto e sua hostilidade em relação ao de seu mesmo gênero. Tal posição pode ser inversa e, então, se chama “Édipo invertido”. O complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos, e sua declinação abre o período de latência. Sua resolução depois da puberdade se concretiza em um novo tipo de escolha de objeto.

## **Cronologia**

---

430 a.C.

Sófocles escreve a tragédia “Édipo Rei”.

### **1897**

Freud interpreta pela primeira vez a tragédia de Sófocles e faz dela o ponto nodal de um desejo infantil.

### **1910**

Aparece a expressão *complexo de Édipo* nos escritos de Freud e se estabelece como o complexo “nodular” das neuroses.

### **1923**

Freud, em “A organização genital infantil” (vol. XIX), situa o complexo de Édipo na etapa fálica e o enlaça ao complexo de castração.

### **1949**

Claude Lévi-Strauss escreve *As estruturas elementares do parentesco* (2010), obra em que define a proibição do incesto como a passagem da natureza à cultura. Desse modo, dá universalidade ao Édipo.

### **1956-1957**

A partir de *O seminário. Livro 4: a relação de objeto*, Lacan (1995) começa uma nova leitura do complexo de Édipo, centrada no significante fálico, para, mais tarde, no fim de sua obra, propor algo mais além do complexo de Édipo como resultado de sua análise.

Em poucas palavras:  
O complexo de Édipo designa o  
mito fundador sobre o qual  
repousa a teoria psicanalítica.

## 20. A leitura lacaniana do complexo de Édipo

A reformulação que Lacan faz do complexo de Édipo e do complexo de castração tem fundamental importância na teoria psicanalítica. Sua extensão é tal que chegou a círculos que transcendem o campo analítico. Com base nos textos freudianos e sua experiência como analista, Lacan chega a uma elaboração própria e riquíssima para a clínica. Como novidade, apresenta o Édipo em três tempos lógicos que marcarão as vicissitudes do falo no destino do sujeito.

Depois de muitos dos desvios dos pós-freudianos em relação à teoria psicanalítica, Lacan tenta voltar a situá-la em torno da noção de falo e de castração com seu valor de nodo. O falo é, fundamentalmente, um significante esclarecido por condicionar os efeitos do significado, e, se Freud toma como referência seu lugar como simulacro para os antigos, é para não o limitar ao órgão em si.

---

O complexo de castração tem uma função de nodo: 1) na estruturação dos sintomas tanto na neurose como nas perversões e psicoses; 2) na instalação no sujeito de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia nem se identificar nem responder sem graves vicissitudes às necessidades de seu parceiro na relação sexual, nem receber com justeza as da criança procriada nelas. É assim que o homem assume seu sexo a partir da castração, e tal condição não é contingente, mas, sim, essencial.

Assim, o complexo de Édipo consiste em diferentes momentos, cujas alternativas são ser ou não ser o falo, tê-lo ou não o ter; e seus tempos dependem do lugar que ocupam no desejo dos três protagonistas. O primeiro tempo é a identificação do sujeito, em espelho, como o objeto de desejo da mãe, ou seja, como o falo imaginário. Esse momento parte da ideia de Freud de que o filho é para ela um substituto do pênis. Trata-se, aqui, de ser ou não ser o falo, que não é o mesmo que o ter, visto que, para tê-lo, é necessário não o haver tido. Nessa passagem necessária pela castração, o pai, que até agora só tem uma presença velada e implícita, deve intervir. O menino entra na vida como súdito do capricho materno, brinquedo de seu arbítrio, exposto a sua vontade. O segundo momento é o da intervenção paterna e o da interdição dirigida ao filho e à mãe: ao menino, “você não se deitara com sua mãe”; à mãe, “você não reintegrará seu fruto”. Para que se dê tal interdição, é necessário que sua

palavra tenha lugar no dizer da mãe e em seu desejo, além do menino. O pai é, nesse momento, aquele que priva, mas Lacan – diferentemente dos pós-freudianos, que detinham o Édipo nesse tempo do “pai todo-poderoso” – se refere a um terceiro momento, que é o do pai que doa: o pai é aquele que tem e que possibilita ao menino o acesso à virilidade.

**Você sabia que...** na Antiguidade greco-romana o falo é a representação figurada do órgão masculino?

Terá esses poderes em reserva, e esse é o sentido da latência; usará esses títulos no futuro, e esse é o sentido profundo do que Lacan chama de *metáfora paterna*, visto que se institui algo que é da ordem de um significante: já está como capital, e sua significação será desenvolvida mais tarde. Lacan afirma que um homem verdadeiramente viril não é mais que sua própria metáfora e que, com isso, nos mostra que jamais se identificará totalmente com aquilo que representa. Daí sua conhecida frase: “Napoleão não se crê Napoleão, ao passo que um louco afirmaria sê-lo”.

Se o pai freudiano é aquele que fundamentalmente proíbe, o pai lacaniano do terceiro tempo é o que promete para o futuro. Em Freud, a lei se opõe ao desejo porque a lei do pai é a que proíbe o desejo incestuoso. Em Lacan, o pai liga a lei ao desejo; o segundo momento é essencial, e, por isso, ele o chama de “o

coração do momento privativo do Édipo”. O menino é desalojado, para seu bem, da posição ideal na qual ele e sua mãe poderiam se satisfazer. O “não” do pai é condição para permitir a instauração do terceiro tempo, e, diferentemente de Freud, dirige-se fundamentalmente à mãe sob a forma de “você não reintegrará seu fruto”. No terceiro tempo, o pai que tem, esse pai real e potente, é o que permite que o menino se identifique com essas insígnias.

A significação da castração não toma seu alcance eficiente da formação de sintomas, mas de sua descoberta como castração da mãe.

À medida que avança em seus ensinamentos, Lacan separa a castração do complexo de Édipo, e suas considerações acerca do prazer genital masculino mostram sua presença no campo da relação sexual. A tumescência e a detumescência penianas sinalizam esse prazer que se consoma ao chegar ao limite. “*Petite mort*” (“pequena morte”), dizem os franceses para aludir ao momento refratário posterior a tal culminação. Essa função evanescente, na qual o máximo gozo coincide com seu fim, revela-se muito mais diretamente no orgasmo do homem. Assim, trata-se de um momento no qual sai à luz a distância entre o gozo masculino e o feminino; daí o lamento de muitas mulheres acerca do fato de alguns companheiros dormirem logo após o coito. No ato sexual, os corpos se abraçam em uníssono, para depois se separarem, revelando-se heterogêneos. Lacan situa o desfalecimento fálico como essencial na experiência masculina e como aquilo que faz

comparar esse gozo com a pequena morte e localiza nessa deflação a castração presente no encontro entre os corpos.

Lacan afirma:

A subjetividade foca a queda do falo. Essa queda existe também no orgasmo que se realiza normalmente. A detumescência na copulação merece nossa atenção porque evidencia uma das dimensões da castração. O fato de que o falo seja significativo na vivência humana mais por sua possibilidade de ser objeto caído que por sua presença: eis aqui o que designa a possibilidade do lugar da castração na história do desejo.

A castração não será pensada, ao modo freudiano, como uma ameaça por parte do pai; longe de ser algo temido como possibilidade, localiza-se em nível corporal enquanto queda da turgidez fálica.

Para a mulher, a saída do Édipo é diferente: ela sabe que não o tem e onde deve buscá-lo – no pai, e é para o qual se dirige. Isso indica em que sentido uma verdadeira feminilidade tem uma dimensão delimitada, e uma verdadeira mulher, algo de perda. Trata-se de uma desorientação aparente na qual a perda é a do olhar perdido em detectar quem “o tem”, e nisso há orientação. No entanto, essa perda de que fala Lacan no começo de seus ensinamentos já indica o que ele elaborará no final: um além do falo como prazer que não se circunscreve a tal termo.

# Cronologia

---

## Antiguidade

O *falo* – do latim *phallus*, e este do grego φαλλός – é outra denominação do pênis e às vezes dos órgãos externos masculinos (o pênis e os testículos) tomados como um todo. O vocábulo *pênis* é reservado ao membro real; *falo* designa o órgão no sentido simbólico, ao passo que se chama *itifálico* (do grego *ithus*, “reto”) o culto ao falo como símbolo do órgão masculino em ereção. Investidos de um poder soberano, tanto na celebração dos mistérios antigos como em diversas religiões pagãs e orientais, os deuses itifálicos e o falo são repudiados pela religião monoteísta por remeterem a uma época bárbara da humanidade, caracterizada por práticas orgíacas.

## 1956-1957

Em *O seminário. Livro 4: a relação de objeto*, Lacan (1995) articula o complexo de Édipo com o falo como significante e, para isso, apoia-se no caso Hans descrito por Freud.

## 1957-1958

Lacan apresenta o Édipo em três tempos lógicos que situam os destinos do falo na vida do sujeito.

## 1958

Lacan (1975c) escreve um texto chamado “A significação do falo”, no qual situa o falo como significante da razão do desejo.

## 1972-1973

Lacan estabelece as fórmulas da sexualização ao identificar como se diferenciam o prazer masculino e o feminino e, assim, determina para a mulher uma erótica além do falo.

Em poucas palavras:

Lacan pensou o Édipo freudiano em termos lógicos que giram em torno ao falo e à castração.

## 21. O complexo de castração

É impossível entender o complexo de Édipo sem pôr em jogo o complexo de castração, baseado na resposta ao enigma que representa para o menino a diferença sexual anatômica dos gêneros, diferença que atribuirá ao cerceamento do pênis na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta a suas atividades sexuais; na menina, a ausência de pênis é sentida como um prejuízo sofrido, que ela tentará compensar. Lacan dará à castração o sentido de uma falta que impacta para sempre o narcisismo e que indica que o prazer nunca será total e não se limita a uma ameaça, mas, sim, está presente em nossa vida além do Édipo.

A análise do pequeno Hans tem papel determinante na descoberta por parte de Freud do complexo de castração. Trata-se de um menino que padece de uma fobia infantil, e seu pai, analisado de Freud, descreve a este detalhes do caso. Basta observar com atenção uma criança e escutá-la para

comprovar a vigência da teoria psicanalítica. Eu recorro a perplexidade de minha filha ao notar a existência de pênis em seu irmão e depois exclamar: “Ele tem, mas eu vou ter vários filhos!”. Esse exemplo evidencia que o pênis é passível de ser substituído, que tem equivalências porquanto ele e todas elas representam o falo. Isso se deve ao fato de as implicações subjetivas suscitadas pelo fálico serem amplas e incluírem a fertilidade, o poder gerador, o erotismo e o poder; por isso, o fálico não se reduz ao pênis em si, mas, sim, representa a turgidez vital.

A unidade do complexo de castração nos dois sexos só se concebe por este fundamento comum: o falo se reveste de idêntica importância nos dois sexos porque o problema é o mesmo: tê-lo ou não o ter. Quando a menina se dá conta de sua carência, torna-se vítima da inveja fálica, sabe que não o tem e que o quer. É com essa busca que se dirige ao pai, na medida em que sua mãe não o possui. O desejo de um pênis se transforma no desejo de um filho do progenitor, que ela só abandona pelo medo de perder seu amor.

Freud considera que o menino abandona o complexo de Édipo a partir da ameaça de castração proveniente do pai ou de um substituto capaz de portar essa autoridade para a mãe. O infante se vê diante de uma escolha forçada: deve escolher entre o enlace libidinal com a mãe e o interesse narcisista de conservar seu pênis; pela ameaça de castração, ele vence este

último poder. Em uma espécie de disjunção entre a bolsa e a vida, o menino aprende que optar pela bolsa, que representa o incesto, implica perder a vida; vale recordar que Lacan fala do falo real em termos de turgidez vital.

O complexo de castração é reconhecido em toda a extensão de seus efeitos clínicos: inveja do pênis, sentimento de inferioridade, depressão, e suas modalidades se descobrem nas estruturas psicopatológicas.

O pênis, então, está excluído do circuito sexual edipiano; escolher a mãe é escolher essa omissão, a fantasia de coito no impotente indicada por Ferenczi e tomada por Freud é a fantasia da volta ao útero materno, no qual o membro viril entra em equivalência com o corpo inteiro, e nos ensina que no Édipo se trata da totalidade do corpo identificado com o falo e que a prevalência do pênis implica manter essa parte e renunciar ao todo. A masculinidade está, pois, necessariamente marcada pelo pai, sob a forma dessa ameaça que não é outra que a da instauração da disjunção lógica, na qual algo será perdido inevitavelmente.

Dissemos que a virilidade se afirma como consequência de uma delimitação operada pelo pai, mas também devemos acrescentar que a vitória do pênis sobre o incesto leva também o viés de algo que transcende o próprio pênis, no qual se prefigura a paternidade futura do agora menino. Para

Freud, o pênis deve sua investidura narcisista extraordinariamente alta a sua significação orgânica para a sobrevivência da espécie. Então, “podemos conceber a catástrofe do complexo de Édipo – o estranhamento do incesto, a instituição da consciência moral e da moral em si – como uma vitória da geração sobre o indivíduo”. É impossível não retrocedermos à influência de Schopenhauer em Freud: esse filósofo leva a tal extremo o valor do gênio da espécie sobre o indivíduo que considera que o amor em si é uma argúcia da qual esse espírito se vale para encaminhá-lo a seus fins reprodutivos.

E, se nos remetermos ao criador da psicanálise, notaremos que a ênfase posta na procriação indica a acentuação de um interesse narcisista que paradoxalmente excede o ego em si, a serviço, então, de uma ordem que o excede. Trata-se, aqui, de uma virilidade cuja marca é que a excede e que, em uma espécie de transcendência imanente, conjuga dois polos em geral inconciliáveis: o indivíduo e a espécie.

**Você sabia que...** o alcance do complexo de castração parte da primazia do pênis na fase fálica?

O complexo de castração é descrito pela primeira vez em 1908 e relacionado à “teoria sexual infantil”, que, ao atribuir um pênis a todo ser humano, só pode

explicar a diferença sexual anatômica pela castração. Essa teoria tem profundas raízes no narcisismo e se reflete logicamente na impossibilidade de se representar uma pessoa semelhante ao eu sem essa parte constitutiva essencial. Quando o homem descobre que a mãe não o tem, teme sofrer igual destino e, assim, abandona o Édipo, porque interpreta que, se persistir nesse vínculo incestuoso, o pai vai castrá-lo. O agente da castração é, para o menino pequeno, o pai, autoridade à qual atribui todas as ameaças provenientes das outras pessoas. Assim, esse complexo guarda íntima relação com o sepultamento do complexo de Édipo no menino e indica que este opera como um corte necessário para a escolha exogâmica.

A castração na menina não é motivo para deixar o Édipo, e sim a maneira como se orienta para o pai. Se a fase fálica aproxima os dois sexos, a castração sela dois destinos separados: o homem terá na vida a angústia do proprietário, e conservar seu pênis se transformará em resguardar seus pertences; a mulher buscará um substituto no filho, e o amor do parceiro será fundamental. Para isso, é preciso recordar que no menino a angústia de castração está ligada ao medo de perder o pênis, ao passo que na mulher, como falta esse motivo, visto que ela se sabe carente dele, a angústia é do medo de perder o amor.

A fantasia de castração é encontrada em diversos símbolos: o objeto ameaçado pode ser substituído (medos hipocondríacos, extração de dentes, cegueira de Édipo), o ato pode ser deformado, substituído por outros atentados à

integridade psíquica, e o agente paterno pode encontrar diversos substitutos em personagens temidos ou em animais objetos de fobias.

## **Cronologia**

---

### **1908**

O complexo de castração é descrito pela primeira vez por Freud e relacionado com a teoria sexual infantil que atribui um pênis a todo ser humano; teoria que só consegue explicar a diferença sexual anatômica pela castração.

### **1912**

Na ameaça de castração que sela a proibição do incesto, encarna-se a função da lei.

### **1923**

Freud outorga à castração um lugar fundamental na evolução da sexualidade infantil para ambos os sexos em sua articulação com o complexo de Édipo.

### **1926**

Freud liga a angústia à castração ao elaborar sua última teoria da angústia.

### **1937**

Em um dos seus últimos artigos, “Análise terminável e interminável” (vol. XXIII), Freud se refere à irreduzibilidade das sequelas resultantes do complexo de castração no homem e da inveja do pênis na mulher.

### **1969**

Lacan separa a castração da ameaça porque está em jogo na perda que introduz o significante nos seres falantes.

Em poucas palavras:

O complexo de castração estará presente, mais além do Édipo, nas diferentes perdas da vida.

## 22. O superego

O superego é uma instância herdeira do complexo de Édipo: já não será o pai quem ditará o dever; ele terá para sempre um sub-rogado. Esse olhar que nos vigia, essa voz que reprova nossos atos, esses mandamentos que nos são impostos diariamente falam de sua presença em nossa vida. A perseguição de seus imperativos indica que não se trata só de uma função normativa, mas que guarda em si uma força pulsional que o torna despótico e tirano. Freud descobre que o paradoxo do superego exige se abster de uma satisfação, mas, a cada renúncia, aumenta sua inclemência e severidade, de maneira tal que enfrentamos uma instância que não colabora com o bem-estar, mas que aponta o impossível de realizar.

Essa instância substitui a autoridade paterna; ocorre uma identificação que não repousa necessariamente sobre o pai, mas, sim, sobre o que ele porta. Assim, o superego fala das gerações que precederam o progenitor e que perduram na transmissão. É definido como o representante das exigências

éticas do homem, e seu desenvolvimento difere no menino e na menina. Ao passo que no primeiro se reveste de um caráter rigoroso, às vezes feroz, como consequência da ameaça de castração, na menina, à falta de tal ameaça, será mais lábil.

Lacan antecipa o sinal desses tempos ao falar de um superego que não proíbe, mas que impõe o prazer. Encontramos seus mandamentos nessas ofertas que nos espreitam e nos propõem prazeres intensos ainda não experimentados. O sujeito já não se sente culpado pelo desejo inconsciente que teve de reprimir – mas que conserva vigência –, e sim por não ter gozo suficiente; a culpa pelo gozo – apesar da proibição – cede lugar à culpa por ter pouco prazer.

Uma grande quantidade de manifestações clínicas mostra o superego sob a forma de preceitos hiperexigentes, acusações impiedosas ou recriminações humilhantes. Freud vincula essa instância ao imperativo categórico kantiano, e Lacan extrai disso importantíssimas consequências teóricas e clínicas, algumas delas expressas em seu escrito “Kant com Sade” (Lacan, 1975c). O propósito, que consiste em vincular a monumental obra sobre a moral com a de um teórico libertino, é irritante. Quando se trabalha o escrito, os kantianos consideram que os psicanalistas realizam uma leitura com base na psicanálise, insustentável no campo filosófico. No entanto, os delineamentos principais do texto

têm antecedentes não só em Freud, como também em Nietzsche.

**Você sabia que...** a formação do superego é correlativa ao sepultamento da estrutura edipiana quando o menino renuncia a essa satisfação e interioriza as proibições externas?

Kant chama de *prazer* a relação de conformidade entre o sujeito e a representação do objeto. Em consequência, todo princípio prático “material”, ou seja, que proponha um objeto ou conteúdo à vontade que haveria de determiná-la, é um princípio necessariamente empírico incapaz de fundamentar uma moral. O formalismo kantiano afirma que as leis práticas universais são o fundamento de determinação da vontade, não segundo a matéria ou o conteúdo, mas, sim, segundo a forma. Ou seja, não segundo o princípio de amor a si mesmo ou da própria felicidade. Esse objeto, então, nunca poderá ser o determinante de uma ação.

É importante destacar o caráter coercitivo do imperativo, a constrição incondicional do preceito, a natureza compulsiva (Kant põe ênfase na palavra *compulsão*) do dever. A coação do imperativo fere o sentimento, causa dano, humilha, machuca o amor-próprio, perfura o sensório. A lei se levanta além do prazer, e no pretensamente puro se desenha o espectro da

dor. O motor do imperativo moral deve estar livre de toda condição sensível; seu correlato no sensível é a dor. A lei moral “causa um dano infinito à presunção que prescreve como leis, às condições subjetivas do amor a si mesmo. Mas o que causa dano à nossa presunção, em nosso juízo próprio, humilha”.

Lacan ressalta que onde Kant acredita ter visto eliminado o objeto no campo fenomenal este objeto se faz, de qualquer forma, presente, e é Sade quem o demonstra. No imperativo se desvela o objeto como voz que se perfila em seu mesmo fundo matador. A lei se impõe como uma ordem autônoma e independente da materialidade do objeto de desejo, mas nessa operação há outro objeto como agente intimidador. Sabemos quantas vezes aquilo que se impõe, que obriga, que limita toma a forma de uma voz na consciência que surge como externa ao sujeito.

É moeda corrente falar da crise da autoridade que aumenta dia a dia e da falta de limites originada pela decadência do lugar do pai. Mas tais ausências não significam uma ausência de poder.

Lacan considera que Sade desmascara esse objeto quando enuncia o direito ao prazer sob a forma de uma regra universal: “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito sem que nenhum

limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar”. Lacan poda essa frase recortando no “pode dizer-me qualquer um” a voz na boca do Outro como um objeto diferente daqueles que aparecem no campo fenomenal.

Mas não se trata de homologar a lei e o imperativo de prazer sádico. Em psicanálise, muitas vezes se divulga a ideia de uma identidade entre Kant e Sade, produto de uma leitura rápida e de uma posição sem perspectiva. Lacan não os faz equivalentes, mas indica a maneira pela qual o imperativo mostra a face de gozo existente, mas elidida na prática incondicional da razão. Freud suspeitava desde cedo – e escrevia sobre isso a *Fliess* – que devia haver algo na vida sexual que nutria com força a moral.

Em Kant edifica-se uma ética que, diferentemente da ética antiga, se separa do prazer. A razão prática pura se impõe como universal, e não segundo a particularidade de nossa felicidade: “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal”. A razão pura é, *per se*, prática e origina uma lei universal, a lei moral. Esta constitui um imperativo cujo caráter determinante destaca a modalidade de preceito com que aquela se impõe à vontade. O caráter categórico e incondicional do imperativo é autônomo, visto que não atende ao objeto, fim, bem ou “matéria do querer”. A ética kantiana se perfila, em termos freudianos, além do princípio do prazer.

Embora Freud afirme que a severidade da educação exerce

forte influência sobre a formação do superego, também assevera que pode existir uma proporção inversa no pai e no superego: quanto maior for a debilidade do primeiro, maior será a severidade cruel do segundo. Em outras palavras: a severidade do superego nem sempre corresponde ao rigor da autoridade externa.

A declinação do pai e dos ideais possibilita que muitos identifiquem esta época como pós-moralista. Assim, Gilles Lipovetsky a chama de era do pós-dever. Concordo com Omar Mosquera em discordar de tal direção. Claro que para isso é preciso indicar que o superego contemporâneo comanda os imperativos do “dever gozar” a serviço de um *Trieb* sem regulação, como poder sem trégua. Poderíamos considerar que o superego de nosso século, antecipado muito bem por Lacan, é desligado dos ideais de outrora; o dever, então, não se liga à realização desses ideais. Assim, o imperativo se volta para um presente sem espera: é preciso ter prazer. Freud sempre vincula o ideal e o superego, às vezes os equipara, e por fim pensa o primeiro como uma das funções do segundo. É importante recordar que o ideal do ego abriga valores familiares, sociais e o primitivo narcisismo ligado ao cumprimento de tais valores. Inferre-se que a desvalorização dos valores marca o ocaso do ideal do ego; assim, com Lacan podemos pensar em um superego desamarrado do ideal.

## Cronologia

---

### **1896**

Freud diz que dentro da vida sexual existe uma fonte independente de desprendimento de desprazer que dá força à moral.

### **1912**

Freud tenta vincular o sentimento de culpa – tão importante e irredutível que observa em seus pacientes – ao mito do crime que dá origem à humanidade.

### **1914**

Freud propõe a consciência moral como instância psíquica.

### **1916**

A consciência moral se apresenta como um poder anímico herdado graças ao complexo de Édipo.

### **1923**

Freud faz ressaltar sua função crítica como uma instância que se separou do ego e parece dominá-lo, extraindo sua força da energia pulsional.

### **1932**

O superego é considerado um caso de identificação bem-sucedida com a instância parental, e não tanto com uma identificação a pessoas. Junta a lei com a força pulsional.

### **1970**

Lacan fala de um superego que não é idêntico ao freudiano, porque, antes de proibir, empurra ao prazer com seus imperativos.

Em poucas palavras:

A psicanálise descobre que a  
força do imperativo superegoico  
tem como fonte uma energia  
pulsional.

# Capítulo 6

A vida erótica dos sexos

## 23. Não existe relação sexual

“Não existe relação sexual” é uma afirmação de Lacan, já célebre, e que em sua época causa escândalo e dá lugar a inúmeras réplicas: “Mas claro que existe, é evidente!”. Como é possível que alguém tenha a ousadia de desmentir um fato tão certo? Mas com tal aforismo Lacan não nega o ato sexual; nega uma relação que possa ser escrita. Em outras palavras: entre o homem e a mulher, nada está escrito de antemão, não existe uma bússola preestabelecida. A aproximação entre os sexos não está programada como a do óvulo com o espermatozoide. Todo encontro traz consigo um desencontro estrutural dado pela heterogeneidade entre o prazer de um e o do outro. Não existe “metade da laranja”.

O mito do andrógino – ser que é dividido e depois busca no mundo a unidade que lhe falta – atravessa a cultura ocidental e sela cada uma das ilusões amorosas. É nas ideias de alma gêmea, metade da laranja, príncipe encantado, mulher ideal e

homem perfeito que o mito perdura depois de tantos séculos. Os fatos o refutam repetidamente: quem fala de amor não deixa de se referir ao seu oposto; os encontros são seguidos pelos desencontros; os mal-entendidos são inevitáveis. O amor é eterno enquanto não se realiza, mas, para Lacan, não seria sério. Sua afirmação é contundente: quando há um encontro sério entre um homem e uma mulher, a castração entra em jogo. A castração não remete somente – como em Freud – ao medo de perder o pênis no caso do homem ou à desolação por não o ter e à inveja consequente no caso da mulher. A castração é, para Lacan, a incomensurabilidade radical entre o prazer feminino e o masculino. Como dissemos no tópico anterior, Lacan considera que o prazer genital masculino está marcado pela tumescência e detumescência do pênis. Uma ordem descontínua caracteriza esse prazer que se consoma ao chegar ao limite; trata-se de um prazer limitado pelo órgão. Prontamente, advertimos a diferença entre o prazer feminino e o masculino: o feminino é um gozo envolto em sua própria continuidade, impreciso e impenetrável, que faz com que a mulher se sinta estranha inclusive para si mesma. Tal continuidade propicia que a mulher não “acabe”, mesmo que chegue ao orgasmo, visto que este não implica um corte.

O encontro amoroso quer se selar não só na folha, mas também na pedra, como mostram as inscrições nas rochas. A relação sexual não pode ser escrita, mas o amor chama a escrever ao saber de sua finitude.

A pluma sempre quis dar expressão ao inexpressável. Sigmund Freud diz a sua amada Martha: “Só me dói minha incapacidade de demonstrar-te meu amor”. Barthes (2003) fala da necessidade de querer compreender aquilo que assalta o apaixonado: “Ao perceber inopinadamente o episódio amoroso como um nodo de razões inexplicáveis e de soluções bloqueadas, o sujeito exclama: Quero compreender!”. Eis por que o amor convoca a escrever, embora isso esteja condenado a fracassar em seu desejo de expressar o sentimento amoroso: “Parece-me que estou escrevendo mal – lerás isto sem emoção; não estou dizendo nada do que quero dizer. Minhas frases se amontoam como suspiros; para entendê-las, terás de acrescentar o que deveria ir no meio”, escreve Gustave Flaubert a Louise Colette.

O verbo *acabar* expressa a proximidade do orgasmo com o fim e, assim como *consumar*, indica que algo se realiza encontrando um limite. Diz-se que a mulher pode ser “multiorgástica” e, com isso, indica-se que o orgasmo feminino não implica um encerramento, como o do homem. Assim, ao passo que o homem vivencia a experiência do corte, na mulher a vivência é a da abertura, que ela precisa recobrir com palavras de amor. É comum a tristeza que as invade quando o companheiro não liga no dia seguinte. Mas esse simples exemplo vale para mostrar a assimetria entre os sexos, que não se manifesta só no ato sexual, embora este o

ilustre de maneira paradigmática. O gozo de cada um entra em disjunção com o amor e, assim, constitui seu obstáculo mais poderoso, seu limite, sua mais cara objeção. Em relação ao amor em sua particularidade, o gozo do parceiro sempre o porá em xeque, e é no instante em que os amantes tiram as máscaras no baile à fantasia que emerge seu verdadeiro rosto: ele não é ele, e ela também não. A queda da idealização é concomitante à manifestação desse rosto do outro, estranho ao próprio; talvez ali possa emergir um novo amor mais consciente da não relação que está em sua base.

**Você sabia que...** essa fórmula parte do que Lacan extrai dos textos freudianos e da clínica?

Segundo a conclusão de Lacan, inevitavelmente a relação sexual não para de não ser escrita. Porém, ou talvez por essa dificuldade, tanto e tanto se escreveu sobre o amor, como se sua natureza insondável inspirasse repetidamente os poetas de todos os tempos. “Posto que com tanto calor exaltas o poder criador de poeta” – declara Johann Wolfgang von Goethe a Bettina von Arnim –, “acredito que lerás com prazer uma série de poemas que vai aumentando nas horas propícias. Quando mais tarde apareçam diante de ti, verás que enquanto tu estimas necessário reavivar o passado em minha

memória, eu procuro erguer a essas doces recordações um monumento”.

Lacan confessa que sua fórmula já está em Freud, que afirma que o amor de um homem e o de uma mulher se separam em uma diferença de fases psicológicas e considera que o eros aponta à união impossível, que os objetos nunca são os adequados, que o que se busca está perdido, que há diferença entre o prazer sonhado e o esperado, como nomes, enfim, de hiências insuperáveis.

Mas não só o literato ou o filósofo ou o célebre escreve, mas também o homem comum. Há algo tão singular e ao mesmo tempo tão banal em toda correspondência amorosa que o próprio Borges se reconhece em suas cartas a Estela Canto como um “prosador horrível”, talvez porque todo apaixonado padeça dos mesmos desvelos.

E é tal a experiência que chama o testemunho de La Rochefoucauld, que diz que ninguém saberia o que é o amor se não houvesse em algum momento ouvido falar dele. O amor, enfim, tenta recobrir a não relação sobre a qual se assenta.

## **Cronologia**

---

**380 a.C.**

Platão enuncia o mito do andrógino, antecedente da crença popular na “metade da

laranja”, que será questionado pela psicanálise.

### **1905**

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (vol. VII), Freud assinala que o objeto nunca é o que se busca. Não há relação entre o que se pretende e o que se encontra.

### **1912**

Freud enuncia sua hipótese de que existe algo na natureza da pulsão sexual desfavorável à obtenção de uma satisfação plena.

### **1925**

Freud traça as diferenças entre o homem e a mulher, assim como a disparidade entre ambos.

### **1932**

Freud afirma que a vida sexual amorosa do homem e a da mulher estão separadas por diferenças de fases psicológicas.

### **1973**

Lacan scandaliza a comunidade com sua fórmula “Não existe relação sexual”, que não quer dizer que não haja ato sexual, mas que não existe nenhuma relação escrita e programada entre os sexos.

**Em poucas palavras:**  
O amor recobre a ausência de  
relação sexual, e os sintomas  
estão no lugar em que esta não  
se inscreve.

## 24. A mulher

Freud faz recair na maternidade o desenlace de uma feminilidade normal, que aceita a substituição do pênis pela criança. No entanto, ele não se conforma com tal solução e continua se perguntando, no fim de sua obra, pelo querer feminino como enigma não decifrado. A vida sexual da mulher tem, para ele, algo de “continente negro”, como lugar misterioso e hierático afim ao oculto e ao mistério. Lacan vê ali o que não se deixa capturar em termos do gozo masculino e situa o gozo feminino como nunca havia sido descrito na literatura psicanalítica. Esse gozo transcende os limites fálicos e não deixa as mulheres confinadas só à “encosta maternalizante”.

Nos anos 1970, Lacan afirma: “A mulher não existe”, frase que causa alvoroço entre as feministas, em parte por não ter sido entendida. Que A mulher não exista quer dizer que não configura um conjunto fechado, como o indicaria a letra maiúscula; sim, existem mulheres, no plural, como série ilimitada que não se deixam enclausurar pelo todo fálico, que não têm relação estrutural com o limite. Assim, mulher e mãe não se recobrem; a mãe é a que tem, a mulher é a que não tem e faz algo com essa falta.

A descoberta da castração é um ponto de virada no desenvolvimento da menina. “Ela se sente gravemente prejudicada, com frequência expressa que também gostaria de ‘ter algo assim’, e, então, sente inveja do pênis, o que deixa marcas indeléveis em seu desenvolvimento”. Com base nisso, traçam-se os possíveis desenlaces: a inibição sexual ou neurose, a alteração do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e a feminilidade normal. As três orientações propostas por Freud defendem a hegemonia inevitável da libido masculina: no primeiro caso, a menina renuncia a sua sexualidade fálica ao se comparar ao homem mais bem dotado; no segundo caso, essa sexualidade se afirma de forma obstinada; no terceiro, o filho herdará o lugar do pênis. Assim, a maternidade é desenhada como o caminho normal compensatório da castração. Se tornar-se mãe é a melhor solução que a posição feminina encontrará, é porque Freud pensou essa solução em termos de ter o falo. No entanto, se nos detivermos na conferência 33, “A feminilidade” (“Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”, vol. XXII), notaremos que, antes de descrever essa “solução”, ele se refere ao enigma da feminilidade, que faz os homens de todos os tempos pensarem profundamente.

**Você sabia que...** apesar de Freud ser acusado de misoginia, o movimento

Miller afirma que, para uma mulher, ser mãe de seus filhos é querer obter a existência como “A mulher”. A mãe poderia, assim, ser a forma de “A mulher” porquanto tem.

Segundo Foucault, no pensamento grego clássico é a relação com os rapazes que constitui o ponto mais delicado e o foco mais ativo de reflexão e de elaboração. No curso de uma lenta evolução, o foco se desloca, e os problemas centram-se progressivamente ao redor da mulher. A relação com ela marcará os tempos mais duros da reflexão moral sobre os prazeres sexuais. De fato, em nenhum momento da história, a mulher foi mais objeto de inquietude que na Idade Média.

Desde fins do século XII até acabar o século XV, uma série de textos, escritos por homens da igreja e por laicos, elaboram valores e normas de conduta para as mulheres. Os critérios com que são classificadas são importantes para entender os modelos éticos que se constroem nessa época. As virgens, as viúvas e as casadas são constantemente evocadas nos escritos. A castidade de virgens, viúvas e mulheres casadas coloca a sexualidade em um espaço compreendido entre a rejeição e o controle com vistas à procriação e mostra como, seja na rejeição, seja no controle, a batalha se dá em torno do predomínio do aspecto espiritual e racional sobre o corporal e

sensual. Por meio da figura ideal da mulher casada, elabora-se um modelo de comportamento para todas as mulheres que realizem as funções de esposa e mãe no seio dos grupos familiares.

Nas Sagradas Escrituras e na tradição patrística, as mulheres são governadas por seu sexo; por causa dele entraram no mundo a morte, o sofrimento e o trabalho. Controlar ou castigar as mulheres, e antes de mais nada seu corpo e sua sexualidade desconcertante e perigosa, será tarefa dos homens. Os conhecimentos e as preocupações éticas e de dominação social fundamentam-se na ideia de que esse corpo, caso não possa permanecer casto, deve ao menos destinar-se somente à procriação.

Lacan situa para as mulheres o “não todo”, e isso quer dizer que elas não estão privadas do gozo fálico, mas não se tornam cativas desse “todo”. Essa objeção ao todo indica também que não há maneira de ser mulher; a mulher persiste como enigma também para si mesma.

Assim, a maternidade aparece como uma forma de domesticar e amarrar o gozo feminino, vivenciado como sem limites e errante. A literatura pastoral descreve a mulher como inquieta e caprichosa, inconstante como “a cera líquida que está sempre pronta para mudar de forma de acordo com o selo que a imprima”, “instável e mutante como a copa de

uma árvore agitada pelo vento”. Nessa literatura, a janela é um elemento recorrente do cenário no qual atuam as mulheres curiosas e incautas demais. O perigo está em inspirar o desejo de sair e passear pelo mundo e, assim, estimular um apetite nunca saciado que conduz a buscar sempre algo novo. É interessante recordar o lugar que Lacan designa à janela como marco fantasmático que enquadra o gozo. Nesse sentido, o inquietante do gozo feminino se estabelece ao transcender os limites; assim, a vagabundagem intelectual e moral é evocada para justificar as normas de controle. A mulher será custodiada, confinada à casa ou ao claustro, como espaços limitados e internos. Viguada como um perigo sempre à espreita, encarna – de maneira exemplar na Idade Média – a figura do excesso. Tal “excesso” é lido por Lacan como o que ultrapassa o limite fálico e fala de diversos fenômenos na vida de uma mulher: sua consagração a um amor que pode devastar sua existência, por não ter freio; o fenômeno da mulher-orquestra, dedicada a múltiplas atividades e não a uma única, como ocorre no homem; o caso das místicas em uma adoração suprema a Deus etc.

Se ser mãe fosse a resposta capaz de obturar aquilo que a mulher deseja, por um lado, a feminilidade não apareceria como enigma. Por outro lado, Freud se pergunta pelo desejo de uma mulher apesar das orientações fálicas desenhadas.

No fim de 1924, tentando resolver alguns enigmas propostos por Abraham sobre a sensibilidade do clitóris e da vagina, confessa que não sabe absolutamente nada sobre o assunto. Em 1928, reitera esse desconhecimento ao confessar a Jones (1989) que “tudo que sabemos do desenvolvimento precoce feminino me parece insatisfatório e inseguro”. Por fim, dirige a Marie Bonaparte a famosa pergunta: o que a mulher quer? A maternidade se apresenta, então, como a solução pelo viés do “ter”, ao passo que o enigma feminino é o que resta desse ter.

## Cronologia

---

### 1895

A psicanálise surge a partir de um encontro com a histeria, que permite Freud advertir, já desde o início, a particularidade da sexualidade feminina.

### De 1923 em diante

Com base na organização genital infantil, Freud analisa as consequências da castração na sexualidade feminina. A inveja do pênis – *penis-neid* – marca um ponto de inflexão que conduz a menina a exigir do pai aquilo de que carece e assim substituir o desejo de um pênis pelo desejo de um filho.

### 1928

Freud confessa a Jones que o que se sabe sobre o desenvolvimento precoce feminino lhe parece insatisfatório e inseguro. Por fim, dirige a Marie Bonaparte a famosa pergunta: o que a mulher quer?

### De 1970 em diante

Lacan situa a particularidade do gozo feminino como nunca antes havia sido situada pela psicanálise: há algo na mulher que transcende o todo fálico e, portanto, a maternidade como “solução”.

Em poucas palavras:

O enigma feminino fez Lacan investigar a existência de um gozo excessivo – irreduzível ao gozo masculino – que é próprio das mulheres.

## 25. O homem

A ameaça de castração marca uma das características da posição masculina. É por interesse em conservar seu pênis que o homem abandona o Édipo, e essa propensão à propriedade governará sua vida. Os pertences variam segundo os casos, visto que podem ser ideias próprias e a obstinação que as acompanha, o capital econômico, o saber intelectual, as mulheres ou mesmo o próprio corpo, sempre tendente à hipocondria. O significante fálico é eixo em sua vida e seu semblante por excelência, o que o leva a grandes realizações, mas também à impostura por se identificar com o falo e aos dramas quando este desfalece.

Falaremos dos traços gerais da posição masculina, mas sempre tendo em conta que tanto o masculino quanto o feminino dependem das identificações e que estas podem sofrer flutuações. Talvez seja conveniente esclarecer que nos referiremos aos traços que se destacam e que foram enfatizados tanto por Freud quanto por Lacan. O gozo peniano

faz com que no homem os interesses libidinais estejam muito mais limitados que na mulher e que o grau de firmeza seja maior em suas orientações na vida.

Há dois acessos ao parceiro: um por meio do gozo, no qual se privilegia o corpo, e outro por meio da palavra de amor, na qual o corpo não tem tanta relevância. As duas vias são válidas para os dois sexos; porém, a primeira é válida especialmente para o macho, ao passo que, do lado feminino, a relação passa fundamentalmente pelo dizer amoroso. Isso levou Lacan a dizer que o fetichismo está do lado macho e que, fora do fetichismo como perversão, o homem dá qualidade de fetiche a sua parceira e lhe impõe certo número de condições tipificadas. A atração que as prostitutas exercem sobre muitos homens exemplifica isso: elas sempre dizem o que eles querem escutar. Disso deriva o acesso à mulher a partir do fantasma, ou seja, a partir de condições de gozo predeterminadas e enquadradas. Claro que isso só ganha um aspecto pervertido quando essas exigências são absolutamente rígidas e marcadas por extravagâncias e humilhações. Mas, sem chegar a tal extremo, são eles quem se ocupam de determinar como uma mulher deve se apresentar, e, quando ela eventualmente se comporta de maneira contrária ao determinado, o cenário prefigurado se desmancha. Então, podem dar-se diferentes desenlaces: fazê-

la calar ou tomar seu dizer para alojá-lo como diferente. Assim, a mulher também pode ser um sintoma para o homem, e não só seu fantasma, quando expressa algo que lhe concerne e que é inconsciente.

Há algum tempo, ouvi um leigo questionar a frase popular “Eu o conheço como se o tivesse parido” ao alegar que a mãe não é quem melhor conhece um homem, e sim sua mulher. Pensei na aguda intuição dessa observação e recordei que Lacan afirma que uma mulher é sintoma de um homem e diz “mulher”, não “mãe”: “Para ter a verdade de um homem, convém saber qual é sua mulher, se for o caso, sua esposa; e por que não: é o único lugar no qual isso pode ter um sentido, coisa que alguém, um dia, entre pessoas próximas a mim, chamou de pesa-pessoa. Para avaliar uma pessoa, nada melhor que avaliar sua mulher quando se trata de um homem”. Então, algo da verdade dele se expressa nela, que passa a ocupar o lugar extraterritorial do sintoma em seu caráter íntimo e alheio.

A partir do sepultamento do complexo de Édipo, Freud assinala para o homem a constituição de um severo superego ligado ao sentido de justiça, aos deveres éticos independentes de motivações afetivas, à retidão e à equanimidade. Nos grandes papéis do teatro clássico, a heroicidade é uma virtude situada do lado macho. Sem dúvida, tais aspectos serão

questionados à luz da atualidade, visto que as identificações que tradicionalmente caracterizavam os sexos mudaram, embora haja caracteres ainda conservados.

Por exemplo, como se concilia o anterior com a célebre queda da virilidade anunciada pelos discursos contemporâneos? A esse respeito, cabe apontar que não é só a psicanálise que assinala tal queda, mas que, além da sociologia, é a filosofia que, no dizer de Hegel, preanuncia a progressiva desvirilização do mundo.

Fala-se da “mulher-orquestra” sem dúvida pela variabilidade de suas disposições ligadas a um gozo mais aberto; o homem poderia ser definido não como orquestra, mas como diretor, visto que tende à unidade e gosta da bússola.

**Você sabia que...** o homem investe o corpo de uma mulher de determinados traços, de maneira que haja uma condição erótica muito destacada em suas escolhas?

Aludindo ao livro *Bom dia, tristeza* (Sagan, 1954), Kojève (1996) destaca o modo como a autora se refere aos homens do novo mundo, o do pós-guerra. Eles gostam de passear pelas praias da Costa Azul com seus corpos musculosos e se exibem diante dos olhares, algo inédito até então. Parece, pois, aludir ao mundo que nasce nos alvares do fim da história anunciado por Hegel e por Kojève como seu discípulo.

Freud considera que o menino abandona o complexo de Édipo quando da ameaça de castração proveniente do pai ou de um substituto capaz de portar essa autoridade para a mãe. O infante se vê diante de uma escolha forçada: deve decidir entre o enlace libidinal com a mãe e o interesse narcisista por conservar seu pênis; pela ameaça de castração, vence este último poder. Em uma espécie de disjunção entre a bolsa e a vida, o pequeno aprende que optar pela bolsa, que representa o incesto, implica perder a vida; cabe recordar que Lacan aborda o falo real em termos de turgidez vital. A masculinidade está, pois, necessariamente marcada pelo pai, sob a forma dessa ameaça que não é outra que a da instauração da disjunção lógica, na qual algo inevitavelmente será perdido.

Voltando a Hegel, para ele, o período final da história equivale à relativização de todas as diferenças, ao advento de um tempo marcado pela coexistência de todas as configurações, substituição do que antes era sucessão de particularidades excludentes por contemporaneidade de opostos, e já nunca oposição. Hegel não pensa, de modo simplista, que em sua época e com sua filosofia termina a história, mas capta que a lógica que presidiu o desenvolvimento dos acontecimentos está perdendo sua vigência. Então, a aparição desse novo estilo de homens deve situar-se no horizonte da evaporação das antíteses, do desfalecimento dos contrários, da dissolução dos opostos.

A lógica graças à qual o homem abandona o Édipo supõe termos diferenciados, conjuntos delimitados, contrários. A

virilidade se afirma como consequência de uma delimitação operada pelo pai, e devemos acrescentar que a vitória do pênis sobre o incesto leva também o viés de algo que transcende o próprio pênis, no que se prefigura a paternidade futura do agora menino. O pênis, para Freud, deve sua investidura narcisista extraordinariamente alta a sua significação orgânica para a sobrevivência da espécie. Então, “podemos conceber a catástrofe do complexo de Édipo – o estranhamento do incesto, a instituição da consciência moral e da moral em si – como uma vitória da geração sobre o indivíduo”.

Em sua leitura do caso Hans, Lacan se apoia no texto de Kojève para se referir à futura virilidade desse menino e lhe augura um lugar passivo em seus laços heterossexuais. Mas, além do caso em questão, Lacan, em correspondência com o filósofo, acentua o tema da desvirilização da época. Miller afirma que a ideia do declive viril, inclusive seu desaparecimento do mundo contemporâneo, não é pensável sem o declive do pai. Então, pai e virilidade andariam de mãos dadas, a tal ponto que a queda de um seria identificada com a queda do outro?

Se nos remetermos ao criador da psicanálise, notaremos que a ênfase dada à procriação indica a acentuação de um interesse narcisista que paradoxalmente excede o próprio ego, a serviço, então, de uma ordem que o transpassa. Trata-se, aqui, de uma virilidade que leva a marca daquilo que a

ultrapassa e que, em uma espécie de transcendência imanente, conjuga dois polos em geral inconciliáveis: o indivíduo e a espécie.

O indivíduo leva realmente uma existência dupla [...] Ele tem a sexualidade por um de seus propósitos, ao passo que outra consideração o mostra como mero apêndice de seu plasma germinal, a cuja disposição põe suas forças em troca de um prêmio de prazer; é o portador mortal de uma substância – talvez – imortal, assim como um primogênito não é mais que o titular temporário de uma instituição que sobreviverá a ele.

O masculino harmoniza essa dualidade e porta a semente de “uma instituição que sobreviverá a ele”. Além da fecundação de um filho, acaso não se chama de “grande homem” aquele que foi pai? Pai da pátria, pai de uma doutrina, pai de um movimento, pai de uma fórmula, pai, enfim, de uma ideia.

## **Cronologia**

---

### **1923 em diante**

Freud esboça as características do gozo masculino, a particularidade de suas identificações e o eixo que governa sua vida em torno da ameaça de castração.

### **1937**

Freud afirma que, no fim de uma análise, o homem deve superar o complexo de castração na medida em que este o leva a significar sua dívida para com outros homens como equivalente a um lugar passivo e feminino. Assim, é possível dizer que

já em Freud há um além da angústia de castração esperável em uma cura.

### **1956-1957**

Lacan antecipa uma época ao se referir à desvirilização contemporânea.

### **1972-1973**

Com as fórmulas da sexualização, Lacan caracteriza a posição masculina como referente ao todo regulado pelo falo. Assim, para o homem rege o todo, ao passo que para a mulher rege o não todo.

### **1996**

Em “Buenos dias, sabiduría”, Miller (1996a) analisa as consequências da queda da virilidade no mundo atual, declinação afim ao desvanecimento paterno.

**Em poucas palavras:  
O declive do pai na época atual  
traz consigo uma modificação  
das configurações que  
tradicionalmente definiam o viril.**

## 26. A criança

A criança para Freud não é uma etapa superada nem um momento do desenvolvimento cronológico para sempre esquecido. A novidade que a psicanálise introduz é que a infância retorna, volta, irrompe, impõe-se, e que nossos desejos bebem nela. Nenhuma insígnia ligada à idade adulta – casamento, trabalho, profissão, paternidade etc. – evitará que, ao falar de nós, invariavelmente remetamos a esses primeiros passos e finalizemos fazendo referência a termos sido filhos de... Lacan indicará como a criança se constitui a partir do desejo do Outro, e Freud descobrirá a sexualidade infantil como situada a destempo. As marcas desse desejo e dessa sexualidade – que é traumática, visto que o infante não tem um psiquismo que a possa tramitar – perduram durante toda a vida.

Em 1925, Freud pensou que uma das causas das neuroses era o longo período de dependência do infante em relação ao adulto. O desvalimento infantil, que não se encontra em crias

animais e sim no homem, faz com que a criança fique exposta às vicissitudes do desejo dos pais e a seus caprichos. Até mesmo a criança mais amada e certa de causar satisfação começa a sentir esse amor como asfixiante. Seja por excesso de cuidados ou por abandono, pela pluralidade daqueles que reivindicam a parentalidade ou pela redução ao monoparental, seja pelo referente ao casal heterossexual ou homossexual, a criança se apresenta como remetida à opacidade de um desejo que desconhece. Ela construirá teorias sobre sua origem, sobre a reprodução, sobre a sexualidade, sobre os grandes enigmas do universo e, por uma estranha satisfação, repetirá jogos e gostará que lhe leiam as mesmas histórias, como se essa repetição garantisse uma permanência. O espaço será configurado com lugares conhecidos e seguros; outros objetos de angústias e fobias marcarão uma cartografia, que delineará um território.

O “empuxo a ter um filho” nos fala de um olhar posto no infante que parece assegurar perdurabilidade em tempos de “amores líquidos”: frágeis e inconstantes. Tais pais tomam o filho como propriedade e não aceitam o limite necessário gerado pelo outro pai. A falta de limites, tão comum na infância, costuma remeter a tal presunção; assim, a criança de nossos dias parece nascida de um, e não de dois.

**Você sabia que...** Freud descobre a sexualidade infantil em sua análise?

Cabe pensar no lugar da criança na atualidade. Abundam inúmeros exemplos associados ao crime, à pedofilia, à prostituição, ao trabalho infantil etc. Todos têm em comum excessos sem medida dirigidos ao menor. É importante destacar que esses maus-tratos registraram um grave aumento nos últimos anos. Assim, a utilização da criança como objeto de gozo do adulto está, infelizmente, na ordem do dia, causando estupor e revolta. No outro extremo, aparece a criança estimada, figura adorada e buscada a qualquer preço; o anseio por tê-la exerce uma força de atração irresistível. As crianças se mostram tal qual ouropéis, peças de valor inestimável; as atrizes os exibem em fotos caras ou cobrem seu rosto temendo sequestros; a roupa infantil é a mais vendida e cada vez imita mais a do adulto. Mulheres e homens querem ser pais incondicionalmente: com parceiros heterossexuais, homossexuais ou sem parceiro algum. O “empuxo a ter um filho” é poderosíssimo; em nenhum momento da história, seu sítio foi assunto de tantos olhares como na atualidade. Tanta atenção se reveste de diversos ribetes: na arena, no trono, como vítima do gozo pervertido e como o bem mais estimado, sua figura é central em nossa

contemporaneidade.

A criança atual torna-se independente da união parental, assim como da família, hoje em crise – pelo menos em suas figuras tradicionais. Éric Laurent destaca seu lugar como objeto, desvinculado do discurso familiar. O nascimento de uma criança se libera da existência da família de tal maneira que – afirma esse mesmo autor – é a própria criança que cria a família, longe de ser criada por ela. Ele se refere, com isso, aos inúmeros casos em que o nascimento precede o casamento, não o inverso. O eixo comum que governa as novas maneiras pelas quais o infante vem ao mundo é o de não ficar dependente das estruturas de outrora, e tal desvinculação o identifica com o que Lacan denomina “o objeto *a* liberado”. Os casais parecem não resistir ao passar do tempo. Cada vez a convivência é mais difícil, cada vez dura menos, cada vez a relação amorosa se desfaz mais rapidamente. Sempre se soube que a proximidade excessiva era inimiga do amor, mas talvez o novo seja a fugacidade com que tal proximidade afeta o vínculo, a ponto de rompê-lo prematuramente. E, mesmo sem chegar à convivência, as uniões estão – na maioria das vezes – marcadas pelo efêmero. Assim, o filho parece dar uma ideia de permanência quando os amores são tão fugazes.

A criança leva como herança os ideais e as misérias da maneira como veio ao mundo. É um ímã que atrai e condensa os ditos que precederam seu nascimento e configuram sua existência.

Em 1914, Freud vê no amor parental, tão comovente e infantil no fundo, o deslocamento do antigo narcisismo perdido e depositado agora no infante. Nessa idealização da qual a criança é objeto nega-se sua sexualidade, como se faltasse em tal apreciação:

A superestimação, marca inequívoca que apreciamos como estigma narcisista já no caso da escolha de objeto, governa, como todos sabem, esse vínculo afetivo. Assim, prevalece uma compulsão a atribuir à criança todo tipo de perfeições (para a qual um observador desapaixonado não descobriria motivo nenhum) e a encobrir e esquecer todos os seus defeitos (o que mantém estreita relação com o desmentido da sexualidade infantil).

Freud descobre essa sexualidade negada pelos pais e expulsa da economia narcisista. Certamente eles, diz Lacan, “farão reflexões como ‘Meu filho é muito bem dotado’. Ou ‘Terá muitos filhos’. Em resumo, a apreciação que aqui se dirige ao objeto – claramente parcial – contrasta também com a rejeição do desejo, no momento do encontro com o que urge o sujeito no mistério do desejo... É apreciado como objeto, é desprezado como desejo”.

Claro que convém esclarecer que o objeto a que Lacan se

refere é o adorno que, tal qual ornamento precioso, se articula com o ego ideal freudiano. Embora tais observações continuem tendo vigência na atualidade, vemos aparecer também outra figura: a criança como objeto antes que como ideal.

O empuxo a ter uma criança parece não conhecer barreiras nem de sexo, nem de idade, nem de estado civil, nem de orientação sexual. Em diversos casos, e de maneira bastante destacada, chama a atenção em si mesmo o lugar que tem o infante, e não como fruto ou consequência da união entre seus pais. Ouvem-se alguns homens dizendo que se não encontrarem a mulher certa, alugarão um ventre, e para as mulheres a alternativa do sêmen anônimo está no horizonte. Já em ausência de parceiro, ou com parceiro do mesmo sexo, a ciência superará o impedimento. Não é um fato menor que pelas novas tecnologias a reprodução tenha se desligado da relação sexual. Sêmen anônimo, barriga de aluguel e outros tantos procedimentos fazem com que a gestação prescindia do contato entre os corpos.

## Cronologia

---

### **1897-1904**

Em sua autoanálise, correspondência que mantém com Fliess, Freud se aprofunda em sua própria infância, suas recordações, sua sexualidade, suas vivências.

### **1905**

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (vol. VII), Freud situa a sexualidade infantil em um lugar determinante no psiquismo do adulto. Ela tem um caráter traumático pela impossibilidade do infante de ab-reação de seus conteúdos e de significá-los psicologicamente.

### **1914**

Freud situa o lugar da criança em relação a seus pais como o narcisismo que eles perderam.

### **1925**

Freud assinala como uma das principais causas da neurose o longo período de dependência da criança em relação a seus pais; dependência que não se encontra nos animais.

### **1956-1958**

Lacan aprofunda o lugar da criança, seus sintomas e suas angústias em uma análise detalhada do caso Hans descrito por Freud.

### **2006**

Éric Laurent situa o lugar da criança na atualidade como desvinculado do discurso familiar.

### **2011**

Eu caracterizei esta época como a do empuxo a ter um filho incondicionalmente.

**Em poucas palavras:  
É na infância que tomam forma o  
espaço e o tempo do  
inconsciente e do desejo.**

## 27. O amor no fim de uma análise

Freud pensa a saúde em termos da capacidade de amar e de trabalhar, certamente porque tanto o amor quanto o trabalho implicam franquear essa retração libidinal que caracteriza a doença. Devolver ao paciente essa possibilidade é, para ele, uma das consequências da análise. Por sua vez, Lacan considera um novo amor no fim de uma análise, que define como “mais digno”, sabedor, talvez, de ser um laço que se ergue sobre o fundo da ausência da relação sexual. Perante esse ponto de realidade que constitui o destino e o drama do amor, é necessária uma posição ética. Em oposição, os programas pseudocientíficos tentam achar a química neuronal dos apaixonados indagando sobre o gene do ciclo passional.

Freud considera que o amor se explica em termos libidinais e se dá quando o interesse se desloca do próprio ego à pessoa exterior, que é intensamente investida. Diferencia os amores narcisistas dos objetivos, mas essa delimitação não é tão

precisa, porque sempre há uma parte do narcisismo em jogo: o outro sempre importa para o eu. No entanto, há amores mais narcisistas que outros, nos quais se ama o outro só por ser parte de si mesmo ou ser o ideal que a pessoa gostaria de ter sido; ao passo que há amores mais objetais, nos quais se reconhece a diferença do amado em relação ao eu e é admitida como tal. Poderíamos dizer que talvez a sobrevivência do amor dependa deste último aspecto, e vale aqui lembrar a célebre decepção do baile de máscaras quando os amados mostram seu rosto: ela não é ela e ele também não é ele. Momento certamente em que o amor passa pela “prova da verdade”: será perdurado quando cada um revelar seu verdadeiro rosto, não mais o idealizado do começo.

Em seu seminário dedicado à transferência, Lacan (1992) situa o amor em termos de metáfora, seguindo o diálogo de Platão em *O banquete*. O que caracteriza o *erastes*, o amante, é essencialmente o que lhe falta (o sujeito do desejo), mas, como analistas, acrescentamos: ele não sabe o que lhe falta (esse não saber resulta do inconsciente). Por outro lado, o *eromenos*, o objeto amado, não sabe o que tem, o que tem oculto, e que constitui seu atrativo; o que tem é chamado a revelar-se na relação de amor. Pois bem, não há coincidência entre os termos: o que falta ao *erastes* não é esse “o que tem” que está oculto no *eromenos*. Aí está todo o problema do amor.

Apesar dessa não correspondência, nome da não relação sexual, a metáfora se produz quando o amado se transforma em amante, e esse é o milagre do amor: a maneira como um é tocado pelo outro.

A psicanálise ensina muito sobre o amor, visto que é uma experiência montada no amor de transferência; trata-se, ali, de um amor inconsciente que o analisado dirige ao analista e que, como diz Miller, traz à luz sua mecânica.

Os homens que não estão muito seguros de sua virilidade resistem a cair sob seu feitiço e, para afirmar sua potência, desejam a mulher que não amam. Por isso, o apaixonado é assaltado pelo orgulho de ter posto em jogo sua incompletude e dependência em relação ao outro, situação que desencadeia agressividade em direção ao amado.

Gostaria de me referir a um fenômeno da época atual. Após ter tido diversos encontros marcados pela internet, uma mulher define essas experiências em termos de “*casting* amoroso”. Ela se sentira examinada, comparada com o que se esperava dela, submetida a uma avaliação. Essa palavra, *casting*, utilizada classicamente para a escolha de modelos ou de atores para uma produção, hoje estende seu emprego a outros tipos de situação, o que indica de que modo os sujeitos são avaliados muito além do laboral. Há pouco tempo, ouvi alguém dizer, depois de uma súbita decepção após o

casamento, que havia errado no *casting*. O vocábulo é inglês e em sua tradução abriga a fundição, o molde, a forma, o elenco, o gesso e também o esvaziamento.

Diz Borges que a pessoa está apaixonada quando se dá conta de que a outra é única. Na linguagem privada, os apelidos indicam a maneira como o nomeamos, tentando, desse modo, expressar sua unicidade.

Alguém poderia dizer que sempre buscamos o outro segundo um molde prévio, que temos padrões, que nos interessam determinadas características, que preferimos de determinadas qualidades, vendo como muito natural esse jeito de escolher. Acaso não diz a psicanálise que existem traços de fixação que dirigem a orientação a determinada pessoa e não a outra? No entanto, tais adesões são inconscientes e se distanciam das do famoso *casting*, no qual, pelo contrário, tentam ser calculadas e submetidas ao controle. Por outro lado, Lacan diz que o amor é contingente, não planejado, e que se há sempre um mistério, este se enraíza no fato de que exista algo de inexplicável na atração para o objeto amado, que transcenda em muito o caráter avaliável de seus atributos. A esse respeito, Roland Barthes (2003) expressa:

Em *Adorável!* não cabe nenhuma qualidade, somente o todo do afeto. No entanto, ao mesmo tempo que *adorável* diz tudo, diz também o que falta ao todo, quer designar esse lugar do outro ao

qual meu desejo quer especialmente se agarrar; mas tal lugar não é designável, dele jamais saberei nada, minha linguagem tateará às cegas, balbuciará sempre em uma tentativa de dizer, mas nunca poderei produzir mais que uma palavra vazia, que é como o grau zero de todos os lugares nos quais se forma o desejo muito especial que tenho por esse outro.

**Você sabia que...** o amor é contingente, mas o apaixonado o quer para sempre?

Lacan diz que o discurso capitalista exclui o amor. Não só pelo aspecto romântico que faz com que os apaixonados se bastem e, assim, que se afastem do consumo, como também porque no amor o outro não é uma moeda de troca; revela-se insubstituível. Pensemos na saudade que surge da recordação de um amor que se perdeu; certamente, a linguagem privada compartilhada com a pessoa amada irá se fazer presente; uma linguagem que foi única e que não é intercambiável com nenhum outro.

O “*casting* amoroso” rejeitaria essa verdade do amor que fez Kierkegaard dizer que é tão difícil definir sua essência quanto definir a essência de uma pessoa. O amor margeia esse núcleo inominável e inexplicável na lógica da avaliação. Quando se trata de convencer um apaixonado da não conveniência do objeto amado, comprova-se que é inútil, tal como argumentar no deserto, visto que a atração não contempla razões. Talvez em tal “inutilidade” se revele o cerne do amor, incompreensível em termos de custo-

benefício. Não ocorre o mesmo quando se taxa um produto; porém, no *casting*, buscam-se determinados atributos e os sujeitos se oferecem como mercadoria, já não só estas como valores de câmbio, mas sim os próprios sujeitos. Eis por que a depressão quando estes atentam para seu lugar como objetos descartáveis: não ser o produto buscado.

O amor se orienta àquele que pensamos que pode nos revelar nossa verdade; claro que essa verdade é muito difícil de suportar, embora o amor permita imaginar que ela será amável. Por isso, Miller afirma que amamos aquele ou aquela que poderia responder à pergunta acerca de quem somos. Por isso, aquele que ama está em posição de falta; daí que o amor feminilize e possa ser perturbador para muitos homens. Assim, são sempre eles que se revelam diante da famosa frase de Lacan: “Amar é dar o que não se tem”, afirmando, pelo contrário, que amar é dar o que se tem. O que o aforismo indica é que a falta é o que se entrega ao outro, e que seu valor é diferente dos bens, presentes e potência, visto que essa falta implica reconhecer que se precisa do outro.

## Cronologia

---

### **1914**

Freud observa na neurose uma incapacidade de amar, visto que esta está obstaculizada pelas fixações infantis.

### **1914-1915**

Freud pensa a saúde em termos da capacidade de amar e trabalhar e desenvolve os diferentes tipos de amor como narcisistas ou objetais.

### **1960-1961**

Em seu seminário dedicado à transferência, Lacan (1992) fala sobre qual é o amor que está em sua base. Para isso, realiza uma análise da primeira grande obra consagrada ao amor: *O banquete*, de Platão. Assim, Lacan expressa sua conhecida afirmação “Amar é dar o que não se tem” e encontra essa fórmula no diálogo platônico.

### **1971-1972**

Lacan situa o capitalismo como “discurso” que rejeita o amor e a castração.

### **1974**

Lacan se refere a um novo amor no fim de uma análise, que surge como consequência do desenlace da análise.

### **2008**

Miller vincula o amor à pergunta pelo ser.

**Em poucas palavras:**  
No fim de uma análise, um amor mais digno seria aquele que não demandasse o impossível.

# Capítulo 7

## Estruturas clínicas

## 28. A histeria

A palavra *histeria* deriva do grego *hystera* (“matriz”, “útero”); trata-se de uma neurose cuja originalidade se encontra no fato de que os conflitos psíquicos são expressos em sintomas corporais paroxísticos (ataques ou convulsões de aspecto epiléptico) ou duradouros (paralisia, contraturas, cegueira etc.), sem que tenham uma correlação neurológica que os justifique clinicamente. Longe de seus predecessores franceses, que detêm seu olhar nessa teatralidade, Freud descobre pela via da palavra o caráter simbólico desses sintomas enlaçados com experiências da vida sexual infantil que permanecem inacessíveis à consciência. A lógica moderna e a linguística permitirão a Lacan abrir novos sulcos na letra de Freud ao conceituar a histeria como discurso.

Quase sempre padecidos por mulheres, os fenômenos histéricos são múltiplos. Paroxismos, paralisia motora, transtornos da fala, medos, cólera, culpa, instabilidade afetiva

etc. Pela primeira vez, um médico, Freud, interroga os relatos e descobre um saber ignorado sobre a sexualidade. Freud formula hipóteses, escuta, decifra e, assim, obtém também diagnóstico, tratamento e demonstração do inconsciente. De fato, a sexualidade, negada ou evitada ou ficcional, chama à interpretação, que no novo laço transferencial com o médico faz surgir a trama de representações que margeiam a situação traumática. Os sintomas cedem.

A uma experiência passiva de prazer sexual, a menina, agora mulher, haveria respondido com nojo e aversão, com mecanismos que Freud chama de *repressão* e *defesa do ego*. A representação intolerável se separa do afeto (excitação sexual), que vai se deslocar aos sintomas e às fantasias. O afeto e a marca são indelévels.

A invenção de Lacan consiste em fazer a estrutura freudiana da histeria passar para o discurso da histérica. Nesse discurso há uma apelação ao amo, que pode ser o pai, o professor, o médico, o juiz etc. Enfim, todo aquele que profira um significante regente associado a um saber. As declinações do amo na época atual e a primazia que não são desse discurso, mas sim do capitalista, dão lugar a mudanças profundas na sintomatologia histérica.

Apesar de a opinião médica tentar resistir à concepção demoníaca da possessão, esta se impõe durante um longo

tempo, tal o caráter indômito que é necessário atribuir a Satanás. A histeria é subtraída da religião só no século XVIII. Freud a encontra já situada no campo psiquiátrico; Charcot a havia considerado uma neurose de origem hereditária que podia afetar tanto homens quanto mulheres. O criador da psicanálise a aloja de outra maneira e, assim, define um campo inédito: o campo do olhar se transforma no da escuta. Com a histeria, Freud descobre os pilares da psicanálise – o inconsciente, a sexualidade, o sintoma, a transferência –, e esta irá reenviá-lo à análise de sua própria sexualidade, de seu Édipo. Com a histeria, Freud descobre o caráter essencial do desejo, sua natureza insatisfatória, essa que faz vacilar o amo e causa, na maioria das vezes, irritação. É comum que os homens digam que, para ela, nada está bom e que utilizem frases conhecidas a esse respeito. É comum que a frase “É uma histérica” tenha uma significação depreciativa: atrair e logo subtrair-se, não se conformar nunca, não se saciar jamais. Freud e Lacan tomam com seriedade aquilo que o senso comum menospreza e veem que esse desejo insatisfeito está dirigido a um amo para que produza um saber sobre esse mistério que ela guarda.

**Você sabia que...** em meados do século XVIII ocorre, com Mesner, a passagem de uma concepção demoníaca da histeria a uma concepção científica?

A histeria inquieta os homens de todos os tempos, que deram a esse enigma diferentes nomes, sempre vinculados àquilo que se rejeita, com o que se segrega, com o que se amaldiçoa. Para os antigos, especialmente Hipócrates, a histeria é uma doença médica de origem uterina, portanto, especificamente feminina. Em *Timeu*, Platão retoma essa tese e destaca que, diferente do homem, a mulher leva em seu seio um “animal sem alma”: próximo da animalidade, esse é durante séculos o destino feminino, e muito mais o da histérica. Na Idade Média, essa matriz sufocada encarna o sexual como pecado. O diabo enganador entra no corpo das mulheres para possuí-las; elas são bruxas que o representam.

A cura da histérica consiste em que, sem deixar de desejar, ela possa limitar uma satisfação própria que a libere de esperar sempre do Outro e a livre da insatisfação que a caracteriza.

Hoje em dia, o saber se consoma na produção de objetos tecnológicos chamados *gadgets* por Lacan. Assim, há alguns anos, Javier Aramburu chama a histeria dos alvares do século XXI não mais “de conversão” (sintomas no corpo), e sim “de conversação”. Os imperativos do mundo atual nos compelem a dar asas aos impulsos sem trégua e sem a necessária pausa que implica o calar. Detenhamo-nos na rapidez com que se insta a dar uma resposta imediata ao que se pergunta e que é impossível de explicar em um minuto. Por outro lado, todo o dizer se transformou em dever; os programas televisivos mostram um confessionário que se transformou em local

público. A tecnologia anula os espaços que estavam confinados ao silêncio; longe ficou a multidão silenciosa, que hoje transcorre acompanhada pelos celulares, que não podem faltar, falando ou enviando mensagens de texto insubstanciais. Assim, se na época de Freud era preciso liberar o sintoma de seu silêncio, hoje é preciso levar a tagarelice sem medida à singularidade de um dizer próprio. Isso se deve ao fato de o mercado também estimular o desejo histórico, que, sem detenção, conduz ao extravio.

## **Cronologia**

---

Em grego, *hystera* significa “matriz”. Para os antigos, especialmente Hipócrates, a histeria é uma doença orgânica de origem uterina, portanto, especificamente feminina, que tem a particularidade de afetar o corpo em sua totalidade com “sufocações da matriz”. O termo começa a mudar na Idade Média: de doença orgânica a pecado, de pecado “endemoniado” a loucura.

### **1895**

Com a histeria, Freud descobre os fundamentos da psicanálise: o inconsciente, a sexualidade, o sintoma e a transferência. Aparece um novo olhar sobre a feminilidade. Loucas e burguesas vitorianas dominam o “palco”.

### **1900**

Freud revela a particularidade do desejo histórico como desejo insatisfeito. Como exemplo paradigmático desse desejo próprio da histeria, o sonho do salmão defumado descrito em *A interpretação dos sonhos* (vol. IV-V) revela suas vicissitudes.

### **1905**

O caso Dora mostra a Freud a importância, para a histérica, da outra mulher como

portadora da resposta ao enigma do feminino.

**1969-1970**

Lacan descreve o discurso histórico e o vincula aos outros discursos.

Em poucas palavras:  
O desejo histórico incita Freud de  
maneira frutífera e, assim,  
possibilita a criação da  
psicanálise.

## 29. A neurose obsessiva

Freud diz que a neurose obsessiva se manifesta como um dialeto da linguagem histérica que agita os corpos; o obsessivo revira seus pensamentos, cárceres de uma sexualidade aflita. A histérica responde com aversão a uma sedução súbita, intrusão sexual na vida do sujeito, ao passo que o obsessivo tem nessa irrupção um papel ativo, sente prazer e deve rejeitá-lo. Nesse caso, verifica-se a complexidade das relações afetivas; ambivalência, oposição ativo-passivo ou masculino-feminino e antagonismo ódio-amor. Na dúvida e na dilatação espera o impossível: que o pensamento resolva os enigmas do sexo e da existência.

Enquanto a histérica vive inteiramente no nível do Outro cujo desejo é para ela necessário e é seu centro de gravidade, o obsessivo aponta ao desejo como tal, não desejo de uma coisa, e sim o desejo em sua condição absoluta, impossível de satisfazer e que está além da demanda. A criança que se tornará obsessiva tem ideias fixas. Fixação intolerável para os

outros por seu caráter de condição absoluta, que implica a destruição do Outro, pois lhe pede seu ser. Paga isso com todo tipo de impedimentos, inibições, temores, dúvidas, interdições: fantasmas tão fixos que, mesmo que consigam alguma realização, esta sempre será decepcionante.

A mecânica obsessiva, presa nos labirintos da medida, diante da concreta proximidade do objeto de amor vê se reduzir o desejo, até sua extinção; o pensamento se esgota na objetividade da consciência moralizante, com infinitas voltas, precauções, cerimônias e outras manias, às quais subjaz uma intensa agressividade que o obsessivo tenta domesticar pedindo permissão para tudo. A submissão é um modo de restituir ao Outro, cujo lugar lhe disputa em seu mortífero fantasma. Isso implica rejeição do Outro e permissão.

A maneira como os neuróticos obsessivos tentam deter o tempo é permanecendo na dúvida, visto que uma decisão sempre implica uma perda, algo que se quer evitar. Tal trapaça implica olhar a vida da plateia, recusando-se a estar no palco do devir; portanto, não querer que o tempo passe, julgá-lo eterno, conduz paradoxalmente à aflição. Freud faz sua a frase latina "*Si vis vitam, para mortem*" – "Se quer suportar a vida, prepare-se para a morte" e também "Se quer viver a vida, prepare-se para a morte" –; *preparar-se* quer dizer não ignorar sua finitude.

Classicamente, separa-se o ser do tempo, em uma tentativa de preservar o ser da finitude. O amor e a verdade sempre tiveram a pretensão de ficar resguardados das vicissitudes temporais, confinados “fora do tempo”. Não é à toa que se fala das “verdades eternas” e dos “amores eternos”. Gilles Deleuze diz que o tempo põe a verdade em crise; acrescentemos que põe o amor também. A maneira de mantê-los imunes é... não os pôr à prova. Por isso, os amores impossíveis são os que aspiram a uma eternidade porquanto não se realizam e, ao mesmo tempo, são amores mortos, coagulados em um eterno presente, fixos no que poderia ter sido.

Uma das características de nosso tempo é a aceleração. Nossa época é de rapidez; tudo se torna cada vez mais rápido, e dessa rapidez se passa à aceleração. Para os matemáticos e os físicos, a segunda é simplesmente derivada da primeira. A aceleração define muito bem o homem de nosso tempo. A aceleração da decadência de toda novidade povoa nosso universo de objetos que precisamos descartar depressa para substituí-los pelos de último modelo. Heidegger também assinala como uma das características do homem moderno a incapacidade de se deter na contemplação e o crescente afã pelas novidades. Tal avidez vai unida à inquietude pelo novo e pela mudança, à dispersão crescente, a um nunca se demorar.

## Por acaso isso não entra em contradição com o anterior?

O obsessivo posterga as decisões cruciais de sua vida como uma maneira de resistir ao passar do tempo. Nunca chega a hora, nunca é o momento. Freud exemplifica essa postergação como a demora desses tribunais que só resolvem os processos quando as partes intervenientes falecem.

**Você sabia que...** o obsessivo não pode amar sem odiar e não pode desejar sem logo se distanciar do que deseja?

Se o sujeito histórico ataca os motivos recentes ou infantis da doença com a amnésia, o obsessivo não esqueceu o trauma: defendeu-se dele. Despojou-o do afeto, que é deslocado para as ideias chamadas *obsessivas* por seu caráter de fixação e de sobrecarga. O obsessivo é um doente do pensamento, essa prisão que o afasta da vida e que o aflige.

Acredito que as duas características convivem simultaneamente nos sujeitos contemporâneos. Por um lado, encontramos o sintoma da juventude eterna, a infantilização, a adolescência interminável, o fenômeno dos adultos jovens e a identificação com Peter Pan como figuras ligadas a ilusoriamente preservar os sujeitos da finitude. Por outro lado, isso pode se combinar a uma vida de pressa sem fim, na qual abundam as passagens ao ato dadas por uma aceleração, qual motor que dá lugar à expressão tão comum:

“Desacelere”. Isso se deve ao fato de que tal celeridade não se opõe à demora em realizar os atos mais importantes da vida; por isso, paradoxalmente, o ritmo vertiginoso, a existência como *zapping* e a pressa sem trégua podem ser também a maneira de postergá-los.

Freud descobre em sua clínica que o obsessivo tem uma relação ambivalente com seu pai: ama-o, mas lhe deseja a morte. Tal ambivalência complica seus atos e suas decisões, visto que governa sua vida: desejar equivale a matar, e, para não realizar tal ato, ele se detém. Assim, a ambivalência enfraquece uma vida caracterizada pela dúvida permanente e a postergação do ato. Lacan vai além ao afirmar que não se trata só do pai, mas do Outro como lugar de referência fundamental que o obsessivo sustenta e do qual não se desprende; daí a eterna postergação, daí sua dificuldade com o tempo, porque a hora pertence ao Outro. Também seu desejo fica preso nesse emaranhado, e o obsessivo transforma seu próprio desejo em uma demanda do Outro, que pode estar representado em diversas personagens.

## Cronologia

---

### 1777

William Cullen, médico escocês, introduz o termo *neurose* em um tratado de medicina.

### Século XIX

Considera-se que as neuroses são doenças do sistema nervoso com localizações orgânicas precisas ou como afecções funcionais.

### 1894

Freud identifica a neurose obsessiva e a considera mais comum no homem que na

mulher.

### **1895**

Freud situa na neurose obsessiva uma experiência sexual primária de prazer excessivo que depois se transforma em censura ou em ideação compulsiva.

### **1907-1926**

Freud mostra que na neurose obsessiva o que domina a organização sexual é o erotismo anal. Constata uma analogia entre a religião (cujos rituais têm um sentido) e o cerimonial da obsessão (no qual esses mesmos rituais só respondem a uma significação neurótica). Os sintomas são expressos por meio de pensamentos, e não tanto fisicamente, como na histeria.

### **1909**

Freud situa a ambivalência como central nas relações afetivas do neurótico obsessivo.

### **De 1957-1958 em diante**

Lacan não enfatiza tanto a ambivalência quanto a problemática vinculada ao desejo, um desejo que destrói o desejo do Outro, que depois ele tem que restituir, em uma espécie de circuito infernal.

Em poucas palavras:  
Em uma análise, o obsessivo  
pode se desprender da  
morbidade de certos  
pensamentos, que Lacan chama  
de *parasitas da alma*.

## 30. A psicose

Freud diferencia a psicose da neurose em termos de uma perda de realidade que se situa de maneira diferente em ambos os casos. Diante das frustrações da vida, o neurótico se isola, se refugia na fantasia que é sua realidade psíquica e, assim, mantém uma divisão possível entre o exterior e o interior. O psicótico não tem essa possibilidade e, por não haver recinto interior, está preso a um fora fantasmático que ele vive como real. Eis por que a psicose é classicamente definida como doença caracterizada pela perda do contato com a realidade. Lacan se aprofunda notavelmente nesses mecanismos: se para o psicótico a realidade constitui um problema, não é por um déficit, e sim pela falta de um significante que a ordene e lhe dê uma significação que permita o laço social.

O tema vinculado à perda de realidade inquieta a todos os estudiosos da psicose. Esclareçamos que a realidade está sempre alterada para os sujeitos; somos todos delirantes

nesse sentido, mas na neurose há uma distância que preserva contra confundir o real com a própria “loucura”. A realidade que aparece para o psicótico é uma realidade que lhe causa perplexidade e desconcerto, porque falta essa significação que, embora relativa, faz com que o neurótico possa descansar nela. Nesse sentido, o psicótico estaria mais amarrado à realidade como realidade nua, desértica, que leva Freud a falar de uma vivência de fim de mundo. Sobre esse vazio não semântico será montado o delírio a seguir, como uma tentativa de produzir um sentido.

Tal lacuna na significação leva Lacan a falar da carência daquele significante ao qual denomina *significante do nome do pai*, forcluído na psicose e presente na neurose. Esse significante é o que sustenta nossa crença em um senso comum e em determinados pilares sobre os quais se assenta nossa existência. O dramatismo que sua ausência produz se revela, por exemplo, em Schreber, quando, ao relatar o começo de sua doença, afirma que em dado momento os relógios do mundo pararam, que houve um assassinato de almas, que os homens pareciam feitos às pressas etc. É impossível entender esse quadro sem situar o momento inicial, chamado de *desencadeamento*, no qual o sujeito confronta uma situação que põe em jogo, de maneira brutal, esse vazio na trama de um tecido que se desfaz. Não havendo

remendo possível, o desconcerto deixa o sujeito em um estado de estupefação angustiosa ao enfrentar tal derrocada. As convicções delirantes são secundárias. Em princípio, o psicótico não é aquele que sabe, como acreditaria um exame fenomenológico; pelo contrário, é quem mais se aproximou do buraco no saber. Ele tentará produzir um sentido mediante a interpretação delirante, cujo eixo triunfa na paranoia e fracassa na esquizofrenia.

**Você sabia que...** Freud começa suas elaborações com base nas neuroses e que Lacan o faz com base nas psicoses?

O surgimento do termo *psicose* remonta ao século XIX, quando as doenças mentais são erigidas em solo próprio, não só como diferentes das do cérebro, ou dos nervos ou do corpo, mas daquelas que na tradição filosófica foram chamadas de *doenças da alma*. É no fim desse século que se estabelece na tradição psiquiátrica uma oposição entre neurose e psicose. O termo designa a loucura sem fazer mais que descrever certas condutas que aparentemente escapam do racional. A psicanálise descobre uma lógica nessa “falta de razão”, lógica que encontra sua formulação-chave no estudo que Freud faz do caso Schreber. Embora não tenha sido seu paciente, escreveu um livro insuperável, *Memórias de um doente dos nervos* (Schreber, 2010), que inspirou Freud, no qual relata, de forma profunda, os sintomas da paranoia.

Schreber é um eminente jurista cuja carreira se vê interrompida por seus surtos psicóticos. Seu livro ilustra de

tal maneira as características do quadro que quem queira conhecer suas peculiaridades encontrará ali uma contribuição que supera a de qualquer manual. Voltemos a sua ideia sobre o desaparecimento dos relógios do mundo: Koyré situa esse aparelho na inauguração do universo de precisão, sem o qual não haverá possibilidade de ciência exata. Esse instrumento é regulado segundo uma unidade de tempo que podemos pensar como um simbólico compartilhado que volta sempre ao mesmo lugar e que, nesse sentido, amarra-se a um real. A abolição dessa marca será, para esse jurista, simultânea à afluência constante e abundante de raios em relação ao corpo em um suntuoso deslumbramento de manifestações luminosas. Assim, na psicose, o lugar no qual se produz a lacuna será ocupado pelo gozo do Outro, que assumirá diferentes formas: a erotomania, a perseguição.

Freud quer diferenciar o mecanismo que opera na neurose daquele que o faz na psicose: para a primeira, propõe a repressão, e, para a segunda, a rejeição [*Verwerfung*]. Por um lado, o reprimido retorna sob a forma das diversas produções do inconsciente, e o sujeito, embora essas sejam diferentes de seu eu consciente, aceita-as como próprias, provenientes de seu “interior”. Por outro lado, quando o mecanismo é a rejeição, aquilo que foi suprimido retorna do exterior, e o sujeito não o reconhece como próprio. O exterior se torna um

espaço forâneo e inquietante, persecutório e inabitável, e diante disso Freud não se contenta com pensar em uma simples “projeção”. Lacan chama esse mecanismo de *forclusão*.

Diferente de Freud, Lacan pensa em um tratamento possível para a psicose, visto que dá extrema importância às suplências que o doente pode empregar para compensar a derrocada subjetiva.

O termo *forclusão* resulta da tradução da palavra alemã *Verwerfung*, empregada por Freud. Ele dedica toda a sua atenção à neurose, considerada curável, em detrimento da psicose, que julga quase sempre incurável. Nesse sentido, a neurose histérica das mulheres da burguesia vienense atendidas por Freud e por Breuer não se parece com as “loucas” da Salpêtrière postas em cena por Charcot, sem dúvida também históricas, mas com limites próximos da psicose. O encontro de Freud com a psicanálise se dá, por um lado, no âmbito do consultório privado; o de Lacan, por outro lado, no hospital Sainte-Anne. Os inícios são diferentes: um baseado na neurose, o outro na psicose; e nos dois casos as mulheres são as protagonistas. Lacan baseia suas primeiras pesquisas sobre o tema no estudo de dois casos que na época abalam a comunidade: um é o de Aimée, mulher que feriu uma atriz na saída de um teatro, e o outro de umas criadas, as

irmãs Papin, que mataram a patroa e sua filha e inspiraram a obra *As criadas*, de Genet.

O termo *repúdio* (*forclusão*) se origina no vocabulário jurídico. Significa o encerramento de uma ação judicial na qual uma das partes não respeita os prazos legais para cumprir certas formalidades. A parte em questão fica excluída do direito de discutir no âmbito de um litígio, em virtude de não ter respeitado tais prazos; declara-se “*a foro exclusio*”; daí o termo *repúdio*, ou, mais exatamente, *forclusão*, que Lacan introduz na psicanálise.

## Cronologia

---

### 1845

O psiquiatra austríaco Ernst von Feuchtersleben introduz o termo *psicose* para substituir *loucura* e definir as “doenças da alma” sob uma perspectiva psiquiátrica.

### 1894

Freud retoma o termo *psicose* para designar a reconstrução inconsciente – por parte do sujeito – de uma realidade alucinatória e delirante.

### 1909 e 1911

Contrário a Bleuler, Freud prefere escolher a terminologia de Kraepelin e, assim, adota a ideia de uma dissociação da consciência, mas privilegia o conceito de paranoia sobre o de esquizofrenia. Em consequência, faz da paranoia o modelo estrutural da psicose.

### 1911

O texto freudiano “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*) relatado em autobiografia” (vol. XIII) aborda os mecanismos essenciais do quadro paranoico com base nas *Memórias* de Daniel Paul Schreber.

### **De 1931 em diante**

Lacan leva adiante um estudo profundo da psicose, que começa com sua experiência no Hôpital Sainte-Anne.

### **1955-1956**

Lacan descreve o mecanismo da forclusão como aquele que fala da especificidade da psicose.

## **Em poucas palavras:**

Freud recorda que, quando um cristal se quebra, segue as linhas de sua articulação; eis aí tudo que a psicose pode ensinar sobre a estrutura.

## 31. A paranoia

*Paranoia* é um termo elaborado pela psiquiatria clássica que perdeu valor na moderna, a tal ponto que assistimos a sua evaporação como diagnóstico e a sua redução a uma forma adjetivada: *paranoide*. O fato fundamental da paranoia é a maneira singular de interpretar, e a psicanálise se aprofundou nessa forma de perceber nos fatos um significado pessoal, dirigido ao sujeito. Para Freud, o mecanismo de projeção na paranoia implica uma forma de interpretação que desconfia não só do entorno, mas também das próprias formações do inconsciente, de maneira que são rejeitadas e mantidas fora do ego.

Freud isola o mecanismo que caracteriza a paranoia e lhe dá o nome de *projeção*: o mal, o gozo, a intenção, o eros etc. provêm do outro, nunca do próprio sujeito. A afirmação de Hegel que indica que o mal está no olho que o vê estaria na antítese da concepção paranoica, que o atribui ao universo forâneo, estranho ao sujeito. Mas, sem se contentar com a

projeção, Freud dá mais um passo, o que permite a Lacan construir o conceito de forclusão. Isso se deve ao fato de o criador da psicanálise afirmar que não só o conteúdo é projetado e permanece no interior, mas também foi cancelado no interior, ou seja, forcluído, em termos lacanianos: “Não era correto dizer que a sensação interiormente sufocada é projetada para fora; entendemos que o cancelado [*aufheben*] dentro retorna de fora”.

A não inscrição do significante no inconsciente é um mecanismo muito mais radical que o da repressão. Assim como para os conteúdos que foram objeto da repressão, o retorno do reprimido é um processo psíquico que ocorre por meio de diversas formações do inconsciente (sonhos, atos falhos, sintomas neuróticos); no caso da forclusão (mecanismo por excelência da psicose), o retorno é em forma alucinatória, ou seja, o forcluído reaparece no real.

A paranoia social acompanha nosso dia a dia em um século que poderia ser denominado *século da suspeita*. Há algum tempo me pediram que falasse sobre a importância do traseiro em nossos dias, e eu disse que julgava que o assunto transcendia a atração concreta por essa parte do corpo. De fato, o grande prazer da época consiste em revelar tudo aquilo que está “por trás”; esse gosto vai desde a fascinação pelo *backstage*, a complacência “voyeurista” ao *Big Brother*, a

impulsão por exibir fotos com procacidades sexuais, as fofocas artísticas (proliferam os programas “especializados” nesse conteúdo) e tudo aquilo que mostre o que há por trás dos bastidores. Em outra ordem, isso também se revela no deleite por sondar o que há por trás da vida de um grande homem, que segredo ele carrega nas costas, quais são suas fraquezas, quais são suas aventuras libidinais etc.

**Você sabia que...** Freud se inspira nas memórias de um grande jurista chamado Schreber para escrever seu trabalho mais importante sobre a psicose?

Em *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1985b), Lacan diz que, no fundo da própria paranoia – tão animada, aparentemente, pela crença –, reina o fenômeno do *Un glaube*. *Un glaube* é o substantivo alemão que Freud utiliza para designar essa “incredulidade de origem” do sujeito paranoico e que corresponde à negação de *Glaube*, que significa “fé” e “crença”. Freud introduz esse termo para explicar o mecanismo da projeção, que é típico nessa afecção. Nega-se crença a uma eventual censura interna e se atribui ao próximo o desprazer que essa recriminação gera.

A projeção implica não confiar no inconsciente, rejeitá-lo, manter o que emerge de sua fonte longe do ego. É interessante que Freud evoque nesse mecanismo uma posição

subjetiva que desautoriza uma crença e que nos diz, com isso, que as formações do inconsciente supõem uma crença para serem reconhecidas; caso contrário, é lançado “ao mundo exterior o sumário da causa que a representação estabelece”.

Quando, em vez de uma significação, o paranoico encontra um vazio que causa perplexidade, ele o preenche com uma significação que volta de fora e que tem um sentido injuriante. Não hesita em decidir que aquilo que observa e escuta está dirigido a ele; é o Outro que age de maneira intrusiva: a ordem simbólica que ele interpreta é sem máculas, sem equívoco.

Lacan nos diz que na paranoia o prazer está identificado no lugar do Outro; isso quer dizer que o sujeito não pode ter prazer sem que isso seja equivalente à intrusão do prazer do Outro. Em “Um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica da doença” (vol. XIV), Freud nos fala de uma mulher que, estando seminua com seu amado, ouve um barulho, cuja causa ignora, que a leva a se convencer de que foi espiada e fotografada durante o encontro íntimo. O som desconhecido será o produzido pela excitação do próprio clitóris, mas ela irá atribuí-lo ao assédio da câmera.

Essa forma de loucura, que Freud comparava a um sistema filosófico, por seu modo lógico de expressão e seu nível intelectual próximo ao raciocínio “normal”, já havia sido descrita na Antiguidade.

Atualmente abundam as subjetividades cínicas, não incautas, desenganadas. O Outro não é tanto o lugar no qual uma verdade pode ser emitida, visto que é animado por um prazer que provoca sempre desconfiança. A incredulidade relativa ao valor da palavra corre paralela à certeza em relação ao que há “por trás” dessa palavra. Assim, a mesma paranoia social montada como defesa contra a violência acaba alimentando-a. Assistimos a um momento no qual os outros podem se transformar subitamente em inimigos porque são potenciais adversários. Qualquer indício basta para gerar suspeitas; a insegurança da qual todos falam está montada na segurança em um mundo habitado por intenções malévolas.

## Cronologia

---

### 1842

Embora essa forma de loucura já tivesse sido descrita na Antiguidade por Hipócrates, Ésquilo e Eurípides, é preciso aguardar até o século XIX, com os trabalhos fundadores da escola psiquiátrica alemã, para que o termo *paranoia* seja incluído em uma classificação geral das doenças mentais.

### 1817-1868

Com os trabalhos de Griesinger, Kraepelin, Bleuler e Clérambault, a paranoia, com a esquizofrenia e a psicose maníaco-depressiva, transforma-se em uma das três formas modernas da psicose em geral.

### 1895

Inspirado na classificação precedente que jamais questiona, Freud estabelece a modalidade defensiva que caracteriza a paranoia baseada no mecanismo da projeção.

### 1911

No âmbito de uma grande discussão com Jung e Bleuler, Freud dá uma definição canônica da paranoia, que servirá de referência como uma defesa contra a

homossexualidade.

### **De 1932 em diante**

Lacan aborda a paranoia como o modelo paradigmático da psicose e, inspirado em Clérambault, analisa os fenômenos que dizem respeito à linguagem ao isolar os fenômenos elementares que o caracterizam. Ao longo de sua obra, não se conformará com o mecanismo de projeção apontado por Freud e situará um muito mais específico, que chamou de *forclusão*. A ele, devemos o não retrocesso do tratamento da psicose.

## Em poucas palavras:

A paranoia se caracteriza por um delírio sistematizado e persecutório, o predomínio da interpretação e a ausência de deterioração intelectual.

## 32. A melancolia

Fala-se da melancolia há 25 séculos. Poderíamos dizer que esse nome acompanha toda a civilização ocidental. “Felicidade de estar triste”, diz Victor Hugo, e esse oximoro mostra o prazer de tal padecimento. Tantos e tantos pensadores veem nesse quadro o desvelo criativo do poeta, o ganho daqueles que rejeitam o caminho da ascese, mas não o da lucidez. Mas qual é a resposta da psicanálise às intuições do literato? Freud isola os traços sintomáticos que mais se impõem: a depressão, a inibição, a autocensura, a insônia, o repúdio à comida. A melancolia dá lugar ao aprofundamento e à criação de conceitos em psicanálise que excedem o âmbito dessa afecção.

Se a histeria e o sonho levam Freud a indagar sobre o desejo, a melancolia, porém, o conduz à obscura satisfação no padecimento, à necessidade de castigo, aos estragos do superego, às fixações infranqueáveis, às identificações mais primárias, à pulsão de morte. Enfim, a conceitos que

transcendem o quadro em si e que se encontram em outras estruturas.

Na atualidade, o afundamento da tradição, com seu valor vinculante, e as vidas dependentes da inserção no mercado arrastam os sujeitos a cair qual dejetos quando não podem ocupar um lugar nesse mercado ou quando são expulsos da antiga inserção. Aquilo que foi perdido ganha um valor único, irrecuperável. Bastam como exemplos os suicídios de alguns sujeitos ao perder o emprego ou os que irrompem coletivamente, realizados por esses adolescentes certos da futilidade da existência.

A perda de sentido dissolve os laços; por isso o termo *desprendimento* tem tanta vigência aqui. A *Ilíada* descreve o melancólico Belerofonte, que se consome na tristeza ao evitar os homens.

Lacan diz que a esperança absoluta pode conduzir ao suicídio, porque o que vale é só o que se espera. Sem dúvida, isso explica a presença desse famoso “temperamento melancólico” nos grandes místicos sempre em risco de se afastar de Deus, nos revolucionários sempre em busca de um ideal que se subtrai e em alguns criativos que perseguem constantemente uma superação de si mesmos.

O melancólico afirma que tudo é vacuidade; suas recriminações questionam sua

valia. E Freud se pergunta se acaso teve de adoecer para chegar a tanta verdade. Isso se deve ao fato de que os véus, os semblantes, os sentidos que damos à vida são necessários para viver; é necessário calar verdades para existir, ao passo que aqui é tudo isso que desaba. E a morte, o absurdo e a queda ganham uma dimensão absoluta; tudo é quimera, tudo é objeto perdido. Diante de uma perda irreparável ou um real irremediável, tudo se revela como vão. Stéphane Mallarmé diz: “A carne é triste, e li todos os livros!” e, com isso, mostra a queda do mundo ficcional perante o real do corpo. Por isso, a tradição a veste de preto, e Albrecht Dürer a ilustra com esse rosto sombrio, com o olhar perdido.

Em *O seminário. Livro 10: a angústia*, Lacan (2005) enfatiza a maneira como o sujeito se desamarra do cenário, identificando-se com o objeto *a* como dejetivo:

*O niederkommen* é essencial em toda súbita relação do sujeito com o que ele é como *a*. Não sem razão o sujeito melancólico tem tal propensão – sempre realizada com uma rapidez fulgurante, desconcertante – a se jogar pela janela. De fato, a janela, porquanto nos recorda o limite entre o cenário e o mundo, indica o que significa tal ato no qual, de algum modo, o sujeito retorna àquela exclusão fundamental na qual se sente.

Freud afirma que, na melancolia, a sombra do objeto cai sobre o eu. O estatuto de tal objeto constituiu um problema para a psicanálise, mas acredito que houvesse um termo que revelaria um pouco de sua dimensão. Freud utiliza a palavra *sombra*, que fala do desaparecimento do brilho fálico do sujeito e do mundo. Trata-se, então, de um aspecto do objeto

no qual a umbria só desenha seu contorno; no interior, o negrume banha seu corpo espectral. Essa sombra – diz Freud – cai sobre o eu, tomado pela imensidão dessa mácula que apagou todo o resplendor. Se a mania é o puro brilho sem sombra, a melancolia é a sombra que opacifica qualquer brilho, por isso Lacan não hesita em situá-la como identificação ao objeto *a* como dejetivo. A evocação à sombra também está presente na origem grega da palavra: *melas* (“negro”), *kholes* (“bile”). Talvez a melancolia e a mania nos recordem que as luzes devem ser moderadas.

**Você sabia que...** na teoria hipocrática dos humores a melancolia é associada à bile negra, derivada do Mal de Saturno, mórbido e desesperado?

No entanto, não se deve confundir tal temperamento com o quadro melancólico, no qual o despojamento, o desprendimento, é chave. O termo *empuxo* me parece fundamental para especificar o desprendimento melancólico; trata-se de um empuxo para deixar o palco. Eis por que essa propensão a “se jogar pela janela” como expressão da migração abrupta do teatro da vida.

Estudou-se que o que pode deter tal ejeção absoluta são certos ideais humanitários; ajudar aqueles que estão à margem e ter uma identificação com o papel social de assistir

aos desvalidos evita que o sujeito seja idêntico a eles. Essa característica é observada pelos psiquiatras alemães Tellenbach, autores que investigam as particularidades daquilo que denominam “estado pré-mórbido” do paciente depressivo e isolam o *typus melancholicus*, cujo traço de destaque é o altruísmo desusado e patológico. No começo dos anos 1960, definem esse tipo de personalidade consagrada a viver “para os outros”. Efetivamente, quando se fala de “sobreidentificação” é por se tratar de uma identificação rígida do papel social, cujo caráter não dialético evidencia o rigor psicótico do qual emana. O comportamento hipergnômico ao papel social, ou seja, seu estilo moralista e sentencioso, é filho de tal rigor. Uma identificação com o ser literal do traço significante, não com sua função de representação.

## **Cronologia**

---

### **De 420 a 370 a.C.**

Durante séculos, a teoria hipocrática dos humores descreve os sintomas clínicos desse mal: humor triste, sensação de abismo infinito, extinção do desejo, embotamento seguido de exaltação, atração irresistível pela morte, pelas ruínas, a nostalgia, o luto. A melancolia é associada à bile negra, um dos quatro humores, que imita a terra e reina na velhice.

### **Fins do século XVII, especialmente vésperas da Revolução Francesa**

A melancolia aparece como o sintoma principal do fastio destilado pela velha

sociedade; assim, a antiga teoria humoral será substituída por uma causalidade existencial.

### **Século XIX**

Com a instauração do saber psiquiátrico, transforma-se essa “felicidade de estar triste”, como diria Victor Hugo, em uma verdadeira doença mental sem adornos literários nem filosóficos.

### **1917**

Freud publica um texto magistral sobre o tema “Luto e melancolia” (vol. XIV), fazendo do segundo termo uma forma patológica do primeiro.

**Em poucas palavras:**  
A melancolia é uma forma de  
loucura na qual o pesar  
constante e a tristeza profunda  
podem levar o sujeito ao suicídio.

## 33. A mania

A psicanálise pensa a mania relacionada à melancolia, pares opostos, mas intimamente ligados. Se a melancolia nos fala de um apego patológico ao passado, no qual a sombra do objeto perdido captura o eu até o ponto de impedi-lo de viver, a mania é definida por Freud como a vitória do eu sobre o objeto, já livre de qualquer sujeição. O desapego leva ao extremo de um desenfreamento de tal magnitude que o quadro é comparado aos estados de euforia produzidos por substâncias tóxicas. Lacan a define em termos de perda daquilo que para o sujeito funciona como ancoragem em sua existência.

O homem ou a mulher refém de um frenesi de pensamentos, de ações e de prazeres não procura um psicanalista e, quando aparece no consultório, geralmente o faz impulsionado por um familiar ou pessoa próxima perplexa diante de tanto desatino. Isso se deve ao fato de que o maníaco não se queixa de sua potência “invencível”, exaltado pela ideia que tem de seu lugar no mundo; nem quer ser aliviado do êxtase que o

habita. Falta nele a dimensão sintomática que sempre implica uma detenção, um intervalo que leva a uma pergunta e que não nos deixa ser arrastados por uma deriva infinita. Assim, podemos dizer que a mania pode ser compreendida como um triunfo das possibilidades infinitas e artificiais de um mundo de semblantes privados do real, ou seja, uma vitória sobre o sintoma. Com isso, além da singularidade do quadro, detecta-se de que maneira o mundo em que vivemos predispõe a um “existir maníaco”. É impossível pensar nessa afecção sem sua relação com o tempo, que sem intervalos nem contrastes carece de lastros. Nossa época se caracteriza pela rapidez com que passamos a utilizar a realidade e a ser utilizados por ela. Tudo se torna mais rápido, e da rapidez se passa à aceleração; a rapidez do rendimento é seguida por sua aceleração. Para os matemáticos e os físicos, a segunda deriva da primeira.

A distância entre as instâncias ego e ideal do ego faz com que nunca acreditemos tanto em nossa potência egoica, visto que essa nunca se iguala ao ideal que nos ultrapassa; porém, na mania, essa separação desaparece. Quando o ego iguala o ideal, tudo é brilho ilimitado e já não há nenhuma opacidade. Freud nos fala da “fome voraz” do maníaco na louca corrida na qual, emancipado de cargas de objeto passadas, lança-se, entusiasta, a outras novas.

**Você sabia que...** a palavra *mania* provém do grego antigo, *μανία*, que significa “loucura”, “demência”, “estado de furor”?

Lacan se refere à mania em termos de um “repúdio ao inconsciente”, e isso quer dizer que na excitação maníaca o sujeito não quer saber das condições significantes às quais está amarrado, que só podem ser restabelecidas se ele reconsiderar sua história e suas marcas. E outra vez a temática nos remete a nossos tempos, nos quais se apregoa “partir do zero”, “virar a página”, não ficar fixo a nada, reinventar-se o tempo todo. Não se propicia aquilo que é próprio da mania sem que por isso o quadro como tal tenha sua especificidade?

Em nível farmacológico, comprova-se que um dos possíveis efeitos secundários do uso dos antidepressivos podem ser episódios maníacos. Por outro lado, observa-se uma tentativa de medicar qualquer índice de tristeza com um antidepressivo, que, quando não bem indicado, conduz a tais estados. Pensemos de que modo a palavra *bipolar* passou a fazer parte da linguagem cotidiana e é empregada a torto e a direito. Já não só os psiquiatras e os médicos a usam, mas também os leigos, porque se presta a múltiplas aplicações. Qualquer mudança de estado de ânimo é pensada como sinal de bipolaridade, qualquer discordância leva esse nome, quaisquer altos e baixos têm essa marca, a mínima disparidade leva seu rótulo. Logo advertimos que o vocábulo

se presta a uma espécie de função multiuso, apta para diversas aplicações, visto que o ser humano é contraditório, costuma ter ambivalência em seus afetos, seu humor é variável, as contingências da vida o afetam e não reage sempre de uma única forma. E se “bipolar” é quem não é totalmente idêntico a si, todos somos bipolares. Diz-se que é frequente que as palavras percam especificidade ao serem empregadas pelo profano e que, de tanto hábito, se assemelhem às moedas gastas, tal como eram chamadas pelo poeta Mallarmé aquelas das quais tanto se fez usufruto. No entanto, não é esse exatamente o caso, porque aqui se trata de um termo que não por seu emprego comum, e sim por sua origem, não diz nada específico, por uma extensão sem limite que evapora as diversas arestas dos quadros clínicos. Como se a globalização tivesse afetado o campo psiquiátrico, esse campo antes caracterizado pelo refinamento do detalhe diagnóstico. O tema leva a pensar que a chamada “bipolaridade” muitas vezes pode ser propiciada pelo próprio medicamento.

A psicanálise desconfia das felicidades artificiais, das luzes e dos brilhos sem opacidade, porque ali está o germe da mania como rejeição ao inconsciente.

Uma propaganda ilustra a maneira como se propicia o estilo maníaco: “Fale

ilimitado”. Aquilo que se oferece como suposto prazer tem seu lado infernal: falar o tempo todo é uma tortura. Esse detalhe nos mostra que invocar a vitória do “sem limite” não está alinhado com a alegria e a festa que aparentemente se relacionariam com a desinibição maníaca. Assim e por isso, Richard von Krafft-Ebing descreve o caráter mortal dessa excitação, Emil Kraepelin vê a tristeza melancólica que está alojada nesse coração exaltado, e Clérambault assinala a veemência excessiva de toda essa emoção. Esse furor entusiasta que desconhece qualquer obstáculo em um caminho cheio de luzes faz com que Freud pense a mania em termos de uma confluência entre o ego e o ideal.

## Cronologia

---

### De 460 e 370 a.C.

Segundo a teoria hipocrática dos humores, em virtude das mesclas, a bile negra pode se combinar com a bile amarela, relacionada ao furor, e dali surge a ideia da alternância psíquica entre um estado e outro: entre mania e depressão, característica da nosografia psiquiátrica moderna.

### Século XVII

O médico inglês Thomas Willis é o primeiro a definir o ciclo maníaco-depressivo.

### 1917

Freud compara a mania com as crises tóxicas derivadas do uso de drogas e considera o quadro o reverso da melancolia: se nesta domina a sombra do objeto perdido, na mania o ego triunfa sobre qualquer limite.

### 1948-1954

Henri Ey denomina *mania* um estado de hiperexcitação das funções psíquicas caracterizado pela exaltação do humor e o desencadeamento das pulsões instintivo-afetivas. A liberação desordenada e excessiva da energia se manifesta igualmente nos domínios psíquico, psicomotor e neurovegetativo.

### 1962-1963

Lacan considera que, na mania, o sujeito se vê liberado à metonímia sem trégua do

significante, faltando aquilo que poderia funcionar como âncora.

**1973**

Lacan define a mania em termos de rejeição ao inconsciente como repúdio a uma sujeição.

Em poucas palavras:  
O uso abusivo do antidepressivo  
nos leva a pensar em uma época  
que, por não tolerar a tristeza,  
impulsiona o estilo maníaco.

# Capítulo 8

## Orientações sexuais

## 34. A homossexualidade masculina

Devemos a Freud a homossexualidade ter sido afastada das concepções clericais e médicas, que a situavam como monstruosidade moral ou como degeneração constitutiva. Já em 1915 diz Freud: “A investigação psicanalítica se opõe terminantemente à tentativa de separar os homossexuais como uma espécie particular de seres humanos [...] no sentido da psicanálise, então, nem sequer o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é algo óbvio, mas, sim, um problema que requer esclarecimento”. Se para Freud a anatomia é um destino, isso não equivale a dizer que essa anatomia marca de antemão a escolha sexuada.

Embora Freud e Lacan sustentem o termo *perversão* ao considerar a homossexualidade masculina, tal denominação não tem o sentido de depravação moral. A homossexualidade será abordada com base na teoria das pulsões e a partir dos destinos do falo, do Édipo, da castração e das identificações. À mãe que lhe implora que cure a homossexualidade de seu

filho, Freud não hesita em responder que, desde tempos imemoriais, grandes homens, como Platão, Michelangelo e Leonardo da Vinci, foram homossexuais. No entanto, nunca a considera uma entidade clínica, mas uma escolha.

Dada a transformação induzida pela doutrina freudiana na concepção que o saber ocidental ostenta sobre a sexualidade, podemos afirmar que Freud, a propósito da homossexualidade, rompe com o discurso psiquiátrico de fins do século XIX. Esse saber a considera uma “tara”, “raça maldita” sempre reprovada. A figura do homossexual, desde Oscar Wilde (1854-1900) até Marcel Proust (1871-1922), é recebida – no fim do século, quando avança o antissemitismo – como um equivalente ao judeu.

É impossível entender a homossexualidade sem referência à castração, e essa perspectiva é idêntica tanto em Freud quanto em Lacan. A prevalência do pênis masculino como órgão fetiche necessário no companheiro fala da maneira como o sujeito repudia sua falta na mulher. Lacan situa o acidente homossexual em uma disfunção do segundo tempo do Édipo, no qual, por falha do pai, não se realiza a separação do menino e da mãe. Ou seja, no momento decisivo em que o progenitor teria de intervir como privador, a operação fracassa e como resultado “é minha mãe quem o tem”. Aqui Freud e Lacan se dão as mãos ao afirmar que no homossexual perdura a mãe como mãe fálica; daí o horror à castração

feminina e seu conseqüente desmentido.

O pênis do parceiro se erige no lugar supremo da condição de gozo. Lacan conjectura a ideia de que o pai ama demais a mãe, mas sem estabelecer uma relação de causalidade simples e direta. É que amar demais a mãe implica que ela conserve a lei, e se isso também se ligar a uma mãe que quer preservar sua potência, não se deixar alquebrar, será por esse viés que se produzirá a identificação do menino. Desse desenlace se deduz a exigência – e esta palavra é fundamental – associada ao ato de o parceiro mostrar que o tem, que tem “com quê”. Do meu ponto de vista, tal perspectiva é fundamental, visto que o que se observa na clínica é a maneira como o homossexual supre a declinação paterna e a pouca efetuação de sua palavra e, assim, afirma sua existência mediante o empenho por manter o pênis, fetiche adorado. Talvez isso esteja na base das condutas compulsivas desses sujeitos, vítimas de uma infidelidade que lhes é imposta e que lhes causa sofrimento, visto que põe em xeque o amor desejado do companheiro estável.

Em 1964, quando Lacan funda a Escola Freudiana de Paris, contrariamente a seus colegas da API (onde existe uma proibição tácita desde que Karl Abraham se negou à inclusão dos homossexuais), dá aos homossexuais a possibilidade de ser psicanalistas.

**Você sabia que...** etimologicamente a palavra *homossexual* é um híbrido do grego *homós*, que na realidade significa “igual”, e não, como se poderia acreditar, derivado do substantivo latino *homo*, “homem”?

Hoje, o número de homossexuais não para de crescer. A pergunta é se são mais que antes ou se, na verdade, nestes tempos “saíram do armário”. Se utilizarmos os termos clássicos de Lacan, são sujeitos para quem não houve quem transmitisse a virilidade enquanto agente da castração simbólica. Talvez esse fenômeno seja uma das consequências do fato de se viver entre as ruínas do patriarcado, em que o princípio de autoridade foi questionado. A esse respeito, cabe destacar que não é só a psicanálise que assinala tal descenso, mas que, além da sociologia, no dizer hegeliano a filosofia preanuncia a progressiva desvirilização do mundo.

“A psicanálise”, diz Freud, “considera que o originário a partir do qual se desenvolvem mais tarde – por restrição a um ou outro lado – tanto o tipo normal quanto o invertido é a independência da escolha de objeto em relação do sexo deste último, a possibilidade aberta de dispor de objetos tanto masculinos quanto femininos, tal como se pode observar na infância e em épocas pré-históricas”.

Quando Kojève (1996) lê o livro de Françoise Sagan, *Bom dia, tristeza* (1954), afirma que nas praias da Costa Azul

descritas pela jovem escritora passeiam os homens do novo mundo – o do pós-guerra. Homens que têm a desagradável tendência a se oferecer ao olhar, nus, mas obrigatoriamente musculosos. As referências ao “mundo novo”, com o tropel vanguardista desse perfil de “machos”, não deixam de ter ressonâncias hegelianas; inclusive o título do artigo é “Sagan: o último mundo novo”.

Os herdeiros de Freud não seguem suas orientações nem as de Ferenczi e manifestam uma intolerância extrema à homossexualidade, a ponto de transformá-la em uma espécie de “continente negro” na história do movimento psicanalítico. Os vienenses se mostram muito mais tolerantes que os berlinenses. Apoiados por Karl Abraham, estes últimos consideram que os homossexuais não podem ser psicanalistas, posto que a análise não os “cura” de sua “inversão”. Com o respaldo de Freud, Otto Rank se opõe aos berlinenses e declara que os homossexuais têm de poder ter acesso à profissão de psicanalistas. Também recorda que existem diferentes tipos de homossexualidade e que é preciso examinar cada caso em particular. Jones (1989) se nega a levar em conta essa posição e apoia os berlinenses ao declarar diante dos olhos do mundo que a homossexualidade é um “crime repugnante”. Sob a pressão de Jones e dos berlinenses, os vienenses cedem, e a homossexualidade é

proscrita da legitimidade freudiana; mais tarde, a API reforça seu arsenal repressivo.

Freud diz que tentar transformar um homossexual em heterossexual é tão impossível quanto tentar transformar um heterossexual em homossexual. Ainda, rejeita toda a estigmatização da homossexualidade baseada na noção de “degeneração” e não a considera uma “tara” nem uma “anomalia”, como os médicos de sua época. Em *Carta a uma mãe americana*, Freud não hesita em afirmar que a homossexualidade “não é um vício, nem um sinal de degeneração, e não pode ser classificada como uma doença”. Assinala que perseguir a homossexualidade é uma “grande injustiça e uma crueldade” e que a análise serve para devolver a harmonia a uma pessoa que se sente infeliz ou neurótica, independentemente de ser homossexual ou não. Entre seus discípulos, Sandor Ferenczi assume abertamente a defesa dos homossexuais perseguidos na Hungria.

## Cronologia

---

### **1860**

O médico húngaro Károly Mária Benkert cria o termo *homossexualidade* para designar todas as formas de amor carnal entre pessoas do mesmo sexo biológico.

### **1870-1910**

A palavra *homossexualidade* progressivamente se impõe.

### **Início do século XX**

O discurso psiquiátrico considera a homossexualidade uma inversão sexual; ou seja, uma anomalia psíquica, mental ou constitucional como transtorno de identidade.

### **1905 e 1915**

Freud se desprende da sexologia; não lhe interessa valorar nem julgar a homossexualidade, mas, sim, compreender sua gênese.

## **Meados do século XX**

Lacan é o primeiro psicanalista que rompe com a perseguição aos homossexuais na API.

## **De 1970 em diante**

Depois dos trabalhos de Michel Foucault e dos grandes movimentos de liberação sexual, as teses psiquiátricas sobre a homossexualidade são impugnadas e se recorre à noção de gênero, considerando a sexualidade uma construção ideológica.

## **Em poucas palavras:**

A psicanálise julga que a homossexualidade é produto de identificações e da insondável escolha de gozo de determinados sujeitos.

## 35. A homossexualidade feminina

Freud entende a homossexualidade feminina como uma das respostas resultantes da decepção relativa ao pai. Esse antigo amor causa tamanha infelicidade que a jovem se orienta à mulher para evitar o desengano que acompanha a relação com os homens. Elas se consagram ao amor, e nessa vertente se orienta a escolha amorosa, um amor que tenta ser superior ao do homem e sabedor da natureza feminina. Amar mais do que ama um homem, amar prescindindo do pênis e mostrar que o membro não é necessário são aspectos que indicam que o outro masculino está presente, visto que é a ele que se demonstra. O caso da jovem homossexual descrito por Freud é célebre na psicanálise para compreender essa posição sexuada.

O discurso sobre o amor está no centro da homossexualidade feminina, o que não ocorre necessariamente na homossexualidade masculina, na qual o prazer sexual se revela como essencial. No caso que Freud descreve, a gravidez

tardia da mãe, de um terceiro filho, precipita a adolescente em uma verdadeira revolução. Em seguida, a mocinha se dedica, para grande escândalo do pequeno mundo da alta burguesia vienense, a uma admiração apaixonada por uma mulher decadente, homossexual, que só usa os homens para ser sustentada. Ela se lança a uma espécie de façanha heroica que constitui uma verdadeira lição de amor ao pai. Qual cavaleiro galante e cortês dirige à mulher toda sua paixão e sua entrega e, assim, exalta as qualidades de alguém que, à vista de todos, não é mais que uma *cocotte*.

Na França do século XVII, os salões começam seu trajeto como espaço público capaz de gerar novas normas e valores sociais. Lacan toma as Preciosas, que purificam a linguagem do “excesso homo”, como modelo do amor na homossexualidade feminina. Nos salões, as mulheres têm notável presença e protagonizam o movimento literário e social conhecido como *preciosismo*. As Preciosas, que declaram preferir a aristocracia do espírito à do sangue, revitalizam a língua francesa e impõem novos estilos amorosos; estabelecem, pois, suas normas em um terreno no qual as mulheres raras vezes haviam decidido.

A decepção em relação ao pai, objeto antes de grande fixação, abre diversas interrogações: acaso tal decepção não faz parte do destino de toda mulher porquanto o pai não dá o que se busca? O fato de o pai ter dado um filho à mãe justifica

tal guinada? Se seus assuntos com a *cocotte* são mostrados sem dissimulação, o que ela quer expor? O cenário tão montado sobre o pai e seu olhar nos leva a refletir sobre o que diz Freud quando o descreve como alguém que se mantém distante dos filhos por seu impostado rigor. Identificado demais com seu personagem, identificado demais com o lugar que ocupa, igualado demais ao semblante que representa, em suma, orgulhoso demais de seu “falo”.

**Você sabia que...** no século XVII as Preciosas se reuniam para sustentar um discurso sobre o amor e suprimiam da língua as palavras que evocavam o sexo?

É assim que a filha quer criar uma nova cartografia contornada por um cortejo dirigido a trazer à luz e enaltecer aquilo que os vienenses mantêm em segredo: o objeto erótico degradado. Então, ela lhe ensina que é possível amar sem o falo, que amar “é dar o que não se tem a um ser que não o é”: fórmula, para Lacan, do amor que a homossexual encarna com exatidão ao rejeitar que o pai só ocupe sua posição identificada monoliticamente ao falo e cair na vulgaridade que, a seus olhos, representam os prazeres da carne.

Para cernir esse repúdio, Lacan recorda o drama *As mamas de Tirésias*, de Guillaume Apollinaire. Nele, Thérèse não aceita a autoridade de seu marido e arranca as mamas; desse modo,

rejeita o lugar de objeto que ocupa para ele. Para Lacan, uma mulher tem o gozo feminino, mais além do falo, e aceita situar-se naquilo que a faz objeto de desejo, desejável para um homem. A homossexual feminina quer ter o gozo feminino, sua paixão, e eliminar o falo. E nisso confunde o falo como órgão daquele que, como significante, é impossível eliminar.

No escrito consagrado à homossexualidade feminina, Freud mostra que é inútil “curar” um sujeito da orientação homossexual quando ela está estabelecida e que de modo algum a psicanálise deve ter esse objetivo.

A fórmula clássica do amor dada por Lacan encontra perfeita aplicação nesse caso. Ela, a jovem, demonstra ao pai que é possível amar com a falta, sem o pênis, amar uma dama não por suas qualidades, mas, sim, por algo que se supõe além dela mesma. Por outro lado, ela se dedica por inteiro aos “cuidados ao gozo de sua companheira”, a fazer uma mulher gozar melhor do que o faria um homem.

Essa dimensão de desafio ao homem, de mostrar a ele como se deve amar e fazer uma mulher gozar, é ressaltada por Jones, Freud e também Lacan. Mas pode ser encontrada também fora da psicanálise. Na obra *Em busca do tempo perdido*, Proust (2013) relata o cenário de um encontro entre um casal de mulheres que fazem amor sob o olhar do pai de

uma delas – olhar fixado em um retrato pendurado na parede.

A palavra *lésbica* deriva do nome da ilha grega de Lesbos, lar da poeta Safo no século V a.C. Pelos escritos conservados, os historiadores deduzem que um grupo de mulheres jovens estavam sob responsabilidade de Safo para instrução e diversão. Não sobreviveu muito da poesia de Safo, mas o que se conhece reflete os temas sobre os quais ela escreveu: a vida diária das mulheres, suas relações e rituais. Ela se centrava na beleza das mulheres e proclamava seu amor pelas jovens. Em fins do século XIX, a palavra *lesbiano/a* é um adjetivo que qualifica tudo que deriva de Lesbos. Em 1890, o termo é usado em um dicionário médico como adjetivo para descrever o tribadismo (como “amor lésbico”): gratificação sexual de duas mulheres por meio da simulação do coito. *Lesbianismo*, para descrever a relação erótica entre mulheres, é documentado em 1870.

## Cronologia

---

### **Século V a.C.**

A palavra *lésbica* deriva do nome da ilha grega de Lesbos, onde viveu a poeta Safo, símbolo do amor entre mulheres e da união do terreno com o divino.

### **Fins do século XIX**

Alguns sexólogos publicam suas observações sobre desejo e conduta para pessoas do mesmo sexo e distinguem as lésbicas na cultura ocidental como uma entidade distintiva. Desde então, os historiadores reexaminaram as relações entre as mulheres e questionam o que torna uma mulher ou uma relação qualificada como “lésbica”. O resultado desse debate introduziu três componentes na identificação das lésbicas: a conduta sexual, o desejo sexual e a identidade sexual.

### **De 1905 em diante**

Tanto Freud quanto Lacan estudam a etiologia da homossexualidade feminina e não

a ligam a nenhuma estrutura clínica particular; desse modo, fazem com que dependa das decepções em relação ao pai e da rejeição ao falo em privilégio de um amor que se exalta, antes de mais nada.

## **1920**

A propósito de uma jovem vienense a quem tratara porque ela amava uma mulher e seus pais queriam obrigá-la a se casar, Freud dá uma definição canônica da homossexualidade que rejeita todas as teses sexológicas sobre o “estado intermediário”, o “terceiro sexo” etc., para articulá-la com o complexo de Édipo e o inconsciente. Mostra, também, que é inútil tentar “curar” a homossexualidade quando instaurada.

**Em poucas palavras:  
A consagração ao amor está no  
centro da fixação da  
homossexualidade à criatura  
feminina.**

## 36. O fetichismo

Fetice é uma palavra que designa um sortilégio, um artifício, e que é retomada em 1887 por Binet e pelos fundadores da sexologia para se referirem ao “fetichismo”. O termo alude a uma atitude da vida sexual que consiste em tomar como meios exclusivos da excitação ou do ato sexual uma das partes do corpo do parceiro ou objetos ligados a este. Cabe distinguir o fetichismo da fetichização que existe em toda vida erótica: sempre há um brilho que torna o amado irresistível, mas isso não deve ser confundido com o fato de essa parcialidade se transformar – como na perversão fetichista – em um fim em si mesma, separada da pessoa.

A noção de fetice é comum a todos os domínios do saber e se transformou em objeto de controvérsias tanto no campo antropológico quanto no filosófico, político, religioso e econômico. Como exemplo, basta citar a etnologia darwiniana, que mostra como o fetichismo é uma forma de religião que consiste em transformar animais e seres

inanimados em divindades, atribuindo-lhes um poder mágico. Muito se falou – e muito se criticou – sobre as diferentes “idades da humanidade”, chamando seu primeiro estado teológico de *idade do fetichismo*.

No campo sociológico, Marx criou o conceito de fetichismo da mercadoria, que designa como, em uma sociedade produtora de mercadorias, estas parecem ter uma vontade independente dos produtores e, assim, ganham vida fantasmagórica. Eis suas consequências: as relações entre as pessoas são substituídas pela relação entre as coisas e pela consequente animação outorgada ao mundo dos objetos, o que faz Marx dizer: “a mesa dança”.

Os membros de uma sociedade de consumidores são eles mesmos bens de consumo, e essa condição os transforma em membros de boa-fé da sociedade. Embora, em geral, permaneça latente como uma preocupação inconsciente e implícita, o principal motivo de desvelo dos consumidores é transformar-se em produtos vendáveis e conseguir se manter assim; desse modo, os objetos são animados, e os indivíduos, coisificados. Marx afirma que o fetichismo da mercadoria se baseia em um processo de ocultamento, porque esse poder que é transferido aos objetos encobre as verdadeiras relações sociais que estão na base da produção. As coisas assumem, então, o papel subjetivo que cabe às pessoas.

O fetiche constitui o estigma indelével, o memorial da descoberta da castração feminina e, ao mesmo tempo, da conservação de uma crença contrária e oculta.

Freud e Marx concordam ao atribuir ao fetiche um lugar de mascaramento; porém, o fetiche freudiano tem um valor de unicidade que não o torna intercambiável. É determinado sapato, é a roupa que se conserva, é um nariz e não outro, é essa trança etc. Do ponto de vista sexual, a concepção freudiana do fetiche se desenrola em diferentes textos que lhe permitem abordar o grande tema vinculado ao rompimento do ego. Assim, coexistem em seu interior duas correntes relativas à realidade externa porquanto esta contraria uma exigência pulsional: uma delas aceita a realidade, e a outra a nega, buscando uma forma de obturá-la. O objeto fetiche é associado à perversão quando se transforma em um fim em si mesmo, cerceando uma falta em que se tenta eliminar qualquer vestígio de subjetividade. Isso se deve ao fato de a subjetividade como tal, além da falta de pênis, pôr em jogo a falta pelo simples fato de que a pessoa fala e diz. Um filme dos anos 1970 mostra um homem cujo objeto erótico é uma boneca inflável, que representa claramente a mulher muda, transformada em fetiche por excelência. O banheiro público escolhido por muitos homossexuais é também o cenário onde

se faz presente a montagem pervertida; trata-se do pênis ereto, fetiche supremo no reino do anonimato.

A ambiguidade da negação do fetiche, como um objeto presente que é concreto e tangível, mas que, por sua vez, é símbolo e presença de uma ausência e, portanto, imaterial e intangível, conduz sempre além do fetiche a algo que jamais se pode possuir, e revela, assim, um novo modo de ser dos objetos fabricados pelo homem.

Tal possibilidade de ter ao mesmo tempo duas crenças contrárias, uma oficial e outra secreta, não remete nem a uma repressão nem a uma negação, mas, sim, a um rompimento do ego, em virtude de um mecanismo que os analistas chamam de *renegação*. Ao descrever esse processo, no qual o rompimento ocorre no próprio ego, não entre diversas instâncias, Freud destaca um processo novo a respeito do modelo da repressão. Simultaneamente, duas crenças são mantidas sem que exista uma relação dialética entre elas. Tal rompimento não só explica a perversão fetichista, como também muitas atitudes dúbias e contraditórias ao longo da vida; aqui, poderíamos aplicar a frase: “Eu sei, mas mesmo assim...”, magistralmente colocada por Octave Mannoni. No artigo homônimo, estuda os problemas que as crenças representam para os psicanalistas: um analisado consulta um bruxo, outro vai a um curandeiro, e muitos simplesmente

leem, com maior ou menor credulidade, os horóscopos. Junto de outros fenômenos mais sutis, as crenças são um tema que nos diz respeito mais fortemente e não uma aparente consideração superficial.

**Você sabia que...** o fetichismo como perversão é o modelo que Freud toma para explicar as perversões em geral?

Sob a lógica freudiana, não existe fetichismo na mulher. É o homem que precisa que ela tenha os postigos necessários para despertar seu desejo; a condição fetichista é própria do macho. Torna-se perversão quando essa parte se separa do corpo da mulher e ganha valor exclusivo; porém, mais além da perversão, a condição erótica masculina é fetichista. Ele quer que ela tenha certos traços, tem exigências rígidas e tipificadas; o fetiche é invariável, embora suscetível de ser encontrado em suportes individuais diversos, com a condição de que se encontrem certos traços. Quando falamos de “condição erótica”, aludimos aos detalhes fetichistas próprios de qualquer escolha. Enfim, no homem, o desejo está amarrado ao gozo de tal fetichização, ao passo que na mulher o desejo passa pelo amor.

O fetichista teria ficado fixado naquela peça de roupa, ou parte do corpo da mãe, antes da descoberta de sua castração. Assim, o sapato, o vestido, a lingerie, o cabelo etc. velam essa falta, cobrem-na, obturam-na, mas, ao mesmo tempo, indicam sua existência. Por um lado, os fetichistas negam o fato de sua percepção, que lhes mostrou a falta de pênis no órgão feminino, e essa negação se traduz na criação do fetiche substituto do pênis na mulher; por outro lado, tal falta é reconhecida.

## Cronologia

---

### 1750

Cria-se o termo, que será retomado em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet e mais tarde pelos fundadores da sexologia, para designar uma atitude da vida sexual que consiste em privilegiar uma parte do corpo do parceiro ou uma perversão sexual (fetichismo patológico).

### 1912

Freud retoma a ideia de diferentes idades da humanidade e considera o fetichismo um estado teológico da humanidade.

### 1923

Com a introdução do termo *renegação*, Freud constrói uma teoria que, em 1927, o levará a compreender o fetichismo como a coexistência de uma negação da percepção da ausência de pênis na mulher e um reconhecimento simultâneo dessa falta. A peça de roupa escolhida mascara a diferença sexual. A mulher não é fetichista; ela “fetichiza” seu corpo com a vestimenta necessária para provocar o desejo do homem, cuja condição, sem chegar ao fetichismo patológico, é fetichista.

### De 1960 em diante

A escola francesa impugna a existência de um fetichismo feminino. No entanto, Granoff e Perrier consideram que, para a mãe, o filho pode funcionar como objeto fetiche.

Em poucas palavras:  
O fetichismo permite explicar  
como os objetos velam a falta  
estrutural.

## 37. O travestir-se

Para Freud, a descoberta da castração na mãe põe fim ao complexo de Édipo no homem. O pai porta uma ameaça que afeta a manutenção do vínculo entre a criança e a mãe, e essa ameaça se faz presente no momento em que o menino descobre nela a falta de pênis. Com medo do mesmo destino, ele abandona o Édipo, cujos restos permanecem no inconsciente. O detalhe que não foi destacado pelos comentadores é que o laço edipiano do menino com a mãe é anterior à descoberta da castração, ou seja, que é com a mãe fálica e não mulher. O travestir-se fala de um desmentido nessa passagem: a mulher é a mulher fálica com a qual ele se identifica.

Sob a rubrica de *homossexualidade*, confundem-se diferentes aspectos que são agrupados nessa categoria que opera como balaio de gatos. Mas as diferenças se impõem; por exemplo, a chave para entender o gozo do travesti e diferenciá-lo do transexual é que o primeiro não quer eliminar seu pênis. Ao passo que o travesti se mantém como homem vestido de

mulher, o transexual tem a convicção de ser do sexo oposto ao biológico. É evidente que, por um lado, em alguns travestis há o desejo de ser transexual, mas, nesse caso, há uma rejeição ao ato sexual, visto que o pênis não é objeto de culto, mas de incômodo. Por outro lado, o homossexual puro e simples gosta de seu sexo, e o objeto de sua escolha é sempre o masculino.

Lacan situa no ato de se travestir o prazer pelo baile de máscaras, em uma espécie de camuflagem na qual se empregam iscas para enganar o olho. Como uma espécie de caricatura do feminino, a atuação exagerada tende a engrandecer seus traços: “Mais mulher que uma mulher”. E é justamente em tal excesso que outro rosto sai à luz e insinua o mimetismo: “Não pode ser uma mulher”. A etimologia é ilustrativa, porque a palavra *travesti* provém do latim *trans-* que significa “além de”, de modo que dá a ideia de “cruzar”, “ultrapassar” – e *vestire* (“vestir”). Na atualidade, o “cruzar”, o “ultrapassar” não está ligado só à vestimenta, dado que a ciência se encarrega, mediante diversas cirurgias, de realizar no corpo os implantes que ultrapassam as formas femininas.

**Você sabia que...** Lacan afirma que no ato pervertido de se travestir o sujeito se identifica com uma mulher que tem falo?

Sob essas coordenadas, fica claro que o ato de se travestir é tipicamente masculino. Quando a mulher quer se identificar como homem, sua roupa é austera, não convoca o olhar nem traz em si essa exaltação sexual de que falamos e que faz com que muitos digam que o travesti parece mais mulher que a mulher.

Por outro lado, a proliferação de travestis e a atração que exercem, ganhando a concorrência com as prostitutas no campo do trabalho sexual, levantam uma questão acerca de seu lugar em nossa contemporaneidade. Seria o travesti uma das encarnações daquilo que Hegel chama de *fim da história*? Esclareçamos: a ideia de Hegel de fim da história é de um tempo no qual acaba a sucessão, finaliza a refutação de uma tese por uma antítese, vive-se já no reino do saber absoluto como o da consumação da síntese mais alta que se possa conceber. O fim da história é, em suma, a instauração da contemporaneidade como coexistência simultânea de todas as determinações.

Além do ato de se travestir como perversão, o século XXI conhece aquilo que se poderia chamar *travestir-se ordinário*, que contribui para o desconcerto das identidades sexuadas. Paul Smith, na apresentação de sua última coleção masculina, fez seus modelos desfilarem com sapatos de salto alto. Yves Saint-Laurent enaltecia as mulheres de tipo andrógino, longilíneas, sem excesso de carne nem de caracteres sexuais secundários. Andreja Pejić teve sucesso total na

indústria da moda tanto masculina quanto feminina. Protagonizou grandes campanhas de marcas reconhecidas e é conhecida por ser uma figura camaleônica nos desfiles. O reconhecido designer Jean Paul Gaultier escolheu Andreja para desfilarem em sua passarela em janeiro de 2011 como homem e como mulher. Andreja confessou, em mais de uma ocasião, que não se importa com qual dos dois gêneros as pessoas o relacionam.

Para Hegel, o fim da história equivale à relativização de todas as diferenças, ao advento de um tempo marcado pela coexistência de todas as configurações, a substituição do que antes era sucessão de particularidades excludentes por contemporaneidade de opostos, e nunca mais oposição. Hegel não pensa, de modo simplista, que em sua época e com sua filosofia termina a história, mas capta que a lógica que dominou o desenrolar dos acontecimentos está perdendo sua vigência.

A vigência do travesti deve ser situada no horizonte da evaporação das antíteses, do desfalecimento dos contrários, da dissolução dos opostos.

O gozo do travesti consiste em deixar o parceiro pasmo diante da visão do que há por trás das roupas e das máscaras: o membro viril. Nesse jogo, a redução da diferença sexual à dimensão do semblante visa a enganar o olhar e magnetizá-lo ao mesmo tempo. Trata-se de invocá-lo, repetidamente, mediante um exibicionismo que incita o voyeurismo e a conseqüente surpresa. O travesti se identifica, então, com uma mulher com falo, mas, ao portá-lo como escondido, entra em cena um jogo de exibição e subtração.

## Cronologia

---

### 1910

O termo *travestir-se* fica definido como uma alteração ou adaptação da palavra *transvestite*. Este último conceito foi criado pelo médico, sexólogo e ativista alemão Magnus Hirschfeld em *Transvestiten: eine Untersuchung über den erotischen Verkleidungstrieb* (*Os travestidos: uma investigação do desejo erótico por disfarçar-se*, em tradução livre). Etimologicamente, a palavra provém do latim *trans* (“cruzar” ou “ultrapassar”) e *vestire* (“vestir”). O termo serve para descrever pessoas que voluntariamente utilizam vestimentas socialmente designadas ao gênero oposto.

Até esse momento, todas as investigações acerca dos desvios sexuais que envolvam duas pessoas do mesmo sexo biológico são catalogadas dentro da homossexualidade, sem mais especificações. A investigação desse cientista determinará que nem todas as pessoas que se transvestem são homossexuais.

### 1911

A partir daqui, o termo *travesti* se separa de *homossexual* e, assim, obtém uma entidade específica. O filósofo inglês Edward Carpenter dá origem à expressão “*cross dressing*” para evitar confusões entre o ato de se travestir e o transexualismo.

### De 1956 em diante

Lacan diferencia entre o ato de se travestir e o transexualismo, visto que os travestis se preocupam com que suas vestimentas mantenham “a marca do falso”.

Em poucas palavras:  
A representação e a exaltação do  
sexo oposto subtraindo e

indicando o próprio são  
essenciais no ato de se travestir.

## 38. A direção masoquista

Richard von Krafft-Ebing chama de masoquismo a prática de uma curiosa perversão da vida sexual que consiste em desejar ser dominado por uma pessoa do sexo oposto e suportar desta um tratamento autoritário e humilhante, que pode chegar inclusive ao castigo efetivo. Freud estende a noção de masoquismo além da perversão descrita pelos sexólogos: por um lado, ao reconhecer elementos masoquistas em inúmeros comportamentos sexuais, e por outro, ao descrever formas de padecimento moral nas quais o sujeito, em razão de um sentimento de culpa inconsciente, castiga a si mesmo, sem que isso implique um prazer sexual.

Krafft-Ebing é o primeiro a descrever, de forma muito completa, a perversão sexual à qual dá o nome derivado de Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895). Menciona todas as manifestações clínicas: dor física por perfuração, golpes, flagelação, humilhação moral por atitude de submissão servil à mulher, acompanhada do castigo corporal. Ele não hesita

em considerar o masoquismo em seu conjunto um reforço mórbido de certos traços femininos; daí a clássica relação entre o masoquismo e a feminilidade, questionada mais tarde por Lacan.

É importante distinguir este masoquismo de outras variantes, visto que o uso geral do termo permite perder a estrita particularidade que tem como prática perversa. Não estamos aludindo, então, às pessoas que parecem buscar a dor na vida, nem àqueles que gostam de se torturar com seus pensamentos; nem sequer àquelas mulheres que costumam escolher parceiros com traços sádicos.

Freud estende a noção de masoquismo ao distinguir um masoquismo moral, um erógeno e outro feminino. A descoberta do masoquismo moral, que consiste na repetição na vida do padecimento por um sentimento de culpa que conduz à necessidade de castigo, é fundamental para a introdução na teoria psicanalítica do além do princípio do prazer. A culpa faz com que os sujeitos se recriminem permanentemente por seus atos, rejeitem o prazer, liguem-se a situações que implicam sofrimento. Já antes Nietzsche havia se referido a um moral que pode se voltar contra a vida e foi implacável quando descreveu a voluptuosidade ascética, o escárnio contra si mesmo, o autodesprezo mórbido, em suma, as patologias da moral.

**Você sabia que...** a denominação *masoquismo* deriva do sobrenome do romancista austríaco Sacher-Masoch, cuja obra literária se inspira em sua própria experiência erótica?

Vejam os masoquismo como perversão para considerar, primeiro, que, quando a mulher é a açoitada, responde comumente ao fantasma do homem que porta o açoite, ao passo que, quando o homem é o objeto dos maus-tratos, foi ele mesmo quem solicitou.

Pensemos agora no masoquismo, particularmente no caso daquelas mulheres que trabalham para satisfazer seus clientes nessas práticas. Vamos nos centrar nos casos em que elas devem fazer o papel de “sádicas”, visto que abundam e convidam à reflexão. Eis aqui um caso típico: ela trabalha como capataz sadomasoquista e se presta a representar o papel de mulher cruel, impiedosa e feroz requerido por seus clientes; bate com severidade implacável nas nádegas dos cavalheiros; deve oferecer um serviço: identificar-se com um personagem despótico que ordena aos escravos que atendam a todos os seus caprichos, mesmo aqueles que beiram os limites do desumano. Ela acredita fazer o que quer nesse momento, mas a angústia a invade por não saber quem é quando está sozinha.

Começemos com uma pergunta: quem dirige a sessão

masoquista? Convém esclarecer que estamos nos referindo ao masoquismo como prática sexual, na qual em geral fica suprimida a relação genital. Estamos falando de sujeitos que requerem uma montagem cênica como condição absoluta para atingir o prazer. A mulher deve se vestir de “capataz”; com suas botas de couro, máscara preta e chicote na mão... e começar a sessão. A teatralidade atinge o extremo do escárnio.

Voltemos à pergunta: quem dirige a cena? Não demoramos a compreender que quem realmente tem o poder de governá-la não é justamente quem faz o papel de sádico, mas, sim, o masoquista. O poder não deve ser confundido com a força dos golpes, nem com a falta de limite dos caprichos, nem com as atrocidades do sádico. Quem dirige é o masoquista e, assim, encarrega-se de fazer com que se siga o livreto predeterminado de seu fantasma.

O masoquismo é um exemplo clássico para distinguir o prazer do gozo, visto que a excitação na dor nos fala de uma voluptuosidade que excede os limites do prazer. De qualquer forma, esse prazer na dor pode ser chamado de *gozo*, e, além do masoquismo, denominamos *gozo* aquilo que ultrapassa os limites do prazer. Por isso, aquelas filosofias, como o epicurismo, que incluem o prazer em sua ética, consideram que sua missão consiste em liberar o espírito humano das turvações que o agitam. Para alcançar esse estado, devem se excluir do sofrimento, do medo, do anseio, que, tal qual inimigos da alma, atentam contra a busca de harmonia. A serenidade consiste em um prazer concebido como ausência de alteração, muito diferente daquele que o masoquista busca, dado

que, neste caso, se trata de uma satisfação no sofrimento, de um gozo no aumento de tensão.

*A Vênus das peles* (Von Sacher-Masoch, 2008) é o romance mais célebre de uma literatura inscrita na decadência pós-romântica. Essa obra descreve os contratos que o protagonista assina com sua amada e que reproduzem os que Sacher manteve com suas mulheres na vida real. Nesses acordos, definem-se, a modo de regulamento, as obrigações e os compromissos da relação, e nada fica fora do previsivelmente determinado. É Deleuze quem indica a importância do contrato na relação masoquista. Ele se estabelece com a mulher-verdugo, e, assim, renova-se a ideia dos antigos juristas segundo os quais a própria escravidão se baseia em um pacto.

Os contratos duram um tempo limitado, no qual os participantes pactuam ser amos e escravos. Não deixa de ser interessante que, no contrato que Sacher assina na vida real com madame Fanny de Pistor, ele se comprometa a executar absolutamente todos os desejos e ordens dela, mas ela jamais deve olhar as cartas e escritos dele. Sem dúvida, isso se deve ao fato de que a escrita lhe pertence, e é essa escrita – como vimos – que comanda a cena.

A que se deve essa necessidade de regulamentar a paixão e

de transformar a mulher em uma dama altiva, impenetrável, atriz de mármore? Apesar das aparências, deve-se a uma tentativa de dominá-la; essa é a razão pela qual Lacan diz que o masoquismo é... um fantasma masculino.

Freud se refere ao enigma da feminilidade que levou homens de todos os tempos a matutar e até o fim da vida se perguntar pelo querer de uma mulher. O fantasma masoquista tenta dar uma resposta a tal questão.

## Cronologia

---

### 1870

Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895) escreve o romance *A Vênus das peles*. Nele, descreve as práticas sexuais estabelecidas nos contratos que o protagonista assina com sua amada e que reproduzem os que Sacher mantém com suas mulheres na vida real.

### 1886

O alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) chama de *masoquismo* a prática sexual na qual se busca a dor.

### 1924

Freud escreve “O problema econômico do masoquismo” (vol. XIX). Apesar dos obstáculos para sua realização, até aqui Freud considera o princípio do prazer aquele que “governa a vida”. A análise do masoquismo começa a lhe mostrar que a dor e o desprazer podem se constituir em um fim ou uma meta.

### 1924

Helene Deutsch publica o primeiro livro sobre a sexualidade feminina que aparece no meio analítico. Desde então, define a feminilidade como uma mescla de passividade, narcisismo e masoquismo.

### 1962-1963

Em *O seminário. Livro 10: a angústia*, Lacan (2005) rompe com a opinião tradicional acerca do masoquismo como típico nas mulheres ao afirmar que se trata de um fantasma masculino. Também na década de 1960 serão fundamentais os trabalhos de Gilles Deleuze acerca do masoquismo e do sadismo.

Em poucas palavras:  
Quando falamos de masoquismo,  
devemos distinguir entre o  
masoquismo como perversão, o  
masoquismo moral e o que a  
mulher pode adotar na relação  
sexual.

# Capítulo 9

## Sintomas de época

## 39. A atualidade das perversões

Em 1886, Krafft-Ebing publica seu famoso tratado *Psicopatologia sexual*, que constitui a inspiração do desenvolvimento freudiano sobre as perversões. Freud define a perversão como uma prática sexual com alto grau de fixação que substitui o ato sexual genital e que, longe de ser uma preliminar deste, transforma-se em um fim exclusivo. Classificadas outrora dentro da psicopatologia, na atualidade as perversões se transformam em meras preferências pessoais confessadas sem pudor.

Para Freud, se existe uma norma que faz da perversão um “desvio”, jamais se encontra no consenso social. Por exemplo, por um lado, a homossexualidade não é uma perversão por ser condenada e não deixa de sê-lo mesmo em grupos sociais em que é admitida. Por outro lado, isso não conduz a segregar o perverso por fazer parte de uma classe dotada de características particulares, visto que a sexualidade humana em geral é em si perversa, por buscar satisfação em

funções não genitais. A perversão como quadro é definida pela fixação exclusiva em alguma delas, a tal ponto que Freud a diferencia da neurose pela ausência da repressão.

Zygmunt Bauman considera que a sexualidade entrou também no famoso mundo líquido descrito em seus livros. Os líquidos são informes e se transformam constantemente: fluem. Por isso, a metáfora da liquidez é, para ele, adequada para apreender a natureza da fase atual da modernidade. Não há pautas estáveis nem predeterminadas nessa versão privatizada do mundo. Tal estado implica que toda forma de atividade sexual seja não só tolerada, mas com frequência recomendada pelos sexólogos como terapia útil e eficiente. As atividades sexuais são cada vez mais aceitas como meios legítimos de obtenção da felicidade individual, e exorta-se a exibí-las em público. Ficou no passado o recinto privado de Sade, cujo isolamento é peça essencial para o desenvolvimento da montagem da cena pervertida. No entanto, há algo em comum com o lema do famoso libertino: o direito ao gozo elevado ao estatuto de preceito universal. O marquês declama tal direito inspirado na República e transforma os direitos humanos em sexuais. Sabemos que tais reivindicações estão na ordem do dia; são coadjuvantes, junto da modernidade líquida, para que muitas das perversões clássicas sejam assimiladas, percam o peso que carregam e

acabem sendo meras preferências.

A sociedade de Sade é uma sociedade codificada, pautada, regrada e carente de erotismo, se entendermos por *erotismo* a linguagem alusiva, ambígua, sugestiva, que aloja o inesperado. A contingência foi desterrada.

A pedofilia e a pornografia infantil são os únicos atos denunciados como pervertidos. A sanção se deve ao fato de que entram no campo do delito: o menor não é responsável; nos outros casos, se houver consenso, vale tudo.

Gianni Vattimo considera que a sexualidade está implicada no processo de secularização que atravessa nossos dias. *Secularização* provém do latim *saeculare*, que significa “século”, mas também “mundo”, e é uma maneira de falar da decadência das práticas e crenças religiosas observada nas sociedades modernas. Vattimo conjectura que a sexualidade em si está implicada em tal processo, dado que, com o enfraquecimento da moral religiosa tradicional, torna-se mais livre e perde a aura sagrada do século XIX, que – segundo esse autor – conserva na psicanálise. Segundo suas palavras, esta última seria um fenômeno superado, criado em uma época de moralismo xenóforo.

Cabe questionar a ideia de um sexo mais livre sustentada pelo filósofo italiano, visto que se a sexualidade de outrora não era livre, por ser proibida, a atual não é mais livre, porque

está sujeita aos imperativos de gozo que a regem. O padre que exerce interdição foi substituído por novos deveres: experimentar prazeres inéditos cada vez mais intensos. A exibição de fotos com procacidades sexuais dirige-se a esse olho que demanda a demonstração de como se gozou. Tal “liberdade” é, na realidade, obediência.

**Você sabia que...** para a psicanálise a perversão só é definida do ponto de vista sexual, não delinquencial no sentido de “moral”?

Não é possível pensar o amor na perversão, como também não é possível fazê-lo na ética kantiana. Isso não é casual, se notarmos que o universal e necessário é contrário a sua modalidade, que é sempre contingente. Sade diz que o amor é uma loucura da alma, visto que, ao satisfazer dois indivíduos, carece de alcance universal: “O amor, que pode ser chamado de a loucura da alma, não tem mais títulos para legitimar sua constância; como só satisfaz a dois indivíduos, o ser amado e o ser amante, não pode servir para a felicidade dos demais”.

Longe da “liquidez” das perversões atuais, Sade denuncia uma moral que se esquece, e, se o lermos com atenção, perceberemos que o que ele não aceita é a futilidade dos princípios: a amnésia, enfim, no plano ético. Torná-la mais forte implicará apelar a uma voz que não canse o ouvido; obter, enfim, um acordo entre a conduta e a lei: cópula, pois, entre o gozo e a moral. Tal amálgama revestirá o gozo de

preceito qual imperativo universal ineludível, válido em todos os casos.

Assim, o fantasma sádico renega o acaso, rejeita o imprevisto, é estaticamente chato. Notemos que em nenhum cenário surge, por exemplo, o malogro do ato sexual nem a detumescência, nem nada que indique em uma mulher a presença do inesperado. São esquemas apriorísticos; a luxúria não deve nos confundir acerca de sua natureza, ineditamente formal. Em *História de Juliette ou as prosperidades do vício* (Sade, 2007), por exemplo, várias passagens ilustram claramente essa dimensão. Quando as jovens alunas querem saciar seus prazeres e estão prestes a fazer sexo, a freira Delbéne as detém dizendo que é preciso se demorar, que a ordem é necessária, que só se goza ao definir os prazeres com antecedência. Essa “mestra” nos prazeres pervertidos insiste na necessidade de fixar os quadros, organizar as ações, montar os cenários. Neles, o agente não é fundamentalmente aquele que tem o poder ou o prazer, mas quem detém sua direção; desse modo, as dissertações prévias são essenciais, e os discursos sobre o gozo propagam seu sentido. Por outro lado, detectamos que há uma espécie de repressão na suposta libertinagem, repressão do não prescrito, do não enquadrado, da *tyché*. O pervertido pretende eliminar o acontecimento imprevisto que faz abalar um suposto prévio; seu gosto por

ultrajar a lei encobre seu mais profundo anseio: substituir-se por ela.

O estudo das perversões está na ordem do dia quando Freud começa a elaborar sua teoria da sexualidade. A originalidade de sua descoberta consiste em encontrar na infância a chamada *disposição pervertida polimorfa*, porque a falta de organização genital e a existência das pulsões parciais predispõem a essa tendência. Sob esse ponto de vista, a perversão adulta se apresenta como a persistência, a fixação e a prevalência de um componente parcial da sexualidade. No entanto, convém distinguir a posição pervertida do polimorfismo infantil: na criança, o reinado das pulsões parciais se deve a uma falta de organização genital; no pervertido, a um “horror à castração”, que conduz a uma depreciação do ato genital.

## Cronologia

---

### **Meados do século XIX**

O saber psiquiátrico situa entre as perversões diversas práticas sexuais, como o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo, o ato de se travestir, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo, as mutilações sexuais.

### **De 1896 em diante**

Freud adota o termo *perversão* e conserva a ideia de desvio em relação a uma norma, mas elimina qualquer conotação pejorativa ou valorativa. Em psicanálise, só se fala de “perversão” em sua relação com a sexualidade.

### **1905**

Freud relaciona o polimorfismo pervertido da sexualidade infantil e a perversão adulta e os diferencia.

**1962**

Lacan se aprofunda na obra de Sade e demonstra que a estrutura pervertida se caracteriza por privilegiar a vontade de gozo.

**1968**

Robert Stoller renova o estudo clínico sobre o conjunto de perversões.

Em poucas palavras:  
Uma das características mais  
notáveis da perversão é a  
necessidade de um  
enquadramento fixo e pautado  
no qual se monta o cenário de  
gozo.

## 40. Os “desbussolados” contemporâneos

Embora os casos descritos por Freud ainda tenham vigência, encontramos na clínica quadros inéditos que refletem o mal-estar atual em uma cultura que não é a do início do século passado, na qual se descobre a psicanálise. A decadência de antigos valores, as mudanças vinculadas com as constelações familiares, a declinação do pai, o estado atual do capitalismo e os avanços tecnológicos, entre outros fatores, influenciam as estruturas clínicas. Muitas vezes, aparecem sujeitos que perderam a bússola, aquela dada pelos ideais, pelo pai e pelos caminhos que pareciam acertados.

Jean-Claude Milner destaca uma imprevista consequência do princípio do ilimitado na sociedade, visto que, à falta de um exterior possível, o sujeito se volta contra si. Somente o corpo dará consistência ao ser falante, e não o discurso que se havia sonhado universal. A tatuagem e os *piercings*, entre outros, seriam, nesse sentido, paradigmáticos desse recolhimento.

O filme *Entre os muros da escola*, de Laurent Cantet, dá base para o início de uma reflexão acerca da ordem simbólica no século XXI. Seu cenário são aulas de francês, em um bairro dos subúrbios de Paris, frequentadas por alunos de diversas origens culturais. O professor tenta implementar todos os recursos para superar as dificuldades que a classe lhe reserva: problemas de integração, segregação, rebeldia inusitada, multiculturalismo. Assim, leva adiante uma tarefa não só docente, mas que também tenta ser terapêutica; ele procura compreender, empenha-se em não desistir. A cena mais dramática do filme – e sobre a qual gostaria de me deter – se dá a partir do que ocorre em uma reunião de conselho formado pelos professores e duas alunas como representantes da classe. Nessa ocasião, as jovens apresentam um péssimo comportamento: comem, conversam entre si, riem, deboçam e perturbam o professor. Indignado, ele explode e diz que elas tiveram uma atitude de *pétasse*. Em consequência, produzem-se terríveis incidentes que acabam com o supercílio cortado de uma aluna e acusações muito fortes contra o professor. A expressão *pétasse* não se refere só a uma prostituta profissional, mas também remete a uma adolescente um tanto leviana, provocativa; em português, diríamos “vadia”. As alunas não hesitam em afirmar que foram chamadas assim

e omitem que o professor disse que se haviam comportado como tais, o que não significa que o sejam. Também não incluem o contexto – a inadequação das garotas na reunião –, que desencadeia a infeliz expressão do docente. E também não vale a doçura demonstrada por esse homem nas aulas. Só resta como saldo o valor insultante do que foi dito e nada mais.

**Você sabia que...** Nietzsche antecipa as mudanças produzidas nesses dois séculos ao se referir à desvalorização dos valores?

Com o declínio dos discursos, é importante indagar qual é o sítio do Outro, quem assume o discurso, como se preencheu essa vaga. Considero que esse lugar é habitado pelo suposto gozo do Outro. Assim, a ordem simbólica está atravessada pela dupla aceleração e corte imediato, em que a significação é interpretada em termos de gozo do Outro.

Tanto Freud quanto Lacan indicam que o paranoico não acredita em algo diferente de seu ego, visto que – em termos lacanianos – para que exista crença é preciso que também exista divisão subjetiva, ou seja, que o ego admita uma ordem que o transpassa. A decadência dos discursos conduz a não admitir nenhuma ordem como tal. Não há crença e sim certeza relativa à malignidade dos outros. Lacan nos ensina

que quanto mais declina a primeira, com mais força se instaura a segunda. Se em sua obra define o gozo identificado ao Outro como paranoia, isso acaso não revela que quando não se acredita, aquilo que anima o vínculo é a certeza relativa ao gozo do Outro? Assim, a incredulidade pós-moderna pode dar as mãos ao fundamentalismo mais extremo.

Detenhamo-nos na rapidez com que se insta o perguntado a dar uma resposta imediata e que é impossível de explicar em um minuto. Observemos a secreta atração que impulsiona o *zapping* e que substitui inclusive o desejo de ver um bom filme. Pensemos na mensagem gravada na camiseta de um jovem: “A vida é como uma bicicleta; se parar, perde o equilíbrio”. Notemos de que modo a velocidade se revela na prontidão com que se nomeiam certas situações. Por exemplo, os frequentes pensamentos de alguns adolescentes acerca da identidade sexual sempre existiram, mas o novo é que essas dúvidas são prontamente sufocadas quando aquilo que antes era uma fantasia é considerado indicador de uma preferência sexual certa. Assim, tudo que ocorre com um sujeito é instantaneamente incorporado em uma suposta identidade do ser. Para dar algum dos múltiplos exemplos: se uma garota pensa muito em uma amiga, é porque é lésbica; se come muito doce, é bulímica; se sente mudanças anímicas, é

bipolar. Eclipsando os aspectos das coisas, tais nomações apagam seu mistério e fazem com que, muitas vezes, o que para um sujeito antes podia ser um pensamento, uma conduta esporádica ou uma fantasia, logo se torne uma chave que responde ao que seria sua real identidade. E, quando um sujeito está desorientado – algo muito comum nestes tempos –, agarra-se muito mais àquilo que lhe dará um suposto ser. Essa captura imediata também se revela na frase proferida pelos adolescentes de hoje para se referir ao encontro erótico com uma garota: “Comi tal pessoa”, como se não existisse um resto.

Heidegger destaca que o homem afundado na temporalidade moderna não pode se deter, é ávido de novidades, propenso a boataria e a compreender tudo sem prévia apropriação das coisas.

A declinação dos discursos vem acompanhada do fato de a palavra tomar o sentido de uma injúria e de um agravo que chega ao âmago do ser. Nesse sentido, trata-se de pensar no ocaso dos discursos, quando a palavra é aprisionada em sua instantaneidade, fora da modalidade em que é proferida. E mais além desse âmbito educativo, acaso não notamos de que forma ela se subentende imediatamente ao ser confinada ao grupo partidário do qual supostamente provém, aos interesses que a governam, aos propósitos implícitos que a impulsionam? Essa percepção que compreende de modo rápido demais é o olhar que só capta a superfície das coisas e que no instante imobiliza o sentido. É o eterno presente como congelamento do devir e negação da profundidade que esse devir abriga.

## Lacan afirma:

Um discurso não é só uma matéria, uma textura; requer tempo, tem uma dimensão no tempo, uma espessura. Não podemos nos conformar, em absoluto, com um presente instantâneo, toda nossa experiência vai contra isso e contra tudo que dissemos. Podemos torná-lo presente prontamente mediante a experiência da palavra. Por exemplo, se começo uma frase, vocês não compreenderão seu sentido enquanto eu não acabar. É absolutamente necessário – essa é a definição da frase – que eu tenha dito a última palavra para que compreendam onde está a primeira.

A aceleração do século XXI constituirá uma severa ameaça.

## Cronologia

---

### 1882

Nietzsche se refere à morte de Deus causada pela ruptura com as antigas verdades e valores que se veneravam.

### De 1930 em diante

Heidegger se ocupa intensamente do pensamento de Nietzsche ao analisar a época da consumação da metafísica e seus efeitos no homem.

### 1938

Lacan assinala a queda da imago paterna, que podemos pensar que operava como bússola.

### Meados do século XX

Kojève, baseando-se no livro *Bom dia, tristeza*, de Françoise Sagan, descreve uma época caracterizada pela “desvirilização”.

### De 1998 em diante

Miller e Laurent dedicam-se a esclarecer os novos sintomas ligados à queda dos

referenciais tradicionais.

## **2012**

Realiza-se o VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, no qual se expõem trabalhos vinculados à ordem simbólica no século XXI – século definido como “aquele que já não é mais o que era”. Ao mesmo tempo, analisam-se seus efeitos nas curas.

Em poucas palavras:  
As manifestações sintomáticas  
falam também dos mal-estares  
de cada época.

## 41. Os vícios

Desde o começo de sua obra, Freud propõe uma relação entre o vício e a masturbação. Define a masturbação como o grande hábito que designa como “vício primordial”, ao passo que os outros (o alcoolismo, o morfismo, o vício em cocaína etc.) serão substitutos daquele. A matriz autoerótica da dependência química indica a permanência de um gozo no próprio corpo que prescinde do Outro e que se diferencia do sintoma porque não chama à interpretação. A busca do narcótico para atingir o êxtase certamente supera o simples onanismo, mas ambos têm em comum privilegiar o autoerotismo sobre a relação com o outro sexo.

Em “O mal-estar na civilização” (vol. XXI), Freud assinala:

É simplesmente, como bem se nota, o programa do princípio do prazer que fixa seu fim à vida. Esse princípio governa a operação do aparelho anímico desde o começo; não há dúvidas sobre seu caráter acorde a fins, porém, a despeito disso, seu programa entra em querela com o mundo inteiro, com o macrocosmo tanto quanto com o microcosmo. É absolutamente irrealizável, as disposições do

Todo – sem exceção – o contrariam; pode se dizer que o propósito de que o homem seja “feliz” não está contido no plano da “Criação”.

A exigência de gozo, associada ao uso de drogas, põe em severo xeque a convivência entre os sexos. Muitos dependentes químicos conseguem abandonar as drogas a partir de um encontro amoroso – e a força desse milagre sempre nos comove –, mas pouco se diz acerca de como transcorre essa história após o período inicial de paixão. Ou sobre a intolerância diante da deflação da lua de mel do início. Pretende-se do outro a intensidade no gozo propiciada pelo narcótico.

Freud destaca que nossa constituição limita nossas possibilidades de felicidade, ideia que se vincula ao que ele já havia enunciado a Fliess, e reafirmada em 1912, acerca da possibilidade de que “exista algo na natureza da pulsão sexual desfavorável à obtenção da satisfação plena”. Atribuímos a nossa vida, a nossa sorte, a nosso destino, a nosso parceiro essa insatisfação que, na verdade, parte do que Freud chama de nossa “constituição”. Como conclusão, nossa existência é gravosa, traz dores, desenganos, tarefas insolúveis. Diz Freud: “Para suportá-la, não podemos prescindir de calmantes”, e os situa em três tipos: distrações poderosas que nos fazem valorar um pouco nossa miséria, satisfações substitutivas que a reduzem e substâncias inebriantes que nos tornam insensíveis a elas. Recorda que Voltaire aponta as distrações

quando, em *Cândido ou o otimismo* (2013), faz ecoar o conselho de cultivar a casa qual seu jardim; a distração é também a atividade científica e do pensamento. As satisfações substitutivas, como as oferecidas pela arte, são ilusões a respeito da realidade, mas efetivas por sua relação com a fantasia. É importante destacar que o terceiro grupo se diferencia dos dois primeiros porque, se neles se tenta reduzir a dor de existir, neste não há uma mera atenuação, mas, sim, um tornar-se “insensível”. Ali Freud situa o narcótico, que, diferente dos anteriores, influencia nosso corpo com seu quimismo, alterando profundamente a sensibilidade.

Freud vincula o vício à mania, na qual entra em jogo um gozo desvinculado: as imagens se sucedem em ritmo vertiginoso, surgem relações de ideias inesperadas e luminosas que a multidão das seguintes faz com que não possam ser detidas.

Podemos vincular a premissa lacaniana segundo a qual não existe relação sexual com o limite na felicidade descrito por Freud. Em outras palavras: a felicidade é episódica e parcial, e há uma maneira de se tornar insensível a essa limitação e de transformar a felicidade em exigência e em imperativo. Assim, fazer da ventura um dever consiste em obedecer à exigência de gozo superegoico: “Goze!”. Então, não importa tanto o que o sujeito consome, e sim como o faz; é consumido pela voz que o impele, pelo tóxico que o arrasta. Sou fumado

pelo cachimbo, dizia Baudelaire.

Sem recorrer necessariamente às drogas pesadas e para ilustrar a maneira como os jovens são arrastados ao consumo, basta pensar no “esquenta” adolescente. É sabido que, hoje em dia, o “esquenta” ocupa um lugar cada vez maior nas saídas dos adolescentes. Padrão fundamental, esse momento anterior à balada se transformou em um requisito sem o qual não há plano possível; pode inclusive substituí-lo. De fato, ali se registram os maiores índices de consumo de álcool, e, muitas vezes, o “esquenta” não antecede outra coisa e, assim, passa a ser um fim em si mesmo. Bastam para indicar isso os exemplos dos jovens que se desvanecem consumindo ilimitadamente e que não passam do “esquenta”. Também – no extremo – conhecemos casos com desenlaces letais, e outros que acabam em violência. Uma pergunta se impõe: “esquenta” com relação a quê? Quais são as implicações de que um momento se torne, às vezes, um fim em si mesmo?

**Você sabia que...** os imperativos sociais ligados a gozar intensamente predisõem à busca de substâncias tóxicas para satisfazê-los?

Em seu texto “Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa” (vol. XI), Freud estabelece um contraste entre o narcótico e outros “consolos”. Assim, marca uma diferenciação entre as escolhas libidinais e a relação do alcoólatra

com o álcool. As primeiras pecam sempre por falta; o objeto nunca é o esperado, e isso pode ocasionar uma longa cadeia de substituições. Assim se explica a inconstância de muitos neuróticos em relação a suas escolhas de objeto, o que Freud chama de “fome de estímulos” de certos sujeitos. Essa substituição discrepa da relação do alcoólatra com a bebida, sua fidelidade inquebrantável com a droga, elixir fatídico, mas companheiro. Talvez porque a mulher seja sempre outra, e o álcool seja sempre um.

O argumento apresentado pelos adolescentes é que é preciso ir à balada já “doidão” para se divertir mais e encarar as garotas sem inibições. O “esquentar” seria, então, uma espécie de preparativo para um suposto encontro erótico; de fato, esse ritual se desenrola com amigos, o que divide dois âmbitos: o conhecido e o não tão conhecido da balada. O conhecido pode se desenrolar em casa, mas também na rua, onde se escolhe algum lugar em particular. Um imperativo subjaz nesse carnaval: é preciso se divertir, é preciso se desinibir, é preciso intoxicar-se para curtir mais. Assim, a suposta libertinagem é regida por preceitos que impelem ao excesso ligado ao abuso na ingestão. Essa sujeição ao que “se deve fazer previamente” põe em xeque a ilusão de liberdade que acompanha a falta de limites.

## **Cronologia**

---

Século VIII a.C.

Do latim *addictio*, a palavra *vício* designa o hábito que domina a vontade de uma pessoa. Trata-se da dependência de uma substância, uma atividade ou uma relação. O termo *adicto* procede do vocábulo latino *addictus*, que tem seu referencial em uma figura histórica: Addictus foi um personagem da antiga Roma, muito famoso por sua habilidade de gastar rapidamente o dinheiro que recebia de seus credores. Addictus esbanjava todo o capital de que dispunha curtindo os prazeres da vida, sem se privar de nenhum capricho. Assim, e dado que sua capacidade de gastar superava sua habilidade de poupar, *addictus* passou a ser usado para definir o comportamento daqueles que sentem uma necessidade compulsiva de consumir um bem específico.

### **1897**

Freud confessa a Fliess que os vícios são substitutos do “único grande hábito”: o vício primordial, a masturbação.

### **1912**

Freud contrapõe a relação com a droga à relação com uma mulher porque esta sempre peca por falta, ao passo que o “elixir” nunca perde seus atrativos. Assim, o laço que une o alcoólatra com o tipo de vinho preferido não o conduz à mudança, que é comum na vida de muitos neuróticos em relação a suas escolhas amorosas.

### **1930**

Freud diferencia o vício de outras satisfações diante do mal-estar; em relação à bebida, identifica que o homem se subtrai do peso da realidade de uma maneira radical. Ao mesmo tempo, relaciona o vício com a busca do sentimento oceânico, ou seja, um sentimento sem medida.

### **1975**

Lacan situa o gozo com a droga em termos de ruptura com aquilo que poderia limitá-lo.

Em poucas palavras:

Nos vícios, negam-se os limites,  
que por fim são encontrados da  
pior maneira quando a “viagem”  
acaba.

## 42. A depressão

Na atualidade, a depressão é considerada uma doença orgânica com base fundamentalmente em déficits neurobiológicos. Na nova moda, nem sequer se faz avaliação, baseada como tal em diversos sinais; basta um só: a queda de serotonina é suficiente para administrar o fármaco. Já não são tanto os psiquiatras, mas, sim, outros médicos que se inclinam pelo antidepressivo assim que detectam alterações no neurotransmissor e sem que sua diminuição esteja acompanhada por sinais de depressão nos sujeitos tratados. Isso sem falar nos casos em que só o estado de tristeza basta para impor tal prescrição. Sem negar a existência da depressão, a psicanálise adverte sobre o perigo de medicar qualquer sinal de tristeza, por considerar o mínimo índice dela como doença. Só a psicanálise leva em conta os fatores subjetivos ligados a esse quadro.

A tristeza nem sempre foi considerada uma manifestação

patológica pelo criador da psicanálise. Em seu célebre artigo “Luto e melancolia” (vol. XIV), Freud diferencia um do outro; o estado de ânimo profundamente doloroso, a perda de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar e a inibição de todas as atividades são elementos comuns a ambos. Esses estados foram desencadeados por uma perda, que pode ser de uma pessoa, de um lugar ou de um ideal. Um único ingrediente recai com exclusividade na melancolia: a extraordinária diminuição do amor-próprio e a autocensura, que chega até o delírio moral de empequenecimento. No entanto, a dor, o sofrimento e o eventual retraimento que implica o luto são considerados por Freud fenômenos normais, que testemunham, em última instância, que os objetos não podem ser tão facilmente substituídos por outros, que os seres não são descartáveis, que o processo de desapego leva tempo, que há apego, viscosidade libidinal. A psicanálise dá ao luto um valor inestimável, e Freud, Melanie Klein e Lacan situam o processo de luto na análise, de modo que podemos afirmar que não existe análise sem luto.

Em uma época definida por Heidegger como ávida de novidades e anseio pelo novo, época do material descartável, o luto e a tristeza devem ser suprimidos, visto que falam de uma adesão ao passado; nesse sentido, o antidepressivo é

sintomático desses tempos.

**Você sabia que...** só a psicanálise contempla que a depressão tem um sentido e uma causa inconscientes, que não é simplesmente um desarranjo bioquímico?

Na revista *Le Nouvel Âne*, da qual é diretor, J.-A. Miller diz que hoje em dia é muito grande a tentação de considerar “depressão” a menor fadiga, tristeza ou pequena queda de ânimo existencial, bem como ocasionais sentimentos de perda de estima. Acaso tais vaivéns anímicos não são próprios do homem? Acaso não há uma pretensão de exterminar o gênero humano ao querer eliminar esses estados? A tristeza é inerente à espécie humana. Se é uma doença, a própria humanidade o é; curá-la é entrar na biotecnologia e produzir outra espécie, uma espécie assexuada e muda que se comporta como se deve.

Por outro lado, Miller explica muito bem que na medida em que as pessoas experimentam normalmente momentos de tristeza e sentimentos de desvalorização, a decisão de medicá-las dá lugar, inevitavelmente, a um crescimento exponencial do número de depressivos. Por isso, não é estranho que a Organização Mundial da Saúde (OMS) prognostique que em 2020 a depressão será a segunda causa de invalidez no mundo, depois das doenças cardiovasculares.

Essa instituição declara que, na atualidade, 121 milhões de pessoas sofrem dessa condição e que a carga que essas doenças representam está aumentando. Além do mais, adverte que uma em cada cinco pessoas chegará a desenvolver um quadro depressivo na vida, e esse número aumentará se concorrerem outros fatores, como doenças médicas ou situações de estresse. Assim, a campanha contra a depressão corre o risco de acentuar esse fenômeno.

Em tempos em que os sujeitos valem por sua situação no mercado de trabalho e, assim, transformam-se em meros valores de câmbio, a perda dessa situação propicia graves depressões. Em sociedades nas quais os únicos valores são a juventude e o sucesso profissional, o declínio de ambos faz com que os sujeitos não encontrem com que os substituir. Ainda, se levamos em conta que, como diz Lacan, o capitalismo rejeita o amor e a castração, sua falta leva as mulheres a se verem mais afetadas.

A tristeza posterior a uma perda não é um fenômeno patológico, porque o processo de luto leva tempo; e esse processo é rejeitado quando a urgência e a aceleração marcam o ritmo da existência.

A depressão não aparece a qualquer momento; inscreve-se em um muito particular, no qual sempre há um vínculo com um traumatismo mais antigo, uma perda, uma ruptura ou um luto na infância ou na adolescência que não foi simbolizado. Quando se perde um ideal ou um objeto de amor, em um

primeiro momento se tenta manter um apego àquilo que falta, como se nada mais existisse. No luto normal, ocorre um desprendimento paulatino que dá lugar a uma substituição posterior; na melancolia, não ocorre tal substituição e perdura a fixação ao que foi perdido.

A classificação psiquiátrica atual considera o “transtorno depressivo” com base em um catálogo de condutas cuja graduação deve ser avaliada para estabelecer se se trata de um estado depressivo menor, médio ou maior; desse modo, erradica-se toda noção de estrutura. Tal classificação tira toda especificidade da psiquiatria. Observa-se essa ausência de referência clínica na maneira como se prescrevem os antidepressivos para as condutas mais diversas: fadiga, tristeza, insônia, timidez, TOC, fobia social, abandono do cigarro, conflito conjugal, assédio moral, estresse profissional etc. As estatísticas e as pseudociências desvalorizam o significado real do termo e muitas vezes não consideram os efeitos secundários do fármaco quando mal indicado.

## Cronologia

---

### 1725

Sir Richard Blackmore utiliza o termo *depressão* nos quadros de melancolia.

### 1915-1917

Em 1915, Freud escreve “Luto e melancolia” (vol. XIV). Nessa obra, diferencia a depressão comum da melancolia, desta cando que nem todo estado depressivo indica um quadro melancólico.

### 1952

Aparece o termo *depressão* na primeira edição do *DSM: Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais*.

**1994**

Peter Kramer escreve um livro no qual elogia as virtudes do Prozac como remédio que opera mudanças milagrosas na personalidade.

**2007**

O Instituto Nacional de Prevenção e Educação para a Saúde (INPES) da França, sob a presidência de N. Sarkozy, lança uma campanha contra a depressão sob o lema “Depressão: saber mais para sair”. Essa campanha é fortemente criticada por generalizar o termo. Miller questiona a “medicalização” diante do menor indício de tristeza, visto que esta é inerente à espécie humana. Se fosse uma doença, a humanidade em si também o seria.

**Em poucas palavras:**

A depressão surge como  
consequência de uma perda.  
Quando não há substituição  
possível, o mundo perde todo o  
interesse, o sujeito tortura a si  
mesmo, e já não é depressão,  
mas, sim, melancolia.

## 43. A anorexia

O termo *anorexia* provém do grego – *a-/an-* (prefixo que indica negação) e *órexis* (“apetite”, “fome”; “desejo”) – e é empregado, em geral, para descrever a falta de apetite. A psicanálise revela que a rejeição ao alimento indica que o que se rejeita na verdade é o corpo que emerge na puberdade, diferente do corpo infantil. Assim, Freud já precocemente diz que a neurose alimentar paralela à melancolia é a anorexia: “A famosa anorexia nervosa das jovens me parece uma melancolia em presença de uma sexualidade não desenvolvida [...] Perda de apetite sexual, perda de libido”. Freud não acentua tanto a oralidade em si mesma, mas a “melancolização” diante da sexualidade incipiente. O perturbador é o sexo.

O fator desencadeante do sintoma anoréxico pode ser isolado com bastante precisão e se recorta ao redor de uma frase, proveniente em geral de um homem que exalta o novo corpo da púbere. Tal exclamação põe em evidência o valor de gozo das pletóricas carnes, fere o pudor, rasga os véus. Diferente

do elogio, que veste o corpo de metáforas, as denominadas “grosserias” o despem. O epíteto ressalta o lugar da jovem como objeto, sem a mediação do “verso amoroso”. O desenlace segue uma sequência regular; no futuro, a garota tentará fazer desaparecer as turgências do corpo que provocaram essa manifestação de gozo.

Lacan situa precocemente o sintoma anoréxico vinculado a uma mãe que confunde o dom de seu amor com o dom de seus cuidados, enchendo a criança de papinha. Para afirmar seu próprio desejo, a criança rejeita o alimento. O notável é que esse desejo se configura na raiz como um desejo que não tem nem um objeto na mira; é um desejo de nada. Como afirma Nietzsche, é preferível desejar nada a não desejar.

Acaso não se verifica uma correlação entre a decadência do amor na época atual e o aumento da sintomatologia anoréxica? O sintoma anoréxico não se explica somente por uma questão de moda, mas por um encontro com a sexualidade que operou de maneira deturpada. Foi a palavra de um homem que despiu o incipiente despertar do sexo ou a obscenidade materna que penetra o corpo da filha com comentários sobre ele. A jovem tenta se livrar desse excesso e o desloca querendo eliminar sua “gordura”.

O sintoma anoréxico tem relação com a perda da mesa familiar, na qual a refeição é

acompanhada de palavras; a evaporação dessa tradição no capitalismo atual acentua a emergência do quadro.

Na atualidade, as frases procazes já nem sequer são chamadas assim, porque é comum referir-se ao corpo com impudicícias de maneira muito natural. Miller fala do desaparecimento da vergonha como um dos sintomas da época – sintoma que articula com a morte do olhar de Deus; a desvergonha é, então, a expressão das consequências dessa morte. O capitalismo tardio inaugura o imperativo de que se pode dizer tudo e mostrar tudo, o que propicia a perda da vergonha. E acaso não se ancora o sentimento de vergonha nesse rosto que cora quando se tentam levantar os véus? Isso se deve ao fato de que a vergonha opera como guardiã de uma reserva, preserva o mais íntimo, impõe limite. Muitas jovens tentam se retrair quando essa reserva é violentada.

Podemos pensar que a anorexia, tão presente hoje em dia, é a resposta de algumas jovens históricas a esse imperativo: o sujeito insiste em afirmar sua divisão subjetiva mediante a rejeição do objeto que pretende cumulá-la. Empenha-se em abrigar o nada como espaço do desejo puro.

Diz Lacan que o que caracteriza o discurso capitalista é a rejeição do amor e da castração. Notavelmente, isso está vinculado ao que ele assinala acerca da mãe da anoréxica:

aquela que confunde o dom de seu amor com o dom de seus cuidados. Acaso os objetos de consumo profusamente disponíveis não são os equivalentes da “papinha asfixiante”? Não ficou ela mais exposta a esse estrago na medida em que o pai falhou ao amarrar o gozo ao amor? À falta dessa função, o Outro da anoréxica é o discurso capitalista, e ela mostrará a verdade desse discurso: o sujeito, sob o imperativo do consumo, consome-se.

As mulheres são muito mais propensas à anorexia que os homens, pelo valor do amor em sua sexualidade. Graças a ele, a jovem pode investir seu corpo e aceitar, assim, o gozo que dali emerge; do contrário, afirma-se um desejo que rejeita o sexo. Aqui, vale recordar o diálogo *Filebo*, de Platão (2015b), e evocar o curioso exemplo que apresenta:

o desejo puro do prazer puro da pura brancura. Essa pura brancura é o branco sobre o qual nada aparece, nenhum traço, nenhum atrativo, nenhuma figura. O desejo puro é o desejo branco, ou seja, aquele que rejeita a cor, que – para os chineses – é a própria sexualidade.

**Você sabia que...** a anorexia surge geralmente durante a adolescência, no sexo feminino, e aumentou nos últimos anos nos países capitalistas?

O quadro da anorexia histérica está no centro do discurso de Lacan sobre a

anorexia: ao orquestrar a própria rejeição da comida, do sexo, do corpo, afirma-se um desejo que correria o risco de desaparecer quando o excesso afetasse esses termos. O sintoma anoréxico alude a um encontro ruim com a sexualidade, que operou de maneira excessiva, quando não bestial. Claro que também existe a anorexia em algumas psicoses, nas quais o delírio de envenenamento desencadeia angústia diante do que se incorpora; mas a anorexia histórica é a que funcionou como paradigma nas elaborações lacanianas sobre o desejo. Quanto mais se obturar o desejo, tanto mais se afirmará o sintoma.

## Cronologia

---

### 1873

Charles Ernest Lasègue, psiquiatra francês, faz a anorexia ingressar na terminologia psiquiátrica; sua incorporação é solidária com a histeria. De fato, ele é um dos primeiros médicos a descrever a anorexia nervosa, que chamará de *anorexia histérica*.

### 1895

Freud vincula a anorexia com a melancolia diante do despertar sexual e não acentua a problemática em torno da alimentação em si mesma.

### 1958

Lacan situa a sintomatologia anoréxica como a tentativa de parte do sujeito de fazer valer seu desejo; quando o alimento excessivo é confundido com o amor, querer “nada” é querer. Nesse sentido, o “não” da anoréxica significa que, se dissesse “sim”, seria absorvida pelo Outro.

### 1997

Miller conecta o sintoma anoréxico com o sujeito histórico que se posiciona ao afirmar o desejo, rejeitar o objeto que poderia satisfazê-lo, sujeito afim ao vazio e à leviandade. Mas nem por isso tal sintoma responde sempre a tal estrutura.

Em poucas palavras:

A anorexia não se reduz a uma moda; fala de uma rejeição à sexualidade quando houve um excesso que impediu o desejo.

## 44. A bulimia

A bulimia faz parte dos novos sintomas típicos da época, a tal ponto que o termo não aparece na obra de Freud e só se vê uma vez na de Lacan. Talvez os famosos “ataques de gula” alternados às vezes com comportamentos anoréxicos nos falem de uma contemporaneidade marcada por excessos e restrições. Isso se deve ao fato de que o capitalismo avançado é, na verdade, “bulímico”, porque se nutre de uma exacerbação da falta e dos objetos que poderiam cumulá-la. Veremos como os dois ingredientes desse sistema – a rejeição do amor e as ofertas permanentes para o consumo – se vinculam com o que Lacan propõe a respeito desse sintoma.

É bastante frequente que as mulheres apelem à comida em excesso cada vez que surge uma forte decepção na vida. Assim se gera um circuito infernal no qual a frustração é compensada com uma ingestão angustiante, que em seguida pode dar lugar ao vômito ou ao laxante. O bulímico não é

aquele que gosta da comida, não é o sibarita que come regularmente mais que o aconselhado e ganha peso; o bulímico é quem sofre de episódios de uma ingestão desmesurada, violenta e descontrolada. Tal descontrole é acompanhado de culpa e de angústia; não se trata de mero gosto por comer, mas de compulsão imperiosa e desenfreada. No estado atual do capitalismo, a perda da mesa familiar está associada tanto à anorexia quanto à bulimia. Comer com outros, compartilhar vivências e respeitar a tradição fazem com que o alimento seja mediado por palavras. Quando isso falta, aparece em forma crua, bruta e nua, ocasionando esses transtornos. É na solidão que a anoréxica conta as calorias, é em segredo que a bulímica sofre seus ataques de gula.

A palavra bulimia procede do latim *būlīmia*, que, por sua vez procede do grego βουλιμια (*boulīmīa*), composta de βούς (*bous*) – “boi” – e λιμος (*līmos*) – “fome”. Significa “fome em excesso” ou “fome de boi”. A bulimia nervosa começa geralmente na adolescência ou no início da vida adulta. Os ataques de gula costumam começar depois ou durante um período de dieta.

As mulheres são mais propensas a esse sintoma pela importância do amor em sua sexualização. Nove em cada dez casos de bulimia são relativos a mulheres. Cabe recordar que, segundo Freud, a perda de amor é, para elas, o equivalente à

castração. Diante dessa falta, a comida é um substituto: acaso Lacan não nos recorda a frase de Apollinaire que diz que aquele que come não está só?

**Você sabia que...** a bulimia é muito mais comum nas mulheres que nos homens? A cada dez casos, só um é de homem.

Jacques Lacan afirma que o discurso capitalista exclui o amor. Os apaixonados se bastam e nisso afastam-se do consumo; por isso o amor é inimigo do capitalismo. No amor, o outro não é uma moeda de troca; revela-se como insubstituível. E, ao contrário, Marx descobre que no capitalismo o valor de uso, subjetivo, é substituído pelo valor de câmbio: as coisas não valem por si, mas pelo valor de mercado. A essa rejeição do amor soma-se a promoção de objetos para o consumo e o imperativo de obtê-los no imediato. Tal necessidade anula a dimensão da espera e torna os sujeitos intolerantes à frustração. Detenhamo-nos nas mensagens publicitárias, nas ofertas de consumo, no marketing de nossos dias para observar de que maneira tudo está orientado não tanto a viver melhor, mas a viver mais intensamente. É interessante observar como hoje em dia somos acossados pelas exigências de felicidade, as imposições de ventura, o dever de sermos felizes... o tempo todo. Lacan

sabe predizer com acerto a modalidade do superego contemporâneo sob a forma do imperativo de ter prazer. “Você deve experimentar dia a dia mais prazeres!”, clamariam esses preceitos, que na publicidade sempre acrescentam: “Você merece!”, como se assim anulassem a possível culpa diante de certos consumos. Desse modo, se na época de Freud o sujeito pode se sentir culpado por ter prazer, agora se sente em falta por não ter o suficiente. Esses imperativos incidem necessariamente na relação amorosa, em especial no tempo em que acaba sua primavera, visto que tais exigências tornam inaceitáveis as menores intensidades do ímpeto libidinal. Os imperativos de gozo estão ligados indissociavelmente a uma temporalidade associada à velocidade, que, paradoxalmente, produz um esgotamento do tempo. Isso se deve ao fato de que eles não dão tempo; impelem, suprimem a espera e a duração. Essas coordenadas têm grande influência no sintoma bulímico. Vale esclarecer que, de qualquer maneira, a bulimia nunca é redutível a uma compensação do amor frustrado, porque abriga em si um núcleo singular de gozo e, assim, mostra o indômito de uma pulsão desregulada; a esse respeito, observemos que é própria de países que “resolveram” o problema da alimentação. Porque não é a mesma coisa nas áreas onde a comida quase não existe e o que está em jogo é a sobrevivência. Mas, no

caso de estar “resolvido”, podemos ver que a pulsão oral é impossível de domesticar. E temos também as duas faces: restrição ou produção. Do lado feminino, existe uma indústria da “beleza” anoréxica e, do outro, a bulimia: nos Estados Unidos, no transcurso de uma geração multiplicou-se o número de pessoas obesas. A população em risco é formada especialmente por mulheres de qualquer classe social em países industrializados como Estados Unidos, América Latina em geral, União Europeia, Canadá, Austrália, Japão, Nova Zelândia e África do Sul.

A bulimia assumiu, nos últimos quarenta anos, uma difusão e uma centralidade do todo inédita em relação a épocas precedentes.

Lacan substitui a leitura clássica do comportamento bulímico, que leva em conta só a regressão oral, por uma leitura fundamentada na estrutura simbólica do amor. Assim, no centro há uma demanda de amor e uma frustração a ela por parte do outro a quem o sujeito se dirige. Finalmente, a compensação imaginária dessa frustração da demanda de amor se dá pelo consumo do objeto, que adquire uma consistência inusitada. Eis a razão da fórmula lacaniana, que indica que cada vez que há frustração de amor, esta é compensada mediante a satisfação da necessidade. Então, porquanto a frustração faz parte da vida, cabe apontar que para esses sujeitos ela adquire um valor incomum; não é tolerada, por isso o brutal ressarcimento.

## Cronologia

---

## **Começo do século XIX**

No campo médico, descreve-se a bulimia como a presença de apetite voraz seguido de vômito, próprio da histeria e da gravidez.

## **1957**

Lacan situa no centro da questão bulímica: a) a demanda de amor do sujeito; b) a frustração dessa demanda; e c) a compensação dessa frustração por meio do consumo.

## **1973**

Lacan vincula o superego à gula e à falta de gozo que impulsiona ao consumo como central na economia capitalista, razão pela qual é um sintoma típico dos países industrializados.

## **1979**

A bulimia é minuciosamente descrita pelo médico norte-americano Gerald Russell. Uma de suas características essenciais consiste em episódios nos quais a pessoa padece de ataques de gula ingovernáveis, seguidos de grande sentimento de culpa por ter comido “em excesso”. Costuma alternar-se com episódios de jejum ou de muito pouca ingestão de alimentos e de condutas compensatórias para evitar o aumento de peso; mas, em pouco tempo, tornam a surgir episódios compulsivos. Assim, a alternância de excesso com restrição acompanha uma vida centrada na oralidade.

**Em poucas palavras:**  
O sintoma bulímico fala – entre outras coisas – da influência do mal-estar da civilização atual sobre as mulheres.

## 45. O pânico

Nos últimos anos, ouvimos falar do pânico com inusitada frequência, não só porque têm proliferado os diagnósticos de “ataque de pânico”, mas também pela incrível propensão dos sujeitos a situar seus estados de angústia sob esse termo. Às vezes, o terapeuta duplica de maneira indevida o diagnóstico feito previamente pelo paciente; outras vezes, é o próprio paciente que, ao escutar o relato do ataque descrito por alguém que supostamente o padeceu, sente-se absolutamente identificado e teme então sofrê-lo também. Se é tão fácil se reconhecer sob sua égide, se é tal o poder magnético que exerce, talvez devamos pensar em uma perspectiva que transcenda o individual.

Freud considera o pânico um tipo particular de angústia que não hesita em chamar de *social*. Em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (vol. XVIII), descreve o fenômeno de massa que está na base da configuração dos grupos sociais. A coesão dessas formações provém de uma identificação entre os

indivíduos que a configuram, cuja base repousa no fato de que todos compartilham o mesmo ideal, personificado pelo líder. Assim, os sujeitos identificam entre si seu “ego” porquanto todos têm idêntico ideal do ego, encarnado por quem dirige o grupo. Esses laços outorgam forças a essas formações e as preservam de sua dissolução. Freud nos diz que quando a figura do líder declina, também caem as identificações dos integrantes, e isso dará lugar ao pânico, visto que, ao desaparecerem os laços recíprocos, libera-se grande angústia desencadeada por sentimentos de indefensabilidade. “Caracteriza-o o fato de que já não se dá ouvidos a ordem alguma do chefe, e cada um cuida por si sem se preocupar com os outros. Os laços recíprocos acabaram, e libera-se uma angústia enorme, sem sentido.”

Freud se pergunta pela razão desse crescimento tão intenso da angústia. Ao tomar como modelo o que ocorre no exército (pensemos que o escrito tem a marca da influência da Primeira Guerra Mundial), considera que o aumento do perigo não pode ser o culpado de tal magnitude, porque o próprio exército, agora vítima do pânico, pode ter suportado incólume perigos similares e ainda maiores, e é próprio da natureza do pânico não guardar relação com o perigo que ameaça. Então, Freud conclui dizendo: “Quando os indivíduos, dominados pela angústia própria do pânico, passam a cuidar apenas de si,

atestam compreender que acabaram as ligações afetivas que até então diminuía o perigo. Agora que o enfrentam sozinhos, apreciam-no melhor”. Sem que o perigo tenha aumentado por si, a sensação de vulnerabilidade perante ele cresceu, pelo enfraquecimento dos laços afetivos que mantinham os membros do grupo vinculados.

Esse estado surge então, para Freud, diante “da perda, em qualquer sentido, do condutor”, pela decomposição dos laços, fenda no tecido social pulverizado como “uma lágrima batávica com uma ponta quebrada”. Nos dias atuais, o desfalecimento da autoridade corre paralelamente à ausência de ideias norteadoras capazes de orientar.

Se diante de situações convulsórias as pessoas dizem estar “ensacadas”, é porque nelas se revelam impulsos vividos, em sua estranheza, como fora de foco. Não se trata somente desse universo estranho inquietante e sinistro, mas sim do que ele desata. Por isso, quem sofre o pânico não quer sair de casa e busca ali uma segurança impossível.

Logo, advertimos o ponto de sua analogia com o mito, porque o desfalecimento do ideal tem afinidades com os caminhos que se detêm e que dão base às encruzilhadas ao se desenharem trilhas incertas.

*Pânico* procede do grego *pánikos* e provém da situação de medo que o semideus Pan gostava de provocar. Ele gostava de

aparecer nas encruzilhadas dos caminhos dos viajantes. Parecia um fauno com chifres e extremidades inferiores de cabra, e, assim, sua imagem inspirou a iconografia cristã do demônio. Por isso, na Idade Média, o cristianismo herda a tradição pagã e costuma erguer cruzes de pedra com uma pequena capela para Nossa Senhora nas encruzilhadas. Interessa-nos explorar tal origem, o lado demoníaco do pânico e sua aparição no momento em que acaba um caminho supostamente prefigurado.

**Você sabia que...** a palavra *pânico* parece exercer uma espécie de sugestão que faz com que as pessoas se julguem representadas sob sua influência?

Não é casual que Freud se refira ao pânico após a Primeira Guerra Mundial, guerra que ele não vê de longe, visto que atravessa sua vida: seus três filhos participam das ações bélicas; durante anos, sua prática como analista se vê condenada à ruína; e Sophie, sua filha favorita, morre em decorrência da vulnerabilidade à infecção provocada pelos desastres. Em nenhuma outra batalha no mundo há um massacre semelhante ao de Verdun entre os anos 1914 e 1918.

A encruzilhada abre um dilema no qual os caminhos se bifurcam: diversas opções são possíveis e levantam-se as disjunções. O pânico parece, pois, surgir diante da possibilidade de uma escolha e da incerteza que implica. Claro que as

encruzilhadas são também armadilhas e ciladas. Se já não há só um caminho, e sim vários, emerge uma dimensão inquietante diante do desconhecido, encarnado no semideus Pan. Essa tradição nos interessa porque nos mostra a emergência do pânico diante dos enigmas suscitados pelos dilemas e também assinala o aspecto demoníaco que entra em jogo.

Por isso, no costume cristão, edificam-se santuários nos lugares onde os atalhos podem se abrir. A vida (pensemos na *Divina Comédia*, de Dante) foi representada como viagem, e o homem, como peregrino; o pânico floresce no sítio de suas encruzilhadas. Então, não é estranho seu crescimento na época atual. Para isso, basta pensar de que maneira o mundo em que nascemos se distancia daquele em que vivemos; basta comprovar como os valores que regeram a vida de outrora se diluem. Esses caminhos orientadores hoje conduzem a encruzilhadas, e nelas espreita o pânico. Como se os caminhos traçados de antemão protegessem de sua aparição.

Recordamos ainda mais seu valor traumático se pensarmos em sua ocorrência logo após o chamado “século das delícias” e também “*du grand ennui*”, do grande tédio e da grande prosperidade da classe média. O exemplo a que Freud recorre em “*Psicologia de grupo e a análise do ego*” (vol. XVIII) para

explicar o pânico é o de um exército que enfrenta um perigo sem condutor.

O pânico é, para Freud, angústia de massas órfãs desse condutor que representava o ideal do ego, porque esse ideal unia os indivíduos entre si. É notável como ele antecipa em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (vol. XVIII) algo que tem muita importância hoje em dia: o pânico diante da iminência do perigo pelo desaparecimento daquilo que parecia atenuá-lo. O social é, assim, situado como um regulador, e o rompimento de seu tecido deixa o sujeito à intempérie. A atualidade do pânico pode ser pensada à luz dessas coordenadas; a queda dos ideais comuns produz um estado de fragmentação similar ao descrito pelo criador da psicanálise. E não se deve pensar que o ideal está representado só pelo condutor; pode ser encarnado por uma ideia capaz de nuclear um conjunto.

O combate também o leva a refletir sobre as neuroses de guerra que se desencadeiam de seus estragos. A grande originalidade de Freud não consiste em ler tal devastação como localizada somente no trauma proveniente do exterior, mas em advertir que tal trauma libera nos sujeitos um *quantum* pulsional interno e indomável. Ou seja, que o perigo não é só o que emerge de fora, mas, sim, o que tem como causa impulsos desenfreados que brotam de maneira inédita e que foram desencadeados pela ameaça reinante. O pânico, assim, falaria de um estado no qual o sujeito está inerme diante do perigo externo e interno. *Pan* (Πάν, “todo” em

grego) era o deus da natureza e também do excesso, por isso tinha semelhanças com Dionísio no relativo à desmesura.

## Cronologia

---

### Segunda metade do século XIX

Começam a aparecer descrições médicas de patologias similares ao que hoje conhecemos como “transtorno de pânico”. Em 1871, Jacob Mendez da Costa observa entre os soldados da guerra civil norte-americana um quadro que inclui náusea e palpitações, que ele chama de “síndrome do coração irritável”. Em 1871, Karl Westphal cunha o termo *agorafobia*, que compreende “ansiedade desencadeada pelos espaços abertos” acompanhada de medo antecipatório ou medo de morrer.

### 1894

Freud define os ataques de angústia – que hoje chamamos de “ataques de pânico” – como o início repentino de um estado de intensa ansiedade, acompanhado de medo de morrer e de alterações fisiológicas (na respiração, na atividade cardíaca etc.). É o primeiro a apontar a relação existente entre as crises de pânico e a agorafobia (medo de espaços abertos).

### 1921

Freud define o pânico em termos de “angústia social” e o vincula à desagregação de uma massa que perdeu seu condutor. Em afinidade com essa orientação, diversos autores, como Paul Virilio, articulam o pânico com os traumas sociais.

### 1980

Com o *DSM-III: Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais* da Associação Psiquiátrica Norte-Americana, os transtornos de angústia (o termo *neurose* desaparece) se subdividem em transtornos por angústia (transtorno de pânico) e transtornos por ansiedade generalizada, diferenciados pela presença ou ausência de crises de angústia espontâneas.

Em poucas palavras:  
O pânico fala de um estado no  
qual nossos referenciais  
simbólicos desaparecem.

# Capítulo 10

A época e a pulsão

## 46. Os efeitos da Primeira Guerra Mundial na psicanálise

A Primeira Guerra Mundial marcou a fogo não só a vida de Freud, mas também as conceituações psicanalíticas. Seus três filhos participaram das ações bélicas, e a prática dos analistas sofreu a derrocada como uma de suas consequências. A guerra despojou de ilusões e levou a um conhecimento mais profundo das misérias humanas. Contribuiu para a descoberta da pulsão de morte e do poder da agressão. Houve antes outras guerras, que mostraram, sem dúvida, horrores difíceis de suportar, mas nenhuma foi mais mortífera e sangrenta, o que antecipa o estilo das que a seguiram. A guerra, junto da resistência dos pacientes à cura e a fixação ao sofrimento característica de algumas estruturas clínicas, são as chaves para a descoberta do além do princípio do prazer.

Embora o poder da agressão não fosse um segredo antes de 1914, a guerra sela

a descoberta da pulsão de morte. Os sonhos das neuroses de guerra que levam os pacientes de volta ao momento traumático impulsionam Freud a reformular sua antiga tese de que o sonho é a realização de um desejo. A guerra, pois, como trauma ao qual se volta, vai além do princípio do prazer.

Freud apela para a diferenciação da Primeira Guerra Mundial das guerras na antiga Grécia, nas quais os gregos haviam proibido assolar as cidades pertencentes à Confederação, cortar seus olivedos ou a água. Eram respeitados o ferido que abandonava a luta e o médico e o enfermeiro dedicados à cura. Havia consideração pela população não beligerante, ou seja, as mulheres e as crianças. Preservavam-se as empresas e instituições internacionais que haviam encarnado a comunidade cultural dos tempos pacíficos. A guerra dos alvores do século XX é muito mais brutal que as de outrora. O aperfeiçoamento das armas lhe dá mais potência de fogo e não tem respeito por nenhum limite; é cruel, inflamada e sem trégua. Infringe todas as limitações às quais se obrigam os povos em épocas de paz, não reconhece privilégios nem no ferido nem no médico, não admite a diferença entre os núcleos combatentes e pacíficos da população. Enfim, derruba com cólera cega tudo que aparece pela frente, como se depois dela não houvesse futuro. Degenera-se em um conflito mais sangrento que qualquer dos anteriores e produz um

“fenômeno praticamente inconcebível”, essa explosão de ódio e desprezo ao inimigo.

**Você sabia que...** as atrocidades da Primeira Guerra Mundial marcam não só a vida de Freud, mas também sua própria teoria?

Hoje em dia, muitos psicanalistas tendem a reduzir a guerra à pulsão de morte, quando na realidade Freud toma a guerra – na clínica – para reformular o trauma e a pulsão. No entanto, em minha opinião, ele não explica a guerra pela pulsão, mas, sim, pela maneira como a cultura trata a pulsão. Em princípio, sua posição é semelhante à de Thomas Hobbes: “O homem é o lobo do homem” [*homo hominis lupus*]. Recordemos que já nos alvares da modernidade esse filósofo havia criado o conceito de “contrato social” para refrear tal impulsividade, que faz da sociedade humana uma formação de indivíduos dominados pela ambição por comando e domínio.

A guerra – afirma Freud – traz consigo uma terrível decepção, porque mostra que o progresso da civilização não moderou a violência nem ajudou a direcioná-la a outros destinos. Pelo contrário, o progresso tecnológico a dota de armas cada vez mais poderosas, aumentando seus alcances.

A guerra leva Freud a se aprofundar na cultura, em seu

mal-estar, no porvir de suas ilusões, na psicologia de massas. Na resposta que dá a Einstein em seu artigo “Por que a guerra?” (vol. XXII), conclui que “tudo que promova o desenvolvimento da cultura trabalha também contra a guerra”. Há, então, culturas que, ao rejeitar a dimensão pulsional, possibilitam que ela aumente e levam à guerra, e haveria outras que possibilitam um destino pulsional diferente, que trabalham “contra a guerra”. Essa cultura seria aquela que estimula a criatividade e favorece a capacidade sublimatória dos indivíduos. Então, para Freud, não se trata de sufocar as pulsões mediante a repressão nem de dar livre curso à pulsão indomável. O fato de Freud fazer uma crítica aos imperativos culturais que pretendem extinguir nossas pulsões não insta a que a pulsão, longe de sofrer o destino da repressão, perca toda sujeição. Pelo contrário, seu anseio é criar um novo estado no interior do ego, e isso é paralelo ao imperativo ético que rege a psicanálise: *Wo Es ward, soll Ich werden* (“ali onde era isso, eu devo advir”).

Nenhuma descoberta freudiana é mais repudiada pelos próprios analistas que o conceito de pulsão de morte. Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial não lhe dão crédito, por considerá-la uma noção biológica, quando, na realidade, a biologia não conhece nada dela. É inclusive o próprio Freud que tarda a assimilar a ideia quando a analista russa Sabina Spielrein a propõe a ele. Antes de ser médica dedicada à psicanálise, ela tinha sido paciente e amante de Jung.

Jovem histérica, vive o desespero produzido por uma paixão tormentosa com um homem que, além de ser seu terapeuta, era casado e jamais abandonaria sua esposa. Ao não poder ter com ele o filho ansiado, escreve um trabalho sobre a destruição como causa do devir, que antecipa a descoberta freudiana. É interessante destacar de que modo o conceito de pulsão de morte é enunciado pela primeira vez por uma mulher a partir do estrago de uma relação amorosa, ao mostrar até que ponto essa dimensão não está presente só na guerra.

## Cronologia

---

### 1651

Em *Leviatã*, Hobbes descreve que, “em seu estado natural, todos os homens têm o desejo e a vontade de causar dano”, de modo que há – quando menos em princípio – uma constante “guerra de todos contra todos”.

### 1914

No fim de julho estoura a Primeira Guerra Mundial, que chega a absorver a maior parte da Europa e territórios adjacentes. Mais tarde, os três filhos de Freud participam de ações bélicas. A explosão das hostilidades condenará à ruína sua prática como analista; seus pacientes potenciais serão recrutados. Outros estarão mais preocupados com a guerra que com a neurose. Enfim, a guerra representará um sério problema para a sobrevivência da psicanálise.

### 1915

A propósito da guerra, Freud escreve “Da guerra e da morte: temas da atualidade”. Esse acontecimento contribuirá para acentuar o realismo da psicanálise, longe das ilusões de progresso de trabalho. Freud diz: “Se quiser preservar a paz, arme-se para a guerra”. E então: “Se quiser suportar a vida, prepare-se para a morte”.

### 1932

Muito depois, com a descoberta da pulsão de morte, Freud escreve “Por que a guerra?”, a célebre resposta à carta de Einstein.

Em poucas palavras:

A guerra levou Freud a se  
aprofundar nos efeitos do  
trauma e no poder da pulsão de  
morte.

## 47. Mal-estar na cultura

Muitas vezes, acusam-se os analistas de não se manter em seu campo e incorrer em análises sociológicas ao explorar os fenômenos sociais de seu tempo. No entanto, é Lacan quem se refere ao sintoma social, e também Freud não hesita em caracterizar sua cultura como neurótica. Freud anseia que a psicanálise tenha uma influência no social que ultrapasse seu lugar como tratamento curativo das neuroses. Em 1926, marca especialmente a distinção entre a psicanálise terapêutica e a psicanálise como ciência, porque teme que sua descoberta fique reduzida a mais uma técnica dentre aquelas que aliviam o sofrimento. Enfim, deseja que a psicanálise possa se afirmar como uma leitura da civilização que traça sua marca nela.

Não é indiferente que tanto Freud quanto Lacan não retrocedam na hora de diagnosticar uma época e seus mecanismos, inclusive em utilizar aqueles que extraem das estruturas clínicas. Também não é que Freud fale de uma

cultura neurótica e dê, nesse sentido, um valor à repressão, ao passo que Lacan se refira a um mecanismo que tradicionalmente caracteriza a psicose. A primeira tem correspondência na época vitoriana, que faz com que Lacan diga: se não existisse a rainha Vitória, não haveria existido a psicanálise; ao passo que a segunda corresponde ao capitalismo tardio. Será, então, a cultura de Freud uma cultura mais reprimida, e esta, a nossa, mais “forclusiva”?

No texto “O mal-estar na civilização” (vol. XXI), Freud fala de um mal-estar produzido pelas coerções que o ideal impõe ao sujeito e ligado às exigências que reprimem a sexualidade. Essas coerções são universais, válidas para todos, fundamentadas em um amor que desatende aos requerimentos singulares. Freud controverte o mandamento “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” afirmando que não contempla o pulsional do sujeito, e nesse ponto também questiona a educação ao dizer que é exigente em seus clamores éticos e impiedosa em sua demanda de amor universal. Destaca que os formadores fazem os jovens acreditarem que os outros jovens são virtuosos. Neste momento, nenhum educador poderia sustentar isso, o que indica esse hiato que se produz progressivamente entre a época de Freud e a época atual.

Se Freud objeta o ideal ao mostrar que tem um reverso, e que nesse sentido não pode se totalizar, esse questionamento fundamenta-se no fato de que nesse momento (1930) o ideal se afirma; a polêmica com ele é sinal de sua vigência.

Na hipermodernidade, declinaram os grandes ideais iluministas da modernidade. Nesse ponto, não teria tanto vigor esse posicionamento de Freud, que se baseia em um ideal que se sustenta.

Tanto Freud quanto Lacan sabem que a empreitada de inscrever a psicanálise na cultura não é possível sem uma exegese de seu tempo. Mas certo trecho histórico separa seus respectivos ensinamentos. Freud diz que podemos falar de culturas neuróticas, salvo que, na neurose individual, conta-se com o contraste que separa o doente de seu entorno, aceito como “normal”, ao passo que, em uma massa afetada de maneira homogênea, falta essa substância. É interessante essa observação, porque nos leva a advertir que os sujeitos imersos em uma comunidade perdem critérios para localizar os pontos sintomáticos de seu tempo. Lacan, porém, caracteriza sua época como forclusiva, não tanto como repressiva, ao dizer que o que distingue o capitalismo é a rejeição [*Verwefung*] de todos os campos do simbólico da castração e do amor. E não hesita em afirmar que é a psicanálise que lhes dará abrigo.

Sabemos que Freud é um homem moderno atravessado pelo século das luzes. Os ideais da modernidade são os iluministas, que se fundamentam na confiança no porvir como realização da razão. Podemos conectar esses ideais com

os grandes relatos dos quais fala Jean-François Lyotard, ligados à emancipação da razão e da liberdade, ao enriquecimento de toda a humanidade baseado na tecnociência e à salvação das criaturas. A filosofia de Hegel totaliza esses relatos e, nesse sentido, concentra em si mesma a modernidade especulativa.

**Você sabia que...** tanto Freud quanto Lacan querem franquear os limites aos quais a psicanálise pode ficar confinada se não estiver inscrita na cultura?

Trate-se do relato de emancipação por meio do conhecimento, ou do relato marxista da liberação da exploração, ou do relato capitalista de progresso pelo desenvolvimento técnico-industrial, ou do relato cristão de salvação das criaturas por meio da conversão das almas; todos, mesmo em suas diferenças, estão amalgamados pela ideia de que no futuro um projeto universal vai se realizar e vai salvar o homem. Isso se deve ao fato de que os ideais da modernidade se articulam com o cristianismo, e a modernidade em si se mostra a nós como a tentativa de realização mundana dos ideais transcendentais e ultraterrenos da religião cristã. A crença de que o processo histórico carrega em suas entranhas um princípio divino foi devastadora. As maiores tragédias da história moderna resultaram da

identificação do transcendente com o imanente.

Com a modernidade, o princípio divino se desloca da esfera do estritamente religioso ao Estado. A modernidade experimenta o poder político em sua figura como o aparato adequado para obter sua redenção, e, assim, o Estado substitui a Igreja como instrumento de salvação, com a missão de realizar a razão da história. “A política é o destino”, célebre frase de Napoleão, é o lema dos tempos modernos. Sabemos que o esgotamento da modernidade, ou seja, a pós-modernidade, anda de mãos dadas com um manifesto enfraquecimento do poder do Estado e do poder político. Na sociedade pós-moderna, a política perde o protagonismo que acreditava ter na moderna, pela não identificação entre poder e Estado.

Lyotard relaciona a pós-modernidade com a queda dos grandes relatos. Auschwitz nos mostra a aporia de uma razão que se julga soberana. Por outro lado, considera que o relato marxista é o último a desfalecer com a queda do muro de Berlim. Tal acontecimento tem como efeito a ausência de discursos alternativos ao dominante, porque, até certo momento do desenvolvimento capitalista, os segregados do sistema se recuperavam em outra ordem simbólica. O marxismo reintegrava os excluídos do sistema como trabalhadores que salvariam a história; um discurso os alojava

e lhes dava significação. Agora eles não têm a dignidade de pertencer a esse discurso: os excluídos são lançados não só à fome, mas também a uma espécie sem essa inscrição. Rejeitados do sistema e do discurso, forcluídos, ameaçam retornar de um real que nos espreita permanentemente.

Podemos dizer que, em vez desses grandes relatos, o que se impôs foi a tecnociência capitalista, que finge realizar o projeto moderno, mas que, no fundo, o destrói, visto que a dominação sobre os objetos alcançados pelas ciências e as tecnologias não está acompanhada por maior liberdade nem conduz ao bem-estar, ao contrário: traz consigo uma pobreza cada vez maior.

Uma das figuras possíveis da subjetividade é a do sujeito que adverte a irrealidade da máscara, adverte a realidade do simulacro que rejeita o real, mas consente em utilizar essa máscara se lhe servir para obter benefício. Estamos nos referindo ao cinismo pós-moderno baseado no fato de que as palavras referentes aos valores, à honra, à honestidade, estão vazias; só servem para enganar os incautos. As únicas coisas que importam são o dinheiro, a influência, o poder.

Miller define esta época não tanto nos termos freudianos do mal-estar na cultura, mas em termos de *impasse* ético. *Impasse* é “beco sem saída”, “atoleiro”. Isso se relaciona ao empalidecer do ideal que engrena o sujeito ao discurso; ou

seja, em vez de discurso, simulacro, com a consequente descrença subjetiva.

Assim, caracteriza o atual como uma crise do real, ponto que se articula bem com o *impasse* ético. Isso se deve ao fato de que a proliferação de simulacros e de artefatos se separa do real que está em jogo. A posição não incauta, errante, deriva de tal divórcio. Os gregos sabiam que a natureza gosta de se esconder: a pedra afunda no oceano, e a água corre sob as rochas; os animais usam a camuflagem para caçar sua presa. Nietzsche se pergunta se a verdade não será uma mulher que tem seus bons motivos para se esconder e inclusive vai mais longe ao dizer que a verdade não continuaria o sendo se lhe arrancassem os véus. Lacan diz que a verdade tem estrutura de ficção. A crise do real não aponta para as ficções nem para os véus não elimináveis que fazem à estrutura, mas, sim, ao ponto em que eles deixam de apontar para seu coração, seu real, e assim deixam de ser o caroço do ser freudiano.

## **Cronologia**

---

### **1908**

Freud considera que a influência nociva da cultura se reduz essencialmente à daninha sufocação da vida sexual dos povos por obra da moral. Em suma, a cultura se assenta sobre a repressão das pulsões, e, diferente de Kant, Freud questiona o imperativo universal de uma renúncia que se pretende igual para todos. Neurótico é

quem impõe para si uma renúncia que ultrapassa o limite do possível.

### **1930**

Freud trata a tragicidade da condição humana abordando sem rodeios sua miséria, cuja total amplitude era dada pela crise econômica, pela quebra da Bolsa de Nova York, a guerra precedente e a ascensão do partido hitlerista na Alemanha. Assim, “O mal-estar na civilização” (vol. XXI) será a obra mais importante referente à pulsão e ao social.

### **1998-1999**

Miller e Laurent situam um novo mal-estar na cultura na época definida como “a do Outro que não existe”, época de desfalecimento das tradições e dos valores de outrora, época de “impasse ético” com consequências clínicas.

Em poucas palavras:  
Como aconselha Lacan, o  
analista deve contemplar em seu  
horizonte a subjetividade de sua  
época.

## 48. A violência no século

Um dos sintomas mais relevantes de nossos dias é, sem dúvida, o fenômeno da violência. Diremos que a violência sempre existiu. Freud aprova a célebre frase de Hobbes: “O homem é o lobo do homem”. Ao contrário da tradição aristotélica, que via no homem um “animal social”, esse pensador inglês afirma que a sociedade surge de um acordo artificial, baseado no próprio interesse que busca a segurança por medo dos outros. Sua postura se assemelha à de Freud. Embora a violência seja ancestral, cabe diferenciar as violências passadas das atuais, mesmo que ambas convivam no presente. A tirania do mercado introduz a seguinte disjunção: estar ali ou não existir. Podemos dizer que há violências ligadas ao ideal, como a das guerras vinculadas à nação, as religiosas e até as fundamentalistas vigentes hoje em dia; mas há outro tipo de violência gerada só pelo objeto que substitui o ideal.

A esperança dos racionalistas do século XVIII – como o

marquês de Condorcet – foi desmentida pelos fatos. As guerras do século XX acabaram com as ilusões iluministas e as esperanças redentoras dos ideais modernos. O progresso tecnológico as dotou de armas inéditas, aumentando seu alcance e poder. Há mais de quarenta anos, Russell já se perguntava se o homem da geração tecnológica não estava condenado a desaparecer. Se o século passado foi, claramente, o século da criminalidade que se inicia com a Primeira Guerra Mundial, o atual é o da violência ubíqua e desmedida.

Em nossos dias, ela aumenta dia a dia, pulula por todo lado, e, mesmo sem ser executada, faz-se presente como uma sombra que ameaça nossa existência. Respiramos um ar violento, a violência nas ruas, a doméstica, a das notícias transmitidas pela mídia, a da própria mídia – com sua tinta vermelha –, a de gênero, a social, a escolar, a juvenil, a criminal, a das guerras, a terrorista etc. Talvez tal característica nos permita pensar no que eu denomino *violência pós-moderna*; chamo assim àquela que se infiltra onde for, como violência ubíqua que prefigura o mundo em si. Costuma navegar no absurdo, na medida em que está desprovida de âmbitos que poderiam lhe outorgar, de forma imaginária, uma razão; prolifera habitualmente órfã de ideologia e no plano delituoso, sem código. Desprovida dos

enquadramentos que de certa forma iriam limitá-la, desmedida de fins, sua irrupção intempestiva não tem direcionamento. A violência pós-moderna, pós-revolucionária, tem como primeira característica distintiva ser ubíqua, ilimitada e polimorfa. De fato, embora a violência seja atávica, um de seus aspectos de destaque no século passado – diferente do atual – parece ter sido sua instrumentação a serviço de ideologias totalitárias, que, em casos extremos, lhe atribuíam por si um papel redentor, purificador. Agora, porém, expande-se sem matriz, está por todo lado, carente do sentido revolucionário de outrora.

O capitalismo gera uma gula infernal, e o que poderia detê-la ou pelo menos retardá-la é o encontro com um gozo que não seja dado pelo objeto de consumo, que para Lacan é inepto em satisfazê-lo. A voracidade é muito afim a esse desassossego, irmão dos estados violentos.

Essa perspectiva nos impede reduzir a violência à pobreza, mas, sim, ao lugar do pobre nessas sociedades. Ademais, a análise da pobreza na sociedade capitalista tardia transcende longamente o enfoque econômico; diferentemente do que acontece em outras formas de organização social, em nossas sociedades atuais o pobre não encontra lugar nem identidade, posto que a única realidade que estas oferecem é a participação no mercado. Até o pária ou o escravo pertencem à

ordem social de forma bem definida; nossos pobres não conhecem nada além da marginalidade e da exclusão e seus correspondentes efeitos despersonalizantes. A queda do muro de Berlim, com o conseqüente desaparecimento do relato marxista, implica que o pobre já não tenha inscrição em um discurso; nesse relato ele existia como trabalhador, com um papel importantíssimo no processo revolucionário.

Claro que o dinheiro (ou o capital) não se limita só a “investir” o imediatamente dado, o natural, como afirma Marx, e sim altera-o de todos os modos possíveis, e, assim, subverte-o, modifica-o e determina.

Vale apontar a diferença entre o consumo e o consumismo, e esclarecer que quando Lacan se refere ao discurso capitalista, este último termo é o que conta. O consumismo chega quando o consumo desloca o trabalho do papel axial que desempenhava na sociedade de produtores. A fórmula que Lacan quer dar a esse “pseudodiscurso” tem correlação com esse momento da história, não tanto com o que sabiamente Max Weber detecta em seu início.

**Você sabia que...** existe uma violência ligada ao capitalismo tardio e ao lugar preponderante atribuído aos objetos de consumo, valor que se antepõe ao da própria vida?

No capitalismo tardio não existe nenhuma graça pelas obras: o saber se limita à produção de objetos para paliar as carências subjetivas, e quem ocupa o lugar do ideal é o objeto, zênite, enfim, do objeto; longe ficou a ética vinculada à racionalidade calculada do capital a serviço de uma transcendência ligada a agradar a Deus, na qual o lucro planejado não equivale à rapina. Claro que tal lucro e o capital elevado ao lugar da subjetividade absoluta dão lugar ao que Weber denomina *desencanto do mundo*. Miller diz que são os poetas que se dão conta de que nasce um mundo novo, regido pela utilidade direta, mundo que expulsa a poesia. Assevera que a psicanálise substitui a poesia ao dar lugar a seu voto: devolver o encanto ao mundo.

Miller nos diz que em nossos dias é o objeto que toma o lugar do ideal norteador. Os produtos de consumo invadem as prateleiras, povoam as vitrines virtuais e se oferecem como *plus* de gozo. Mas a não satisfação deve ser perpétua, dado que a sociedade de consumo triunfa quando consegue gerar novas necessidades e apetites. Assim, o que começa como uma resposta para cobrir uma falta deve conduzir a um vício ou compulsão. Exacerbado o desejo de tal maneira, galvaniza-se também sua força destruidora; os objetos chegam a valer, assim, mais que a própria vida. Não é, então, o próprio imperativo de consumo que propicia a violência? Se ter o objeto é ter o ser, não resta outro caminho que não seja arrebatá-lo a todo custo. Enfim, o zênite do objeto vaticinado sabiamente por Lacan e por Marx.

## Cronologia

---

Segundo o fragmento 53 de Heráclito, *pólemos* (“guerra”) é o pai e rei de todas as coisas e a uns revela deuses; a outros, homens; a uns faz livres; a outros, escravos.

### 1930

Freud toma de Hobbes o conceito de que “o homem liberado de si mesmo é o lobo do homem”.

### 1948

Lacan aborda o tema da violência desde seus primeiros escritos. Seu texto mais significativo é “A agressividade em psicanálise” (Lacan, 1972b), no qual trata o conceito freudiano de pulsão de morte.

### 1957-1958

Lacan define a violência como aquilo que pode se produzir em uma relação inter-humana quando não impera a palavra.

### 1971

Lacan afirma que, quando há discurso, impõe-se uma ordem diferente à violência. Disso se infere o aumento desta quando diminui o primeiro.

### 2009

Desenvolvi a particularidade da violência contemporânea como violência ubíqua, que pulula por todo lado, desvinculada dos enquadramentos que a legitimavam nos séculos passados.

Em poucas palavras:  
A psicanálise mitiga a violência,  
porque conduz cada sujeito a  
encontrar seu tesouro em si  
mesmo.

## 49. O estatuto do semblante

O termo *semblante* é empregado muitas vezes de maneira tão extensa que se borra a especificidade que tem para a psicanálise. Em tais usos, a palavra é aceita como *aparência, simulacro, enganação, ficção, artifício*, vocábulos sem dúvida afins, mas que implicam a ideia de que há um ser que se esconde por trás de seu véu. Por outro lado, mesmo reconhecendo adequadamente o próprio mundo como semblante, em tal ubiquidade os semblantes correm o risco de se tornar equivalentes, e, desse modo, perde-se a diferença entre eles. Sem dúvida, há algo no termo que o torna apto a se prestar a tal multivocidade e funcionar às vezes como uma espécie de curinga que serve como remendo para qualquer dificuldade.

Tais significações levam a supor que há algo por trás, que o verdadeiro não se mostra, e, embora se repita por todo lado, que a própria verdade tem estrutura de ficção. O emprego corriqueiro do verbo “*semblantear*” em espanhol, no dizer de

muitos analistas, demonstra que desconhecem o que implica o primeiro enunciado. Aplica-se tal termo aludindo a falsear segundo cada momento, e, assim, altera-se seu real significado, que, na realidade, é “olhar no rosto de alguém para penetrar suas intenções”. O emprego tão comum dessa palavra para indicar uma manobra do analista implica acreditar que há um agente externo ao discurso, não mais interno; em suma, isso ignora que Lacan afirma que não há semblante de discurso, porque todo discurso é semblante.

Diferente dos autores pós-modernos, para Lacan, em primeiro lugar, não só o mapa é semblante, mas também a realidade em si mesma, e, embora os semblantes se oponham ao real, o real só é abordado a partir do semblante; nesse sentido, não são todos equivalentes. Com isso, quero dizer que há semblantes que podem tocar o real e outros que não. Por um lado, Lacan diz que todo discurso é semblante; por outro, indica seu anseio por um discurso que poderia se aproximar de um pedaço de real. Para ele, diferente dos autores pós-modernos, nem tudo é semblante, e, mesmo a verdade tendo estrutura de ficção, seu efeito a excede. Por isso afirma: “O efeito de verdade não é semblante”.

**Você sabia que...** *semblant*, em francês, significa “aparência”, e *faire semblant* é “fazer como”, “fingir”, “imitar”, “simular”, termos derivados do verbo *sembler*, que é “parecer”?

Vale apontar que Baltasar Gracián, aquele artesão do “fazer

parecer” no barroco espanhol, não usará em toda a sua obra o termo *semblante* mais que com a acepção de “rostos”. Lacan qualifica o escritor aragonês de “estrela de primeira grandeza no céu da cultura europeia” e se refere a ele também em *O seminário. Livro 18: de um discurso que não fosse semblante* (2009) ao recomendar sua leitura. Vale a pena repassar algumas referências nas quais o termo fica forçado além de sua redução ao imaginário do semelhante para evocar, assim, o simbólico do *semblant*; embora, isso é certo, invocando também a vertente mais real da letra:

- “Eu diria que, para bom entendedor, meia palavra basta. E não só palavra, mas também o *semblante*, que é a porta da alma, sobrescrito do coração.” O *semblante*, o rosto, é aqui a porta de entrada para os segredos da alma, mas também é por isso sobre-escritura – palimpsesto que apaga um texto com outro – das paixões do coração.
- “O apaixonado sempre fala com outra linguagem diferente do que as coisas são: fala nele a paixão, não a razão; e cada um segundo seu afeto ou seu humor, e todos muito longe da verdade. Saiba decifrar um *semblante* e soletrar a alma nos sinais; conheça a quem sempre ri por falta e ao que nunca por falso...” O *semblante* designa também aqui o rosto – continuamos

na referência ao imaginário do semelhante –, mas é também uma mensagem cifrada que é preciso soletrar em seus sinais.

O fragmento 123 de Heráclito diz: “A natureza costuma se esconder”, ou “A natureza ama se esconder”. Lacan tem grande preferência por esse pré-socrático. O fragmento 123, referente à natureza, tem relação com o título do seminário escolhido por Miller a propósito dessa temática: “Da natureza dos semblantes” (2002). Ele esclarece que “falar da natureza dos semblantes é falar da natureza das coisas”. Serão evocados, aqui, tanto Lucrecio quanto Cícero. Ambos, de uma maneira ou outra, identificam a natureza como semblante. No poema “Da natureza das coisas”, Lucrecio (2015) – que pertence à tradição epicúrea – tenta liberar o homem do medo dos deuses como causa – segundo ele – da infelicidade e representa o cosmo como um conjunto fortuito de átomos que se movem no vazio. Por outro lado, o conceito de *natura* é essencial no pensamento de Cícero, que já no começo de sua obra teológica por excelência, *A natureza dos deuses* (2016), alude a como o ser humano acredita na existência dos deuses “sob o guia da natureza”. Essas alusões permitem verificar a afirmação de Lacan: que todo discurso que a natureza evoca nunca faz mais que partir do que nela é semblante, porque

essa é sua população.

O termo *semblante* passou a fazer parte de nosso vocabulário lacaniano como tradução do *semblant* francês. O semblante não é uma mentira, enganação, máscara por trás da qual se encontraria uma verdade que se necessitaria revelar.

Dissemos que o ser e a natureza não se contrapõem ao semblante, mas que se identificam com ele, e que sua oposição é em relação ao real. Tal precisão permite distinguir o significado que o termo tem para a psicanálise e em outros âmbitos ou, em boa medida, diferenciá-lo do que alguns autores chamam de *simulacro*. Por exemplo, Jean Baudrillard, em seu ensaio *Simulacros e simulação* (1991), recorda, como a mais bela alegoria da simulação, a fábula de Borges em que os cartógrafos do Império traçam um mapa tão detalhado que chega a recobrir o território com total exatidão. Mas, na atualidade, a simulação não corresponde a um território, a uma referência, a uma substância: é a geração pelos modelos de algo real sem origem nem realidade: o hiper-real. O território já não precede ao mapa nem o sobrevive. Daí em diante o mapa é que precederá o território – precessão dos simulacros – e que o engendrará, em um mundo que o autor chama de deserto do real. Aqui, os simulacros proliferam absolutamente desvinculados do real; por isso deste existem apenas retalhos, por ter sido absorvido pela ficção.

Miller nos recorda que o ser é semblante e que, se há algo que se opõe a ele, não é nem o ser nem a natureza, e sim o real. Por isso, considero muito apropriada a significação da palavra *semblante* em espanhol e a prefiro sem dúvida a sua tradução como *aparência*. *Semblante* em espanhol é “rosto”, “cara”, “face”, “fisionomia”, “aspecto”, não só “aparência”; tem a vantagem de indicar uma proximidade com o ser, não sua distância.

## Cronologia

---

### **540-470 a.C.**

Heráclito expressa no célebre fragmento 123: “A natureza costuma se esconder” [*physys khryptesthai philéi*].

### **1646-47**

Baltasar Gracián usa o termo *semblante*, que, por isso, fica muito ligado ao barroco.

### **1971**

Lacan toma o vocábulo *semblante* para situar sua especificidade em psicanálise. Concebe essa categoria depois de inventar os quatro discursos ao questionar se é possível um discurso – o da psicanálise – que não seja semblante.

### **1991-1992**

Ao introduzir seu curso “Da natureza dos semblantes” (2002), Miller começa com um trajeto do termo *semblant* na língua francesa, trajeto necessário para entender a torção que Lacan dá à extensão de seu uso na psicanálise.

Em poucas palavras:  
Para a psicanálise, o semblante

não é uma mera aparência.

# Glossário

**Associação livre.** É a regra fundamental que rege o método psicanalítico e que consiste em expressar sem discriminação os pensamentos que vêm à mente. A psicanálise descobre que essa associação, embora livre dos bloqueios em nível consciente, está determinada pelo inconsciente e responde a uma lógica.

**Complexo de castração.** O complexo de castração define o desenlace do complexo de Édipo: no homem, seu sepultamento; na menina, a mudança da mãe ao pai. Lacan dá à castração um sentido que transcende a ameaça; é a falta que impacta para sempre o narcisismo como marca de um gozo que nunca será total.

**Complexo de Édipo.** Denomina-se assim o complexo nodular da neurose como conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta em relação a seus pais e que é revivido ao longo de uma vida. É vivido, em seu zênite, entre os 3 e os 5 anos, durante a fase fálica. Sua declinação assinala a entrada no período de latência.

**Desejo.** O desejo é o motor da atividade psíquica; é causado

pelo que não se encontra. Está sempre presente: tem sua raiz na infância e se projeta ao futuro. Não chega a ser articulado em palavras e é inconsciente.

**Édipo.** A origem da psicanálise e do conceito de Édipo são solidários. Freud escolhe, entre vários mitos da tragédia grega, o de Édipo, porque era o que melhor exemplificava a trama do sujeito neurótico em relação tanto ao complexo materno quanto ao paterno.

**Ego.** Instância que Freud distingue do id e do superego em sua segunda teoria do aparato psíquico. A psicanálise descobre que o ego não é autônomo, visto que, pelo contrário, ele se encontra em uma relação de dependência tanto no que diz respeito às reivindicações do id quanto dos imperativos do superego e as exigências da realidade.

**Fetichismo.** Perversão na qual os objetos relacionados com o corpo constituem o meio para obter a excitação sexual, ao suprir a relação genital. Tanto as partes do corpo quanto as peças de roupa que o vestem, despojadas de subjetividade, são para Freud a maneira como se fecha a castração materna. A roupa escolhida é aquela que tem o privilégio de velar a ausência de pênis na mulher.

**Forclusão.** Conceito elaborado por Lacan para designar um mecanismo próprio da psicose pelo qual se dá a rejeição de um significante fundamental, que fica expulso do universo

simbólico do sujeito. Tal exclusão faz com que esse significante não esteja integrado no inconsciente nem retorne a partir de suas formações, mas que reapareça em forma alucinatória no real.

**Formações do inconsciente.** Não saberíamos da repressão se não fosse por seus retornos. Assim, as formações do inconsciente surgem por um processo graças ao qual os elementos reprimidos não desaparecem e ressurgem de maneira deformada. Essas formações incluem sonhos, sintomas, atos falhos, lapsos, esquecimentos de nomes e chistes. Causam surpresa, perplexidade, assombro, porque não respondem à racionalidade consciente, subvertendo o ego.

**Freud, Sigmund.** Médico neurologista de origem judaica, criador da psicanálise. Nasce em 6 de maio de 1856 na Morávia, Império Austríaco (atualmente República Tcheca), e morre em 23 de setembro de 1939 em Londres. Sua descoberta, a psicanálise, é uma das mais importantes do século XX. Sua obra, traduzida para aproximadamente sessenta idiomas, é composta de 24 livros (dois em colaboração), aos quais se acrescentam prefácios, notas necrológicas, participações em congressos e contribuições. De suas numerosíssimas cartas, contabilizadas em cerca de

20 mil, foram publicadas mais de 3 mil e têm muitíssimo valor tanto como contribuição à teoria como para compreender a personalidade de seu criador.

**Histeria.** É a neurose que impulsiona a origem da psicanálise. Caracteriza-se pela maneira como os conflitos psíquicos são expressos em sintomas corporais chamados *convulsivos*. A vida amorosa da pessoa está marcada por um desejo definido como insatisfeito.

**Ideal do ego.** Freud utiliza essa expressão para designar o modelo de referência do ego, ao mesmo tempo como substituto do narcisismo perdido na infância e produto da identificação com valores sociais e familiares. O neurótico vive um conflito entre aquilo que gostaria de ser segundo o ideal e, por outro lado, o que suas pulsões lhe permitem; na cura, a brecha diminui.

**Identificação.** Termo empregado em psicanálise para designar o processo central mediante o qual o sujeito se constitui ao assimilar e incorporar, em momentos-chave de sua evolução, aspectos, atributos ou traços dos seres humanos de seu entorno. É fundamental no desenlace do complexo de Édipo.

**Inconsciente.** A teoria psicanalítica descobre que o inconsciente tem uma especificidade própria, porquanto não designa um lugar absolutamente inacessível e remoto,

dado que seus conteúdos retornam de maneira deformada sob a forma de sintomas, lapsos, atos falhos, esquecimentos, sonhos etc. Assim, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: “outro cenário” que se faz escutar ao determinar nossos atos mais estranhos.

**Lacan, Jacques.** Médico psiquiatra francês. Nasce em 14 de abril de 1901, em Paris, e morre em 9 de setembro de 1981, na mesma cidade. Provém de uma família da burguesia média católica e bem pensante. Impulsiona o retorno a Freud ao liberar a psicanálise do obscurantismo ao qual havia ficado confinada. É o único que dá à obra freudiana um arcabouço filosófico e linguístico, apelando à matemática e à lógica. Atrai inúmeros alunos e intelectuais, fascinados por seus ensinamentos e desejosos de romper com o freudismo acadêmico. Sua obra tem enorme repercussão na cultura. Com o tempo, é reconhecido, celebrado, odiado e admirado como um pensador de envergadura, não só como um mestre da psicanálise.

**Lapso.** Termo utilizado para designar uma falta inadvertida; consiste em substituir a palavra que se quer dizer por outra. Freud encontra nesses termos uma significação oculta, que relaciona com as motivações inconscientes de quem comete o lapso.

**Libido.** O termo designa a manifestação sexual na vida psíquica e se equipara à energia própria das pulsões sexuais. Com a introdução desse conceito, Sigmund Freud constrói sua teoria da sexualidade.

**Não existe relação sexual.** Diferente do que ocorre no reino animal, a relação entre os sexos não está programada como a do óvulo com o espermatozoide. Uma discórdia estrutural marca o encontro entre os sexos; ou seja, todo encontro é também desencontro, disparidade.

**Necessidade de castigo.** A existência de fenômenos que implicam um autocastigo desperta o interesse de Freud: sonhos de castigo que já não obedecem à realização de desejos ligados ao prazer, autocensura, comportamentos autopunitivos que fazem dos sujeitos seus próprios verdugos. No extremo, a clínica da melancolia destaca a violência de uma compulsão ao autocastigo que pode levar ao suicídio. O que há de irreduzível em tais comportamentos está vinculado, em último termo, à pulsão de morte.

**Neurose obsessiva.** Trata-se de uma neurose caracterizada pela “prisão da mente”. O paciente padece de representações obsessivas que o atormentam e também de rituais compulsivos que não pode evitar. Sua vida amorosa está marcada pela ambivalência, e sua existência, por uma

dúvida permanente que o leva a postergar suas decisões.

**Neutralidade.** Um dos princípios que definem a atitude do analista durante a cura. Freud denuncia o “orgulho terapêutico” e o “orgulho educativo” ao comparar o analista a um cirurgião que se despojou de seus sentimentos para realizar sua operação, livre de preconceitos e capaz de não antepor seu ego no tratamento, graças ao desprendimento de sua neurose ao qual sua análise pessoal o levou.

**Paranoia.** É uma psicose caracterizada pela maneira particular de interpretar e dar uma significação delirante a tudo aquilo que causa perplexidade. A mania interpretativa é acompanhada pela certeza relativa à malignidade dos outros, que passam a ocupar o lugar de perseguidores.

**Perversão.** É definida por Freud como uma “prática sexual” com alto grau de fixação, que substitui o ato sexual genital. Caracteriza-se por uma posição subjetiva que desmente a castração e privilegia o gozo sobre o desejo e sua falta correlativa.

**Prazer.** O prazer está ligado à diminuição da excitação e da tensão que esta implica e, assim, constitui um princípio econômico. No fim de sua obra, Freud não só questiona a quantidade, como também a qualidade do estímulo, e encontra no ritmo da excitação, e não só em sua

diminuição, um critério para definir o prazer.

**Projeção.** Termo utilizado por Freud a partir de 1895 essencialmente para definir o mecanismo da paranoia, mas retomado mais tarde pelo conjunto das escolas psicanalíticas como designação de um modo de defesa primária que pode se dar em diversas clínicas, mediante a qual o sujeito deposita sobre outro o que desconhece de si e atribui a uma alteridade externa.

**Psicose.** Na psicose, há uma indiferenciação entre o mundo exterior e o interior, que faz com que o paciente esteja preso em um fora fantasmático experimentado como real.

**Pulsão.** A pulsão é o empuxo, o impulso, a força urgente que provém do corpo em sua articulação com a psique. A psicanálise diferencia esse conceito do de instinto, que é próprio dos animais, por possuir um objeto determinado.

**Repressão.** Processo que visa manter no inconsciente as representações ligadas a pulsões cuja realização geradora de prazer afetaria o equilíbrio do funcionamento psíquico, ao se transformar em fonte de desprazer. Freud a considera o pilar sobre o qual se apoia o edifício da psicanálise; pode ser considerada um processo universal, porquanto se encontra na origem da constituição do inconsciente. A repressão não é exercida sobre as pulsões em si, mas sobre suas representações, que, embora

reprimidas, continuam ativas e retornam de maneira deformada.

**Sintoma.** Diferencia-se de outras formações do inconsciente, porque não tem um caráter temporário; pelo contrário, certos sintomas permanecem por toda uma vida como marcas rebeldes à mudança. O sintoma encerra uma formação substitutiva, mas também uma satisfação substitutiva, como marca inercial da libido.

**Sonho.** O sonho é, para Freud, a *via régia* de acesso ao inconsciente; seu princípio é o da realização de um desejo reprimido. Mais tarde, com a descoberta da pulsão de morte, haverá sonhos que constituirão uma exceção a esse princípio: sonhos de castigo que celebram uma situação traumática.

**Sublimação.** A sublimação é o destino da libido que não sofre o processo de repressão, que se direciona à criação de atividades estimadas socialmente.

**Superego.** É uma instância herdeira do complexo de Édipo, ligada à moral, ao dever, à obrigação. Freud descobre que a força de tais imperativos extrai sua energia da pulsão, tal como já o havia vaticinado Nietzsche em *Genealogia da moral*.

**Transferência.** Termo introduzido por Freud para designar um processo em virtude do qual os desejos inconscientes

se atualizam sobre certos objetos, dentro de determinado padrão de relação estabelecida com eles e de modo especial dentro da relação da cura analítica. Nela, designa o lugar que o paciente outorga ao analista, sobre o qual transfere não só antigas imagos, mas também um saber suposto que possibilita a análise.

**Trauma.** Acontecimento da vida caracterizado por sua intensidade e pela incapacidade do sujeito de responder a ele adequadamente; e o transtorno e os efeitos patogênicos que provoca na organização psíquica. Em termos econômicos, caracteriza-se por um afluxo de excitações excessivas que não podem ser tramitadas simbolicamente.

# Referências bibliográficas

- AA.VV. *Scilicet 2: Semblantes y Sinthome*. Buenos Aires: Grama, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Scilicet 3: El Orden Simbólico en el Siglo XXI no es Más lo que Era, ¿qué Consecuencias para la Cura?* Buenos Aires: Grama, 2012.
- American Psychiatric Association. *DSM-IV-TR: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- Apollinaire, G. *As mamas de Tirésias*. São Paulo: Max Limonad, 1985.
- Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bomheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores, v. 2)
- \_\_\_\_\_. *Poética*. Tradução de Paulo Pinheiro. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- Barthes, R. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins, 2003.
- Baudrillard, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

- Bíblia Sagrada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- Brantley, J. Antiandrogenic treatment of a genderdysphoric transvestite. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 11(2), p. 109-120, 1985.
- Cícero, M. T. *A natureza dos deuses*. Uberlândia: Edufu, 2016.
- Descartes, R. *Meditações metafísicas*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.
- Ellis, H. *Psicologia do sexo*. Tradução de Pedro Pôrto Carreiro Ramires. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971.
- Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Coleção Sigmund Freud)
- \_\_\_\_\_. Carta 69; Carta 79; Esboços para a comunicação preliminar; Projeto para uma psicologia científica; Fragmentos da correspondência com Fliess; Rascunho G: melancolia. In: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. V. I.
- \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. V. II.
- \_\_\_\_\_. *A interpretação dos sonhos*. V. IV-V.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)*. V. VI.
- \_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. V. VII.
- \_\_\_\_\_. *Moral sexual “civilizada” e a doença nervosa*

- moderna. In: Gradativa de Jensen e outros trabalhos. V. IX.
- \_\_\_\_\_. Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa; Sobre uma degradação geral da vida erótica. In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910). V. XI.
- \_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência; Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise; Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*); Observações sobre o amor transferencial; Sobre o início do tratamento. In: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913). V. XII.
- \_\_\_\_\_. Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença; Luto e melancolia; Sobre o narcisismo: uma introdução; Repressão; Sobre a transitoriedade; Os instintos e suas vicissitudes; Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). V. XIV.
- \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II) (1915-1916). V. XV.
- \_\_\_\_\_. Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: Conferências introdutórias sobre

psicanálise (Parte III) (1915-1916). V. XVI.

\_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). V. XVIII.

\_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos; A organização genital infantil; A perda da realidade na neurose e na psicose; O problema econômico do masoquismo. In: O Ego, o Id e outros trabalhos (1923-1925). V. XIX.

\_\_\_\_\_. Um estudo autobiográfico. In: Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos (1925-1926). V. XX.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização; O futuro de uma ilusão; Mais além do princípio do prazer; Fetichismo. In: O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931). V. XXI.

\_\_\_\_\_. Carta de Einstein; Carta de Freud; Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual; Novas conferências introdutórias sobre psicanálise; Por que a guerra?. In: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). V. XXII.

\_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. In: Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos

- (1937-1939). V. XXIII.
- Gay, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Heidegger, M. *Ser e tempo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (Coleção Pensamento humano)
- Hobbes, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de uma República eclesiástica e civil*. Organizado por Richard Tuck. 3. ed. São Paulo: Martins, 2014.
- Jones, E. *A vida e obra de Sigmund Freud*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 2 V.
- Kierkegaard, S. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- Kojève, A. Françoise Sagan: el último mundo nuevo. In: *Descartes – el Análisis em la Cultura*. Buenos Aires, 1995. n. 14.
- Lacan, J. (s.f.) *O seminário. Livro 25*. [inédito]
- \_\_\_\_\_. *El Saber del Psicoanalista*. [inédito] 1972a.
- \_\_\_\_\_. *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1972b.
- \_\_\_\_\_. “Clausura de las jornadas de cárteles de la Escuela Freudiana de París”. [inédito] 1975a.
- \_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 21*. [inédito] (aula de 21 de janeiro de 1975). 1975b.
- \_\_\_\_\_. *Escritos II*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1975c.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 3: as psicoses.* Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 20: mais, ainda.* Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985c.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 1: os escritos técnicos de Freud.* Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise.* Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 8: a transferência.* Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 4: a relação de objeto.* Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 5: as formações do inconsciente.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Outros escritos.* Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 10: a angústia.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 16: de um Outro ao outro.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 18: de um discurso que não fosse*

- semblante*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- Lantéri Laura, G. “Introducción al texto de Charles Lasègue sobre la anorexia histérica”. *Vertex. Revista Argentina de Psiquiatría*, Buenos Aires, n. 2, 1990-1991.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. *Diccionario de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- Laurent, E. “El revés del trauma”. 2002. Disponível em: <<http://www.virtualia.com>>.
- \_\_\_\_\_. “Las nuevas inscripciones del sufrimiento del niño”, em *Ciudades Analíticas*. Buenos Aires: Tres Haches, 2004.
- Lévi Strauss, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- Lucrécio. *Da natureza das coisas*. Lisboa: Relógio D’Água, 2015.
- Maddox, B. *Nora Joyce*. Barcelona: Plaza y Janés, 1994.
- Mannoni, O. “Ya lo sé, pero aun así...”, em *La Otra Escena: Claves de lo Imaginario*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Freud. El Descubrimiento del Inconsciente*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1975.
- Maresca, S. “El fin de la historia”, em *Ética y Poder en el Fin de la Historia*. Buenos Aires: Catálogos, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Ese problemático Freud”. 2007. Disponível em: <<http://www.elsigma.com>>.

- Marx, K. *O capital*. 25 ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. V. 1.
- Miller, J. A. *Matemas II*. Buenos Aires: Manantial, 1988.
- \_\_\_\_\_. “Buenos días, sabiduría”. *Colofón*, Buenos Aires, n. 14, 1996a.
- \_\_\_\_\_. “Seminario sobre las vías de formación de los síntomas”. *Freudiana*, Barcelona, n. 19, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *Matemas I*. Tradução de Sergio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 1996c.
- \_\_\_\_\_. *A erótica do tempo*. Rio de Janeiro: EBP, 2000.
- \_\_\_\_\_. “De la naturaleza de los semblantes”, em *Los Cursos Psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- \_\_\_\_\_. “La depresión, una enfermedad del género humano”. *Elle*, Paris, 2007.
- \_\_\_\_\_. “La salvación por los desechos”. *El Psicoanálisis. Revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis*, Barcelona, n. 16, 2009.
- \_\_\_\_\_. “Sutilezas analíticas”. *Los Cursos Psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- Miller, J. A., Laurent, E. *El Otro que no Existe y sus Comités de Ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- Moliner, M. *Diccionario del Uso Español*. Madrid: Gredos, 1994.

- Mondolfo, R. *Heráclito: Textos y Problemas de su Interpretación*. México: Siglo XXI, 1966.
- Nietzsche, F. *Genealogia da moral*. Tradução de Attila Blacheyre. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- Ons, S. *Una Mujer como Síntoma de un Hombre*. Buenos Aires: Tres Haches, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Violencia/s*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Comunismo Sexual*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
- Platão. Diálogos V – O banquete, Mênon, Timeu, Crítias. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2010.
- \_\_\_\_\_. Diálogos III – Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2015a.
- \_\_\_\_\_. Diálogos IV – Parmênides, Político, Filebo, Lísias. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2015b.
- Plon, M.; Roudinesco, E. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Proust, M. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2013. 6 v.
- Robert, P. *Le Petit Robert*. Paris: Le Robert, 1992.
- Roudinesco, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

- Sade, M. *História de Juliette ou as prosperidades do vício*. Lisboa: Guerra e Paz, 2007.
- Sagan, F. *Bonjour Tristesse*. Paris: Marcel Lubineau, 1954.
- Schelling, F. *A essência da liberdade humana*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- Schopenhauer, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015. 2 v.
- Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. 4. ed. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- Sófocles. *Tragedias*. Madri: Gredos, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Édipo Rei*. Tradução de Cecília Casas. São Paulo: Scipione, 2002.
- Voltaire. *Cândido ou o otimismo*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Editora 34, 2013.
- Von Sacher-Masoch, L. *A Vênus das peles*. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2008.

**“QUANDO LACAN TEORIZA** sobre os conceitos fundamentais da psicanálise, o primeiro da lista é o inconsciente, definido como frágil no plano ôntico, mas forte no plano ético.

Graças a Freud e a sua sede de verdade, empreende-se o caminho rumo a sua descoberta; a ética desse criador é o que possibilita sua existência. O inconsciente é evasivo, mas se mostra; é preciso pegá-lo em flagrante, e isso só é possível se o paciente estiver em transferência. [...]

Mas o inconsciente não é um conjunto de pulsões irracionais, terreno escuro e inacessível. Essa noção pertence à filosofia de vida romântica e não tem a ver com Freud. Lacan mostra que, se o inconsciente freudiano causa tanto escândalo, é por ter sua própria lógica e sua própria gramática: o inconsciente fala e pensa. Não é um reservatório de pulsões selvagens, mas, sim, o lugar em que uma verdade traumática se revela.”

**SILVIA ONS** é psicanalista e colaboradora de vários meios de comunicação. Analista membro da Escola de Orientação Lacaniana e Associação Mundial de Psicanálise, responsável pela direção do Departamento de Psicanálise e Filosofia do Centro de Pesquisa Clínica de Buenos Aires (CICBA), na Argentina, foi diretora e fundadora da revista *Dispar*. Foi, ainda, professora titular da Cadeira de Psicologia Profunda da Universidad del Salvador (Argentina) e desenvolveu uma ampla carreira docente em cursos de graduação e pós-graduação. Atualmente, é professora do Instituto Clínico de Buenos Aires. Silvia é autora de vários outros livros da área.

#### **PRÓXIMOS TÍTULOS DA COLEÇÃO:**

Tudo o que você precisa saber sobre a Primeira Guerra Mundial

---

Tudo o que você precisa saber sobre a Revolução Russa

---

Tudo o que você precisa saber sobre Ciência

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

**“IMPOSSÍVEL REUNIR EM UM LIVRO TUDO O QUE PRECISAMOS SABER SOBRE PSICANÁLISE.”** É esse o alerta que a psicanalista Silvia Ons faz ao leitor no prólogo deste livro. E não sem motivo. Tão grande é a complexidade do tema, que nem uma centena de livros dariam conta do “tudo”, mesmo porque, defende a autora, “tudo” não combina com a psicanálise. Lacan, cita ela, dizia que o analista deveria reinventar a psicanálise todos os dias.

Mas isso não impediu a autora de reunir, neste volume, um compêndio bastante abrangente dos principais conceitos psicanalíticos, apresentados com grande clareza e síntese e contextualizados na história.

Entenda como se desenvolveu a psicanálise, pelas mãos de Freud, como se lapidaram conceitos como inconsciente, transferência e pulsão, como podem ser entendidas as diferentes classes de neuroses, a psicose, a paranoia. Ons dedica capítulos especiais a temas ligados à sexualidade, detalhando, por exemplo, como Freud mudou a maneira de encarar a homossexualidade e esmiuçando os notáveis complexos de Édipo e de castração.

Com quadros explicativos, glossário e bibliografia, este livro expõe objetivamente e com rigor os conceitos essenciais de um saber que é fundamental para o desenvolvimento humano.



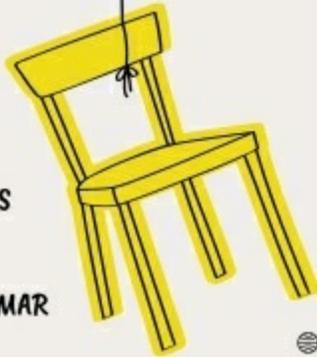
 Planeta

Christian  
Dunker

Cláudio  
Thebas



# O PALHAÇO E O PSICANALISTA



COMO  
ESCUTAR OS  
OUTROS  
PODE  
TRANSFORMAR  
VIDAS

 Planeta

# O palhaço e o psicanalista

Dunker, Christian

9788542216387

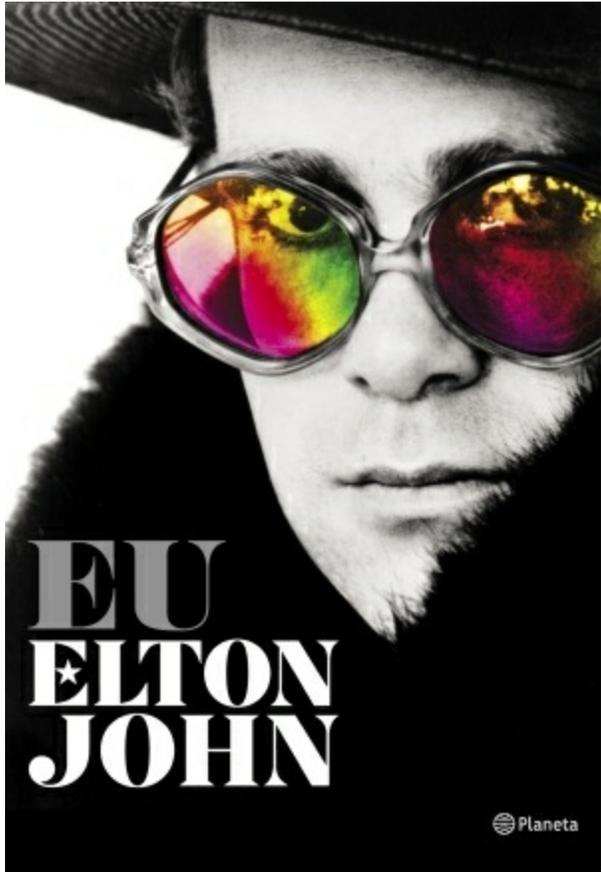
256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se de médico e louco todo mundo tem um pouco, de psicanalista e palhaço todo mundo tem um pedaço. Christian Dunker e Cláudio Thebas abordam neste livro, com bom humor e profundidade, um tema comum para ambos os ofícios: como escutar os outros? Como escutar a si mesmo? E como a escuta pode transformar pessoas? Mesclando experiências, testemunhos, casos e reflexões filosóficas, os autores compartilham o que aprenderam sobre A ARTE DA ESCUTA, um tema tão urgente no mundo atual, onde ninguém mais se escuta. Alguns temas abordados: - Sete regras para ser melhor escutado - Os quatro agás da escuta - A potência do silêncio - Simpatia não é empatia - Como construir para si um órgão de

escuta - Cuidado ou controle - A arte cavalheiresca de escutar uma reunião - Educados para a solidão silenciosa - Competir ou cooperar? - Três perguntas mágicas - A arte de perguntar - Fala que eu não te escuto - Maneiras práticas de domesticar o abominável que existe em você - Escutando classes, gêneros, raças e outras diversidades - A escuta em ambiente digital - Escutando chatos, fascistas e outros fanáticos - O líder escutador - A coragem e o desejo de escutar

[Compre agora e leia](#)



**EU  
ELTON  
JOHN**

 Planeta

# Eu, Elton John

John, Elton

9788542218183

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elton John é o cantor e compositor de maior e mais duradouro sucesso de todos os tempos. Embalada em altos e baixos, sua vida é extraordinária. Na sua primeira e única autobiografia, ele conta essa história em suas próprias palavras e com a honestidade – e o humor – que lhe é peculiar. Nesses setenta anos, não faltam momentos engraçados e outros tantos de partir o coração. Ele lembra detalhes da sua infância crescendo em um subúrbio de Londres e o relacionamento difícil com os pais. Batizado Reginald Dwight, era um garoto que, embora tímido, sonhava com o estrelato. Com 23 anos, fez seu primeiro show nos Estados Unidos. Vestido com um brilhante macacão amarelo, uma camiseta com estrelas e

botas com asas, enfrentou uma plateia atônita com aquela figura – e aquela performance. Elton John estava chegando e o mundo da música nunca mais seria o mesmo. No livro *Eu, Elton John*, ele narra episódios dramáticos desde a rejeição precoce de seu trabalho com o parceiro de composição Bernie Taupin aos momentos de perder o controle como um superstar; das tentativas de suicídio ao secreto vício em drogas por mais de uma década. Elton John se lembra de episódios marcantes de suas amizades com John Lennon, Freddie Mercury e George Michael e até mesmo o dia em que dançou música disco com a Rainha da Inglaterra. Ele também escreve em detalhes como superou uma vida de vícios e fundou a sua Fundação para a Aids. Revela que encontrou o verdadeiro amor com David Furnish, se lembra de férias inesquecíveis com o estilista italiano Versace e da tristeza em cantar no funeral de sua amiga, a princesa Diana. Não faltam, é claro, detalhes de algumas de suas composições que entraram para a história. E, por fim, identifica o momento em que percebeu que queria ser pai – e viu sua vida mudar mais uma vez. Divertida e emocionante, a

autobiografia Eu, Elton John vai levar o leitor a uma jornada íntima com uma lenda viva. “O mais incrível do rock 'n' roll é que ele permite que alguém como eu se torne uma estrela.” - Elton John

[Compre agora e leia](#)

MARIO SERGIO  
CORTELLA

POR QUE FAZEMOS  
O QUE  
FAZEMOS?

aflições vitais  
sobre trabalho,  
carreira  
e realização

 Planeta

# Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio

9788542208160

84 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em *Por que fazemos o que fazemos?* as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro. Recheado de ensinamentos como

"Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

[Compre agora e leia](#)

**ROSANA PINHEIRO-MACHADO**

**AMANHÃ  
VAI SER  
MAIOR**

**O QUE  
ACONTECEU  
COM O BRASIL E  
POSSÍVEIS ROTAS DE  
FUGA PARA A CRISE ATUAL**

 Planeta

# Amanhã vai ser maior

Pinheiro-Machado, Rosana

9788542218237

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Desde as grandes manifestações de 2013, boa parte dos brasileiros possui uma única pergunta: o que está acontecendo com o país? Muitas pessoas se sentem em um trem desgovernado por causa de transformações profundas que o Brasil sofreu nos últimos anos, sem saber como dar sentido, viver e combater o caos diário. Este livro da professora, antropóloga e colunista Rosana Pinheiro-Machado possui dois objetivos. Primeiro, jogar luz sobre este período de crise, trazendo uma análise do cenário político e social desde as Jornadas de Junho até a eleição de Jair Bolsonaro, sem jargão acadêmico. Segundo, apontar as saídas que se delineiam no horizonte - e mostrar que já estamos construindo

possibilidades de resistir em tempos sombrios.

[Compre agora e leia](#)

**LEANDRO  
KARNAL**

**O  
DILEMA  
DO  
PORCO  
ESPINHO**

como encarar  
a solidão

 Planeta

# O dilema do porco-espinho

Karnal, Leandro

9788542214840

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ser ou não ser sozinho O poeta Vinicius de Moraes cantava "que é melhor se sofrer junto, que viver feliz sozinho". Será? Este é um dos fios da meada que o historiador Leandro Karnal, um dos intelectuais mais influentes do país, toma como mote neste livro. A partir de referências filosóficas ou religiosas, relacionadas a fatos históricos ou a romances, ele faz uma saborosa reflexão sobre a natureza de viver só – ainda que por pouco tempo. Ele apresenta como a solidão é encarada no cinema, na literatura, na música, nas artes. Mostra que ela pode ser uma luz e que, em alguns casos, Deus revela-se aos solitários. Segundo o Gênesis, aliás, Deus teria dito: "Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém

que o auxilie e corresponda". E o autor amplia o tema para discorrer como a tradição judaico-cristã em geral abordou a solidão. Em O dilema do porco-espinho, Karnal viaja pela modernidade líquida e também analisa a solidão no mundo virtual. Contempla tanto temas como os amigos imaginários das crianças até pensamentos de filósofos como Aristóteles, que dizia que a solidão criava deuses e bestas. Como a solidão é um tema que sempre o acompanhou e, segundo revela o próprio Karnal, tem se amplificado em sua maturidade, o autor escreve este livro como um ensaio pessoal. Ao dividir suas meditações, o autor convida seu interlocutor, durante o ato da leitura, a deixar a solidão de lado e compartilhar de seus pensamentos.

[Compre agora e leia](#)